

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**CLAUDIA BRACK DUARTE**

PLANO DE GESTÃO PARA  
O CAMPO DE SANTANA:  
subsídios e considerações

RIO DE JANEIRO  
2012



CLAUDIA BRACK DUARTE

**PLANO DE GESTÃO PARA O CAMPO DE SANTANA:  
subsídios e considerações**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura Paisagística.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Antunes Sá Costa**

Rio de Janeiro, novembro de 2012

**D812**

Duarte, Claudia Brack,  
Plano de gestão do Campo de Santana: subsídios e  
considerações/ Claudia Brack Duarte. – Rio de Janeiro:  
UFRJ/FAU, 2012.  
viii, 166f. Il.; 21cm.

Orientador: Lúcia Maria Antunes Sá Costa.  
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de  
Pós-Graduação em Urbanismo, 2012.  
Referências bibliográficas: p.106-111.

1. Parques - Gerenciamento. 2. Arborização. 3. Campo de  
Santana (Rio de Janeiro, RJ). I. Costa, Lúcia Maria Antunes Sá.  
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de  
Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em  
Urbanismo. III. Título.

CDD 712.5

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais - Regina e Carlos, filhos – Pedro e João e companheiro de jornada Cristovão: pelo amor que nos une. Vocês me ensinaram, entre tantas, que existem coisas que não podem ser deixadas para amanhã.

Aos meus colegas de FPJ: essa pesquisa deve muito à ajuda de vocês. Tenho que agradecer em especial a: David Lessa, Sydnei Menezes, Flávio Telles, Cecília Pentagna, Luciane Valente e Roberto Okabayashi. E, principalmente, minha gratidão a Ronaldo Benevello, que juntamente com Fernando Chacel e Prof. Luiz Emygdio foram os responsáveis pela minha formação em paisagista.

Aos meus colegas de trabalho, amigos e familiares: pela compreensão, pela ajuda e incentivo.

<b><u>RESUMO</u></b>	
<b><u>ABSTRACT</u></b>	
<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	1
<b><u>CAPÍTULO 1: SOBRE JARDINS HISTÓRICOS E SUA GESTÃO</u></b> .....	4
<b><u>CAPÍTULO 2: NOTÍCIA HISTÓRICA</u></b> .....	7
2.1 O campo da Cidade.....	7
2.2 O projeto de Glaziou.....	17
2.3 O parque no século XX.....	20
<b><u>CAPÍTULO 3: LEVANTAMENTOS E DIAGNÓSTICOS</u></b>	
<b>PRELIMINARES</b> .....	30
3.1 Vegetação.....	31
3.2 Monumentos.....	36
3.3 Infraestrutura.....	38
3.4 Edificações.....	43
3.5 Segurança.....	46
3.6 Fauna.....	47
3.7 Pessoal.....	49
3.8 Resíduos sólidos.....	50
3.9 Usos e atividade.....	52
3.10 Estrutura de gestão atual.....	55
<b><u>CAPÍTULO 4: AS ÁRVORES DO CAMPO</u></b> .....	57
<b>4.1 Considerações para elaboração de Declaração de Significância</b> .....	57
4.1.1 Considerações preliminares.....	57
4.1.2 A singularidade do Campo de Santana.....	59
4.1.3 A Necessidade dos Planos de Gestão.....	62
<b>4.2 Plano de gestão da arborização – INVENTÁRIO</b> .....	64
4.2.1 Gestão da arborização de Fort Greene Park.....	64
4.2.2 Inventário da arborização existente.....	64
4.2.3 Resultado e análise dos inventários arbóreos de 1988-1991 e 2006-2012.....	69
<b>4.3 Plano de gestão da arborização – METAS</b> .....	78
<b><u>CAPÍTULO 5: DIRETRIZES A SEREM ALCANÇADAS</u></b> .....	95
5.1 Vegetação.....	96
5.2 Monumentos.....	97
5.3 Infraestrutura.....	97
5.4 Edificações.....	98
5.5 Segurança.....	99
5.6 Fauna.....	100
5.7 Pessoal.....	101

<b>5.8 Resíduos sólidos.....</b>	<b>102</b>
<b>5.9 Usos e atividades.....</b>	<b>102</b>
<b>5.10 Estrutura de gestão atual.....</b>	<b>103</b>

<b><u>CONCLUSÃO</u>.....</b>	<b>105</b>
------------------------------	------------

<b><u>BIBLIOGRAFIA</u>.....</b>	<b>108</b>
---------------------------------	------------

### **ANEXO 1**

Mapa A – A Cidade do Rio de Janeiro e a região Central	
Mapa B – O Campo de Santana na Cidade	
Mapa C – Áreas da Cidade onde ocorre morte de figueiras	
Mapa D – <i>Folder</i> antigo Departamento de Parques e Jardins, c. 1980	
Mapa E – Registro tamanho das árvores (DAP)	
Mapa F – Árvores notáveis e que apresentam problemas	
Mapa G – Dossel em 1975	
Mapa H – Dossel em 2009	
Mapa I – Dossel em 2012	
Mapa J – Problemas gerais do Campo de Santana	
Anexo 1.1 – Planta de cadastro da arborização 1988-1991	
Anexo 1.2 – Planta do cadastro da arborização 2006-2012	

### **ANEXO 2**

Anexo 2.1 – Cronologia Campo de Santana 1870/2012	
Anexo 2.2 – Entrevistas	
Anexo 2.3 – Entrevistas FPJ 1999	
Anexo 2.4 - Lei nº 13.539 de 20 de março de 2003 e Decreto N° 43.685 de 28 de agosto de 2003 – criação Conselho Gestor dos Parques do Município de São Paulo	
Anexo 2.5 – Parecer do Arq. Carlos Fernando Delphim no Processo nº 1388 - T - 97 de tombamento do Campo de Santana pelo IPHAN	

## **RESUMO**

A pesquisa trata de reunir subsídios para a elaboração de um Plano de Gestão para o Campo de Santana, na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de ser reconhecido como um dos parques históricos mais importantes do país encontra-se sem plano de gestão e manutenção, necessitando que critérios claros sejam definidos para a sua conservação.

O que torna o Campo de Santana um lugar único? Que aspectos o fazem tão importante para o paisagismo brasileiro? Quais devem ser as prioridades na manutenção daquele parque? Essas perguntas guiaram a pesquisa no sentido de tornar explícitos os valores a serem preservados e os critérios e parâmetros para a sua manutenção, a fim de garantir a integridade, visibilidade e legibilidade do Campo de Santana.

O valor deste parque histórico está fortemente relacionado com a vegetação que o compõe. Daí a relevância da gestão da arborização para a sua preservação. A predominância de figueiras da espécie *Ficus microcarpa* e o impacto provocado pela sua mortandade têm alterado significativamente a ambiência do Campo de Santana, indicando a necessidade urgente do manejo da arborização. Foram apresentadas estratégias de gestão sistemática da sua população arbórea e propostas recomendações para sua manutenção futura, com o intuito de prolongar a autenticidade deste parque histórico, assegurando sua integridade para as gerações presentes e futuras.

**Palavras chave:** Campo de Santana, plano de gestão de parques históricos, gestão da arborização.

## **ABSTRACT**

This study deals with gathering elements for the elaboration of a Management Plan for the Campo de Santana in the city of Rio de Janeiro. Although this park is acknowledged as one of the most important historic parks in the country, it does not have a management and maintenance plan, and therefore needs clearly defined criteria for its conservation.

What makes the Campo de Santana a unique place? What characteristics make it so important for Brazilian landscaping? What should the priorities be for the maintenance of the park? These questions guided this study to make explicit the values to be preserved and the criteria and parameters for the park's maintenance, in order to guarantee the integrity, visibility, and legibility of the Campo de Santana.

The value of this historic park is strongly related to its vegetation. This explains the relevance of forestation management for its preservation. The predominance of the fig specie *Ficus microcarpa* and the impact provoked by its demise has significantly changed the ambience of the Campo de Santana, indicating the urgent need for forestation management. Strategies for the systematic management of the park's tree population are presented and recommendations for its future maintenance are proposed, with the aim of prolonging the authenticity of this historic park, ensuring its integrity for present and future generations.

**Keywords:** Campo de Santana, management plan for historic park, forestry management.

## INTRODUÇÃO

*Tem que acontecer, tem que ser assim  
Nada permanece inalterado até o fim.*

*Sérgio Sampaio*

A preservação e a manutenção de parques históricos na cidade contemporânea é o pano de fundo desta pesquisa, que tem por objeto teórico a relevância da gestão da arborização para a preservação do Campo de Santana no Rio de Janeiro. Nos últimos vinte anos quase 200 árvores morreram no Campo de Santana, sendo pelo menos 138 figueiras da espécie *Ficus microcarpa*. Essa mortandade tem alterado significativamente a ambiência do parque, e indica a necessidade urgente do manejo da arborização.

O Campo de Santana, também conhecido como Praça da República, é um dos parques históricos mais importantes da cidade e do país, e está em mau estado de conservação e sem plano de gestão e manutenção. Localizado na região central da cidade, o Campo de Santana é a maior área verde do bairro com área aproximada de 125 mil m<sup>2</sup>. Parque público projetado pelo paisagista francês Auguste François-Marie Glaziou em 1873, foi inaugurado em 1880 pelo Imperador D. Pedro II.

O valor deste parque histórico está fortemente relacionado com a vegetação que o compõe. Nas diversas entrevistas realizadas, todos os entrevistados se referiram à beleza das árvores do Campo de Santana. As figueiras com sua arquitetura única tornaram-se a “assinatura” de Glaziou em diversos projetos nas várias cidades brasileiras em que trabalhou. No Campo de Santana elas representavam em 1991 mais de 55% das árvores plantadas. A perda estimada de quase um terço das figueiras do parque deve ser encarada e medidas urgentes precisam ser tomadas para evitar sua descaracterização e preservar o espírito daquele lugar.

Se por um lado há um decréscimo no número de árvores no parque, por outro há um aumento significativo do número de espécies plantadas, da ordem de 33%. As questões relativas ao plantio nos parques históricos demandam estudos mais aprofundados para decisões mais embasadas. Diversos pontos devem ser levados em conta na tomada de decisões na gestão da arborização, e essa pesquisa se propõe a apontar alguns.

A preservação - do latim ***praeservare***, observar previamente - engloba todas as ações que visam a salvaguardar bens culturais protegidos: deve significar a **identificação, proteção, conservação, restauração, renovação, manutenção e revitalização**, ou seja,

todas as operações necessárias à defesa e salvaguarda de um bem (Carta de Nairobi, 1976).

O desafio consiste na definição do quê preservar, porque preservar e como preservar. Para tanto se fará indispensável explicitar claramente que valores são esses e propor critérios e parâmetros para a sua efetivação.

Pretende-se ainda elencar subsídios que embasem um Plano de Gestão para o Campo de Santana que possa contribuir para a preservação deste parque histórico, que no momento se apresenta em processo de degradação e risco.

As atividades desenvolvidas em um jardim histórico demandam planejamento prévio do que fazer, como e quando. A elaboração desse plano visa orientar os gestores, dando condições de estabelecer metas, custos e proteger esse patrimônio de ações equivocadas feitas por agentes que muitas vezes desconhecem as peculiaridades do jardim histórico.

O tombamento do parque pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC (1968) e mais recentemente pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2012) tornou o Estado “gestor de um interesse público indeclinável” (Castro, 1991).

O tombamento propõe reconhecimento de um valor cultural, mas acarreta deveres para com o patrimônio. “Está aí o preceito básico que irá direcionar o principal efeito jurídico do tombamento – a obrigação de conservar a coisa tombada”<sup>1</sup> ainda nas palavras de Sonia Rabello de Castro.

Muitos estudos têm sido desenvolvidos sobre os jardins históricos brasileiros. No entanto, a absoluta maioria trata teórica ou empiricamente de questões relacionadas à restauração, revitalização, remodelação, requalificação, intervenção, reconstituição, (re)valorização, conhecimento, conservação, etc. Poucos trabalhos abordam as questões relativas à gestão e à manutenção dos parques. Em menor número ainda são os trabalhos que tratam especificamente da manutenção da vegetação em jardins históricos. Organismos vivos, que crescem, amadurecem e envelhecem, as árvores existentes em parques urbanos são sensíveis aos usuários e à cidade circundante. A proteção do caráter e/ou o espírito de um lugar deve ser prioritária e o reconhecimento do valor da arborização e o seu papel é fundamental.

O trabalho tem como objetivo geral reunir dados que poderão subsidiar a elaboração de um Plano de Gestão do Campo de Santana. Essa pesquisa não pretendeu elaborar o Plano em sua

---

<sup>1</sup> CASTRO, Sônia Rabello de. **O estado na preservação de bens culturais: o tombamento.** Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

totalidade, pois ele deverá ser o resultado de uma ampla discussão multidisciplinar, envolvendo gestores e técnicos de várias áreas de conhecimento – arquitetos paisagistas, engenheiros florestais, botânicos, biólogos, educadores ambientais, etc. Deverão ser consultados também os demais órgãos municipais que colaboram na manutenção do parque - Seconserva, Comlurb, Guarda Municipal, etc, assim como representantes dos órgãos de proteção do patrimônio que tombaram o parque (INEPAC e IPHAN).

O que torna o Campo de Santana um lugar único? Que aspectos o fazem tão importante para o paisagismo brasileiro? Quais devem ser as prioridades na manutenção daquele parque? Essas perguntas guiaram a pesquisa no sentido de tornar explícitos os valores a serem preservados e os critérios e parâmetros para manutenção daquele parque. Tal como diz Sampaio nos versos da canção em epígrafe, os valores culturais estão em transformação permanente, e devem estar sempre sendo atualizados e reapropriados pela sociedade.

O trabalho foi subdividido em 5 capítulos, onde no primeiro apresentamos o tema e a estrutura teórico metodológica, além da revisão bibliográfica.

O capítulo 2 apresenta o histórico da área, pois qualquer proposta para o parque deve ser sustentada por um conhecimento profundo do local, fundamentada por pesquisa histórica.

Na sequência, o capítulo 3 apresenta o diagnóstico, levantando a situação atual do parque, apontando seus problemas e sua singularidade.

O capítulo 4 inicia com as considerações para elaboração de Declaração de Significância do Parque, quando se pretendeu discutir as qualidades essenciais do lugar, requisito básico para uma conservação eficaz. A partir de tais considerações, ficando evidenciado a relevância da vegetação para a compreensão da identidade do parque, passamos ao desenvolvimento do Plano de Gestão da Arborização. O plano considerou, primeiramente, o inventário da arborização do parque, indicando as alterações da vegetação nos últimos 21 anos. Na conclusão do capítulo apontamos as metas que devem ser perseguidas pelo Plano para a conservação das árvores do parque.

No capítulo 5 a pesquisa trata da elaboração dos subsídios para o Plano de Gestão do Parque, levantando as diretrizes e critérios de conservação desse jardim histórico, a fim de garantir a integridade, visibilidade e legibilidade do Campo de Santana.

## **CAPÍTULO 1: SOBRE JARDINS HISTÓRICOS E SUA GESTÃO**

A pesquisa teve o cuidado de reunir referências necessárias à fundamentação teórica entre trabalhos realizados por instituições comprometidas com o patrimônio artístico e paisagístico, além de órgãos gestores de jardins ou paisagens históricas.

Em 1970 foi criado o Comitê Internacional de Jardins Históricos, uma subdivisão do Comitê Internacional de Monumentos e Sítios / Federação Internacional de Arquitetos Paisagistas (ICOMOS/IFLA) e em 1981 são definidos critérios e diretrizes de proteção dos jardins históricos no documento intitulado Carta de Florença. Esse é o documento básico para qualquer ação proposta para um jardim histórico, como salienta Delphim (2005). Em 2010 passamos a contar com a Carta de Juiz de Fora que orienta a conservação dos jardins históricos brasileiros.

O *Manual de intervenções em jardins históricos* editado pelo IPHAN em 2005, trabalho coordenado por Delphim, constitui referência obrigatória nessa área. Este trabalho pioneiro no Brasil pretende orientar tecnicamente a conservação e preservação de jardins históricos de forma prática. Não se reduz, entretanto, a fórmulas precisas, mas estimula a busca por soluções próprias para cada caso, levando-se em conta a singularidade de cada bem.

Para o embasamento do trabalho foi necessário empreender uma pesquisa histórica que incluiu pesquisa com consultas ao Arquivo Técnico da FPJ e ao Arquivo Geral da Cidade, entre outros. Contribuição importante nessa etapa foram dissertações *A configuração urbana da área de entorno do Campo de Santana* de Valéria Hazan (2000) e *Campo de Santana: um patrimônio carioca* de Jeanne Trindade (2000) apresentadas no PROURB e PROARQ respectivamente.

Foram realizadas 14 entrevistas entre março e junho de 2012 e confrontadas com entrevistas feitas em 1999 e apresentada por Trindade (2000) para elaboração da Declaração de Significância. O resultado do cotejamento entre as entrevistas atuais e as realizadas há treze anos foi fundamental como subsídio para definição da vegetação como um dos aspectos mais significativos daquele parque histórico. Fundamentais também foram as contribuições dos servidores da Fundação Parques e Jardins, que permitiram acesso franco aos arquivos do órgão e relataram as suas vivências pessoais.

As publicações do *The Garden History Society* foram fundamentais para organização do trabalho. Essa sociedade inglesa é a mais antiga no mundo dedicada à conservação e estudos de jardins e

paisagens históricas projetadas, e disponibiliza várias publicações na *internet*. Particularmente interessantes são as *Conservations Publications*, que contam com quinze trabalhos apresentados tratando da conservação. *The Planning Conservation Advice Note 14* trata dos planos de gestão e conservação de paisagens históricas e inclui capítulo sobre a Declaração de Significância.

Apesar da importância do planejamento das ações a serem empreendidas nos jardins públicos, poucos autores tratam a questão. Tom Wright contribui definindo os conceitos de "manutenção" e "gestão" em trabalho publicado pelo ICOMOS/IFLA, tocando em pontos sensíveis como o orçamento necessário às ações

*Manutenção define as operações de rotina, ou seja, aquelas diárias, semanais, ou efetuadas com periodicidade pré-estabelecidas; seriam as operações necessárias para manter o jardim, como corte da grama, a limpeza das herbáceas, o corte das cerca-vivas, a poda, etc.*

*A gestão, por sua vez, diz respeito ao planejamento a médio ou longo prazo e a organização do jardim, do seu restauro às políticas de renovação, da seleção e organização dos trabalhadores ao orçamento, etc<sup>2</sup>.*

---

<sup>2</sup> WRIGHT, T. El mantenimiento e la conservación de los jardines históricos. JOURNAL SCIENTIFQUE. *Jardins et sites historiques*. Madri: ICOMOS, 1993, p. 351-354

Foi flagrante a ausência de levantamentos regulares e sistemáticos que pudessem ter documentado as alterações sofridas pelo parque ao longo de sua trajetória histórica. Faltam elementos necessários para a elaboração de diagnósticos consistentes nos arquivos técnicos da Fundação Parques e Jardins. Diante da inexistência de levantamentos, seja da estrutura física ou da vegetação do parque, essa pesquisa procurou elaborar esses cadastros, e para isso contou com o inestimável apoio da direção e de técnicos da Fundação Parques e Jardins. Esse processo evidenciou a necessidade premente de um plano de manejo da arborização, visto a vegetação ter papel tão importante.

Pesquisando Planos de Gestão elaborados para parques estrangeiros, principalmente para parques históricos do século XIX, como o Central Park em Nova York, chegamos ao *Fort Greene Park Urban Forest Management Plan*. Publicado em 2004 pela *City of New York Parks & Recreation*, órgão municipal responsável pela gestão dos parques daquela cidade americana, trata-se de plano de manejo específico da arborização do parque Fort Greene. Foi escrito no intuito de caracterizar e formular estratégias de gestão sistemática da população arbórea do parque e propor recomendações para sua manutenção futura e constituiu uma referência fundamental para essa pesquisa.

Duarte (2011) associa a revitalização do patrimônio cultural à melhoria da qualidade de vida, mas adverte que

*a complexidade e a abrangência dos programas de revitalização, bem como a viabilização dos recursos necessários a sua implementação constituem os principais entraves para as administrações públicas de muitas cidades brasileiras.*<sup>3</sup>

Um plano de gestão da arborização do Campo de Santana tem o potencial de ser um recurso valioso, não apenas para esse parque histórico, mas para todos os parques da cidade. O plano deve, principalmente, permitir que os recursos existentes sejam distribuídos de forma mais eficiente, criando um impacto maior e mais positivo sobre a cobertura florestal. Além disso, se os dados forem atualizados regularmente, as informações do parque irão historiar a evolução das decisões de gestão do parque.

Um Plano de Gestão que porventura venha a ser elaborado vai fundamentar-se principalmente no Plano de Gestão ou Manejo da Arborização, visto que o conjunto das árvores de um jardim histórico é o recurso mais sensível e importante do bem. A população arbórea envelhecida necessita de manutenção mais intensiva. É importante compreender as características específicas da população arbórea

atual, a fim de planejar o futuro e manter as características que fizeram o Campo de Santana um marco no paisagismo brasileiro.

Finalmente, o Plano de Gestão pode servir como uma excelente ferramenta de captação de recursos para programas no Campo de Santana e no seu entorno.

---

<sup>3</sup> DUARTE, C.F. **Sustentabilidade e apropriação dos espaços históricos revitalizados.** Mundo Urbano. Disponível em <http://crisovao1.wordpress.com/2011/04/16/sustentabilidade-e-apropriacao-dos-espacos-historicos-revitalizados/>. Acessado em 01 dez. 2011

## CAPÍTULO 2: NOTÍCIA HISTÓRICA

### 2.1 O campo da Cidade

*Do núcleo primitivo no Morro do Castelo, de que praticamente não restam vestígios na paisagem atual, a cidade se derramou pela planície arduamente conquistada por aterros e obras de drenagem.<sup>4</sup>*

A cidade fundada em 1565 e que ocupava o Morro do Castelo, se instala na planície já no início do século XVII. Ocupava a área existente delimitada ao sul pelos morros do Castelo e Santo Antônio, e ao norte pelos morros de São Bento e Conceição. Esses morros continuavam em cadeia, tanto ao sul - com os morros de Pedro Dias (Senado), de Paula Matos e de Santos Rodrigues, como ao norte - com os morros do Nheco, Providência, Pinto e São Diogo. O espaço entre essas cadeias montanhosas era em grande parte, “um espaço pantanoso, entrecruzado por rios e lagoas.”<sup>5</sup> Essas áreas encharcadas ligavam o Saco de São Diogo ao litoral leste, desde o mangal de São Diogo (chamado depois de mangue da Cidade Nova), seguido pelos alagadiços de Pedro Dias, lagoas da Sentinela, do Desterro, da Pavuna, de Santo Antônio, chegando à lagoa do Boqueirão já bem próxima ao litoral. Na época das cheias, essas

<sup>4</sup> BERNARDES, Lysia M. C. in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1992, p. 37

<sup>5</sup> ANDREATA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no Século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 24

lagoas se intercomunicavam, dificultando a expansão do núcleo urbano (fig. 1).

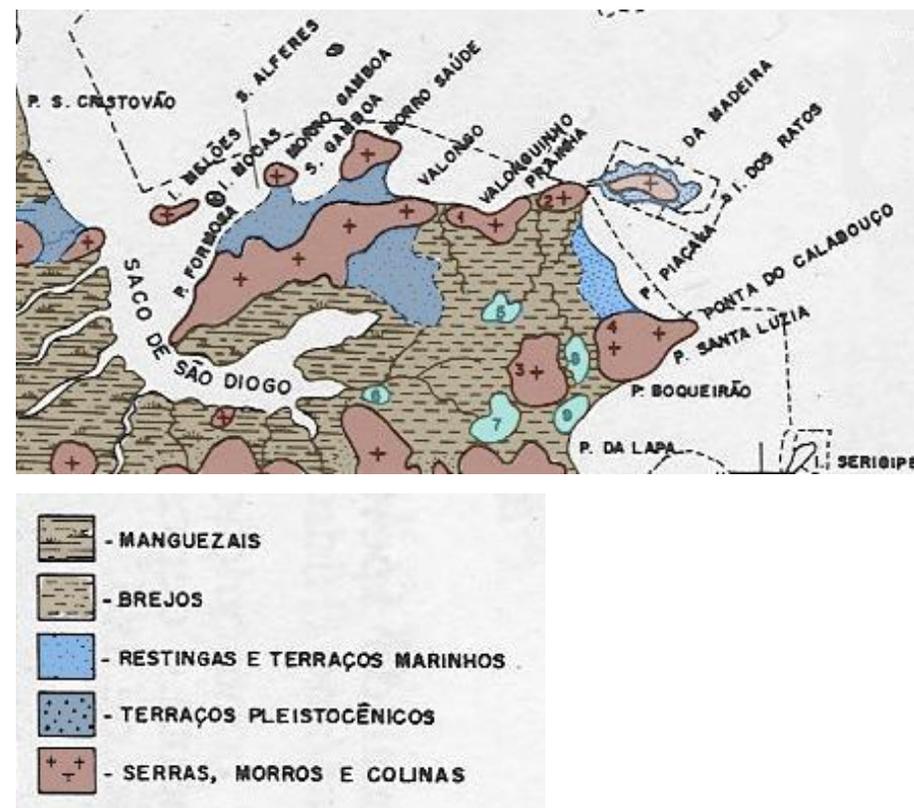


Fig. 1 – Detalhe mapa O Litoral Carioca da Baía de Guanabara em 1500. Fonte: AMADOR, Elmo da Silva, in ABREU (1992) p.209

A expansão natural da cidade se deu com sua extensão sobre os manguezais e áreas úmidas a oeste. Até o início do século XVIII os limites da cidade não ultrapassavam a Rua da Vala (atual Uruguaiana), construída para drenar os pântanos entre os morros de

Santo Antônio e Conceição “escoando suas águas para a Prainha”<sup>6</sup>. As áreas de terrenos brejosos utilizados para pastagem e despejo de detritos além da Vala eram então chamadas de **Campo da Cidade**.

*Se na direção sul como ao norte do Morro da Conceição e da Providência, a cidade apresentou progressos apreciáveis no decorrer do século XVIII, conquistando-se ao brejo ou aos morros o espaço urbano, mais notável foi o crescimento da cidade para o oeste, na ampla planície, em sua maior parte pantanosa, que medeia o alinhamento citado e a encosta norte do maciço da Carioca. Dizemos notável, não apenas por ter sido a bem dizer dobrada a área urbanizada, mas porque essa urbanização se fez à custa de árduos esforços, sendo os charcos progressivamente entupidos ou drenados e as lagoas aterradas. Graças a essas obras que se sucederam por todo o século, especialmente na segunda metade, a cidade se estendeu até o [hoje chamado] Campo de Santana, ampliando-se também um pouco em direção ao mar, na antiga praia de Manuel de Brito. Completou-se, assim, o que ficou conhecido como “cidade velha” e que hoje simplesmente designamos “cidade”.*<sup>7</sup>

De acordo com Bernardes (1992), as numerosas igrejas construídas na área conquistada atestam a rápida expansão da cidade e seu enriquecimento. Em 1763 a cidade do Rio passa a ser capital do Vice-Reino do Brasil. Sua nova função administrativa e sua importância como o porto de escoamento do ouro para a metrópole vai garantir obras de melhoramentos na cidade.

<sup>6</sup> BERNARDES, Lysia M. C. *op. cit.*, p.45

<sup>7</sup> BERNARDES, Lysia M. C. *op. cit.*, p. 44

No governo de Gomes Freire (1733-1762) já haviam sido realizadas algumas obras, e no governo do Conde de Rezende (1790-1801) foi aberta a Rua dos Inválidos sendo assim delimitado um primitivo alinhamento do Campo.

Esses espaços na periferia da cidade, de predominância dos colonizados e excluídos do projeto civilizacional da Corte, se contrapunham àquela outra cidade, que dividia o espaço urbano do Rio de Janeiro com a Corte, o espaço dos colonizadores.

Maria Fernanda Bicalho (2003) identifica entre esses espaços periurbanos o então chamado **Campo de São Domingos**, nomeado por conta da tosca capelinha construída em devoção a São Domingos de Gusmão. A autora afirma que o lugar “servia de refúgio para negros fugidos, soldados desertores, pessoas vadias e criminosos de todo tipo”<sup>8</sup>. E, portanto, local escolhido para a edificação das igrejas e capelas das inúmeras irmandades de pardos, pretos livres e escravos existentes na cidade, como a igreja de Nossa Senhora do Rosário (inaugurada em 1725) nas proximidades da qual se realizavam as coroações do rei Congo, as chamadas “congadas”.

<sup>8</sup> BICALHO, Fernanda. **A cidade e o império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.246

A irmandade de Santana, fundada em 1753 na capela de São Domingos, passa a ter templo próprio no último quartel do século ocidental do Campo de São Domingos.<sup>9</sup>

O crescimento populacional na área determina que em 1814 a freguesia de Santana seja desmembrada da paróquia de Santa Rita, tendo seus limites demarcados somente em 1816, de acordo com Noronha Santos.<sup>10</sup> Cabe ressaltar que no período compreendido entre 1808 e 1821 população da cidade passou de 60 mil a aproximadamente 112.700, aumento equivalente a 88%.<sup>11</sup> A vinda da família real para o Rio de Janeiro em 1808 havia provocado alterações profundas na cidade, agora sede de uma monarquia européia, e as transformações se sucediam (fig. 2).

Noronha Santos descreve o Campo em 1815 como uma vasta praça arenosa com inúmeros cajueiros. Os sulcos profundos existentes no terreno se transformavam em alagadiços nas épocas chuvosas.



Fig. 2 – Trecho da “Planta da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por Ordem de Sua Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor no Ano de 1808, Feliz e Memorável Época da sua chegada à dita Cidade”. 1812. Acervo Biblioteca Nacional. Fonte: ANDREATTA (2006), p.91

<sup>9</sup> Muitos autores confundem a criação da irmandade em 1735 com a construção da igreja. Na planta “Prospecto da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro” de 1775 (acervo Biblioteca Nacional) ainda não está identificada a ermida.

<sup>10</sup> NORONHA SANTOS, Francisco Agenor de. **O Parque da República, antigo da Aclamação**. Rio de Janeiro, Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 8, 1944, p.103

<sup>11</sup> BRANDÃO, A. M. P. M. in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1992, p.148

O Intendente-Geral da Polícia Paulo Fernandes Viana é responsável pela construção de um jardim naquele ano. Em 1818, para as comemorações da coroação de D. João VI e para o casamento da princesa Maria Teresa, foram construídos uma praça de touros e palacete de madeira (fig. 3).

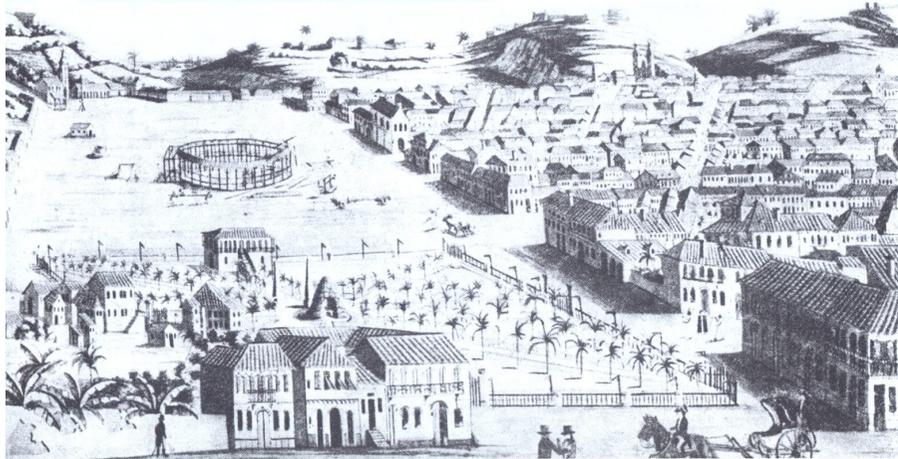


Fig. 3 – O Campo de Santana em 1818. Desenho de Franz Frühbeck. Acervo Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Portugal. Fonte: SISSON (2008), p.52

Desde 1800 havia o plano apresentado ao Senado da Câmara para construção de chafariz no Campo de Santana abastecido com água do rio Maracanã, o que se tornou premente com a seca de 1809. Como a obra de encanamento do rio Maracanã ainda demoraria, Paulo Viana decide captar água do rio Comprido para o chafariz do Lagarto, construir outro chafariz e ainda um encanamento provisório chegando ao Campo de Santana “para trazer a água para mais perto

da cidade”<sup>12</sup>. Esse chafariz, substituído por um de pedra inaugurado em 1818, seria conhecido por chafariz das lavadeiras (fig. 4 e 5).



Fig. 4 – Igreja de Sant'Anna no Campo de Sant'Anna. Aquarela de Thomas Ender, 1817. Acervo Biblioteca da Akademie der Bildenden Künste, Viena, Áustria. Fonte: SISSON (2008), p.50

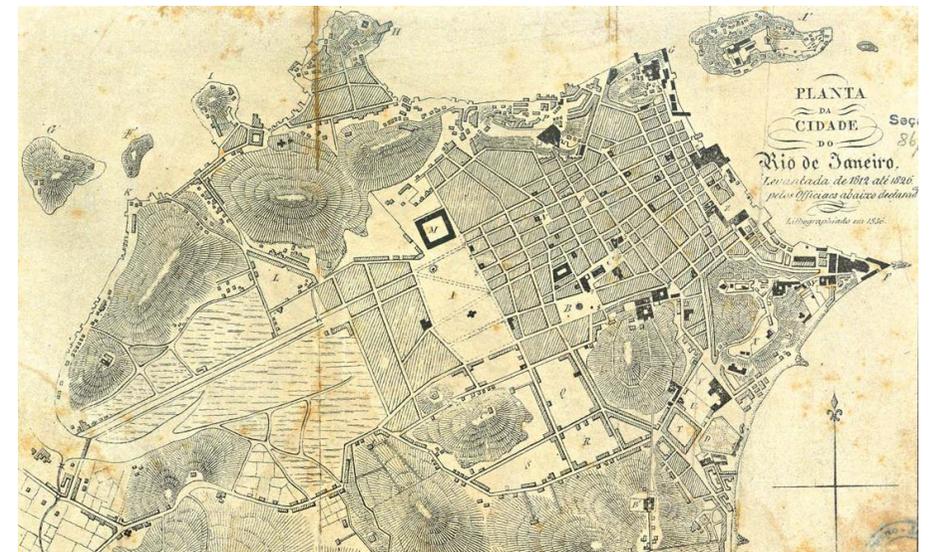


Fig. 5 – Planta da Cidade do Rio de Janeiro levantada de 1812 até 1826 (detalhe) Acervo Arquivo Nacional. Fonte: RABHA (2008) p.27

<sup>12</sup> ABREU, M. A. in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1992, p.62

A chegada da família real havia acarretado um aumento do contingente militar. O Campo passa a ser utilizado para manobras militares. Ali, entre 1811 e 1818 é construído o quartel central. Durante todo o século XIX o local seria utilizado para festejos da nobreza, manifestações populares, além de atividades e festas militares.

Eixo importante para a expansão da cidade, o caminho do Capuerçu, depois chamado das Lanternas ou do Aterrado, era a ligação da cidade com os arredores de São Cristóvão e Engenho Velho. Com a construção da ponte sobre a Aguada dos Marinheiros em 1790, foi possível a transposição do saco de São Diogo, permitindo a ocupação de terrenos na atual zona norte.

A escolha de São Cristóvão como local de residência da família real vai provocar melhorias nessa conexão centro / São Cristóvão, com o aterramento paulatino do mangal de São Diogo, então chamado de mangue da Cidade Nova. Seu desaparecimento se dará com a construção do Canal do Mangue em 1857<sup>13</sup> e, finalmente, o aterro definitivo com as obras de Pereira Passos já no início do século XX.

<sup>13</sup> ANDREATTA (2006): “Mas é certo que já existia uma ordem de execução do canal do Mangue aprovada pelo governo em 1835, e quando foi construído, a partir de 1854, por iniciativa de Mauá e com direção inglesa, o canal serviu para navegação de pequenas embarcações para levar carvão Cardiff até a fábrica de gás, mas sem continuar pela Cidade Velha.” p.119

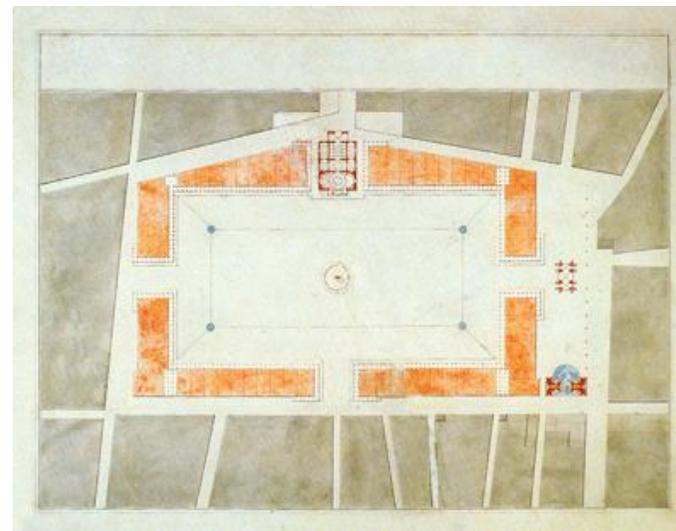


Fig. 6 – Projeto de urbanização para o Campo da Aclamação, Grandjean de Montigny, 1827 (não executado). Acervo Museu Nacional de Belas Artes.Fonte: ANDREATTA (2006) p.30

A aclamação de D. Pedro I como Imperador Constitucional do Brasil em 1822 ocorrida no Campo, leva à mudança de nome para **Campo da Aclamação**. Ainda na década de 1820, o arquiteto Grandjean de Montigny, chegado ao Brasil com a chamada Missão Francesa, propõe um projeto para o Campo que “ostentava a tipologia típica das *places royales* européias”, e que não foi construído<sup>14</sup> (fig. 6).

As efemérides de inauguração e deposição do regime monárquico acontecem no Campo de Santana: a Aclamação de D. Pedro I como Imperador do Brasil e a Proclamação da República. De acordo com

<sup>14</sup> SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1995. p. 164

Sisson (2008), o Campo de Santana torna-se o centro de poder do Brasil Imperial. A cidade é transformada em 1834 em Município Neutro, comportando aproximadamente 130 mil habitantes.

Em 1843 o Diretor de Obras Municipais, Henrique de Beaurepaire Rohan apresenta à Câmara Municipal documento destinado às obras que “interessam à salubridade pública” e “aformoseamento do município e cômodo de seus habitantes”. O capítulo destinado às praças começa afirmando a importância do Campo da Aclamação:

*Das nossas praças a mais notável, por sua extensão, é a da Aclamação, outrora Campo de Santa Ana. Falta-lhe regularidade, mas isso se lhe poderia dar, estabelecendo-se do lado da Cidade Nova uma linha de sobrados, paralela à frente do museu, com fundos voltados para o ocidente guarnecidos de quintais fechados por gradis<sup>15</sup>.*

Ainda em referência ao Campo, o relatório propõe a criação de um “peão”<sup>16</sup> na Praça da Aclamação, o que, de acordo com Rabha (2009) “estabelece uma diretriz para futuras ações de drenagem”<sup>17</sup>.

“O Jornal”, de dezembro de 1853<sup>18</sup> publicou o artigo do Código de Posturas Municipal com sanções a quem danificasse a arborização

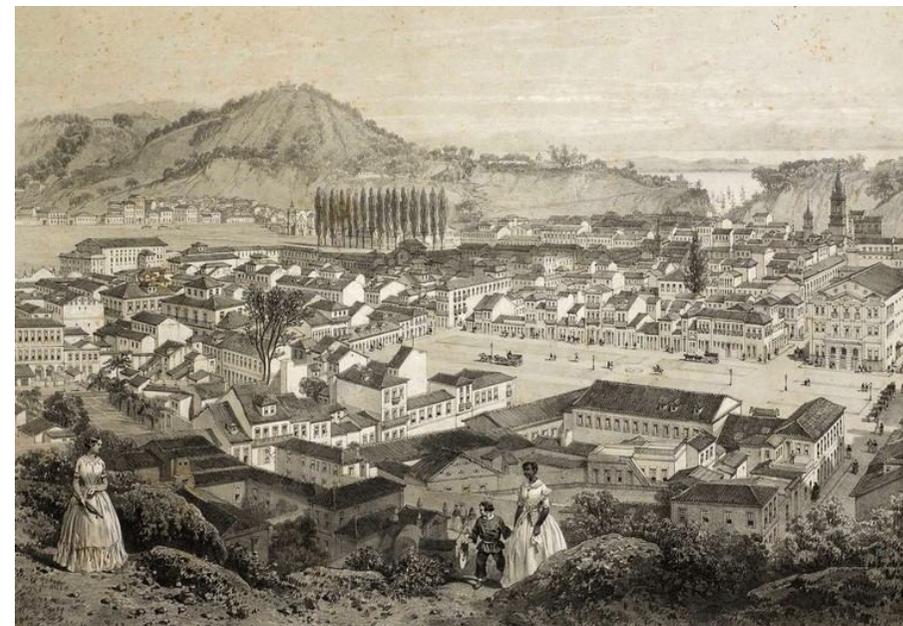


Fig. 6 – Iluchar Desmons: Panorama da cidade de Rio de Janeiro, 1854. Acervo Biblioteca Nacional. No centro da imagem a Praça da Constituição (atual Tiradentes) e à esquerda o Campo da Aclamação com a Igreja de Santana. Fonte: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)

do Campo da Aclamação ou o gradeamento que o cercava:

*Toda pessoa que arrancar ou danificar alguma das árvores plantadas ou que do futuro se plantar no campo da Aclamação ou em qualquer outra parte, por ordem ou consentimento da camara municipal ou o mesmo praticar nos reparos e nas grades que o cercam, sofreram além da devida indenização, 8 dias de prisão e 30\$ de multa e nas reincidências 30 dias de prisão e 60\$ de multa; sendo escravo o infrator é obrigado a indenização e multa o senhor respectivo, ao qual fica salvo requerer ao juiz executor a comutação da pena de prisão pela de açoites, na conformidade do artigo 60 do código criminal.*

<sup>15</sup> Rabah, N. **Planos Urbanos século XIX**, p.18

<sup>16</sup> Cumeada, divisor de águas. Demonstra os problemas de drenagem que da área.

<sup>17</sup> Rabah, N. *op. cit.*, p.18

<sup>18</sup> Reproduzido no Jornal do Comércio em 30 de dezembro de 1953. Arquivo Noronha Santos - IPHAN

Em agosto de 1857 o Visconde de Condeixa escreveu de Londres carta ao presidente da Câmara Municipal, João Oliveira Fausto, transcrita por Noronha Santos “lembrando a execução de melhoramentos no Campo, de forma a transformá-lo num parque público”<sup>19</sup>

*Hoje, porém, que tenho visitado nesta cidade os diversos parques e observado a maneira por que se aproveitam os terrenos destinados ao recreio dos habitantes de todas as classes, enquanto se aprecia uma árvore, onde a sua necessidade nenhuma comparação tem com o que dela se dá no Rio de Janeiro e finalmente, vendo o tempo precioso que estávamos perdendo para o crescimento das mesmas, não posso mais resistir ao desejo de concorrer de minha parte para que alguma cousa se faça.*

*Não querendo, pois, perder tempo, (...) resolvi dirigir-me a V.S. como presidente da Ilustríssima Câmara, oferecendo à mesma os meus serviços e pondo à sua disposição a quantia de três contos de réis, sendo seiscentos mil réis ou o que achar necessário, para se oferecer ao engenheiro que, em concurso apresentar o plano que mais agrada à Ilustríssima Câmara e ao governo, e o restante para se principiar a obra, logo que o plano seja aprovado, desejando eu que tivesse princípio no dia 2 de dezembro.”<sup>20</sup>*

A oferta não surtiu o efeito esperado, e o Campo continuou sem um projeto de urbanização. Animais continuavam soltos pela área, danificando as árvores de menor porte.

<sup>19</sup> NORONHA SANTOS (1944) *op.cit.*, p.111.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 112

Pequena para a quantidade cada vez maior de fiéis e de moradores da freguesia, a igreja de Santana foi desapropriada por 40 contos de réis e demolida para a construção da Estação Ferroviária D. Pedro II em 1858. A Matriz da freguesia de Santana se instalou então na Praça da Cadeia Nova, tendo a sua construção sido concluída em 1878. A construção da estação ferroviária naquela localidade seria fator determinante para transformá-la e atrair mais moradores. Interessante notar que desde a década de 1850 a área do Campo é cortada por uma “estrada de ferro”, como mostram as fotos e plantas da cidade à época. (fig. 8 a 10)



Fig. 8 – Campo de Santana, 1862 – foto de Rafael Castro Y Ordoñez. Acervo Biblioteca Nacional. Vê-se à direita: em primeiro plano do Teatro Provisório e ao fundo a igreja de São Gonçalo Garcia e São Jorge. Fonte: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)



Fig. 9 – Detalhe da planta da cidade do Rio de Janeiro, 1858. Acervo Arquivo Nacional. Fonte: RABHA (2008) p. 28

Em 1865 a Junta Central de Higiene apresentou queixa aos presidentes da Câmara reclamando dos “aterros feitos com lixo e imundícies de toda ordem” <sup>21</sup>, apesar das residências de membros da nobreza no seu entorno e de existirem várias instituições indicativas da importância daquela área na cidade:

- Palácio do Senado
- Museu Imperial
- Paço Municipal
- Quartel General do Exército
- Casa da Moeda (construção iniciada 1859)
- Igreja de Santo Antônio
- Igreja de São Gonçalo Garcia e São Jorge
- Estrada de Ferro Central D. Pedro II (1858)
- 1ª Companhia do Corpo de Bombeiros (1ª década 1860)
- Teatro Lírico Fluminense, antigo Provisório (1852)

Em 1869 a Câmara Municipal recebe propostas de ajardinamento e obras no Campo de Santana que deveriam ser “entregues e executadas por empresas particulares sem nenhum dispêndio para os cofres públicos” <sup>22</sup>. Cinco propostas são recebidas no período, desde a que pretendia cobrar o ingresso ao parque – proposta que

<sup>21</sup> *Idem*, p.118

<sup>22</sup> *Idem*, p.122

“não podia nem devia ser aceita”<sup>23</sup> - até a proposta aceita e não levada à cabo de C. J. Harrah. Ele solicitava a concessão de quarenta anos da área para instalação de quiosques e edifícios destinados a botequins, jogos, espetáculos e divertimentos, com o compromisso de manter a entrada do jardim gratuita a “pessoas calçadas”<sup>24</sup>. A Câmara se obrigaria a solicitar ao governo do Império a concessão gratuita de água necessária ao “jardim, repuxos, quiosques e edifícios”, além de auxiliar a empresa a obter isenção de impostos alfandegários para “todas as máquinas, obras de arte importadas do estrangeiro e necessárias ao jardim e à construção dos edifícios”. Era solicitado também a desoneração de “qualquer imposto municipal, estendendo-se mesmo essa isenção às futuras construções que se levantassem”.<sup>25</sup>

A proposta foi aceita apesar do voto divergente do vereador João Batista dos Santos, futuro visconde de Ibituruna. Ele deixou registrado seu voto em separado contestando o prazo concedido ao proponente e que

*uma empresa da importância da que se trata, não deve ser dada a um particular sem que se chame concorrentes e se estude as diversas propostas e os diferentes planos para sua execução.*<sup>26</sup>

<sup>23</sup> *Idem*, p.123

<sup>24</sup> Demonstra assim uma intenção de segregação, excluindo da utilização do parque os escravos e pobres.

<sup>25</sup> *Idem*, p.124

<sup>26</sup> *Idem*, p.127

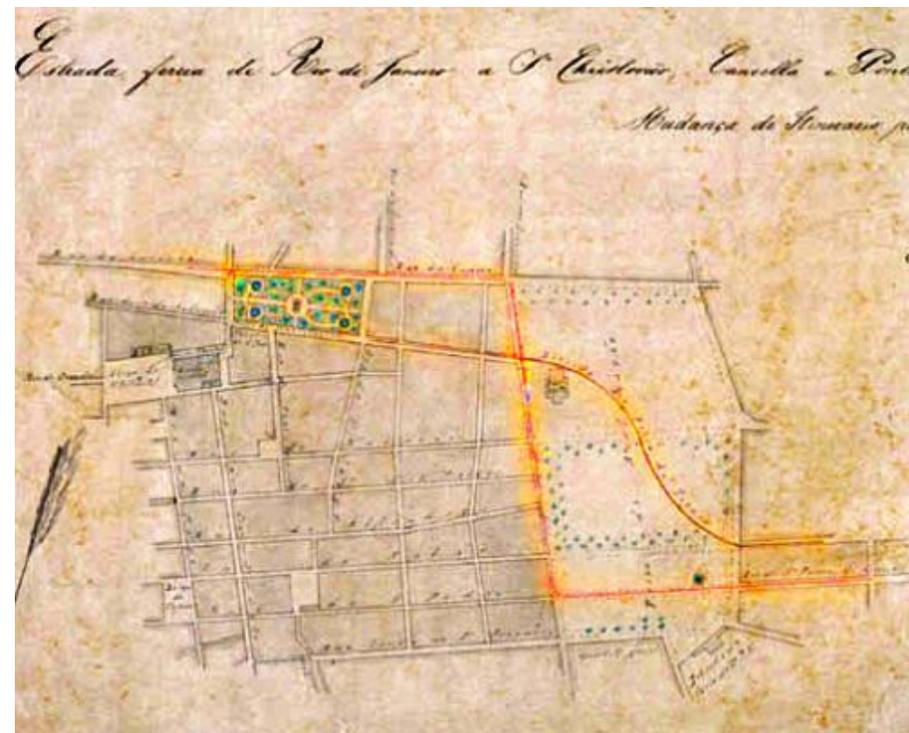


Fig. 10 – Estrada férrea de Rio de Janeiro à São Cristóvão, Cancela e Ponta do Cajú: mudança de itinerário para o interior da cidade. Engenheiro Bailly de Pressy, 1866. Fonte: <http://serqueira.com.br/mapas/bond.htm>

Harrah se ausentou do país, e na sua volta não honrou com os compromissos assumidos. O vereador comissário Visconde de Silva em 27 de abril de 1869 relatou as diversas ações para o ajardinamento do campo, as negociações e a escolha do empresário,

e por fim sua recusa em assinar o contrato, a seu ver “pela previsão de que os lucros ficariam muito abaixo de suas esperanças”<sup>27</sup>.



Fig. 11 –Pavilhão comemorativo à vitória da Guerra do Paraguai construído no Campo de Santana. Foto Marc Ferrez, 1870. Acervo Biblioteca Nacional. Fonte: [Http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)

O final da década coincide com o término da Guerra do Paraguai (1864-1870), época de significativas transformações e aprofundamento de antagonismos: o surto modernizador com implantação de ferrovias e o aumento da mobilidade ao mesmo tempo em que epidemias de febre amarela (1870 e 1873) assolavam a capital.

<sup>27</sup> *Idem*, p.134

Medidas de saneamento se tornavam prementes e projetos para o Campo de Santana continuavam a ser entendidos como prioritários e produzidos. (fig. 12)

*Duas propostas no início dessa década não saíram do papel: uma assinada pelos engenheiros Jorge Rademaker Grunewald, Heitor Rademaker Grunewald e João José Machado Rangel; a outra por Francisco de Azevedo Caminhoá e P. Bénard*<sup>28</sup>.

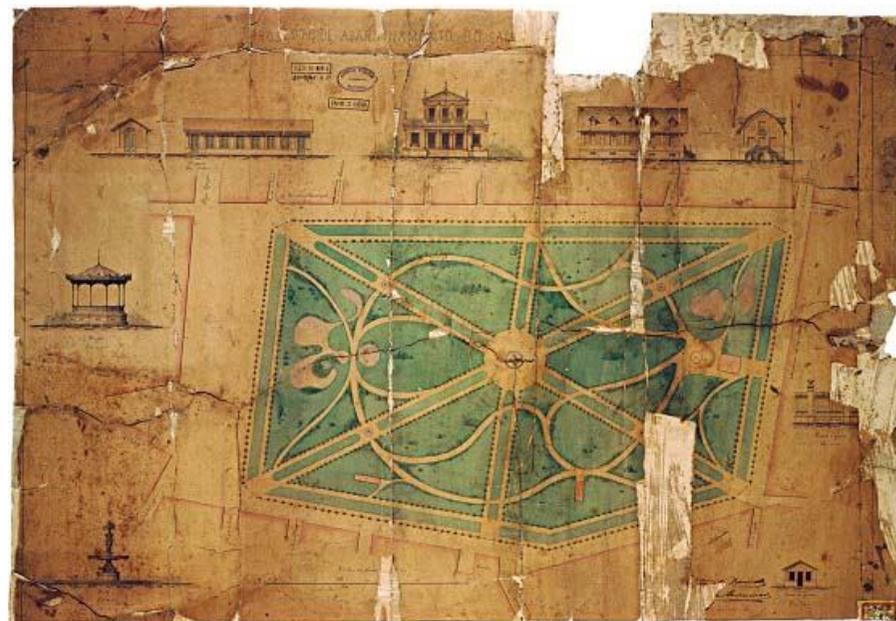


Fig. 12 – Projeto de ajardinamento do Campo da Aclamação por J. Rademaker Grunewald, H. Rademaker Grunewald e João J. M. Rangel, 1872. Não executado. Acervo: Arquivo Nacional. Fonte: RABHA (2008) p. 55

<sup>28</sup> SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996. p. 170

Neste contexto surgiram as propostas do Plano da Comissão de Melhoramentos (1875 e 1876).

*Em uma cidade com grande densidade em sua área central e uma ocupação rarefeita no restante do território, o plano de melhoramentos elege como eixo programático o Canal do Mangue, considerando-o sob duplo enfoque: o da salubridade e o da expansão urbana. 29*

O centro da cidade apresentava grande adensamento populacional. Os migrantes vindos de áreas rurais ou ainda do exterior, sem poder de mobilidade, precisavam se estabelecer na região central e acabavam por ocupar cortiços e habitações precárias. Ao mesmo tempo, o Plano estimulava a diminuição gradativa do uso residencial no centro da cidade com a intenção de saneá-lo e fomentar o uso comercial.

O eixo Praça da Aclamação - Andaraí é tratado como vetor importante de expansão da cidade em direção à zona norte, sendo imprescindível o completo ensecamento da região alagada do Mangal de São Diogo, “ponto de ruptura no crescimento da cidade desde a sua fundação” segundo Rabha (fig. 9).

A região da Praça da Aclamação é tratada como articuladora

---

<sup>29</sup> RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias (Coord.), Secretaria Municipal de Urbanismo / Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. **Planos Urbanos - Rio de Janeiro - o século XIX**. Rio de Janeiro: SMU-IPP, 2009. p.39

*dos caminhos para o Andaraí e para a área central, além do acesso ao porto, com obras no litoral da Saúde e em direção à zona sul; ressaltando-se, ainda, a notável percepção para conectar lugares representativos do poder (São Cristóvão), de expansão urbana (vale entre as Serras do Andaraí e do Engenho Novo) e de investimentos imobiliários em curso (Vila Isabel).<sup>30</sup>*

O relatório detalha o plano de melhoramentos para essa área de expansão que oferecia condições de intervenções menos dispendiosas do que as necessárias nas áreas mais centrais da cidade.

## 2.2 O projeto de Glaziou

Em 1869 D. Pedro II institui a Diretoria de Parques e Jardins da Casa Imperial e convida Auguste François-Marie Glaziou para ser diretor. O horticultor nascido na França havia chegado ao Brasil em 1858 e logo começou a criar jardins, sendo responsável pelos jardins da residência do Barão de Nova Friburgo (1859), pela reforma do Passeio Público (1860) e o paisagismo da Quinta da Boa Vista (a partir de 1862). Glaziou passa a responder também pela incipiente inspetoria que cuidava dos jardins e parques municipais. Só passa a receber salário pela função a partir de 1873, ano em que inicia o projeto de ajardinamento do campo da Aclamação.

---

<sup>30</sup> *Idem*, p. 42

Na reforma do Passeio Público, Glaziou contou com a colaboração de Francisco José Fialho e esta parceria foi retomada na proposta para ajardinamento do Campo da Aclamação. Fialho, natural do Piauí, era jornalista, tabelião e chegou a representar seu estado natal na Câmara.

De acordo com Noronha Santos (1944), Fialho era um “estudioso de assuntos de jardinagem” e aparece como co-autor nos primeiros documentos referentes à contratação do projeto (1871), mas logo depois houve a ruptura da sociedade, “concorrendo o notável naturalista francês isoladamente perante a Câmara Municipal”.

*Propomos que se aceite o plano apresentado pelos senhores Glaziou e Fialho para o embelezamento do campo da Aclamação, levantado por ordem do Governo Imperial, procedendo a Diretoria das Obras Públicas, desde já, o orçamento de todos os trabalhos, ficando o vereador comissário plenamente autorizado a ajustar as condições do contrato com os mesmos senhores, segundo o valor do orçamento e propondo à Ilustríssima Câmara os meios de obter os recursos necessários à execução dessa monumental obra.<sup>31</sup>*

Noronha Santos (1944) reproduz o parecer de 27 de abril de 1869, em que o Visconde de Silva expõe o projeto que a Câmara teria recebido “há anos” de Glaziou e Fialho.

*Não tenho conhecimento de outro plano que lhe possa exceder em regularidade e beleza e nem me consta que*

---

<sup>31</sup> Boletim da Câmara Municipal da Corte – junho de 1871 – p.4, vol. 117 - Arquivo Municipal *apud* NORONHA SANTOS (1944), *op.cit.* p.129

*no país haja pessoa mais habilitada para esta espécie de trabalho do que seu autor.*

*A prova dada no Passeio Público, convenceu a todos os que de boa fé estudam os melhoramentos da cidade, da incomparável proficiência do Dr. Glaziou.*

O Ministro do Império, conselheiro João Alfredo em seu relatório referente ao ano de 1872 reforça a necessidade de ajardinamento do campo da Aclamação e os benefícios “à saúde pública, especialmente com relação à parte da cidade onde a população se acha mais aglomerada”. Com a carência de recursos da Câmara, oferece “os meios que puder dispor o Ministério do Império, auxiliado pelo da Agricultura, Comércio e Obras Públicas”, esperando que a Câmara Municipal “concorra com algumas quantias quando permitir seu estado financeiro”.<sup>32</sup>

Das várias propostas para a execução do projeto, a Câmara escolheu a do próprio Glaziou, orçada em Rs 1.694:409\$200 (um mil, seiscentos e noventa e quatro contos, quatrocentos e nove mil e duzentos réis) e o contrato foi assinado em 2 de janeiro de 1873. As obras, iniciadas no mês seguinte, duraram mais de 8 anos. O contrato estipulava que Glaziou receberia a gratificação mensal de 600\$000 (seiscentos mil réis) e mais a quarta parte do valor que conseguisse economizar do orçamento inicial. Com a conclusão das obras verificou-se a economia de quase 480:000\$000 (quatrocentos

---

<sup>32</sup> *Idem*, p. 147 e 148



Fig. 13 – Planta mais antiga existente referente ao projeto de Glaziou, sem data. Acervo: Arquivo Técnico da FPJ. Fonte: paisagemcarioca.rio.rj.gov.br

e oitenta contos), devendo o paisagista receber aproximadamente 120:000\$000 (cento e vinte contos) – quantia que não havia recebido até 1882 devido à falta de recursos.

O projeto de Glaziou é inaugurado solenemente pelo Imperador em 7 de setembro de 1880. Noronha Santos ressalta que houve um “ativamento de construções nas quatro faces da praça da Aclamação” com aumento entre 1878 e 1881 do número de prédios lançados no imposto predial, de 95 para 105 unidades. Algumas críticas foram feitas ao projeto, mas também foi dito que só dali a

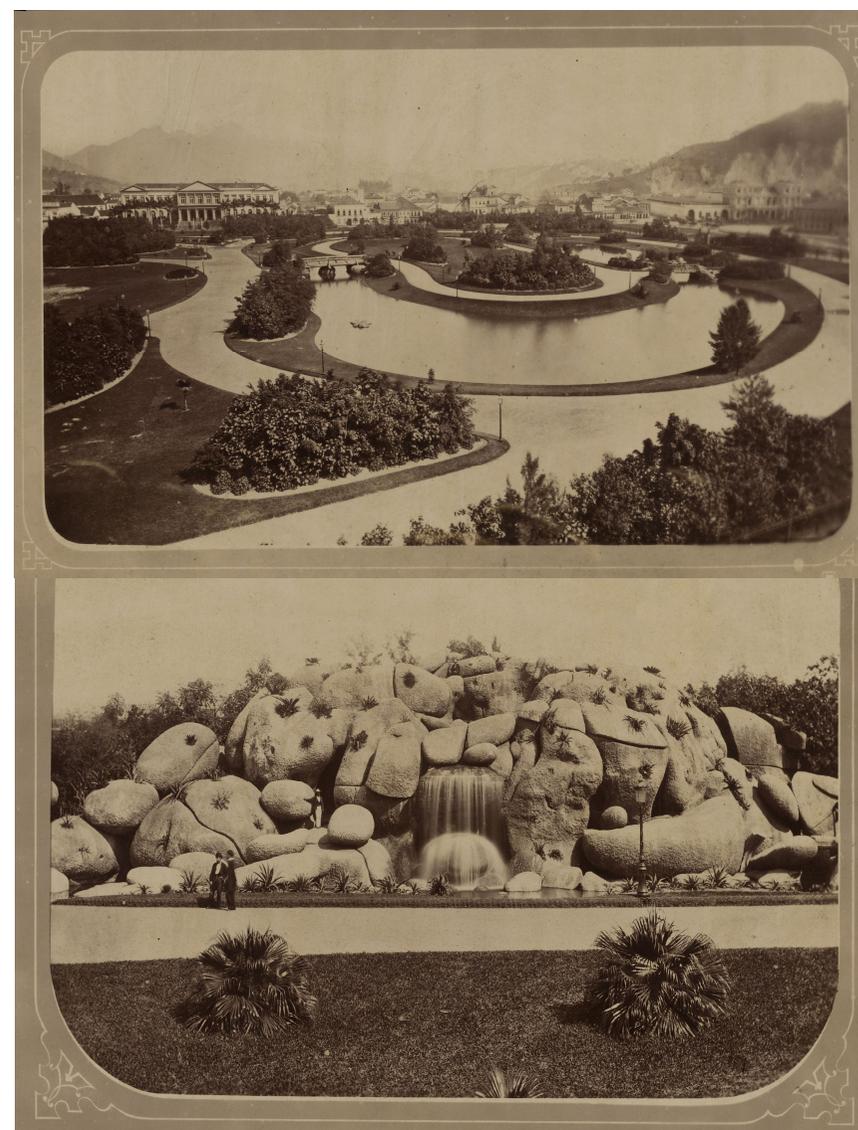


Fig. 14 – Parque da Aclamação. Foto Marc Ferrez, 1880. Acervo Biblioteca Nacional. Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/projetos3.htm>

alguns anos seria possível apreciar a beleza da arborização (fig. 13/14).

*O Campo de Santana foi um marco importante tanto no conjunto de obras de Glaziou quanto para o nascente paisagismo brasileiro. E isso por diversas razões, começando pelo fato de ter sido uma das iniciativas precursoras na divulgação de uma nova tipologia verde – o square parisiense -, que teve ampla propagação no Brasil da segunda metade do século XIX e início do XX.<sup>33</sup>*

No parque encontramos todos os itens programáticos característicos do jardim paisagista moderno: cursos d'água, pedras artificiais, pontes, ilhas, conjunto de gruta e cascata além de elementos ornamentais em ferro fundido. Mazza Dourado (2011) ainda aponta Glaziou como “um dos artífices na disseminação das rocalhas”<sup>34</sup> difundidos a partir do Campo de Santana para jardins públicos e particulares de todo o país.

Isabella Perrotta assinala a inclusão do Campo da Aclamação entre os atrativos apresentados aos turistas desde o primeiro guia turístico da cidade do Rio de Janeiro, de 1873<sup>35</sup> – ano do começo das obras de implantação do projeto de Glaziou.

---

<sup>33</sup> MAZZA DOURADO, Guilherme in HETZ, Bia & NEGREIROS, Silvia (orgs.). **Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Manati, 2011. p.76

<sup>34</sup> *Idem*, p. 83

<sup>35</sup> FERREIRA, Félix. **Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos**. B.L. Garnier, 1873 *apud* PERROTTA (2001)

*Nos guias seguintes [teatros, cervejarias e praças] foram citados como categorias separadas, com destaque para as praças e os teatros. As primeiras mereceram descrições detalhadas, sendo contempladas por imagens quando os guias começaram a ser ilustrados, principalmente a Praça da Aclamação [hoje da República] e o Jardim Botânico.<sup>36</sup>*

Em guia turístico de 1884 sobre o Campo da Aclamação é dito que “rivaliza com os melhores da Europa, belo e espaçoso”<sup>37</sup>

A alternância de sensações - claro/escuro, vazio/cheio – proporcionado pela vegetação é amplificado pelos caminhos sinuosos no terreno modelado por suaves depressões. De acordo com Ronaldo Benevello, “o relevo, a vegetação e seus adornos formam um conjunto possuidor de uma harmonia especial, numa escala precisa”<sup>38</sup>.

### 2.3 O parque no século XX

Com a proclamação da República foi alterada sua denominação para Parque da Praça da República por ato da Intendência de 21 de fevereiro de 1890. Nessa ocasião foram retiradas as coroas imperiais

---

<sup>36</sup> PERROTTA, Isabella. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico**. Tese de doutorado em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, 2011.

<sup>37</sup> CABRAL, A. do Valle. **Guia do viajante no Rio de Janeiro**. G. Leuzinger & Filhos / B.L. Garnier / H. Laemert & Cia. 1884 *apud* PERROTTA (2001)

<sup>38</sup> Ver entrevista Ronaldo Benevello. Anexo 2.2.

que ornavam o gradil, o que resultou em protestos até de republicanos.<sup>39</sup>

A partir de 1893 os serviços de conservação dos jardins da praça da República e do Passeio Público passaram ao domínio da Municipalidade, confirmado o que havia sido disposto pela Lei Orgânica do Distrito Federal do ano anterior. Até esta data Glaziou exercia o cargo de Diretor dos Jardins Públicos, Arborização e Florestas da Cidade do Rio de Janeiro. Em 1894 ele é substituído interinamente por Júlio Gonçalves Furtado na nova Inspetoria de Matas, Jardins, Arborização e Caça, nomeado em caráter definitivo em 1897.



Fig. 15– Batalha das Flores, 1902. Fotos de Augusto Malta. Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

<sup>39</sup> NORONHA SANTOS (1944) *op.cit.*, p.157

Neste período diversas comemorações acontecem na Praça da República, como a festa pela vitória em Canudos, o tricentenário de Camões, o centenário da morte do Marquês de Pombal. A partir de 1902 as “Batalhas das Flores” foram ali promovidas pelo intendente Pereira Passos, como forma de arrecadação de recursos para obras beneficentes (fig. 15).

Em 1902, com a unificação de duas repartições é criada a Inspeção de Mattas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca cujas atribuições eram, entre outras, projetar e cuidar das praças e parques da cidade do Rio de Janeiro. A sede da instituição é construída no Campo de Santana em 1909 pelo arquiteto Leon Gaubert. Hoje a Fundação Parques e Jardins (FPJ), órgão da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, ainda mantém parte dessas atribuições e ocupa a mesma edificação, ampliada ao longo do tempo. A FPJ é a gestora desse Parque Urbano.

Havia a proposição da destinação das esquinas para a construção de edificações diversas. Alguns projetos foram desenvolvidos (fig. 16), mas o único executado foi o da Escola Campos Sales - construída em 1909, projeto do mesmo Leon Gaubert (fig. 17).

Em 1918 cogita-se a construção da sede do Senado Federal no interior do parque. O prefeito da cidade, Dr. Amaro Cavalcanti é

contrário à idéia. A partir de 1934 o parque muda novamente de nome, passando a chamar-se Parque Júlio Furtado, em homenagem ao antigo Inspetor que havia falecido naquele ano.

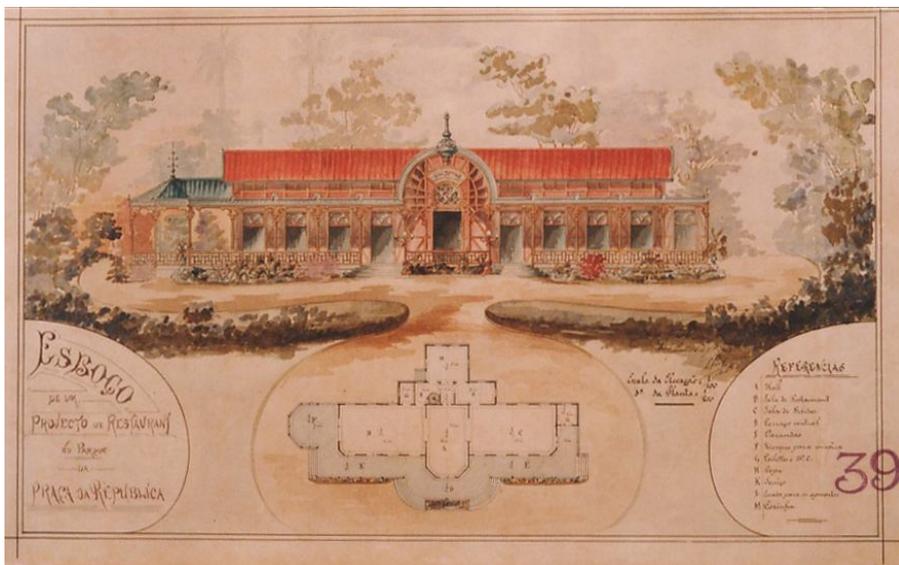


Fig. 16 – Esboço de um Projecto de Restaurante no parque da Praça da República. S/data. Acervo Fundação Parques e Jardins

Outra tentativa fracassada de alteração do parque foi proposta pelo vereador Tito Lívio. Em 1936 ele apresentou à Câmara projeto de abertura das alamedas ao trânsito de veículos para melhoria do tráfego da cidade. Esse projeto resultou numa dura crítica feita pelo escritor José Mariano Filho publicada em 20 de maio em O Globo, onde ele denuncia que "contam-se às dezenas as tentativas contra o parque": desde a construção da sede do Senado, até à abertura aos

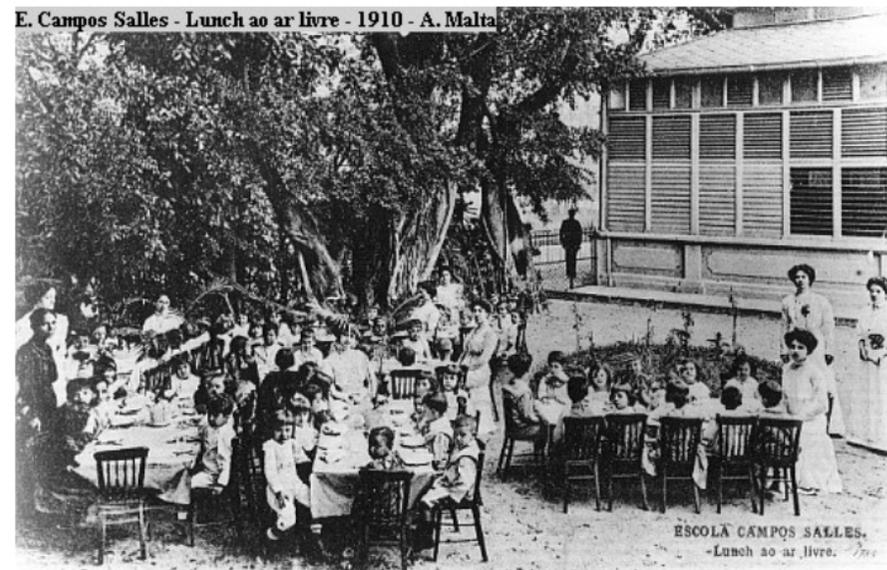


Fig. 17 - Escola Campos Salles – “Lunch ao ar livre”, 1910. Foto Augusto Malta  
Fonte: FIGUEIREDO (2006) p. 6.242

automóveis passando pela idéia de transformá-lo “numa espécie de Luna Park” nos tempos do prefeito Antônio Prado.<sup>40</sup>

A criação da Comissão do Plano da Cidade em novembro de 1937 “é justificada pela necessidade de preparação de um programa de melhoramentos, contemplando obras urgentes e inadiáveis na capital do país”<sup>41</sup> e também uma resposta à não implantação do Plano Agache (1930). Em 1938 a Comissão apresenta o projeto da Av.

<sup>40</sup> NORONHA SANTOS, *op.cit.* p. 160

<sup>41</sup> REZENDE, Vera F. e FURTADO, Fernanda. *Discursos e imagens acerca de intervenções urbanas no Rio de Janeiro (1920-1940): a questão da valorização fundiária em planos e projetos urbanos*. Risco 8. 2008 p.115. Disponível em [http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista\\_risco/Risco8-pdf/02\\_art07\\_risco8.pdf](http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco8-pdf/02_art07_risco8.pdf)

Presidente Vargas na XI Feira Internacional de Amostras, sendo aprovado pelo presidente.

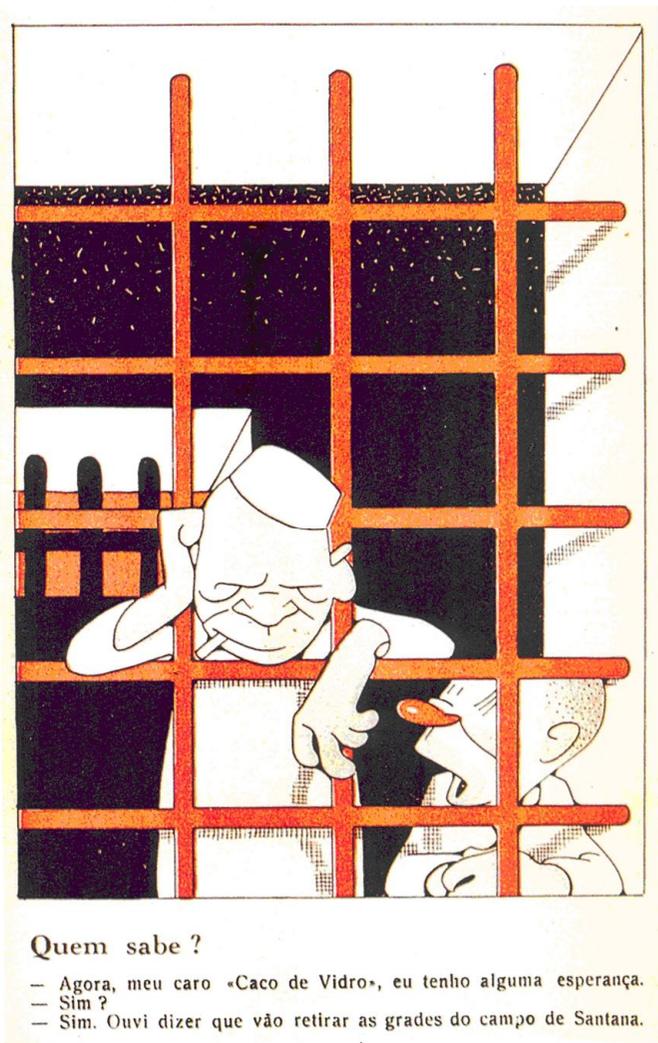


Fig. 18 – desenho J. Carlos.  
Fonte: Revista Careta, 20 de novembro de 1937

Em janeiro de 1938 são retiradas as grades de fechamento do Campo de Santana, que são levadas para a floresta da Tijuca, instituições públicas (como os antigos Jardim Zoológico em Vila Isabel e a Universidade do Brasil na Urca), e também para propriedades particulares (fig. 18/19.) Essa pesquisa não conseguiu informações a respeito do que teria motivado tal decisão, e se já não se trataria de ato antecipando a abertura da Av. Presidente Vargas.

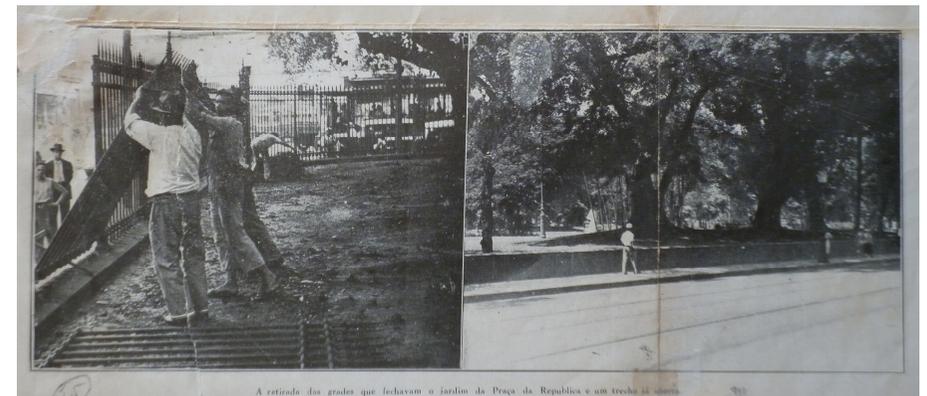


Fig. 19– Fotos publicação não identificada e não datada (início de 1938) da retirada do gradil. Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN.

Simultaneamente, o parque é tombado pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) como patrimônio nacional em 30 de junho de 1938. Teve reconhecida sua importância histórica e artística juntamente com o Passeio Público, o Jardim do Valongo e o Parque da Quinta da Boa Vista, acrescido à lista de jardins históricos

reconhecidos - Jardim Botânico e Parque do Palácio do Catete - tombados meses antes. Curioso notar que desses seis jardins históricos, três são de autoria de Auguste Glaziou. Apesar de ter sido protegido menos de um ano depois da criação do SPHAN, o Campo de Santana teve o tombamento cancelado em 1943 para a abertura da Avenida Presidente Vargas. O projeto com a redução do parque já estava pronto desde 1941 (fig. 20).

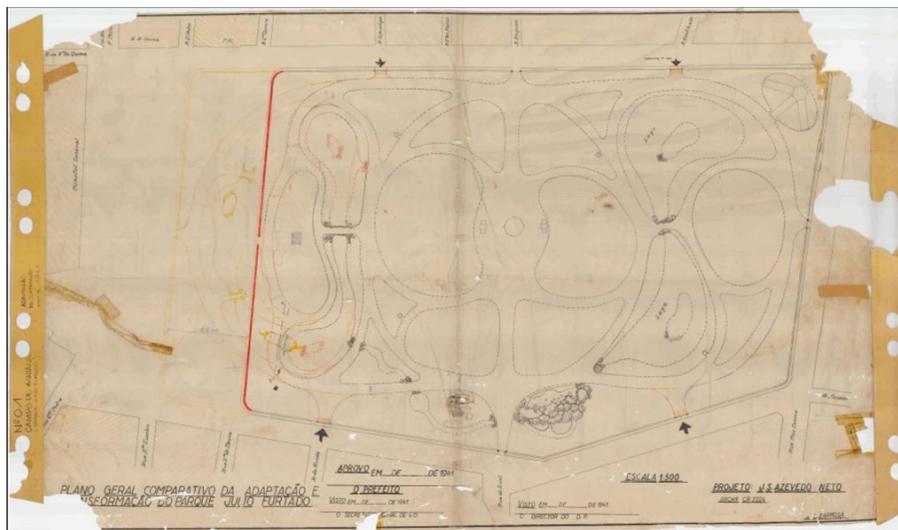


Fig. 20– Projeto de J.S. Azevedo Neto para redução do Campo de Santana, 1941  
Acervo: Arquivo Técnico FPJ. Fonte: paisagemcarioca.rio.rj.gov.br

Os apelos do diretor do SPHAN Rodrigo Melo Franco de Andrade no sentido de defender os monumentos tombados da destruição não surtiram efeito, tendo a Prefeitura inaugurado dois trechos da obra (entre a rua de Santana e o Campo de Santana e entre a avenida

Tomé de Souza e rua Uruguaiana) esperando a publicação do decreto que permitiria o destombamento do Campo de Santana e das igrejas do Bom Jesus e de São Pedro, igualmente protegidas (fig. 21). Em carta ao presidente da República solicitando o cancelamento do tombamento, o prefeito Henrique Dodsworth reforça que para a ligação desses dois trechos “torna-se indispensável seja feito um **pequeno** corte no parque Julio Furtado – **apenas** uma faixa de sessenta e sete metros” (grifo nosso).

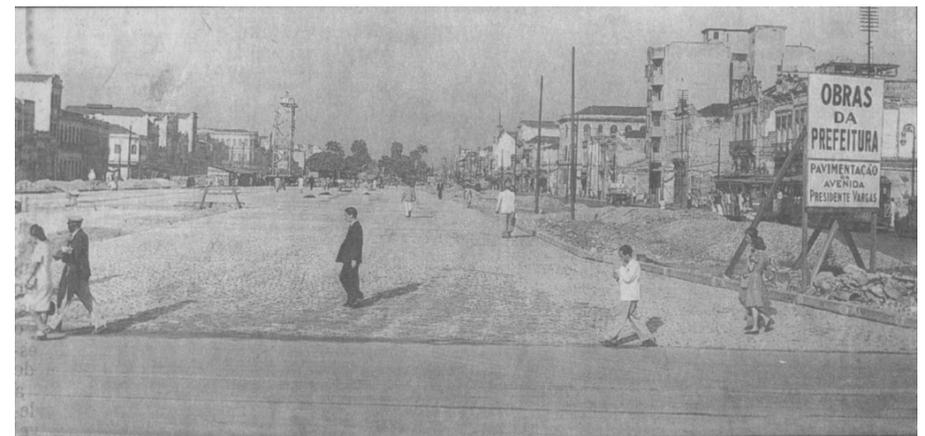


Fig. 21 – Obra de implantação da Av. Pres. Vargas, aguardando o cancelamento dos tombamentos, com Campo de Santana ainda intacto c. 1943. Fonte: <http://heloisahmeirelles.blogspot.com.br/2012/05/avenida-presidente-vargas.html>

A grande avenida, com largura de 90 metros e 4,13 Km de extensão foi construída com a demolição de mais de 500 edificações, incluindo a sede da Prefeitura e 6 igrejas, além da supressão de 1.700 m<sup>2</sup> do parque com cerca de 60 árvores frondosas. A abertura desta via

rápida para escoamento do trânsito motorizado pretendeu alterar a ocupação daquela área, de uso misto para zona de serviços. Pretendia-se que a expansão do centro financeiro se desse ao longo da nova artéria (fig. 22).

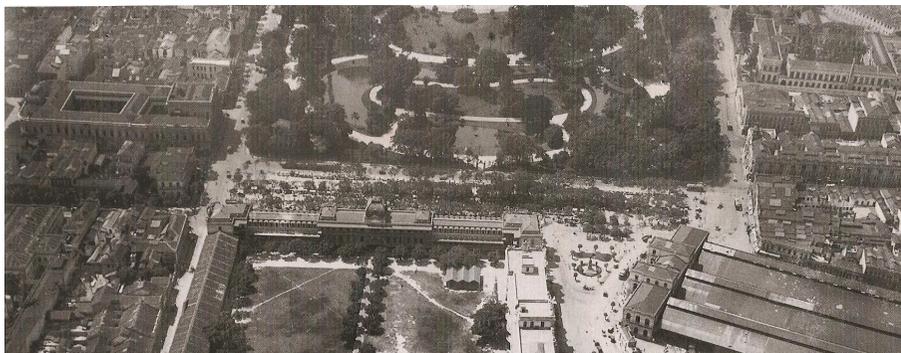


Fig. 22 – Foto detalhe trecho do parque que foi subtraído, c. 1920  
Fonte: Rio de Janeiro: Imagens da Aviação Naval, p.25

Esse processo não ocorreu, e devolveu ao Campo de Santana sua condição de área de fronteira entre a cidade antiga, densamente ocupada, e a área arrasada esperando pela modernização, a chamada “Cidade Nova”. O impacto da transformação na ocupação do solo na área pode ser avaliado analisando-se a planta cadastral da cidade dos anos de 1930 (fig. 23). Os lotes densamente ocupados por habitações e pequenos comércios foram substituídos por grandes áreas para uso comercial e de serviços, ainda à espera de ocupação até os dias de hoje. Doxiadis, já em 1964, analisou esse processo no capítulo do seu Plano de Desenvolvimento Urbano para a Guanabara dedicado à área por ele chamada Mangue (fig. 24).

Essa área de estudo era limitada a leste pelo Campo de Santana, e abrangia toda a Cidade Nova. O Plano verifica o processo de deterioração da área e assinala o problema das políticas de renovação urbana promovidas pelos governos para serem implementados pela iniciativa privada, mas que aconteciam “numa escala mais ampla do que a iniciativa privada é capaz”<sup>42</sup>



Fig. 23– Planta da Cidade do Rio de Janeiro, folha 21. PDF, 1935. Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Não obstante o destombamento do Campo de Santana pode-se afirmar que uma espécie aura de importância reverencial permaneceu protegendo sua integridade paisagística. A prova desse fato é que nenhuma das inúmeras propostas de descaracterização

<sup>42</sup> COMISSÃO EXECUTIVA PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO (CEDUG); DOXIADIS ASSOCIATES. **Guanabara: um plano para o desenvolvimento urbano**. Tradução pela CEPE-1, Secretaria de Governo, 1967, a partir do original: Guanabara: a plan for urban development. Estado da Guanabara, 1965, parágrafo 1.123.

do jardim histórico foi aceites ou viabilizadas. Como exemplo podemos citar a proposta de construção de nova Catedral no parque apresentada pela Câmara Municipal em 1948 e que acabou por ser rechaçada.

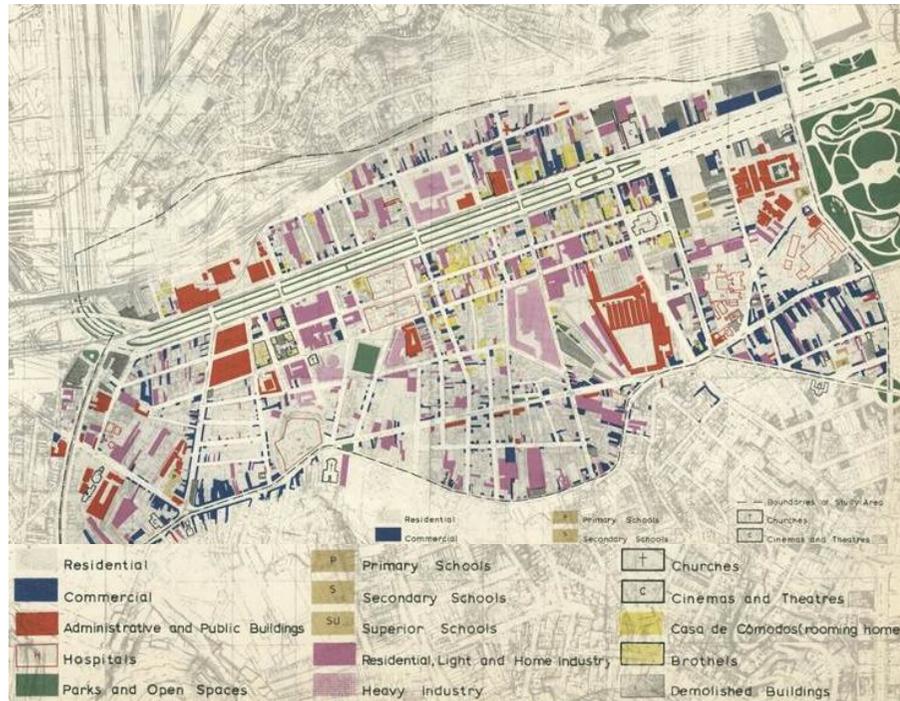


Fig. 24 – Planta de Uso do Solo – Mangue.  
Fonte: CEDUG & DOXIADIS ASSOCIATES (1965)

É oportuno notar que, a despeito do “dano considerável com a mutilação do belo trecho que lhe foi subtraído”<sup>43</sup>, aquela área

<sup>43</sup> Carta do diretor Geral do SPHAN, Rodrigo Mello Franco de Andrade, ao presidente da Câmara Municipal do Distrito Federal datada de 16 de setembro de 1948. Respondia sobre a construção de nova catedral dentro do parque. Arquivo Noronha Santos, IPHAN.

continuava a ser entendida como um patrimônio importante que merecia ser preservado. E apesar do cancelamento do tombamento o SPHAN ainda era ouvido como se ainda fosse o órgão responsável pela proteção daquele parque.

A solicitação em 1966 do Departamento de Trânsito da Guanabara, para a utilização dos seus caminhos asphaltados em 1957 para estacionamento de veículos, apressa o pedido de tombamento pelo órgão estadual de proteção ao patrimônio (fig. 25). Em 1968 acontece o tombamento definitivo, sendo o Campo de Santana declarado patrimônio do então Estado da Guanabara. No ano anterior o Campo de Santana voltava a ter um gradil no seu perímetro depois de trinta anos (fig. 26).



Fig. 25— alteração da pavimentação dos caminhos e colocação de tentos nos canteiros, 1957. Acervo: Arquivo FPJ. Fonte: TRINDADE, 2000



Fig. 26– O Ministério da Guerra. Foto Manzon, c. 1950. Fonte: Maurois, André & Manzon, Jean . **Rio de Janeiro**. Éditions Fernand Nathan, Levallois-Perret, Seine: 1951. Notar os portões sem as grades de fechamento, recolocadas em 1967.

A reflexão de Fernandes (2001) sobre o tombamento do Parque Nacional da Tijuca se aplica também à preservação do Campo de

Santana, lendo-se nesse caso como o registro histórico da ocupação da cidade e sua expansão sobre áreas aterradas em direção à zona norte:

*Sua transformação em patrimônio histórico indica uma perspectiva reflexiva de construção de um passado nacional, sobretudo como um registro significativo das realizações do Brasil imperial e como manifestação de uma dimensão civilizatória sobre a natureza, (...).*<sup>44</sup>



Fig. 27– Planta informativa do centro da cidade do Rio de Janeiro, 1932. Acervo Biblioteca Nacional. Fonte: [Http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital](http://objdigital.bn.br/acervo_digital)

<sup>44</sup> FERNANDES, Annelise Caetano Fraga. **Um Rio de florestas: uma reflexão sobre o sentido da criação dos parques na cidade do Rio de Janeiro**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 47, p. 141-161, janeiro-junho de 2011. CPDOC/FGV in <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/3271/2240>



Fig. 27– “Panteão de Caxias, recentemente inaugurado”. Foto Manzon, c. 1950.  
Fonte: Maurois, André & Manzon, Jean . **Rio de Janeiro**. Éditions Fernand Nathan,  
Levallois-Perret, Seine: 1951

Desde 1997 inicia-se um processo para que o parque seja tombado novamente como patrimônio nacional. Em 1º de agosto de 2012 é publicado no Diário Oficial da União a comunicação de seu tombamento, quando o IPHAN

*dirige-se a todos os interessados para lhes COMUNICAR que está promovendo por meio do Processo nº 1388 - T - 97 (Processo nº 01450.004811/2008-18) o tombamento de ofício do Campo de Santana, sito à Praça da República, s./n.º, no Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, em razão do seu elevado valor histórico, artístico e paisagístico, a ser inscrito no Livro do Tombo Histórico, no Livro do Tombo das Belas Artes, e no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, respectivamente.*

*Assim, o presente edital tem por objetivo dar ciência do tombamento do Campo de Santana, sito à Praça da República, s/n.º, no Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, bem como de sua área de entorno delimitada pela seguinte poligonal: (...)*

*O presente edital visa assegurar a publicidade do tombamento de ofício do bem acima descrito, efetuado com fundamento no art. 5º do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o qual passa gozar de proteção por meio do IPHAN, para os efeitos previstos notadamente nos artigos 17 e 18 do diploma legal citado.<sup>45</sup>*

Desta forma, o parque encontra-se tombado provisoriamente pelo IPHAN, que em termos legais equivale ao tombamento definitivo quanto à aplicação do Decreto-Lei 25/37 até a apreciação pelo Conselho Consultivo do órgão, que poderá ou não ratificar a decisão.

<sup>45</sup> Diário Oficial da União nº 148 de 01 de agosto de 2012.

Em caso de anuência pelo Conselho, o processo segue para homologação do Ministro da Cultura. Só depois volta ao IPHAN para inscrição definitiva nos livros de tomo, passando o tombamento a ser definitivo.



Fig. 28 – Vista aérea, novembro de 2011. Foto Roberto Okabayashi

No Anexo 3 apresentamos uma cronologia sintética dos projetos, executados ou não, bem como fatos históricos que nos pareceram imprescindíveis para a compreensão da trajetória do Campo de Santana, desde a implantação do projeto de Glaziou até os dias de hoje.



Fig. 29 – Ortofoto Cadastral de 2009. Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

### **CAPÍTULO 3: LEVANTAMENTOS E DIAGNÓSTICOS**

#### **PRELIMINARES**

Um dos grandes desafios que se colocam para a elaboração de um Plano de Gestão para o Campo de Santana diz respeito à ausência de levantamentos regulares e sistemáticos que pudessem ter documentado as alterações sofridas pelo parque ao longo de sua trajetória histórica. Faltam elementos necessários para a elaboração de diagnósticos consistentes nos arquivos técnicos da Fundação Parques e Jardins. Dados básicos, como uma planta arquitetônica confiável ou um levantamento florístico recente não foram encontrados. A planta-base utilizada pelos técnicos da FPJ é uma cópia em papel de um cadastro da arborização do parque realizado em 1988 pelo biólogo Luiz Roberto Zamith, na época pertencente aos quadros técnicos da FPJ, e que foi atualizada em 1991 (ANEXO 1.1). Apenas a partir de 2006 vêm sendo registrados sobre cópia desta planta em papel as alterações na vegetação do parque. Apesar dos esforços de técnicos da FPJ, os procedimentos não são regulamentados ou padronizados e muitas informações estão incompletas ou incorretas.

O Campo de Santana abriga a sede da Fundação Parques e Jardins, e a proximidade e convivência diária dos seus técnicos no parque talvez expliquem o pouco rigor em relação aos registros e a outros

aspectos da manutenção. Houve também pouco empenho do órgão de preservação que até agosto passado era o único a zelar pela conservação do bem – o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), que em nenhum momento solicitou à FPJ o cadastro da arborização.

A falta de informações sobre o estado atual da arborização impôs a necessidade de elaborar uma nova planta-baixa com o levantamento florístico do Campo de Santana. Tal tarefa foi assumida pela presente pesquisa que contou com o auxílio de dois técnicos da FPJ, os arquitetos Luciane Valente e Roberto Okabayashi. Dessa forma, no mês de julho de 2012, realizamos um novo cadastramento da arborização existente no Campo de Santana (ANEXO 1.2), incluindo ali os dados de plantio registrados a partir de 2006. O resultado desse trabalho foi a elaboração de planta cadastral sobre a base anterior, produzido um arquivo que pode ser comparado com o antigo levantamento realizado, e que proporcionou à pesquisa importantes elementos para análise. Embora aquém do rigor técnico e científico requerido para um levantamento deste tipo, o trabalho serviu como amostragem preliminar do que aconteceu com a arborização entre o levantamento de 1988-1991 e o período compreendido entre 2006 e 2012. Nesses 21 anos foram verificados além da alteração no número de indivíduos arbóreos no parque, a supressão e o acréscimo de novas espécies (Tabela 2, Capítulo 4)

O impacto das informações colhidas e agora desenhadas em planta gerou um aumento da preocupação em relação à arborização do parque. Pela primeira vez estavam expressos graficamente e em números os dados relativos à mortalidade das figueiras plantadas por Glaziou. O enorme número de indivíduos desaparecidos – a população de *Ficus microcarpa* decresceu em 88 unidades ou 32% a menos, apesar dos replantios executados – e a prevalência da família *Moraceae* foram surpresas até mesmo para os técnicos da FPJ.

O passo seguinte foi a elaboração de um diagnóstico com as informações colhidas através de levantamento de campo, reuniões com técnicos da FPJ e entrevistas com técnicos de órgãos municipais e estaduais. Foram elencados 10 itens principais: vegetação, monumentos, infraestrutura, edificações, segurança, fauna, pessoal, resíduos sólidos, usos e atividades, estrutura de gestão atual. A escolha desses itens se deu a partir da verificação ao longo dessa pesquisa dos pontos críticos que precisam ser abordados em caráter urgente. Representamos alguns dos problemas diagnosticados no Mapa J apresentado no Capítulo 4.

O aprofundamento desse diagnóstico é imprescindível para a análise mais acurada dos problemas do parque. E só será possível com a

elaboração de levantamentos, medições, inventários, análises realizados por técnicos de várias áreas de conhecimento e que não faz parte do escopo dessa pesquisa, mas que apontamos a seguir.

### 3.1 Vegetação

Problemas identificados:

Dois aspectos se destacam em relação à vegetação do Campo de Santana: a morte de vários indivíduos de *Ficus microcarpa* e a inexistência de uma planta com a especificação das diversas espécies usadas por Glaziou em seu projeto, e que sirva como referência para as ações de plantio.

A morte das figueiras teria começado timidamente na década de 1980, de acordo com relato de Flávio Telles<sup>46</sup> (fig. 30 e 31). Na época uma primeira avaliação determinou a causa como sendo “fungo de solo” e que o trato no substrato com a retirada da grama por um período seria suficiente. Não há registro que esse tratamento tenha sido executado.

À dificuldade de contratação de pesquisadores que pudessem investigar a causa somou-se ao próprio desinteresse de pesquisadores nas fitopatologias das árvores urbanas. Como o problema persistisse, outras hipóteses foram levantadas: fungos e

---

<sup>46</sup> Ver no anexo 2.2 a entrevista com o Flávio Telles, Diretor de Arborização da FPJ.

bactérias de solo e do próprio vegetal, além do solo pobre e “contaminado” desde seus tempos de vertedouro público. Outra tese, defendida por Roberto Okabayashi <sup>47</sup>, é de que as mudas plantadas por Glaziou teriam sido produzidas por alporque. Seriam portanto “clones” de vegetais idosos, o que explicaria sua degenerescência – para ele senilidade natural, visto que a carga genética daquele indivíduo seria a de um vegetal mais idoso do que os 130 anos estimados.

A prevalência de *Ficus microcarpa* entre as espécies plantadas no parque determina a necessidade de cuidados com a população dessas árvores para a manutenção da principal característica da paisagem do parque, que é a sua arborização. Em 1991 eram 278 indivíduos ou 38% do total de árvores, e em 2012 sua ocorrência diminuiu para 32% ou 190 indivíduos. Apesar da insuficiência de dados, pode-se mesurar a perda, pois sabemos que a partir de 2006 foram plantadas 49 mudas, mas mesmo assim o número de unidades decresceu em 88 indivíduos nos últimos 21 anos. O que leva ao cálculo de 138 figueiras desaparecidas desde 1991. A grande mortandade dessas árvores está em estudos por pesquisadores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Espera-se para breve o resultado de análises que pretendem identificar a causa, mas não se pode esperar sem que sejam

tomadas medidas para minimizar o impacto das perdas. Só agora começam a ser produzidas mudas a partir de sementes para o replantio em horto próprio da FPJ (fig.34). Deve-se pensar diversas maneiras de enfrentar esse problema, desde o incremento da produção de mudas até a mais drástica: a substituição dessa espécie por outra. As características da espécie *Ficus microcarpa* são bastante peculiares. A chamada “figueira que anda” tem uma arquitetura singular, com suas raízes adventícias que ao alcançarem o solo se engrossam como troncos auxiliares. Pode-se pensar em pesquisar uma espécie de figueira nativa com característica semelhante para a substituição (fig. 32 e 33).

Alteração do aspecto geral do parque com a morte de árvores frondosas e sua substituição por mudas de pequeno porte causa profunda comoção aos freqüentadores. O Ministério Público exigiu satisfações a respeito da retirada das árvores, motivado por denúncia em 2011.

Outro ponto relativo a arborização é a inexistência de um cadastro de plantio que oriente os trabalhos de reposição dessa vegetação. Diversos levantamentos florísticos foram feitos ao longo do tempo, sendo alguns contratados a firmas externas e outros efetuados por técnicos da FPJ. Os técnicos elegeram o levantamento de 1986

---

<sup>47</sup> Arquiteto, técnico da Fundação Parques e Jardins

produzido pelo biólogo Luiz Roberto Zamith como o “mais correto”<sup>48</sup>. E fazem, desde 2006, anotações sobre uma velha cópia heliográfica das reposições que vem sendo feitas. É comum ouvirmos técnicos da FPJ se referirem a essa planta como o “plantio do Glaziou”<sup>49</sup>. Afinal, é um dos registros mais antigos com a especificação do plantio. Outras plantas antigas existentes não nominam as espécies plantadas.<sup>50</sup> A inexistência de um registro oficial do projeto implantado (e tombado) torna mais difícil as ações de conservação e recuperação do lugar, e dá margem a que técnicos em épocas passadas decidissem individualmente plantar espécies diversas em locais escolhidos sem critérios claros. São vários os exemplos desse fato e de histórias de técnicos da FPJ que, em algum momento, divergiram a respeito de plantios, seja de espécies arbóreas como de ornamentais e de forrações. Como ilustração pode-se ver em fotos de 2007 o plantio de uma espécie diferente de grama e o plantio de abacaxi-roxo (*Tradescantia spathacea* Sw.) em volta de algumas árvores, além de outros plantios sem critério (fig. 35 a 37). Em 2009 um jequitibá (*Cariniana* sp) foi plantado por técnico da FPJ. Todos esses casos já foram revertidos na atual administração.

A Escola Municipal Campos Sales, apesar de se situar dentro da área protegida, é totalmente apartada do parque, com acesso

---

<sup>48</sup> No anexo 2.2 a entrevista com Luciane Valente, técnica da Diretoria de Arborização da FPJ.

<sup>49</sup> Ver no anexo 2.2 as entrevistas com Flavio Telles e David Lessa, da FPJ

<sup>50</sup> Ver figura 13.

independente. Foram plantadas árvores em comemoração ao Dia da Árvore sem a devida preocupação ou registro (fig. 40). Recentemente, com a morte de várias figueiras na área utilizada para a recreação dos alunos, há a necessidade de orientar os novos plantios e definir que espécies serão utilizadas (fig. 38 e 39).

O nascimento espontâneo de diversas espécies pelo parque precisaria ser melhor observado. A situação é grave junto ao sanitário público norte, com muitos exemplares de *Hura creptans* que deveriam ter sido removidos, e eventualmente replantados em outra área do parque. São árvores de grande porte e que estão competindo entre si. Nas ilhas a situação é ainda pior, pela dificuldade de acesso. Numa delas existem mais de 26 unidades de *Sizigium jambolanum* numa área exígua, demonstrando a falta de uma rotina de manutenção da arborização (fig. 42). Nota-se pelo parque diversos indivíduos com protetores metálicos utilizados na época do plantio das mudas que foram esquecidos e agora ferem as árvores (fig. 41).

Ações Propostas:

Levantadas as principais deficiências nas questões relativas ao paisagismo, deve-se pensar nas seguintes ações necessárias para aprofundamento do diagnóstico:

a. Levantamento topográfico: Necessidade de uma planta rigorosa do estado atual do Campo de Santana, não só com as árvores, mas também os monumentos, edificações e demais elementos como *rocailles*, caixas de bombas, postes e mobiliário perfeitamente locados, para servir de base para implementação das ações de gestão. A cobertura do dossel e o DAP (diâmetro na altura do peito) deverão ser registrados. Este documento deve ser mantido atualizado com os novos plantios que porventura sejam feitos ou quaisquer modificações efetuadas.

b. Inventário do acervo florístico do Campo de Santana: Levantamento dos componentes vegetais existentes, tanto do estrato arbóreo, quanto do ornamental e herbáceo.

c. Inventário Fitossanitário: Levantamento das condições da vegetação e do seu estado fitossanitário.

d. Análise da qualidade do solo para propor trato como adubação e calagem.

e. Inventário de pragas e vetores: levantamento das condições atuais. Estudo dos sistemas de controle de pragas.

f. Avaliar a rotina diária, semanal, mensal e anual no trato do jardim, levantando dados para a melhoria da conservação da vegetação.

g. Escolha de espécies arbóreas para serem reproduzidas em horto da FPJ para o replantio necessário.



Fig. 30 – Figueira morta. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 31 - Figueira morta. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 32 – “árvore-que-anda” já doente.  
Foto C.Brack, 29set2011



Fig. 33 – Mesma figueira cortada com  
seus 3 tocos. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 39 – Área de Escola M.Campos  
Sales. Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 38 – Área de Escola M. Campos  
Sales. Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 34 – Mudas de pequeno porte.  
Foto C. Brack, 01dez2011



Fig. 35 – Plantio de forração diferente.  
Foto C.Brack, nov2007



Fig. 41 – Protetor esquecido.  
Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 40 – Plantio na de Escola M.  
Campos Sales. Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 36 – Plantios diversos sem controle.  
Foto C.Brack, nov2007



Fig. 37 – Plantios diversos sem controle.  
Foto C.Brack, 11jul2012



Fig. 42 – Ilha com superpopulação de  
jamelão. Foto C.Brack, 28mar2012

### 3.2 Monumentos

Problemas identificados:

A criação da Secretaria Municipal de Conservação (Seconserva) em 2009 fez com que a Divisão de Monumentos e Chafarizes da FPJ passasse para o novo órgão, diminuindo sua atuação nos monumentos do Campo de Santana. Agora é preciso oficializar a requisição dos serviços e esperar pela disponibilidade de atendimento. Não é mais um serviço interno para o órgão e sim uma demanda como tantas outras pela cidade.

Em entrevista concedida, o presidente da FPJ confirmou a sondagem realizada pela Georio<sup>51</sup> que constatou não haver risco de desabamento da gruta, como chegou-se a cogitar. A gruta continua fechada para visitação, sua cascata não está funcionando e o lago ao redor continua seco (fig. 43 e 44). Foi colocado um “portão” sobre a ponte de acesso à gruta, que se encontra sem um dos apoios, em risco iminente (fig. 45). Todos os monumentos estão sujos, uma pichação foi mal limpa no Monumento a Benjamim Constant, onde faltam letras de bronze, portões precisam reparos, etc (fig. 46 e 47). Apesar de algum esforço da Seconserva e da FPJ, o número de monumentos e a necessidade constante de manutenção, fazem com que sempre tenhamos a impressão de descaso com os monumentos (fig. 48 a 50).

<sup>51</sup> Fundação Instituto de Geotécnica, órgão da Secretaria Municipal de Obras responsável pelos levantamentos e cadastramentos das características geológico-geotécnicas dos solos.

Ações Propostas:

As ações descritas abaixo são necessárias para uma melhor avaliação dos danos das estruturas e ajudariam a pensar ações de planejamento:

- a. Levantamento rigoroso do estado dos diversos monumentos existentes: pontes, *rocailles*, lagos, fontes, monumentos, bustos, portões, fontes.
- b. Avaliação da situação da gruta e da galeria de águas pluviais subterrânea, com laudos complementares que atestem a situação atual.
- c. Elaboração de projeto de recuperação da cascata e do lago para colocação em funcionamento.
- d. Estudos para a abertura da gruta à visitação: horários de funcionamento, vigilância, etc.



Falsas estalagmites e estalactites no interior da gruta. Foto Marc Ferrez, 1880. Acervo Biblioteca Nacional. Fonte: [http://www.casaruibarbosa.gov.br /glaziou/projetos3.htm](http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/projetos3.htm)



Fig. 43 – Gruta sem a cascata funcionando. Foto C.Brack, 01dez2011



Fig. 44 – Lago da cascata seco. Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 47 – Monumento com vestígio de pixação. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 48 – Monumento sujo, refletor e casa de gato. Foto C.Brack, 01dez2011



Fig. 45 – “Portão” preso à rocalha, sem apoio. Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 46 – Monumento com letras faltantes. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 49 – Fonte Stela danificada. Foto C.Brack, 28set2011



Fig. 50 – Portão com parte faltante. Foto C.Brack, 28set2012

### 3.3 Infraestrutura

Problemas identificados:

O projeto de sinalização implantado no ano 2000 está em péssimo estado (fig. 51). As placas estão sujas e desbotadas e não cumprem seu papel de informar à população as regras de utilização do parque, dados de sua história e da sua vegetação. Não há sinalização dos espécimes notáveis do Campo de Santana, nem informações sobre sua fauna.

Um projeto equivocado de iluminação realizado em 2010 espalhou caixas elétricas pelo parque e refletores próximos aos monumentos que precisam ser revistos (fig. 52). O asfalto ganhou vários remendos com a instalação elétrica, e agrava o aspecto de má conservação (fig. 53). Existem inúmeras casas de bombas e outras estruturas espalhadas pelo parque, como antenas, drenos, caixas, etc. (fig. 54, 64 a 68).

A modelagem do terreno projetada por Glaziou criou bacias de acumulação de águas pluviais, que colaboram com a drenagem da área central da cidade através do controle do escoamento da água da chuva. É preciso, no entanto, fazer um levantamento detalhado para verificar possíveis problemas. Uma grande galeria de águas pluviais que vem da Praça da Cruz Vermelha seria a causadora de problemas estruturais na gruta, como dito acima.

Essa pesquisa encontrou um projeto de irrigação para o Campo de Santana feito em 1956 (fig. 56). Encontramos bicos aspersores em alguns canteiros (fig 55), que parecem ser a prova da implantação deste projeto existente no arquivo da FPJ. A rega das mudas recém plantadas é feita com o bombeamento de água dos lagos com um pequeno equipamento, contratado à empresa terceirizada que faz a manutenção.

Problemas na rede de saneamento provocam entupimentos recorrentes do sanitário da ala norte e extravasamento de esgoto no passeio do parque. Há necessidade de obras para resolver o problema definitivamente.

Introduzido na década de 1950 em substituição ao saibro original, o asfalto facilitou na manutenção dos caminhos. O aumento do número de pedestres que usavam o parque como travessia e o mau estado do saibro, com buracos e poça d'água, geravam muitas reclamações. Mas diminuiu a área permeável do parque e aumentou a retenção do calor nos dias de sol. Com a diminuição da área de sombra pela queda das árvores, o problema aumentou. Em depoimento dado aos técnicos da FPJ na década de 1990, o Prof. Luiz Emygdio de Mello Filho, diretor do então Departamento de Parques e Jardins na época do asfaltamento, explicou a escolha do asfalto para a pavimentação

dos caminhos. Disse-nos ele que a escolha se deu por um piso sem juntas, assim como o saibro original, e que se conformava bem às curvas dos caminhos projetados.<sup>52</sup>

Dos quatro portões do parque, somente três estão abertos nos horários de visitação. Principalmente problemático é o acesso pela Av. Pres. Vargas já que o desnível é grande entre a calçada e o parque, impedindo o acesso franco (fig. 57). O fechamento do portão em frente ao Quartel Central dos Bombeiros gera um grave problema de segurança. Com a inexistência da vigilância exercida pelos usuários e passantes, a área é ocupada por delinqüentes. E impede que a Escola Campos Sales possa utilizar o portão interno para acesso de alunos, que são obrigados a usar exclusivamente o portão principal da escola. A utilização desse acesso, localizado na Rua Visconde de Rio Branco, expõe os alunos a riscos desnecessários devido à dimensão exígua da calçada e à violência do trânsito (fig. 58).

Fator observado por vários entrevistados foi o tamanho da área de estacionamento no Campo de Santana. Criado para atender aos funcionários e visitantes, foi se ampliando ao longo do tempo e se espalhando pelos caminhos asfaltados. Atualmente com a contratação de serviço terceirizado para controle, o número de carros

---

<sup>52</sup> Depoimento colhido quando o Prof. Luiz Emygdio foi consultor da FPJ no período entre 1996 e 2000 e a autora era técnica no órgão.

diminuiu, mas ainda causa espanto em visitantes e turistas o grande número de carros no Campo de Santana, área tão bem servido de transporte público (fig. 59). Em eventos realizados pelo Corpo de Bombeiros, o parque se transforma em imenso estacionamento para a corporação, conforme atestam as fotos realizadas em agosto de 2012 (fig. 60).

O mobiliário urbano demanda manutenção mais frequente. Bancos sujos e com “separador” ou “dificultador” para evitar que pessoas se deitem neles, não resolveu o problema e ainda criou outro: agora deitam na grama (fig. 61 a 63). Alguns transeuntes usam as lixeiras, mas um grande volume de lixo é deixado pelos vendedores de balas, que compram em quantidade na Saara e dividem em lotes no interior do parque.

Foram levantados antigos projetos existentes no arquivo técnico da FPJ. Dentre eles o chamado “Café Glaziou”. Trata-se de café a ser implantado onde hoje está o sanitário público (ala norte). A área edificada não seria ampliada e passaria a abrigar além do café, banheiros menores para uso público, e um banheiro acessível à cadeirantes. O segundo sanitário público (ao sul) também passaria por uma reforma com a utilização de parte da área edificada para a instalação de Centro de Visitantes. Da mesma forma que no café, os banheiros seriam reduzidos e construído banheiro para portadores

de necessidades especiais. Outros projetos existentes são relativos à restauração dos portões (projeto de junho de 2011), recuperação da gruta (abril de 2007), sinalização (projeto de janeiro de 2000), em graus diferentes de detalhamento.

#### Ações Propostas:

Levantadas essas questões relativas à infraestrutura, deve-se pensar nas seguintes ações necessárias para aprofundamento do diagnóstico:

- a. Locação em planta através de levantamento topográfico da infraestrutura existente: edificações, posteamento, casas de bombas, sinalização, monumentos, etc.
- b. Levantamento das redes de infraestruturas existentes, com a listagem de serviços prioritários que deverão ser efetuados e seus respectivos orçamentos.
- c. Sinalização: revisão do projeto existente, com inclusão de sinalização dos espécimes vegetais notáveis e sinalização em braile. Verificar a necessidade de rever as “regras de uso do parque” e de ampliar sua divulgação.
- d. Avaliação da iluminação: postes antigos, iluminação de monumentos e árvores. Se há necessidade de ampliação ou redução do número de postes e da iluminância da área.

- e. Drenagem: avaliação da rede de drenagem e de possível obra. Revisão do projeto se houver retirada do asfalto.
- f. Irrigação: o projeto de irrigação para o Campo de Santana encontra-se inoperante. Cabe uma avaliação se há necessidade e possibilidade de recuperá-lo ou se a rega com bombeamento de água dos lagos é suficiente.
- g. Esgoto: avaliação da rede atual. Levantamento da obra necessária para sanar problema junto ao sanitário público.
- h. Pisos: avaliação de projeto existente para retirada de parte do asfalto, com retorno do saibro nas áreas de pouco trânsito e pavimentação drenante nas áreas de maior fluxo de pedestres.
- i. Estacionamento: redução drástica da área de estacionamento dentro do parque.
- j. Mobiliário urbano: bancos, lixeiras, avaliar a implantação de bicicletários.
- k. Levantamento de antigos projetos existentes no arquivo técnico da FPJ e avaliação de possível utilização e/ou atualização.



Fig. 51 – Totem sujo e desbotado.  
Foto C.Brack, 01dez2011



Fig. 52 – Caixa e fiação do novo projeto de iluminação. Foto C.Brack, 28set2012



Fig. 56 – Bico aspersor.  
Foto C.Brack, 03out2012

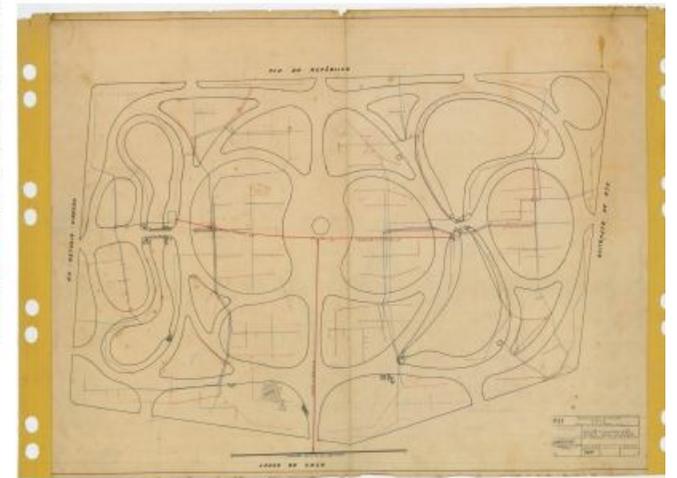


Fig. 55 – Projeto s/data para irrigação.  
Acervo Arquivo Técnico FPJ

Fig. 53 – Asfalto remendado.  
Foto C.Brack, 19mai2012



Fig. 54 – Caixa de bomba. Foto C.Brack, 11jul2012



Fig. 57 – Degrau no acesso da Av. Pres. Vargas. Foto C.Brack, 19mai2012



Fig. 58 – Portão fechado e área deserta. Foto C.Brack, 11jul2012





Fig. 59 – Estacionamento FPJ e guarda terceirizada. Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 60 – Estacionamento de carros dos Bombeiros. Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 65 – Caixa de drenagem?.  
Foto C.Brack, 11jul2012

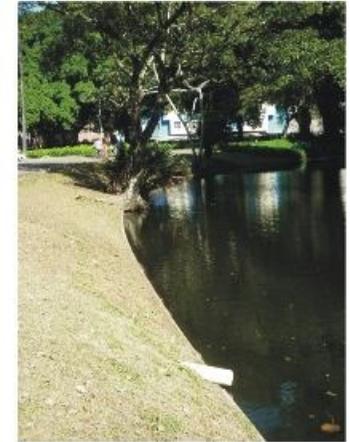


Fig. 66 – Tubulação de PVC.  
Foto C.Brack, 11jul2012



Fig. 61 – Banco com “separador”.  
Foto C.Brack, 01dez2012



Fig. 62 – Banco com “separador”.  
Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 63 – Casal “albergado” dormindo na grama. Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 64 – Caixa de passagem com fiação exposta. Foto C.Brack, 11jul2012



Fig. 67 – Antena em canteiro.  
Foto C.Brack, nov2007

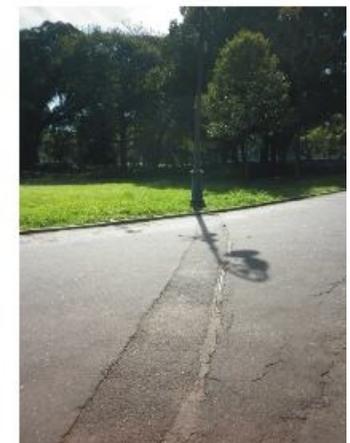


Fig. 68 – Remendo no asfalto, fiação exposta. Foto C.Brack, nov2007

### 3.4 Edificações

O projeto mais antigo conhecido do Campo de Santana destinava áreas nas quatro esquinas à construções diversas, além de duas outras edificações - onde hoje está a sede da FPJ e outra próximo à gruta (fig 14). São conhecidos também projetos do início do século passado para a construção de restaurante, não executado (fig 17). Ao longo do tempo foram sendo introduzidas diversas edificações no Campo de Santana. Desde a sede da então *Inspectoria de Mattas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca* (hoje FPJ) e a Escola Campos Sales construídas em 1909, como os dois sanitários públicos construídos em 1949 e mais recentemente a edificação de serviço conhecida como “Vila Miséria” situada atrás da gruta (fig 69 a 73).

O Prof. Luiz Emygdio de Mello Filho identificou no final da década de 1990 a necessidade de uma área para a guarda do acervo técnico da FPJ além de área para exposições e apoio à pesquisa. Chegou a propor a remoção de setores administrativos do órgão para outros locais para que o primeiro pavimento da sede da FPJ fosse ocupado integralmente com o que chamou de Centro de Memória do Paisagismo Carioca. Ali estaria o acervo de plantas da instituição à disposição de visitantes e pesquisadores, além de área de exposição, biblioteca, etc, voltados às questões do paisagismo. Infelizmente essa idéia não vingou e o acervo de plantas encontra-se depositado no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro depois que

as chuvas de abril de 2010 atingiram esses importantes documentos históricos.

Problemas identificados:

Não há local para recebimento de visitantes, nem para informações sobre o parque. Os turistas e visitantes não tem uma área para exposições permanentes ou temporárias. Pesquisadores não dispõem de sala, bibliotecas para consulta de material.

Banheiros de uso público em precárias condições, necessitando reforma, inclusive com entupimento da rede de esgoto que extravasa com frequência. É frequente a visão de homens urinando junto às árvores, sendo raramente reprimidos. A antiga cobrança pela utilização dos banheiros acarretava esse problema, o que não mais se justifica já que o uso é franco. Outra proposta existente e não implantada é a construção de mictórios masculinos na área externa ao parque na Av. Presidente Vargas. O grande volume de urina no gradeamento do Campo de Santana, principalmente próximo ao acesso ao Metrô, provoca a sua erosão (fig. 75).

A chamada “Vila Miséria” precisa de reforma e definição de usos, com maior controle. Edificação que funciona como depósito e vestiário de empregados terceirizados fica situada em área escondida, atrás da gruta. Por isso mesmo é “esquecida” e destinada

usos pouco nobres. O seu entorno é utilizado como depósito de areia utilizada no presépio e terra, além de servir para a guarda de lixo e dos equipamentos utilizados na manutenção (fig 77). Colado à gruta existe outra edificação que atualmente é utilizada pela Diretoria de Arborização.

A função das guaritas existentes precisa ser reavaliada (fig 76). Os vigilantes poderiam ser instruídos para darem informações turísticas, deixando a segurança para os agentes de vigilância (GM e PM).

No entorno do parque não há restrição pela municipalidade à construção de edificações que impactam o jardim histórico protegido. Recentemente a construção de duas torres com 6 pavimentos de garagem no subsolo deve ter alterado significativamente o lençol freático da região. Esse impacto precisa ser avaliado nos próximos anos. O impacto visual desse empreendimento no parque também é flagrante (fig. 78). O tombamento pelo IPHAN em agosto último delimitou área de entorno e, espera-se, vá restringir construções de grande porte que ponham em risco o bem a preservar.

As edificações existentes no parque (a sede da FPJ e sanitários públicos principalmente) necessitam de rampas para assegurar a acessibilidade e sanitários de uso universal.

#### Ações Propostas:

A FPJ possui em seus arquivos técnicos vários projetos para essas edificações não executados, e que poderiam ser reavaliados para sua implantação. A organização desses projetos e o levantamento mais acurado desses problemas diagnosticados poderiam ser subsídios para as seguintes questões:

- a. Sede da FPJ e sanitários públicos: rampas e/ou elevadores para plena acessibilidade.
- b. Avaliar a implantação de área de exposição e Centro de Visitantes, seja na própria sede da FPJ, seja em uma das edificações destinadas à sanitário.
- c. Banheiros: reavaliar a implantação do Café Glaziou e Loja/Centro de Visitantes (fig.74). Reforma de forma a permitir a ampliação do uso público, evitando que homens utilizem as árvores como “mictórios”.
- d. “Vila Miséria”: avaliar a necessidade de guarda de materiais que poderiam ser armazenadas em outro local. Reforma para dar melhores condições aos funcionários. Estudar a possibilidade de redução da área construída, com remanejamento de funções e demolição da edificação colada à gruta.
- f. Avaliação da necessidade das guaritas ou alteração da sua função.



Fig. 69 – Sede FPJ.  
Foto C.Brack, 19mai2012



Fig. 70 – Sanitário público norte.  
Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 75 Gradil corroído.  
Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 76 – Guarita portão SAARA.  
Foto C.Brack, 16out2012



Fig. 71 – “Vila Miséria”.  
Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 74 – Projeto “Café Glaziou”.  
Acervo Arquivo FPJ



Fig. 72 – Depósito junto à gruta.  
Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 73 – Interior sanitário público norte.  
Foto C.Brack, 05jul2012



Fig. 77 – Depósito matérias e terra.  
Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 78 – Torre recém  
construída. Foto C.Brack, 03out2012

### 3.5 Segurança

Problemas identificados:

Verificam-se problemas graves de segurança em todo o parque, mas principalmente na parte ao sul, junto ao “portão dos Bombeiros”. O fechamento deste portão, como já foi referido no item 3 (infraestrutura), gera uma área de pouca vigilância utilizada por delinqüentes e para a prostituição masculina. A chegada do crack à área central da cidade foi fator agravante, e muitos viciados se reúnem no Campo de Santana (fig. 81 e 83). A Secretaria de Assistência Social visita o parque todos os dias, mas o número de usuários não para de crescer. Câmeras de segurança foram instaladas, mas sempre tiveram um funcionamento precário. Faltou um projeto mais amplo, com integração de forças de segurança municipais e estaduais. A fiação foi roubada e os postes foram instalados sem os cuidados necessários a um parque histórico tombado.

A ronda pelo parque feita pela Guarda Montada da Polícia Militar é, na avaliação de muitos, mais danosa ao parque que benéfica aos usuários. Deixam enorme sujeira pelo parque, com os excrementos dos cavalos espalhados pelos caminhos. Não são eficientes na redução dos crimes já que os cavalos têm dificuldade na locomoção sobre o asfalto (fig. 82).

A utilização do parque pela população aumenta a sensação de segurança. Existem áreas no Campo de Santana onde a população não circula e que por isso mesmo são menos vigiadas pelos olhos de todos. Configuram-se inseguras e sujeitas a serem utilizadas por delinqüentes ou para atividades ilícitas. É comum vermos pessoas se banhando ou lavando roupa nos lagos (fig. 80). Roubos, pichações aos monumentos acontecem com freqüência (fig. 84)

Entre 1938 e 1967 não havia gradeamento cercando o parque. Quando recolocaram as grades, os portões eram mantidos abertos das 8 às 20 horas durante a semana e aos sábados até às 22 horas.

Ações Propostas:

Poucas, mas eficientes ações seriam necessárias para a melhoria das condições gerais de segurança:

- a. Integração dos órgãos de segurança pública das esferas municipal e estadual.
- b. Aumento do número de Guardas Municipais, com as atribuições revistas e ampliadas.
- c. Levantamento do estado das câmeras de segurança instaladas e avaliação das ações de monitoramento.
- d. Pensar possibilidades de assistência social à população que se alberga no parque diariamente.

### 3.6 Fauna

Problemas identificados:

Grande população de animais domésticos, gatos principalmente, que são abandonados no parque. A população já chegou a mais de 400 gatos em 2011 (fig. 84). As voluntárias conhecidas como “gateiras” constituem o único grupo da sociedade civil a participar da gestão do parque, pressionando os administradores a tomar decisões sempre em favor dos gatos. A pressão das “gateiras” fez com que fossem instaladas no parque desde casinhas, comedores e até clínicas veterinárias para castração. É grande o número de páginas na internet, blogs, sobre os gatos do Campo de Santana<sup>53</sup>. Algumas voluntárias se queixam da inexistência de uma política mais eficiente para diminuir o abandono de animais no parque. Pessoas deixam restos de comida pelos passeios e nas muretas para alimentar os gatos, o que acaba atraindo ratos além de deixar o parque sujo.

O convívio com os animais silvestres não é saudável para os tradicionais habitantes do parque (fig. 87). As cutias (*Dasyprocta aguti*) são as que mais sofrem, tendo seus filhotes ameaçados e sujeitos às pragas comuns aos gatos como a sarna. A construção de um gatil no Parque Noronha Santos e a transferência dos gatos que vêm ocorrendo tende a diminuir esse problema.

---

<sup>53</sup> Só para citar alguns: [www.gatinhosdocampo.blogspot.com](http://www.gatinhosdocampo.blogspot.com), [www.gatosabandonadosdocampodesantana.blogspot.com](http://www.gatosabandonadosdocampodesantana.blogspot.com), [www.gatosdocampodesantana.kit.net](http://www.gatosdocampodesantana.kit.net), [www.gatosdocampodesantana.blogspot.com](http://www.gatosdocampodesantana.blogspot.com).

É grande o número de micos-estrela (*Callithrix jacchus*) no parque, animal invasor cuja população também precisa ser monitorada e controlada.

A população dos animais do parque não é conhecida, apenas estimada. Levantamento das espécies encontradas, sua origem e seus ciclos migratórios, por exemplo, poderiam ser estudados, inclusive com a utilização de estudantes de diversos níveis (fig. 85 e 86).

Ações Propostas:

- a. Censo da população de gatos existentes no Campo de Santana.
- b. Levantamento das espécies da fauna exóticas e nativas, e das invasoras existentes.
- c. Levantamento da quantidade de comida para os animais que deverão chegar diariamente ao Campo de Santana.
- d. Estímulo à pesquisa a respeito da fauna que habita o parque.
- e. Projetos de educação ambiental.



Fig. 80 – Lavando roupa no lago.  
Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 81 - Reportagem jornal O Globo,  
em 12 de abril de 2012



Fig. 85 – Grande número de gatos Foto  
Hudson Pontes. O Globo, 08set2011.



Fig. 82 – Polícia Montada.  
Foto C.Brack, 19mai2012



Fig. 83 - Reportagem jornal O Globo,  
em 23 de junho de 2012



Fig. 85 – Uma das espécies de aves.  
Foto C.Brack, 19mai2012



Fig. 86 e 87 (à dir.) – As tradicionais  
cutias e sua convivência com gatos.  
Foto C.Brack, 19mai2012

Fig. 84 (à esq.) – Pichações no sanitário  
público norte. Foto C.Brack, 28mar2012



### 3.7 Pessoal

Problemas identificados:

O número de funcionários de carreira da FPJ vem caindo e não há previsão de novo concurso público. Existe uma quantidade de cargos que são ocupados por pessoal “extra-quadro”. Esses funcionários não concursados ocupam cargos de confiança dos gestores e são nomeados a cada administração. Muitas vezes assumem cargos de chefia sem o conhecimento necessário à função.

Em 2007 foi concebida uma nova estruturação da FPJ, mas a atual administração municipal extinguiu cargos e alterou o organograma da instituição.

Entre os mais antigos funcionários estão os chamados “trabalhadores” (servidores de nível médio e fundamental). Vigilantes idosos e desarmados, funcionando como “porteiros”, não conseguem coibir maus usos. O número reduzido de vigilantes acabou por ser fator decisivo para o fechamento do portão sul. Como são só dois os trabalhadores encarregados de ficar nas guaritas dos acessos, decidiu-se fechar o portão em frente ao Quartel dos Bombeiros, assim os dois vigilantes se alternam em três guaritas.

Os serviços de conservação do parque a cargo da FPJ são terceirizados, e esses contratos muitas vezes demoram a ser

renovados, gerando problemas. A perda de atribuições da FPJ e o prestígio decrescente da instituição levaram à diminuição de funcionários, sejam trabalhadores, técnicos, arquitetos ou engenheiros florestais.

A partir de 2009 com a criação da Secretaria Municipal de Conservação (Seconserva) estabeleceu-se uma pulverização dos serviços de manutenção do parque. Esta Secretaria é desde então responsável pela limpeza dos lagos e manutenção dos monumentos do Campo de Santana. A Comlurb é responsável pela varrição dos caminhos. A vigilância, fator que também influi na conservação do parque, fica a cargo da GM. A rotina de todos esses órgãos tem que estar afinadas, o que não acontece. Existe ainda a Secretaria de Defesa dos Animais que deveria estar cuidando dos animais abandonados no Campo de Santana. A tutela do parque é da FPJ, mas a instituição aparece como pedinte de favores para outros órgãos para a manutenção do Campo de Santana.

A sociedade civil organizada só aparece na figura das “gateiras”, que fazem pressão em favor dos gatos, como já dito anteriormente. Os moradores do entorno, a clientela da escola, os atletas usuários do parque e as pessoas que transitam por ali diariamente não se manifestam e não são estimulados a participarem mais ativamente.

### Ações Propostas:

As deficiências nas questões relativas ao pessoal ultrapassam em muito o escopo da presente pesquisa e necessitam um estudo mais aprofundado. A ser implantado novo plano para gestão do parque, o número de funcionários, bem como sua capacitação deve ser reavaliado. Abaixo as ações necessárias para aprofundamento do diagnóstico:

- a. Pessoal da FPJ: Levantamento do número de funcionários para manutenção diária do parque e dos técnicos responsáveis.
- b. Equipes de outras secretarias municipais - Seconserva (monumentos e chafarizes), Comlurb (lixo), GM (vigilância): verificar as condições atuais de ação.
- c. Conselho Gestor: analisar a legislação municipal e avaliar a possibilidade de implantação de Conselho Gestor com presidência da FPJ e assento dos demais órgãos envolvidos na manutenção do parque, além da população usuária.



Fig. 88 – Funcionários da FPJ.  
Foto C. Brack, 03out2012

### 3.8 Resíduos sólidos

#### Problemas identificados:

Todo o lixo recolhido, seja ele orgânico ou não, é acondicionado e retirado diariamente pela Comlurb, sem separação e impossibilitando a compostagem.

O trânsito de caminhões da Comlurb precisa ser disciplinado, pois trafega por todos os caminhos juntamente com os pedestres (fig.89). Nesse trânsito interno ao parque estão incluídos as caminhões caminhonetes da Comlurb que servem à escola (fig.90).

Área atrás da gruta usada para depósito de lixo (fig. 91 a 94). Muito lixo é deixado diariamente pelos vendedores de bala (fig. 95 a 97)

#### Ações Propostas:

- a. Avaliar a rotina diária, semanal, mensal e anual das ações de limpeza dos jardins, dos caminhos, lagos, gruta, etc.
- b. Quantificar o volume de lixo humano e lixo verde recolhidos diariamente e analisar a possibilidade de fazer a compostagem do lixo verde (fig.98 e 99).
- c. Estudar projeto para a área lateral da gruta para atendimento das necessidades relativas aos resíduos.
- d. Dimensionar o veículo e disciplinar o trânsito dentro do parque.



Fig. 89 – Caminhões transitando às 10h da manhã. Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 90 – Trânsito de caminhonetes da Comlurb. Foto C.Brack, 28mar2012



Fig. 94 – Estacionamento FPJ e guarda terceirizada. Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 96 – Lixo deixado diariamente no parque. Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 91 – Área da “Vila Miséria”. Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 92 – Área “Vila Miséria”: barro e peças do presépio. C.Brack, 03out2012



Fig. 97 – Lixo dos vendedores de balas. Foto C.Brack, 11jul2012



Fig. 93 – Área “Vila Miséria”: antiga baía com lixo. Foto C.Brack, 03out2012



Fig. 95 – Lixo população albergada. Foto C.Brack, 24ago2012



Fig. 98 – Resíduo verde. Foto C.Brack, 24mar2012



Fig. 99 – Resíduo verde. Foto C.Brack, 13nov2007

### 3.9 Usos e atividades

Problemas identificados:

O parque é usado cotidianamente por centenas de pessoas que o cruzam para atingirem a área comercial e as conexões de transporte - que incluem a Estrada de Ferro Central do Brasil, o terminal rodoviário Américo Fontenelli, a estação Central do metrô e a Avenida Presidente Vargas. Esse uso cada vez mais intenso a partir da década de 1950 levou ao asfaltamento dos caminhos internos do Campo de Santana. O “atalho” favorece aos passantes que transitam pela área arborizada e dá vida ao parque.

O uso para outras atividades eventuais é uma questão que demanda mais cuidados. É cada vez maior a utilização de áreas públicas para a realização de eventos no Rio de Janeiro. Na maioria das vezes o caráter do evento é revestido da intenção de ser um evento público, mas esconde mecanismos de publicidade e propaganda. A impossibilidade de cobrança pela utilização da área pública leva à municipalidade a exigir algumas contrapartidas não são reguladas nem obedecem a critérios claros.

Apesar da existência da Divisão de Eventos na FPJ, o chefe do Executivo tem reservado para si a última palavra com relação aos eventos no Campo de Santana e nos mais importantes jardins históricos da cidade, como a Quinta da Boa Vista e o Parque do

Flamengo. A realização do evento é uma questão política, e a presidência da FPJ não tem podido avaliar a adequação ou pertinência dos eventos a partir de critérios técnicos. As normas existentes muitas vezes não são cumpridas, principalmente quanto à devolução em perfeito estado do espaço público utilizado. Só com pressão da sociedade civil poderá ser alterada a questão da utilização dos jardins históricos para fins diversos da sua vocação. O recente tombamento pelo IPHAN deverá se constituir um novo fator importante para o impedimento aos usos inapropriados.

A montagem de hospital de campanha em epidemia de dengue em 2005 e outros eventos como o 2º Mega Feirão do Emprego da Construção Civil (maio de 2012) quando mais de 15 mil pessoas foram ao Campo de Santana se deram com montagem de tendas nos caminhos asfaltados (fig. 102 a 106). Igualmente preocupante são as homenagens à São Jorge. Sua igreja nas proximidades atrai grande número de fiéis no dia 23 de abril<sup>54</sup> (fig. 107 e 108). Neste ano o prefeito autorizou a realização da “4ª Procissão de Ogum” no Campo de Santana.<sup>55</sup> Não foram avaliados os impactos desses eventos nas áreas ajardinadas do parque.

---

<sup>54</sup> Neste ano a avaliação da PM é de que 100 mil fiéis foram à igreja de São Jorge.  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1080337-feriado-de-sao-jorge-leva-100-mil-fieis-as-ruas-do-centro-do-rio.shtml>.

<sup>55</sup> [http://www.flickr.com/photos/af\\_rodrigues/7116398001/sizes/z/in/photostream/](http://www.flickr.com/photos/af_rodrigues/7116398001/sizes/z/in/photostream/)

A recente utilização do gramado central para oficinas e espetáculos da Intrépida Trupe teve um aspecto inovador pelo modelo proposto: além do espetáculo propriamente dito nos finais de semana, as estruturas/esculturas colocadas no parque eram utilizadas durante a semana para oficinas com crianças e adolescentes. Apesar de amplamente divulgada, teve um público menor, dentro da estimada capacidade de carga do jardim. E a utilização do gramado para o espetáculo foi uma novidade, levando o público a vivenciar aquela paisagem por uma nova perspectiva (fig. 100, 101, 109 e 110).

Naquela ocasião ficou flagrante o descompasso entre as necessidades do público (banheiros em boas condições, portões abertos, segurança, estação do metrô aberta junto ao parque, etc.) e a organização, que precisa pensar além do evento propriamente dito. No final do espetáculo do grupo realizado no dia 19 de maio, sábado, às 15h, o portão do parque para a Avenida Presidente Vargas estava fechado, assim como a estação do metrô próxima ao Campo de Santana, obrigando os espectadores a grande deslocamento.

#### Ações Propostas:

Algumas ações seriam necessárias para a melhor avaliação das questões relativas à realização de eventos e a capacidade de carga daquele jardim histórico:

- Análise das normas existentes para a utilização do Campo de Santana para atividades diversas.
- Estímulo à utilização do parque para eventos que promovam um impacto reduzido no jardim histórico.
- Estudar regras e regulamentos para a realização de eventos e que sejam divulgados de maneira clara.
- Reunir informações a respeito dos eventos já ocorridos para avaliação dos impactos no parque após cada um deles.



Fig. 100 e 101 -Utilização do gramado para descanso e espetáculos.  
Fotos C. Brack, 19mai2012



Fig. 102 – Espera pelo atendimento no Hospital de Campanha em 2005. Fonte: terra



Fig. 103 – Atendimento no Hospital de Campanha em 2005. Fonte: terra



Fig. 107 e 108 – 4ª Procissão de Ogum, dia 23 de abril de 2012. Foto A. F. Rodrigues. Fonte [http://www.flickr.com/photos/af\\_rodrigues/7116398001/](http://www.flickr.com/photos/af_rodrigues/7116398001/) sizes/z/in/photostream



Fig. 104 – Site [www.seconci-rio.com.br](http://www.seconci-rio.com.br) comentando o sucesso do Mega Feirão

Fig. 105 e 106 – Mega Feirão do Emprego da Indústria da Construção em 26 de maio 2012. Fonte [www.seconci-rio.com.br](http://www.seconci-rio.com.br). Foto Amanda Révész



Fig. 109 – Folder dos espetáculos e oficinas da Intrépida Trupe entre maio e junho de 2012.



Fig. 110 – Espetáculo da Intrépida Trupe em 19 mai 2012. Foto C.Brack



### 3.10 Estrutura de gestão atual

Problemas identificados:

Os parques urbanos <sup>56</sup> da Cidade do Rio de Janeiro estão sob a tutela da Fundação Parques e Jardins, órgão da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

A equipe de técnicos e trabalhadores braçais é bastante reduzida, e vêm diminuindo ano a ano. A conservação do Campo de Santana é terceirizada, através de contrato de prestação de serviço. Atualmente a cargo da empresa Moreno Perlingeiro Engenharia LTDA., o contrato assinado em 09 de agosto de 2012 é válido por um ano com valor total de R\$ 645.000,00 <sup>57</sup>.

A Memória de Cálculo utilizada para orçamento dos serviços a serem feitos pela empresa apontam itens como calagem de 7,55 hectares de gramado uma vez ao ano ou adubação em área idêntica que muito dificilmente conseguirão ser medidos e ter sua execução comprovadas por parte da fiscalização. A relação entre a empresa contratada e a instituição pública se vale, muitas vezes, da informalidade. Com a dificuldade de medição de alguns serviços,

---

<sup>56</sup> <http://www.rio.rj.gov.br/web/smac/exibeconteudo?article-id=150187>

<sup>57</sup> Diário Oficial do Município nº 101 de 13/08/2012, p. 66. Disponível em [http://doweb.rio.rj.gov.br/visualizar\\_pdf.php?reload=ok&edi\\_id=00001840&page=70&search=campo%20de%20santana](http://doweb.rio.rj.gov.br/visualizar_pdf.php?reload=ok&edi_id=00001840&page=70&search=campo%20de%20santana)

essa relação é mediada pela boa-vontade tanto da parte dos fiscais como dos empregados da empresa. A fiscalização do cumprimento desse contrato não é a única atribuição do fiscal, que normalmente tem outros serviços sob sua responsabilidade, e muitas vezes não consegue ser mais atuante.

Alguns serviços são realizados por órgãos de outras secretarias municipais (ver item 7 - Pessoal) gerando atendimento precário e descoordenado. A Comlurb, por exemplo fica responsável pela varredura de lixo humano nos caminhos pavimentados, enquanto a empresa terceirizada limpa as áreas gramadas e os lagos, retirando tanto o lixo humano quanto folhas e o material proveniente de podas e aparos de grama. Até pouco tempo não havia a possibilidade da empresa fazer o corte de grama e aparo nas beiras dos gramados por conta de decreto delegando essa função exclusivamente à Comlurb. Esses fatos provocam um desencontro nas atividades rotineiras de conservação, e um enfraquecimento do administrador do parque – o presidente da FPJ – com a diluição dos seus poderes na gestão da área.

Não há um Plano de Gestão ou Plano Diretor - dentre as atribuições da FPJ, de acordo com o Decreto nº 34196 de 21 de julho de 2011, está a elaboração de Plano Diretor para os parques históricos - o que ainda não foi feito.

Ações Propostas:

Ações necessárias para aprofundamento do diagnóstico da gestão atual do parque:

- a. Avaliar a estrutura atual da Fundação Parques e Jardins, órgão gestor do parque.
- b. Avaliar a necessidade da terceirização dos serviços e o papel do fiscal do contrato.
- c. Reavaliação da minuta de Decreto que trata da gestão dos parques municipais urbanos.
- d. Aprofundar a discussão sobre o agrupamento dos parques históricos para serem administrados em conjunto.

Concluindo, a elaboração de levantamentos precisos é um passo importante para a elaboração de diagnósticos sobre os problemas que afligem o jardim histórico.

*Fundamental para nossa compreensão de um lugar é o levantamento preciso de suas características físicas - como terreno, edifícios, ornamentos, água e plantas - realizado ao lado de um relato completo de sua história. Este procedimento é agora rotina na preparação de planos de manejo, conservação e as técnicas são bem aperfeiçoadas<sup>58</sup>.*

---

<sup>58</sup> THE GARDEN HISTORY SOCIETY. **Planning Conservation Advice Note 14 - Management plans.** p.5 in [www.gardenhistorysociety.org](http://www.gardenhistorysociety.org). Acessado em 09/03/2012

Os levantamentos obrigam a uma observação mais aguda da realidade e já vão apontando problemas existentes, facilitando os diagnósticos.

O diagnóstico preliminar apontado nesta pesquisa, juntamente com a pesquisa histórica da área darão os subsídios necessários para a elaboração de um Plano de Gestão para o Campo de Santana.

De posse desses diagnósticos, serão necessários a formação de grupos de trabalho multidisciplinares para elaboração das estratégias de ação para enfrentamento dos problemas apontados pela pesquisa, que serão apontados no Capítulo 5.

## **CAPÍTULO 4: AS ÁRVORES DO CAMPO**

### **4.1 Considerações para elaboração da Declaração de Significância**

#### 4.1.1 Considerações preliminares

*The Garden History Society* é uma sociedade inglesa sem fins lucrativos fundada em 1966. Com apenas 1.500 membros assumiu um papel importante junto ao governo, avaliando projetos relacionados com jardins e paisagens protegidas na Inglaterra. Disponibiliza pela *internet* muitas publicações e manuais práticos, dentre os quais vários destinados á conservação de jardins históricos. Destacamos aqui a *Nota 14 - Orientação para planejamento da conservação - planos de manejo*<sup>59</sup>. Esse importante documento serviu de base para a pesquisa ao reforçar idéia de que uma Declaração de Significância deve ser o ponto de partida para qualquer plano de conservação, recuperação, adaptação de um bem histórico.

Conservação é um processo contínuo, não apenas uma solução rápida para um determinado momento. Só uma avaliação do valor total do que se pretende conservar e do seu significado poderá

---

<sup>59</sup> THE GARDEN HISTORY SOCIETY. **Planning Conservation Advice Note 14 - Management plans** in [www.gardenhistorysociety.org](http://www.gardenhistorysociety.org). Acessado em 09/03/2012

determinar as qualidades e características mais importantes que devem ser preservados para o futuro, guiando as ações de manutenção. A esse documento chama-se “Declaração de Significância”. Significado pode ser definido como “*aquilo que torna um lugar único, distinto, importante ou de mérito especial por comparação com outros lugares*”.<sup>60</sup>

Paisagens projetadas não permanecem estáticas, elas se desenvolvem e decaem. Podemos estar atentos às várias etapas do seu desenvolvimento e mitigar os problemas que surgirem, mas raramente é possível mantê-las inalteradas ao longo do tempo. As paisagens históricas projetadas devem se adaptar se quiserem sobreviver - na prática nem tudo pode ser preservado. Então decidir o que é mais significativo é primordial!

A gestão de jardins históricos projetados requer a todo o momento que escolhas sejam feitas. A Declaração de Significância vai embasar essas escolhas, que devem respeitar primeiramente o significado do bem. Necessidades do momento e os recursos disponíveis não podem ser os únicos argumentos para a definição de intervenções. Essas devem ser sustentadas por um conhecimento profundo do local (daí o valor da pesquisa histórica, dos diagnósticos

---

<sup>60</sup> *Idem*, parágrafo 2.1

e entrevistas) e da significância daquele bem – descritos na Declaração.

*Uma Declaração de Significância deve ser o ponto de partida para qualquer plano de adaptação, conservação, reparação e desenvolvimento. Uma compreensão clara do significado de cada período da história de um de jardim ou paisagem é essencial para qualquer plano de conservação.<sup>61</sup>*

No caso de ser aplicado à paisagem histórica projetada, o termo pode abarcar a história, o desenho, a vegetação, as pessoas associadas ao lugar. Pode também estar relacionado a questões estéticas, sociais e culturais. Ou ainda a características biológicas, ecológicas e educacionais, etc. Por isso a avaliação do significado deve ser precedida de extensa e rigorosa pesquisa, fundamentada por um levantamento preciso das características físicas do jardim histórico. Todo esse material, combinado com uma observação atenta da área, vai gerar subseqüentemente uma análise de qualidade.

*Benefício público e importância a nível local deve ser parte da avaliação de significância, especialmente para jardins e paisagens abertas regularmente para os visitantes. Embora inevitavelmente subjetivo, a percepção geral das pessoas do valor e significado dos lugares, revelados por meio de questionários e*

---

<sup>61</sup> *Idem*, parágrafo 1.7

*entrevistas, são fundamentais para uma compreensão plena de significado.<sup>62</sup>*

A ordem de importância relativa dos valores significativos apontados é determinante para elaboração de qualquer plano de longo prazo visando a manutenção das qualidades essenciais do lugar. Embora possa ser relativamente simples decidir o que é significativo sobre um lugar, decisões sobre se um aspecto é mais importante, semelhante ou menos importante do que o outro é bastante complexo.

Um objetivo frequente na conservação de paisagens históricas projetadas é a manutenção da coesão e integridade e a Declaração de Significância deve ser entendida dentro de um quadro mais amplo, não devendo ser considerada como uma lista definitiva de conservação em si.

A Declaração de Significância pode ser uma ajuda inestimável, tanto para aqueles que desejam conservar as paisagens históricas como para aqueles que procuram identificar oportunidades de mudanças para o seu desenvolvimento. É importante reconhecer que os significados de um bem podem mudar ao longo do tempo. Entretanto, a aplicação mais comum de uma Declaração de Significância completa é o de fornecer um referencial para decisões

---

<sup>62</sup> *Idem*, parágrafo 3.4

sobre a conservação, a fim de resolver os conflitos potenciais de conservação, e para apoiar as decisões de um plano de gestão da conservação.

#### 4.1.2 A singularidade do Campo de Santana

A Declaração de Significância deve ser o ponto de partida para o Plano de Gestão do Campo de Santana e vai determinar a conservação do valor daquele jardim para as gerações presentes e futuras.

As autoridades e os técnicos, sejam os responsáveis pela gestão, sejam os responsáveis pelo planejamento, devem ter em mente que quanto maior for a significância daquele bem, maior devem ser os esforços na sua conservação. E o recente tombamento do Campo de Santana pela União reforça a importância desse jardim histórico a nível nacional e evidencia a necessidade de se redobram os cuidados e intensificarem as ações para a sua conservação. Só sabendo o que se quer preservar é que se podem estabelecer as estratégias adequadas para atingir a esse objetivo.

A pesquisa histórica empreendida por esse trabalho e apresentada na seção 2.1 do capítulo 2 foi o primeiro passo para fundamentar a Declaração de Significância. Seguiu-se o diagnóstico dos problemas através de inúmeras visitas a campo, apresentado no capítulo 3. O levantamento da arborização existente se mostrou imprescindível, e

essa pesquisa elaborou planta com o cadastro arbóreo conforme exposto na seção 4.2 a seguir.

A minha vivência diária no Campo de Santana, onde trabalhei por 12 anos, foi também fundamental como um “olhar técnico” e de mediação entre interesses muitas vezes distintos. De acordo com Delphim

*(...) muitos valores não se acham claramente reconhecidos em uma época, alguns deixam de ser interessantes ou são substituídos por outros. O especialista deve considerar a todos, em sua missão de preservar.*<sup>63</sup>

Delphim é também o autor do parecer de “retombamento” pelo IPHAN do Campo de Santana. Esse documento oficial explicita os valores a serem preservados (ANEXO 2.5). Quando do tombamento do parque em 1938, no chamado “período histórico do SPHAN” os processos de tombamento não eram instruídos por avaliações técnicas como hoje, e não continha as informações dos méritos determinantes para a preservação daquele bem. Era como se todos soubessem de antemão o valor daquele parque para a cidade e sua importância na história do paisagismo no Brasil.

Em suas considerações sobre o pedido apresentado de novo tombamento, Delphim ressalta que se a alteração sofrida pelo

---

<sup>63</sup> DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em jardins históricos: manual**. Brasília: IPHAN, 2005

parque tivesse ocorrido em tempos recentes, não seria aconselhado o cancelamento do tombamento mas uma simples redelimitação do perímetro, atendendo “aos compromissos públicos de preservação do parque e de criação de uma nova via urbana”<sup>64</sup>.

Também é ressaltado que não foram afetadas as áreas onde se concentram “os mais expressivos elementos ornamentais empregados por Glaziou como as grutas e rocalhas, mas apenas uma faixa periférica” e que o projeto de Azevedo Neto para a supressão da área “foi feito com grande habilidade, seguindo a predominância de linhas curvas e, portanto, mais facilmente adaptáveis às novas situações do que ocorreria com formas geométricas e mais rígidas”, impedindo a seu ver, a descaracterização do bem.

Cabe destacar no parecer citado a importância que o autor dedica à vegetação do parque. Dentre os motivos em que justifica que o dano ao Campo de Santana, embora lamentável, pôde ser amenizado está dito que

*por se tratar de um jardim paisagístico, a ordem formal não é o elemento mais importante. **Como os plantios prevalecem sobre o desenho**, a alteração não se faz sentir de forma tão evidente e o impacto adverso é mais quantitativo do que qualitativo. Caso se tratasse de um jardim formal, com desenho e elementos geométricos, a*

---

<sup>64</sup> Processo nº 1388 - T - 97 (Processo nº 01450.004811/2008-18) f. 151. Anexo 2.5

*supressão teria interferido de forma muito mais sensível.*  
<sup>65</sup> (grifo meu);

Por fim, manifestando-se vivamente favorável ao tombamento, Delphim destaca que a área suprimida foi de apenas 18% da área total do parque, e que para o observador situado dentro do parque os “sinais da amputação” e perda da área não são claros ou perceptíveis.

Outra ação no intuito de determinar as características que distinguem o Campo de Santana de outras áreas verdes da cidade foram as entrevistas realizadas. Entrevistei 14 pessoas de diferentes formações e que se relacionam de maneiras diferentes com o parque (ANEXO 2.2). A maioria dos entrevistados pertence ao quadro de funcionários da Fundação Parques e Jardins, e conhecem a fundo a área, atuando em funções relativas à conservação, planejamento e gestão. Da área de preservação do patrimônio cultural e artístico entrevistei dois técnicos do INEPAC e o Coordenador de Patrimônio Natural do IPHAN. Entre os entrevistados “externos” ou “leigos” estão a diretora da Escola Municipal Campos Sales e o jornalista Joaquim Ferreira dos Santos.

Nas entrevistas a primeira solicitação era sempre para que o entrevistado dissesse quais as principais qualidades do Campo de

---

<sup>65</sup> *Ibidem*

Santana. Alguns elencavam uma série de valores, outros eram mais enfáticos em um ou dois aspectos. Os termos usados nem sempre eram os mesmos, gerando algumas dúvidas na hora de fazer a contagem e quantificar as respostas. A seguir destacamos em ordem crescente de citações os valores mais lembrados pelos entrevistados.

Os termos que mais aparecem nas respostas dizem respeito à beleza do parque, na maioria das vezes relacionada com as árvores frondosas. O valor estético é lembrado por todos os entrevistados, de qualquer formação.

O valor ambiental também é bastante citado, contrapondo a área verde à “selva de pedra” e às ruas movimentadas e poluídas.

O valor histórico muitas vezes está relacionado ao projeto de Glaziou, mas também ao marco que o projeto representou para o paisagismo carioca e brasileiro e sua vinculação aos modernos jardins parisienses do século XIX. O Campo de Santana aparece também como um registro da evolução da cidade e sua expansão em direção à zona norte na opinião de alguns entrevistados.

Os entrevistados técnicos da área florestal apontam a coleção de plantas como uma das mais importantes entre os jardins públicos

cariocas, com a introdução por Glaziou de espécies exóticas e a valorização de algumas nativas. O destaque são as figueiras e principalmente a *Ficus microcarpa* utilizada como uma marca de projeto pelo paisagista.

Dentre os valores culturais lembrados nas entrevistas, se destacam referências ao desenho de Glaziou e os monumentos introduzidos no parque. Aqui aparecem também referências ao entorno do parque e como a população se utiliza daquele espaço público.

Outros valores são citados menor número de vezes. Entre eles estão os benefícios que a área proporciona aos usuários, assim como sua importância a nível local como área pública de lazer gratuito. Sua fauna também é lembrada, principalmente as cutias e as aves aquáticas. Seu potencial para ser utilizado em ações de educação ambiental e seu potencial turístico também são mencionados.

Interessante foi poder comparar as entrevistas realizadas com 2 séries de entrevistas realizadas em 1999 pela Gerência de Eventos e Educação Ambiental da Fundação Parques e Jardins, publicadas por Trindade (2000)<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> TRINDADE, Jeanne Almeida da. Campo de Santana: um patrimônio cultural carioca. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Parcialmente reproduzidas no Anexo 2.5.

A análise criteriosa desse material e a observação de várias características do Campo de Santana me levaram a elaborar uma lista com os aspectos vitais para o caráter e distinção daquele parque: a vegetação, a beleza do parque e seu valor ambiental foram os valores mais significativos apontados. Seu valor estético está relacionado com o desenho proposto por Glaziou e também com a sua vegetação. Seu valor ecológico está intimamente associado à suas árvores. Portanto, a sua vegetação - principalmente relativa ao estrato arbóreo, é o bem de maior significância e que confere ao Campo de Santana características únicas.

Apontar os aspectos mais significativos do parque que devem ser preservados não basta. É preciso também determinar a ordem de importância desses aspectos para priorizar as futuras ações de conservação.

*É relativamente fácil montar uma lista de valores, recursos, eventos e oportunidades que têm sido significativos na determinação do caráter e da distinção de um lugar. É mais difícil, mas vital, decidir sobre a sua ordem de significância.<sup>67</sup>*

Envolver os funcionários da FPJ pode ser uma maneira de fazer os gestores e trabalhadores do parque pensar nas ações efetivas de

preservação daquela paisagem. É importante fazer com que a Declaração de Significância seja "apropriada" por essas pessoas-chaves, sem o qual qualquer plano de conservação posterior pode ser difícil de implementar.

As autoridades responsáveis devem ter em mente que devido à sua grande significância, maiores esforços devem ser empreendidos na conservação das árvores do parque. Esse valor do lugar merece ser preservado para gerações presentes e futuras.

#### 4.1.3 Necessidade de Planos de Gestão

A elaboração do levantamento das árvores do Campo de Santana e a comparação com a planta executada 21 anos antes tornou evidente a falta de critérios nos plantios executados e a necessidade de melhor conservação da arborização do parque. A morte de 138 unidades somente de figueiras da espécie *Ficus microcarpa* nos últimos 21 anos demanda ações urgentes para mitigação do seu efeito sobre a paisagem histórica.

De outro lado, os replantios executados com mudas de pequeno porte e o aumento significativo do número de espécies no parque denunciam a falta do planejamento necessário no trato da arborização.

---

<sup>67</sup> THE GARDEN HISTORY SOCIETY. **Planning Conservation Advice Note 14 - Management plans**, parágrafo 4.2 in [www.gardenhistorysociety.org](http://www.gardenhistorysociety.org). Acessado em 09/03/2012

Diferentemente da restauração de bens arquitetônicos, a recuperação de uma paisagem demanda esforços por longos períodos de tempo, não se alcançando um resultado imediato. Daí a maior necessidade de um plano que oriente as ações para chegar ao resultado pretendido.

Não se pode deixar de pensar, entretanto, nas ações diárias de manutenção, como varredura, roçada, poda, inspeções, etc., pois elas podem ser importantes para identificar obras de reparação que podem retardar a deterioração. Princípios de gestão devem ser formulados e pensados tanto para o futuro imediato quanto em longo prazo para garantir que esses valores persistam.

Levando-se em conta as restrições de gestão (principalmente relativas a recursos humanos e financeiros), as prementes preocupações ambientais e as pressões que afligem o Campo de Santana, a definição da vegetação e do desenho de Glaziou como elementos mais significativos daquele parque histórico deve orientar os gestores em todas as decisões e exige a elaboração de um Plano de Gestão daquela paisagem histórica.

Para a elaboração deste Plano de Gestão deve-se reunir profissionais devidamente qualificados, experientes e de áreas diversas. Técnicos da instituição gestora, administradores, mas

também especialistas dos órgãos de proteção ao patrimônio devem ser ouvidos.

A identificação clara dos objetivos do plano é fundamental para o início do trabalho. Deve-se pensar no conjunto de princípios gerais para o local, mas também nos objetivos específicos para os recursos individuais e para áreas. Parte-se da análise de todos os levantamentos, diagnóstico e das informações coletadas e considera-se a significância da paisagem histórica.

O Plano de Gestão vai fazer recomendações para a gestão adequada e propor estratégias de longo prazo para a reparação em fases e substituição de elementos. É importante avaliar o potencial para a recuperação e a gestão da conservação futura, além de identificar as restrições e oportunidades para novas mudanças. Finalmente, o Plano de Gestão define as ações necessárias para atingir aos objetivos definidos. A revisão do plano deve ser prevista, assim como a avaliação das medidas implementadas.

Na impossibilidade dessa pesquisa se aprofundar em tema tão complexo, decidimos por focar em um Plano de Gestão da Arborização para o Campo de Santana, levantando pontos que poderão subsidiar a elaboração de um Plano de Gestão para a paisagem histórica.

Entendido como parte fundamental de um plano mais amplo, o Plano de Gestão da Arborização pretende propor medidas para a proteção dos aspectos mais importantes do parque, apontados nesta Declaração de Significância – suas árvores e seu projeto paisagístico. As profundas alterações em curso na sua arborização apontam a urgência do Plano de Gestão de Arborização, que essa pesquisa propõe nos itens 4.2 e 4.3 que se seguem.

## 4.2 Plano de Gestão da Arborização - INVENTÁRIO

### 4.2.1 Gestão da arborização modelo Fort Greene Park<sup>68</sup>

Em 2004 foi publicado pela *City of New York Parks & Recreation* um relatório intitulado **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. Depois de inventários realizados a partir de 2001, o Plano de Manejo da Arborização do Parque foi escrito no intuito de caracterizar e formular estratégias de gestão sistemática da população arbórea do parque e propor recomendações para sua manutenção futura. A abrangência do trabalho, e a maneira didática em que é apresentado se explica por ter sido pensado para ser replicado pra outras áreas verdes sob gestão daquele município.

---

<sup>68</sup> DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. New York: City of New York Parks & Recreation, 2004. Acessível em [http://www.nycgovparks.org/sub\\_your\\_park/rees\\_greenstreets/fortgreene-urban-info/ftgreeneurbanfo.pdf](http://www.nycgovparks.org/sub_your_park/rees_greenstreets/fortgreene-urban-info/ftgreeneurbanfo.pdf)

A mesma metodologia foi aplicada para o Campo de Santana, que precisa de um cuidado maior no manejo das suas árvores. A morte de mais de 130 figueiras nos últimos vinte anos<sup>69</sup>, a falta de registros e outros problemas apontados no capítulo anterior tornam urgente o inventário detalhado e o subsequente planejamento para aquela paisagem histórica.

Aqui partimos dos levantamentos e diagnósticos realizados por esta pesquisa para alguns pontos específicos da arborização. Torna-se evidente a necessidade da formação de uma equipe de trabalho multidisciplinar para a coleta de informações de inventário para cada árvore e ampliar os dados já obtidos por essa pesquisa.

Apontamos na Subseção 4.2.2 os levantamentos realizados e os por fazer, e análises que deverão subsidiar o Plano de Gestão da Arborização do Campo de Santana. Na seção 4.3 deste capítulo são descritas as metas a serem perseguidas pelos gestores daquela área verde, com recomendações de gestão florestal específicas.

### 4.2.2 Inventário e análise da arborização existente

O estudo preliminar para a Declaração de Significância apontou a arborização do Campo de Santana como o aspecto mais relevante

---

<sup>69</sup> Entre 2006 e 2012 foram plantadas 49 mudas de figueiras, mas a diferença entre o levantamento de 1991 e o atual ainda é de 89 unidades, o que totaliza 138 mortes.

juntamente com o desenho de Glaziou. O conjunto de árvores o caracteriza como único em comparação com outros parques da cidade e do país. A arborização e o desenho são dois aspectos indissociáveis e que tornam o parque um patrimônio que merece ser preservado.

Diante disso torna-se imprescindível a manutenção da vegetação com uma gestão responsável e planejada, que irá garantir a permanência dessa principal característica do Campo de Santana.

Também possibilitará a transformação daquela paisagem, nos aspectos que se fizerem necessários, embasada em critérios claros, transparentes e que fiquem registrados para as futuras gerações. Sem falar na manutenção dos benefícios ambientais que a arborização do parque proporciona à área central da cidade, densamente urbanizada.

Há entre o parque americano e o brasileiro várias semelhanças: ambos são parques românticos de meados do século XIX, ocupando áreas centrais densamente urbanizadas, com uma população de árvores majoritariamente exóticas e com áreas aproximadas. (Ver Tabela 1)

Baseando-me na experiência de Fort Greene Park resolvi estabelecer metas para a elaboração de um plano de gestão da arborização do Campo de Santana, para orientar as futuras ações de

manejo da vegetação arbórea da área. Pretende-se com o plano garantir que um dos aspectos mais significativos do parque - a sua vegetação - não se perca, além de propor metas mais amplas a serem alcançadas, a saber:

- Manter a cobertura do dossel
- Maximizar os benefícios da arborização para a saúde pública
- Proporcionar um ambiente adequado para recreação passiva
- Manter a beleza durante todo o ano
- Fornecer habitat para os animais silvestres
- Prevenir a erosão do solo
- Controlar o escoamento da água da chuva
- Vistas de enquadramento – beleza cênica
- Refletir o uso e o desenhos de paisagens históricas
- Reforçar a utilização do parque agora e no futuro
- Oferecer oportunidades educacionais.

O inventário e a análise de recursos arbóreos do Fort Greene Park foram os passos preliminares para a geração de recomendações de gestão florestais específicas. E o mesmo precisa ser feito para o Campo de Santana. Partindo-se de um levantamento topográfico com a localização de toda a arborização existente, dos elementos construídos, das pavimentações existentes e de todo o mobiliário

	<b>FORT GREENE PARK</b>	<b>CAMPO DE SANTANA</b>
Tamanho	30 acres = 12 ha	12 ha <sup>70</sup>
Ano inicial da implantação	1847, projeto de Olmsted & Vaux	1873, projeto de Auguste François-Marie Glaziou
Nº de árvores	917	731 (1991), 596 (2012)
Nº de espécies arbóreas	57	64 (1991), 85 (2012)
Cobertura do dossel	11,3 acres = 37,8%	62,2% (1975), 48,4% (2011)
Densidade de árvores	33 árvores/acre = 81 un/ha	49 un/ha (2012)
Maior árvore	<i>Platanus acerifolia</i> plantado por Olmsted & Vaux no Monument Plaza	<i>Ficus microcarpa</i> ou <i>Adansonia digitata</i> ? (a identificar)
5 espécies mais comuns	<i>Ginkgo biloba</i> , <i>Platanus acerifolia</i> , <i>Aesculus hippocastanum</i> , <i>Acer platanooides</i> , <i>Quercus palustris</i>	<i>Ficus microcarpa</i> , <i>Ficus religiosa</i> , <i>Roystonea oleracea</i> , <i>Livistona chinensis</i> , <i>Artocarpus intergrifolian</i>
Equipamentos para recreação ativa	Quadras esportivas, parque infantil, banheiros públicos	Banheiros públicos
Equipamentos para recreação passiva	Gramado, Monument Plaza, escadaria	Monumentos, bancos, lagos
Equipamentos educacionais	Centro de Visitantes	Escola Municipal Campos Sales, Sede da FPJ
Monumento histórico	Memorial Prision Ship Martyrs	Monumento à Benjamin Constant, Luta desigual, 4 Estações, etc.

Tabela 1 – Comparação entre Fort Greene Park e o Campo de Santana

<sup>70</sup> Medidas estimadas pela área técnica da FPJ, já que não houve nunca levantamento topográfico ou medição rigorosa do Campo de Santana: Áreas verdes: 73.900m<sup>2</sup> (60,50%), área asfaltada: 34.955m<sup>2</sup> (28,60%), cursos d'água: 13.300m<sup>2</sup> (10,90%). Total: 122.155m<sup>2</sup>. No site da FPJ (<http://www.rio.rj.gov.br/web/fpj/exibeconteudo?article-id=3217137>) aparece área de 155.000 m<sup>2</sup>.

urbano do parque pode-se começar um inventário-base, onde informações de cada indivíduo plantado vão ser lançadas. Só depois de um inventário completo poderá ser elaborado um documento com as principais recomendações de gestão de curto e longo prazo.

Cada árvore deve ser identificada e numerada. A utilização de ferramenta de posicionamento global (GPS) deve ser o segundo passo. Usando o aparelho de GPS, o operador de campo é capaz de atribuir uma coordenada espacial a cada árvore.

Para além da posição espacial, o operador deve coletar informação de inventário para cada árvore. Estas informações de inventário, chamados de Dados de Atributos, no caso do parque americano incluíam os seguintes campos:

- Data da coleta de dados
- Número único de identificação da árvore
- Espécie da árvore
- Condição da árvore (excelente, boa, ruim, morta, tronco, ou toco)
- Condição do sítio (gramado, cova de árvore, solo descoberto, cobertura morta, ou leito plantado)
- Localização (zona do parque em que se encontra)
- Condição do solo (aerado, compactado, ou erodido)
- Drenagem (bem drenados ou mal drenados)

- Uso (passivo - em canteiro, ou ativo - próximo a passeios e edificações)
- Acesso (aberto ou limitado)
- Diâmetro da árvore na altura do peito (DAP)
- Existência de pragas (sim ou não)
- Multi-tronco (sim ou não)
- Necessidades de manutenção (poda, remoção, etc.)
- Comentários

Pode haver necessidade de refinar esses campos, com a inclusão de outras informações sobre cada árvore. Como, por exemplo, informações a respeito da copa das árvores. O gravador de dados orientado ao longo da borda da copa grava pontos a cada três segundos para desenhar polígonos que representam a cobertura do dossel no parque. Essa é uma informação importante e deverá ser incluída apesar da dificuldade de registro desse dado em alguns espécimes do parque.

A utilização de um computador portátil (PDA ou *palmtop*) facilitaria o trabalho na coleta das informações de cada árvore, mas não é fundamental – pode-se preencher fichas com as informações que deverão ser transportadas para um computador posteriormente. Da mesma forma, se houver um levantamento topográfico bem realizado, o gravador de GPS pode não ser imprescindível.

Devem-se levar em conta outros fatores importantes:

- A posição espacial de cada árvore precisa estar precisamente registrada. É necessário corrigir a imprecisão do GPS através de uma estação receptora fixa com posição conhecida, o chamado GPS Diferencial (DGPS). No caso do levantamento em Fort Greene Park esta estação se localizava em um farol da Guarda Costeira dos EUA em Sandy Hook, Nova Jersey, captado pela unidade de GPS e automaticamente usada para fazer ajustes. A precisão sub-metro<sup>71</sup> também foi verificada no escritório usando a estação de base do New Jersey Department of Environmental Protection em Trenton. A estação base compara os dados de GPS com seus próprios registros locais de satélite como uma segunda verificação de precisão. Os dados foram então analisados e mapeados usando ArcMap 8.3 - Sistema de Informação Geográfica. Se essas correções não forem possíveis de serem realizadas, deverá ser utilizado somente o levantamento topográfico, mais preciso.

- É preciso definir padrões de avaliação para cada um dos itens acima, garantindo que dados coletados por diferentes pessoas levem em conta os mesmos parâmetros e os mesmos procedimentos. A equipe que irá fazer os levantamentos deverá ser composta de profissionais capazes e qualificados, devidamente treinados. A

---

<sup>71</sup> Onde o erro admitido é menor que um metro. Utilizando-se um GPS comum o erro é de 5 a 10 metros, o que é muito para a locação das árvores.

avaliação ser realizada por mais de um técnico garante uma maior precisão de dados subjetivos (como a avaliação da condição da árvore, por exemplo)

- Depois do relatório pronto, toda a informação incluída deverá ser divulgada, dando transparência ao processo e garantindo o acesso dos dados à pesquisadores e interessados. A criação de um Centro de Visitantes no parque ou *site* na internet pode facilitar nessa divulgação.

- Tendo cuidado em documentar mudanças na estrutura da arborização (plantio, remoções, operações de poda, incidentes de vandalismo, etc) o gestor do parque será capaz de avaliar o sucesso de programas implantados ao longo do tempo.

Os dois cadastros da arborização do Campo de Santana de 1988-1991 e 2006-2012 serviram de base para um estudo sobre a diversidade e composição de espécies existentes, sua distribuição pela área do parque e as alterações e perdas ocorridas nesses 21 anos (ANEXO 1).

Foram estimadas as maiores árvores do parque e sua classificação por tamanho de DAP, além de apontadas árvores que necessitam manutenção além das árvores notáveis encontradas. Um estudo

através de ortofotos de 1975, 2009 e de 2011 permitiu uma estimativa de perda da cobertura nos últimos três anos e demonstra a urgência de um plano de gestão da arborização.

#### 4.2.3 Resultado e análise dos inventários arbóreos de 1988-1991 e 2006-2012

Nas plantas dos cadastramentos de 1991 e 2012 as árvores não estão locadas precisamente. É necessário que após o levantamento topográfico ser realizado, as informações desses cadastros sejam registrados e permitam a construção de um histórico da arborização do parque.

Para fins de análise produzimos mapas, tabelas e gráficos baseados no Cadastro da Arborização de 2012, levantamentos realizados pela pesquisa com apoio de técnicos da FPJ em agosto do mesmo ano (ANEXO 1). Os resultados obtidos servirão como base para futuros levantamentos mais precisos a serem realizados pela FPJ, e já demonstram a necessidade de maiores investimentos em inventários. A coleta e os registros de dados devem ser realizados periodicamente, mantendo os cadastros atualizados, e grandes levantamentos completos deverão ser feitos em intervalos de 10 anos.

### **Distribuição espacial de árvores**

Cobertura do dossel é uma indicação dos benefícios das árvores para a saúde pública e ambiental. Esses benefícios incluem climatização, mitigação da poluição do ar e redução do escoamento da água de tempestade. Nos Mapas G, H e I (ANEXO 1) estão desenhados o perímetro das copas estimadas a partir de Ortofotos<sup>72</sup> de 1975, 2009 e da última realizada pela Prefeitura em 2011, respectivamente. Pode-se perceber a redução drástica que vem ocorrendo com a morte das árvores da espécie *Ficus microcarpa* e contabilizar o impacto dessa perda, estimada em 138 unidades nos últimos vinte anos. Levantamentos mais precisos poderiam contabilizar a sobreposição de copas e relacionar os diâmetros na altura do peito (DAP) de cada árvore com o tamanho da copa, gerando mais dados para estudos e pesquisas.

A densidade média de árvores no Campo de Santana é hoje de 49 árvores/hectare, mas em 1991 era de 60 árvores/hectare, uma redução de quase 23%. Deve ser ressaltado que a distribuição das árvores pelo parque se dá nas bordas dos canteiros gramados e junto ao gradil, proporcionando respectivamente grandes áreas livres no interior dos canteiros e o isolamento do parque da área externa adjacente (Mapa E ANEXO 1). Esses dados merecem ser estudados de modo a fornecer uma base para avaliar as mudanças futuras.

---

<sup>72</sup> Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Nº	NOME CIENTÍFICO ESPÉCIES	UN 1991	UN 2012	FAMÍLIA	ORIGEM
1	<i>Araucaria bidwillii</i> Hook.	2	0	<i>Araucariaceae</i>	N
2	<i>Ceratozamia mexicana</i> Brongn.	2	2	<i>Zamiaceae</i>	E
3	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	3	2	<i>Cycadaceae</i>	E
4	<i>Bambusa</i> sp	1	2	<i>Poaceae</i>	E
5	<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	2	1	<i>Asparagaceae</i>	E
6	<i>Pandanus utilis</i> L.	2	2	<i>Pandanaceae</i>	E
7	<i>Caryota mitis</i> Lour.	3	2	<i>Arecaceae</i>	E
8	<i>Chamaerops humilis</i> L.	1	1	<i>Arecaceae</i>	E
9	<i>Dypsis lutescens</i>	27	11	<i>Arecaceae</i>	E
10	<i>Cocus nucifera</i> L.	5	1	<i>Arecaceae</i>	N
11	<i>Latania lontoroides</i> (Gaertn.)	8	8	<i>Arecaceae</i>	E
12	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R.Br.ex Mart.	26	24	<i>Arecaceae</i>	E
13	<i>Attalea speciosa</i> Mart.	2	2	<i>Arecaceae</i>	N
14	<i>Raphis excelsa</i> (Thunb.) Henry	5	3	<i>Arecaceae</i>	E
15	<i>Roystonea oleracea</i> (Jacq.) O.F.Cook	22	30	<i>Arecaceae</i>	E
16	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (cham) Glass	24	5	<i>Arecaceae</i>	N
17	<i>Ravenala madagascariensis</i> Sonn.	14	8	<i>Strelitziaceae</i>	E
18	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	14	16	<i>Casuarinaceae</i>	E
19	<i>Allamanda</i> sp	2	0	<i>Apocynaceae</i>	N
20	<i>Ixora</i> sp	2	2	<i>Rubiaceae</i>	E
21	<i>Hura crepitans</i> L.	21	20	<i>Euphorbiaceae</i>	N
22	<i>Adansonia digitata</i> L.	9	9	<i>Malvaceae</i>	E
23	<i>Ceiba</i> sp	6	5	<i>Malvaceae</i>	N
24	<i>Chorisia speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	9	6	<i>Malvaceae</i>	N
25	<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	4	4	<i>Malvaceae</i>	N
26	<i>Guazuma uimifolia</i> L.	2	3	<i>Malvaceae</i>	N
27	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.)H.Karst.	6	5	<i>Malvaceae</i>	N
28	<i>Sterculia foetida</i> L.	9	5	<i>Malvaceae</i>	E
29	<i>Terminalia catappa</i> L.	0	0	<i>Combretaceae</i>	E
30	<i>Gustavia augusta</i> L.	2	2	<i>Lecythidaceae</i>	N
31	<i>Eucalyptus</i> sp	3	3	<i>Myrtaceae</i>	E
32	<i>Myrtus communis</i> L.	1	3	<i>Myrtaceae</i>	E
33	<i>Syzygium cumini</i> (L.)	10	12	<i>Myrtaceae</i>	E

N - ESPÉCIE NATIVA  
E - ESPÉCIE EXÓTICA

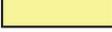
	AUMENTO UNIDADES
	AUMENTO SIGNIFICATIVO >25%
	DECRÉSCIMO UNIDADES
	DECRÉSCIMO >25%
	ALTERAÇÕES POR ERRO

Tabela 1 (PARTE 1/3)  
COMPARATIVO ENTRE AS QUANTIDADES DE ÁRVORES EXISTENTES EM 1991 E 2012

Nº	NOME CIENTÍFICO ESPÉCIES	UN 1991	UN 2012	FAMÍLIA	ORIGEM
34	<i>Grevillea robusta</i> A.Cunn.ex R.Br.Fritsch.	3	1	Proteaceae	E
35	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.)	5	4	Chrysobalanaceae	N
36	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	3	9	Leguminosae	N
37	<i>Caesalpinia leiostachya</i> (Benth.) Ducke	1	1	Leguminosae	N
38	<i>Cassia fistula</i> L.	2	1	Leguminosae	E
39	<i>Senna siamia</i> (Lam.) H.S.Irwing&Barneby	23	11	Leguminosae	E
40	<i>Delonix regia</i> (Hook.) Raf.	6	5	Leguminosae	E
41	<i>Tamarindus indica</i> L.	0	3	Leguminosae	E
42	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze	4	2	Leguminosae	E
43	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	1	0	Rosaceae	E
44	<i>Aglaia odorata</i> Lour.	6	3	Meliaceae	E
45	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer	1	0	Meliaceae	N
46	<i>Trichilia havanensis</i> Jacq.	0	0	Meliaceae	N
47	<i>Sapindus saponaria</i> L.	14	7	Sapindaceae	N
48	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	8	9	Bignoniaceae	E
49	<i>Artocarpus integer</i> (Thunb.) Merr.	23	22	Moraceae	E
50	<i>Cecropia</i> sp	11	8	Urticaceae	N
51	<i>Ficus benghalensis</i> L.	10	6	Moraceae	E
52	<i>Ficus benjamina</i> L.	1	1	Moraceae	E
53	<i>Ficus crocata</i> (Miq.) Mart. Ex Miq.	0	4	Moraceae	E
54	<i>Ficus microcarpa</i> L. f.	279	190	Moraceae	E
55	<i>Ficus pertusa</i> L.f.	10	4	Moraceae	E
56	<i>Ficus aspera</i> G. Forst	5	2	Moraceae	E
57	<i>Ficus religiosa</i> L.	51	49	Moraceae	E
58	<i>Ficus enormis</i>	4	4	Moraceae	N
59	<i>Ficus lutea</i> Vahl	1	1	Moraceae	E
60	<i>Ficus pseudomangifera</i> Hutch.	2	2	Moraceae	E
61	<i>Trema micrantha</i> L. Blume	3	1	Cannabaceae	E
62	<i>Brownea grandiceps</i> Jacq.	1	1	Leguminosae	N
63	<i>Phoenix dactylifera</i>	3	2	Arecaceae	E
64	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	1	1	Leguminosae	N
65	<i>Sideroxylum obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D. Penn.	0	1	Sapotaceae	N
66	<i>Eugenia sprengelii</i> DC.	0	1	Myrtaceae	N

N - ESPÉCIE NATIVA  
E - ESPÉCIE EXÓTICA

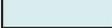
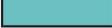
	AUMENTO UNIDADES
	AUMENTO SIGNIFICATIVO >25%
	DECRÉSCIMO UNIDADES
	DECRÉSCIMO >25%
	ALTERAÇÕES POR ERRO

Tabela 1 (PARTE 2/3)  
COMPARATIVO ENTRE AS QUANTIDADES DE ÁRVORES EXISTENTES EM 1991 E 2012

Nº	NOME CIENTÍFICO ESPÉCIES	UN 1991	UN 2012	FAMÍLIA	ORIGEM
67	<i>Schefflera actinophylla</i> (Endl.) Harms	0	1	Araliaceae	E
68	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	0	1	Meliaceae	N
69	<i>Roystonea regia</i> (Kunth.) O.F.Cook	0	4	Arecaceae	E
70	<i>Chambeyronia macrocarpa</i> (Brongn.) Vieill ex Becc	0	1	Arecaceae	E
71	<i>Ficus clusiifolia</i> Schott	0	2	Moraceae	N
72	<i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott) Burret	0	1	Arecaceae	N
73	<i>Coccolrinax</i> sp	0	3	Arecaceae	E
74	<i>Dillenia indica</i> L.	0	2	Dilleniaceae	E
75	<i>Adonidia merrillie</i> (Becc.) Becc.	0	2	Arecaceae	E
76	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	0	1	Arecaceae	E
77	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	0	1	Arecaceae	N
78	<i>Syagrus macrocarpa</i> Barb. Rodr.	0	11	Arecaceae	N
79	<i>Bauhinia blakeana</i> Dunn	0	2	Leguminosae	E
80	<i>Ficus christianii</i> Carauta	0	1	Moraceae	N
81	<i>Tabebuia</i> sp	0	2	Bignoniaceae	N
82	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	0	3	Lecythidaceae	N
83	<i>Machaerium</i> sp	0	1	Leguminosae	N
84	<i>Centrolobium tomentosum</i> Benth.	0	1	Leguminosae	N
85	<i>Clerodendrum quadriloculare</i>	0	1	Lamiaceae	E
TOTAL DE ÁRVORES		731	596		

N - ESPÉCIE NATIVA  
E - ESPÉCIE EXÓTICA

	AUMENTO UNIDADES
	AUMENTO SIGNIFICATIVO >25%
	DECRÉSCIMO UNIDADES
	DECRÉSCIMO >25%
	ALTERAÇÕES POR ERRO

Tabela 1 (PARTE 3/3)  
COMPARATIVO ENTRE AS QUANTIDADES DE ÁRVORES EXISTENTES EM 1991 E 2012

### Diversidade e composição de espécies

Existem 85 diferentes espécies de árvores plantadas no Campo de Santana atualmente. Há vinte anos o número era 34% menor (64 espécies). Essa pesquisa comparou o número de espécies e de indivíduos existentes em 1991 com os números que encontramos hoje no parque. Produzimos a Tabela 2 comparativa, apresentada nas páginas anteriores, em que se pode constatar o acréscimo de espécies e a alteração nos últimos 21 anos.

Nas Tabelas 3 e 4 a pesquisa apresenta as 10 famílias mais comuns entre as árvores existentes. Em 1991 eram da família *Moraceae* (a qual as figueiras pertencem) 55% das árvores do Campo de Santana. A segunda família mais populosa era *Arecaceae*, a das palmeiras, com 19% dos indivíduos. A partir daí, as demais famílias apresentavam menos de 7% do total de árvores, demonstrando o desequilíbrio entre as famílias representadas. Esse número se modificou em função da mortandade de árvores, mas a prevalência da família *Moraceae* ainda se faz sentir.

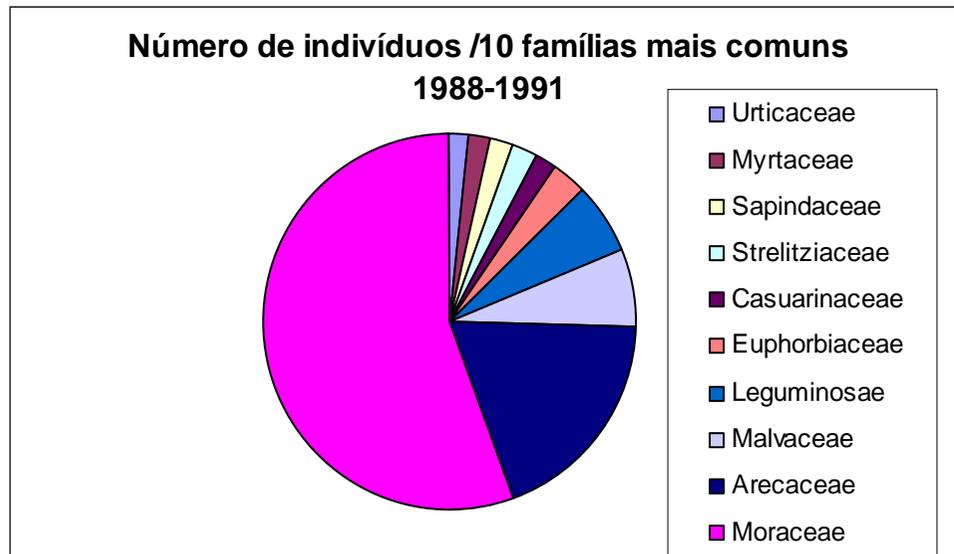


Tabela 3

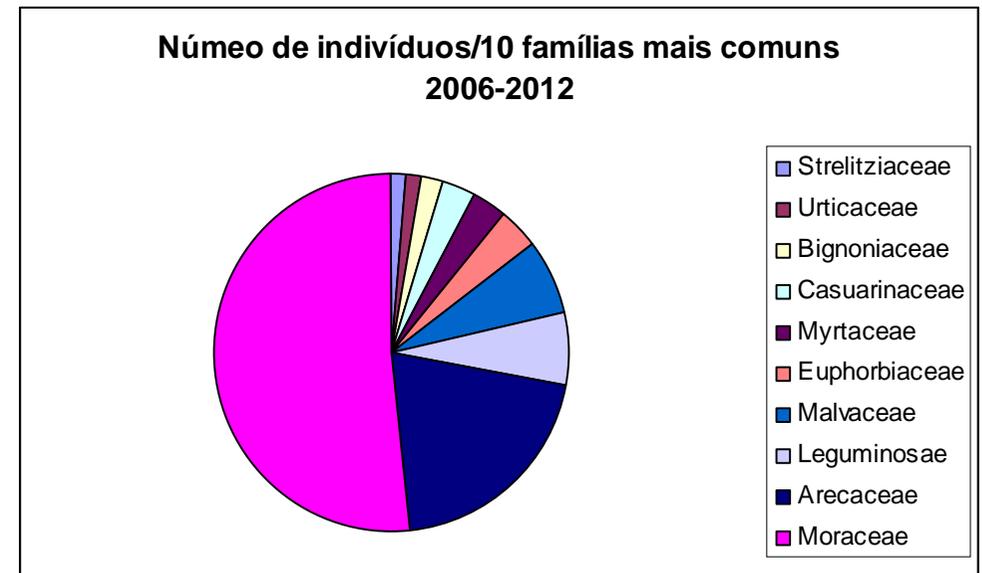


Tabela 4

Após 2006 percebe-se um decréscimo do número de indivíduos da família *Moraceae* que passaram a representar 52% do total. As palmeiras aumentaram de número e hoje a família *Arecaceae* representa 20% do total de árvores do parque. As outras espécies continuaram com percentual menor que 7%, sendo que as 9 outras famílias estão representadas por menos de 1% do total do indivíduos arbóreos.

As dez espécies mais abundantes são mostradas na Tabela 5 e 6, referentes aos dois períodos estudados. Nota-se a prevalência da espécie *Ficus microcarpa* e a diminuição do número total de indivíduos na comparação das duas tabelas.

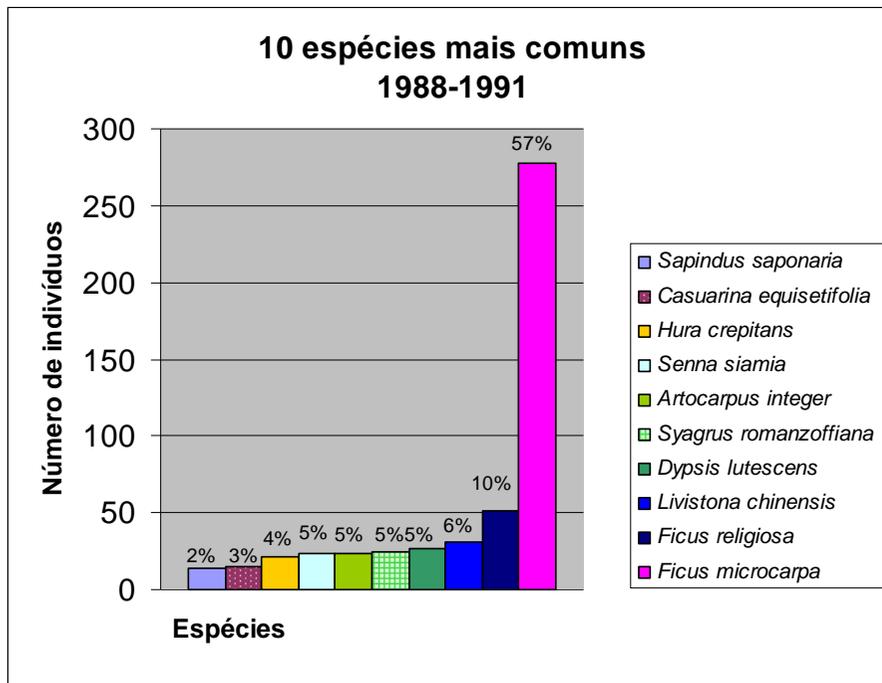


Tabela 5

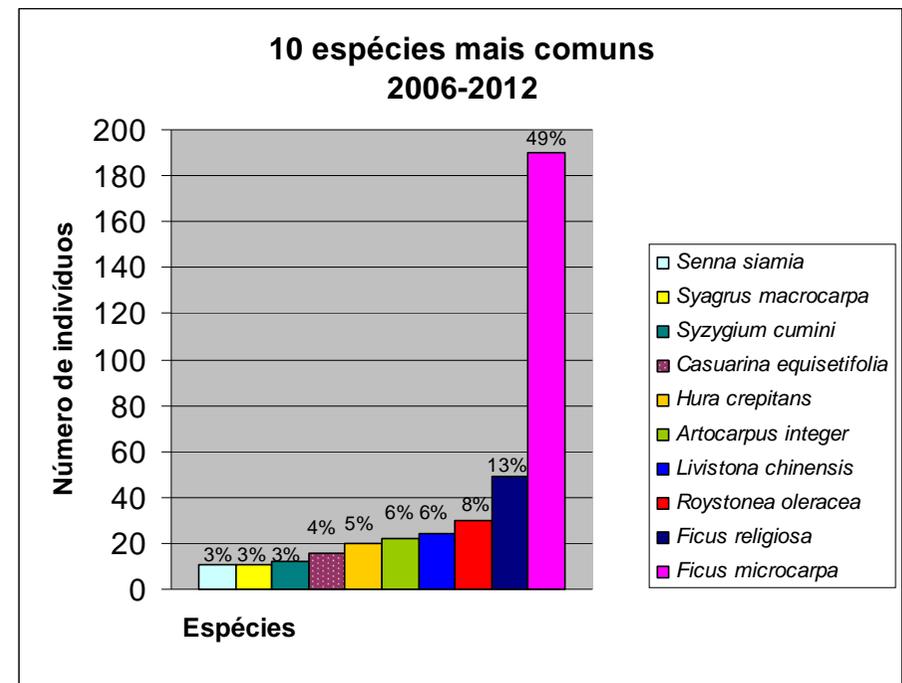


Tabela 6

Na Planta de Cadastro de Espécies Arbóreas 2006-2012 (ANEXO 1) apresentamos o levantamento das espécies feitos em julho de 2012 com as informações dos plantios realizados a partir de 2006.

A grande ocorrência é de figueiras, espalhadas por toda a área do parque, assim como as palmeiras. Outras espécies ocorrem em números muito pequenos.

	<b>População máxima ideal</b>	<b>População 2012</b>
Família <i>Moraceae</i>	30 %	48,99 % das famílias
Gênero <i>Ficus</i>	20 %	45,29 % das <i>Moraceae</i>
Espécie <i>Ficus microcarpa</i>	10 %	32,32 % dos <i>Ficus</i>

Tabela 7

Uma medida de diversidade é verificar até que ponto uma população está exposta aos riscos associados com a monocultura. Esta medida define como meta uma população de árvores não ser maior do que 30% de uma mesma família, 20% de mesmo gênero e não mais do que 10% de qualquer espécie. Esta fórmula sugerida por Santamour (1990) é reconhecida por vários autores<sup>73</sup>.

<sup>73</sup> SANTAMOUR JR., Frank S. **Trees for urban planting: diversity, uniformity, and common sense**.1990. Anais Seventh Conference of the Metropolitan Tree Improvement Alliance , p. 57–65 in <http://www.ces.ncsu.edu/fletcher/programs/nursery/metria/metria07/m79.pdf>

A análise desses dados relativos ao plantio no Campo de Santana expõe o problema que a morte das figueiras representa e o impacto nas características daquela paisagem (Tabela 7).

Outra forma de analisar os dados é examinar a composição da arborização do parque, agrupando espécies por atributos. Por exemplo, as espécies podem ser classificadas por origem, ou seja, como nativas ou exóticas. No caso do Campo de Santana a grande maioria é de espécies exóticas, portanto mais sujeitas à pragas. O levantamento realizado pela pesquisa apontou que das 85 espécies existentes hoje, 51 são exóticas, o que representa 60% das espécies. Se levarmos em conta as unidades, esse percentual chega a 81% do total das árvores do parque (Tabela 8).

<b>Origem</b>	<b>Espécies</b>	<b>Indivíduos</b>
Espécies exóticas	51 espécies = 60 %	482 unidades = 81%
Espécies nativas	34 espécies = 40 %	114 unidades = 19%

Tabela 8

Diversidade é uma importante medida de resiliência da floresta. Uma floresta mais diversificada, tanto em número total de espécies representadas como na sua abundância relativa, é mais capaz de se adaptar às mudanças ambientais, bem como infestações de pragas e doenças.

Quando apenas algumas poucas espécies dominam a composição de uma população de árvores, estas mudanças ou infestações irão impactar significativamente toda a população. É importante estar ciente da vulnerabilidade de uma população de árvores adultas para doenças prováveis e pragas, e se preparar para esse impacto.

### **Distribuição de árvores por tamanho**

Quando um grupo de árvores da mesma espécie tem semelhantes condições de cultivo (solo, água, luz), é aceitável a utilização da medida de diâmetro do tronco como uma determinação da idade comparativa, ainda mais em climas tropicais como o nosso onde os anéis de crescimento não são tão perceptíveis.

O tamanho da árvore é uma consideração de gestão importante porque pode ser utilizado para indicar as árvores que precisam de atenção especial, e como essa atenção deve ser dada. As maiores árvores do parque exigem inspeção profissional e de manutenção, tanto como uma questão de preservação do dossel, bem como questão de segurança do público. No Mapa E (ANEXO 1) estão localizadas as árvores com seu DAP estimado.

Os itens abaixo não foram coletados por esta pesquisa, mas devem compor o inventário mais aprofundado necessário para subsidiar a tomada de decisões na gestão da arborização:

### **Condição das árvores**

A condição das árvores no parque deverá ser avaliada com base em critérios como vigor, folhagem, a evidência de madeira morta e decadência, a presença de insetos ou doenças. No plano de Fort Greene Park as árvores foram classificadas como excelente, boa, ruim, morta, caule<sup>74</sup>, ou toco. Para o Campo de Santana poderão ser utilizados esses critérios ou serem utilizados outros de acordo com a incidência de problemas específicos. No presente estudo foram identificadas árvores com necessidades urgentes de manutenção que estão representadas no Mapa F (ANEXO 1).

### **Características formais da Paisagem**

As características fundamentais da paisagem deverão orientar decisões de plantio. A morte das figueiras deverá ser encarada e decisões de plantio deverão ser tomadas para manter as características do parque. Continuar a substituição pela mesma espécie ou adotar outra espécie é uma dessas questões. A escassez de mudas de *Ficus microcarpa* em viveiros locais é um aspecto determinante, e deveria ser resolvido com o plantio sistemático em viveiros próprios, para que a reposição possa ser resolvida com indivíduos de maior porte. Pode-se pensar também nas figueiras que brotaram em outros locais da cidade (e são indesejadas) serem transplantadas para o horto ou diretamente para o parque. Recursos

---

<sup>74</sup> "Caule" é uma árvore morta com nenhum galho.

necessários para esta operação deverão estar disponíveis no orçamento anual do órgão.

Entre as maiores árvores do parque (ver Mapa E, ANEXO 1) estão indivíduos das espécies *Ficus microcarpa* e *Ficus religiosa* que muito provavelmente foram plantadas por Glaziou.

### **Condições de crescimento**

Árvores urbanas são sujeitos a tensões diversas que não estariam presentes em condições ideais de crescimento. Poluição, solo muito compactado, pobre e com muitas interferências são problemas comuns. Além disso, a falta de cobertura do solo leva a aumentos da erosão, e redução da estabilidade das árvores, expondo as raízes. É preciso atentar para dois fatores:

#### *Condição do solo ao redor de árvores*

A condição do solo à volta de cada árvore foi uma informação considerada no inventário da arborização de Fort Greene Park. Os solos foram marcados como arejado (bom), compactado (difícil - sem vegetação ao redor da base), bem drenado (seco, mas bom), ou desgastado (raízes expostas). As mesmas informações poderiam ser coletadas para o Campo de Santana.

#### *Condições do local em torno das árvores*

Árvores também deverão ser classificadas de acordo com as condições do terreno em que estão crescendo. As categorias de inventário utilizadas em Fort Greene Park foram gramado, cobertura morta, o solo nu, cova de árvore, ou forração plantada.

### **Danos**

Muitas das árvores no Campo de Santana mostram evidências de vandalismo ou conflito com a infraestrutura. Áreas de uso ativas representam o maior potencial de danos humanos, devido à sua proximidade com os usuários do parque. No Mapa F (ANEXO 1) assinalamos algumas dessas árvores em condições precárias: seja por danos humanos ou que necessitem ações emergenciais de manutenção, como a retirada de protetores, poda ou avaliação técnica das condições da árvore. Estão assinaladas como “em risco” todas as figueiras da espécie *Ficus microcarpa* pela patologia ainda não diagnosticada que acomete indivíduos dessa espécie.

O conflito com a infra-estrutura muitas vezes é causado por má localização do plantio sem ter em conta o crescimento da árvore. A brotação espontânea e que cresce sem controle é outro fator. Uma planta-baixa constantemente atualizada com a localização destas árvores no parque ajudaria nas ações de manutenção.

### **Árvores históricas**

Há muito pouca informação disponível sobre o plantio de árvores no Campo de Santana anteriores a 2006. Não há, como dito anteriormente, nenhuma planta-baixa em que conste a especificação de plantio, apenas alguns levantamentos nem sempre confiáveis. Poderíamos pensar no registro das memórias de antigos funcionários como forma de suprir, ainda que parcialmente, a inexistência de registros nos arquivos da FPJ. Antigos *folders* e impressos, sem data precisa, assinalam árvores notáveis do Campo de Santana (ver Mapa D no ANEXO 1). A comparação desses antigos documentos com a planta atual nos permite perceber o grande número de árvores marcadas como “notáveis” ou dignas de interesse e que desapareceram do parque. Cabe uma pesquisa para avaliar a pertinência do replantio dessas espécies desaparecidas.

#### **4.3 Plano de gestão da arborização – METAS**

Diferentemente do que ocorre nas florestas naturais, nos parques urbanos há necessidade de gestão cuidadosa da sua arborização, a fim de maximizar os benefícios da infraestrutura verde. É necessário também garantir a segurança dos usuários e prevenir riscos com a queda de galhos ou árvores.

##### **Metas da Gestão**

As florestas urbanas transmitem uma série de benefícios quantificáveis e que podem ser melhorados através da gestão. Abaixo estão alguns dos principais pontos que devem nortear a tomada de decisões na gestão da arborização do Campo de Santana:

##### *Cobertura do dossel e saúde pública*

Um dos principais objetivos deste plano de manejo florestal urbano é a de proteger e melhorar o dossel. Ele é a estrutura básica que fornece a maior parte das vantagens ambientais e de saúde pública de uma árvore, sob a forma de folhas individuais e da sua área. Desde a redução de temperatura, redução da velocidade do vento, até a limpeza do ar através da absorção e redução de poluentes, incluindo o óxido de azoto, dióxido de enxofre e monóxido de carbono. É sabido que a vista de copas frondosas diminui o tempo de recuperação para pacientes hospitalares. Cada árvore e cada espaço do parque cultivado proporcionam a melhora da saúde física e mental dos seus cidadãos e a qualidade do ar de uma cidade.

A morte de pelo menos 138 figueiras de grande porte nos últimos 20 anos representou uma perda significativa do dossel. Estudos e ações mais efetivas devem ser implementadas para minimizar esse problema.

##### *Recreação passiva*

As árvores saudáveis transmitem benefícios para toda a cidade, mas as comunidades que cercam imediatamente o parque desfrutam da maioria dos benefícios. As árvores não só melhoram a qualidade do ar local como fornecem sombra para os usuários do parque e um cenário agradável de descanso e relaxamento. Através de uma gestão cuidadosa e plantio, as árvores podem criar espaços convidativos.

No caso do Campo de Santana a recreação é, predominantemente, passiva. Os bancos situados à sombra são disputados pelos usuários contemplativos. Outro grupo grande de usuários é o de passantes, e proporcionar área de sombra para os transeuntes é um benefício que não pode ser negado.

#### *Valores estéticos*

As árvores têm um alto valor estético. Nas diversas entrevistas realizadas, todos os entrevistados se referiram à beleza das árvores do Campo de Santana. As árvores fornecem as vistas, cheiros e sons de cada estação, mesmo sem termos as quatro estações distintas. A queda das folhas da *Ficus religiosa* ou a floração mal cheirosa da *Sterculia faetida*, por exemplo, sinalizam as mudanças neste parque.

#### *Habitat para vida silvestre*

Os parques oferecem a oportunidade para uma infinidade de espécies da fauna urbana, incluindo pequenos mamíferos (cotias, gambás, por exemplo) e aves (tanto migratórias como domesticadas). É possível gerenciar ativamente o parque para atrair as aves urbanas através de plantio de árvores.

#### *Controle de erosão / redução de escoamento das águas pluviais*

Árvores saudáveis em áreas arborizadas reduzem a quantidade de escoamento de águas pluviais que entra no sistema de esgoto da cidade, reduzindo inundações. No Campo de Santana as bacias de retenção das águas da chuva funcionam bem, ajudando sensivelmente na drenagem daquela região densamente urbanizada. A erosão não representa um problema no parque, mas a manutenção do plantio deve atentar para esse cuidado necessário.

#### *Vistas*

As árvores tanto emolduram como obstruem paisagens. Elas podem igualmente ser o foco principal da vista. Muitos projetistas usam árvores como elementos arquitetônicos que proporcionam um pano de fundo ou definem espaços ao ar livre. Ao plantar novas árvores ou podar as existentes, é importante ter em mente sua natureza dinâmica ao longo do tempo e se elas foram plantadas como elementos de anteparo visual. No Campo de Santana a intenção

projetual de Glaziou precisa ser entendida, para que possa ser mantida nos plantios futuros.

#### *Patrimônio Cultural e uso atual*

A população de árvores do parque é na maioria das vezes manejada para conseguir maximizar os benefícios ambientais e ao usuário. Em um parque urbano os elementos históricos e culturais também devem ser considerados. Uma disciplina que vem crescendo - Proteção da Paisagem Cultural - salienta a gestão cuidadosa de paisagens para preservar os elementos significativos daquela paisagem. A gestão da arborização deve esforçar-se para encontrar um equilíbrio entre a preservação da história bem como as condições atuais do local e as necessidades da comunidade.

No caso do Campo de Santana deve-se pensar na manutenção ou substituição da espécie *Ficus microcarpa* levando-se em conta as questões biológicas da espécie assim como os aspectos históricos.

#### *Educação*

A vida numa grande cidade deixa pouca oportunidade para os cidadãos interagirem e aprenderem sobre a natureza. Parques urbanos podem fornecer essa conexão importante e oferecem muitas oportunidades de aprendizagem. Se o plano de gestão da arborização for pensado tendo as oportunidades educacionais em

pauta, o parque se tornará um veículo para o aprendizado sobre as questões ambientais.

#### **Zonas de Gestão (Zoneamento)**

Questões de gestão de árvores do parque podem ser divididas em três categorias gerais: aqueles que precisam ser tratadas imediatamente, como árvores mortas ou perigosas, problemas crônicos (poda, inspeção de pragas) e planejamento (plantio e traçado).

Em Fort Greene Park foi proposto um zoneamento do parque em sete zonas de gestão que foram selecionados com base no nível de uso, composição das espécies de árvores, e delimitação de caminhos e topografia. A cada ano uma dessas recebe cuidados intensivos. Em sete anos o parque todo é atendido, e é um ciclo razoável dado o tamanho do parque e sua condição. Foi sugerida uma ordem de rotação e de outros critérios importantes. As necessidades mais urgentes no trato da arborização, como as condições perigosas, devem sempre ser resolvidas imediatamente.

No Campo de Santana poderia ser pensado um zoneamento em quatro áreas (norte, sul, leste e oeste). A cada ano uma área receberia maiores cuidados, tanto na solução de problemas crônicos como no planejamento e projeto. O número de zonas, e a

conseqüente periodicidade do manejo, devem ser definidas com base nas necessidades da arborização do parque.

### **Manutenção**

Árvores saudáveis concedem inúmeros benefícios, mas árvores mal conservadas podem representar um risco considerável para os usuários do parque. Galhos secos podem cair e atingir alguém, raízes podem causar rachaduras em áreas pavimentadas, folhas podem entupir drenos e frutas podem apodrecer e cheirar mal. Embora os benefícios das árvores superem largamente os custos, manutenção cuidadosa é necessária para gerenciar os riscos que muitas vezes são previsíveis, detectáveis e evitáveis. Excluindo os problemas emergenciais, a manutenção das árvores deve ser realizada após os anos determinados pelo plano de rotação de zonas descrito anteriormente.

### *Poda*

No cenário de um parque, as preocupações de segurança e de estética exigem um elevado nível de manutenção. As árvores jovens podem precisar de poda para criar uma estrutura robusta e uma ramificação agradável enquanto a árvore cresce. Grandes galhos mortos devem ser podados em uma árvore madura.

### *Remoção de árvores*

As árvores podem estar em declínio e ainda proporcionar benefícios significativos, desde que os riscos sejam adequadamente tratados através da poda, cabeamento, ou outras medidas de arboricultura. A remoção da árvore deve ser a última ferramenta utilizada pelo gestor, especialmente quando a árvore é historicamente importante ou um espécime notável.

Há situações em que as árvores devem ser removidas imediatamente. Por outro lado, madeira morta deixada para se decompor no local acrescenta nutrientes ao solo e fornece o habitat e alimento para a flora e fauna locais, e podem não ser removidas do parque. Definir os critérios que estabelecerão uma ou outra opção é importante.

### *Inspeção*

Os parques podem se beneficiar de uma equipe dedicada e um grupo de usuários regulares com voz ativa, que são rápidos em apontar os problemas de saúde de árvores. Este é um bom papel para os usuários do parque e uma primeira linha de defesa, mas as árvores também se beneficiarão de uma programação regular de inspeção por um profissional treinado. As inspeções devem incluir um exame minucioso para uma série de medidas de saúde de árvores, incluindo decadência, pragas e doenças, condições insalubres de crescimento e vandalismo. O inspetor deve

documentar estes problemas e recomendar soluções de arboricultura apropriadas ou monitoramento futuro, se necessário. No caso do Campo de Santana poderão ainda ser observadas as brotações e propagações espontâneas que precisam ser removidas.

#### *Manejo de pragas e doenças*

Apesar de insetos e patógenos de árvores serem comuns na vida das árvores, existem algumas técnicas que podem reduzir bastante a chance de infecção ou surto. Inspeções regulares, até mesmo por voluntários ou estudantes, são a melhor forma de identificar possíveis problemas. O valor individual de cada árvores do parque faz com que medidas preventivas como a inspeção e inoculação sejam importantes.

#### *Condições de crescimento*

Existem várias opções para melhorar as condições de cultivo de uma árvore. Estas opções variam em intensidade e custo. Um profissional treinado deve determinar quais tratamentos as árvores necessitam. A seleção de árvores pode ser baseada no plano de gestão de rotação de zonas. No entanto, as maiores árvores do parque devem ser consideradas prioritárias, independentemente da localização.

As opções disponíveis para melhorar as condições das árvores podem variam em intensidade e custo. Um técnico treinado deve

determinar quais árvores se beneficiarão mais com determinados tratamentos. As maiores árvores do parque devem sempre ser consideradas prioritárias.

- Cobertura morta – processo barato de devolver nutrientes ao solo lentamente, aumentando a matéria orgânica do solo, a retenção de água e isolando a base da árvore. Este material está geralmente disponível a partir de galhos lascados e árvores dentro do próprio parque.
- Aeração do solo - pode ser feita de várias maneiras diferentes, a fim de aumentar os poros no solo. A compactação do solo é uma condição muito difícil de reverter e põe em risco árvores em paisagens muito utilizadas. Os gestores devem explorar novas técnicas e estudar várias opções para reverter o problema.
- Adubação - pode ajudar as árvores doentes e aumentar o vigor de árvores mais velhas. Adubação deve ser utilizada apenas para corrigir os desequilíbrios químicos conhecidos do solo. Análise de solo deve ser feito sempre antes da decisão de adubar.
- Remoção de infraestrutura conflitante reduz danos por problemas causados por pavimentos e grades. Esses elementos devem ser removidos quando necessário para permitir o crescimento adequado da árvore.

### *Manutenção de árvore jovem*

As árvores jovens necessitam de cuidados mais freqüentes do que as árvores mais velhas. Dependendo das condições, elas precisam ser regadas, podadas, e/ou serem protegidas com cercas temporárias, pois são mais suscetíveis ao vandalismo e condições ambientais adversas. As cutias existentes no parque demandam que ações de proteção às árvores recém-plantadas sejam ampliadas.

### *Gestão da vida silvestre*

O Campo de Santana é uma ilha ecológica, cercado por todos os lados de ambiente construído e sem ligação verde significativa para outras áreas naturais. São necessários maiores estudos sobre o papel do parque na rota de aves migratórias, mas aumentar o plantio de árvores nativas pode melhorar o habitat dos animais silvestres e da avifauna urbana.

### *Questões específicas por espécies de árvores*

Uma série de problemas de saúde de árvores afeta apenas certas espécies. Administradores do parque devem estar cientes dessas questões e atentar especialmente a esses problemas enquanto monitoram os recursos arbóreos do parque. No Campo de Santana o principal problema diz respeito às figueiras. Tanto a espécie *Ficus microcarpa* quanto alguns indivíduos de *Ficus religiosa* estão sofrendo uma grande mortandade.

### *Questões de cada local específico*

Há uma série de questões no parque que são especialmente prevalentes em determinados locais. Essas áreas devem ser monitoradas e medidas tomadas, quando necessário. As seguintes áreas estão em necessidade de atenção especial atualmente: as ilhas, a área externa da Escola Campos Sales, área junto à “vila miséria”, e área próxima ao respiradouro do metrô.

### **Proteção das árvores**

#### *Proteção contra obras*

Construções ou instalações diversas que porventura sejam necessárias próximas de árvores podem acarretar muitos danos: injúria aos troncos, compactação do solo na zona de raiz, raízes decepadas, galhos partidos, exposição diferente ao vento e sol, etc. Quando a obra é necessária, é importante para os empreiteiros entender a importância da preservação das árvores e usar as melhores práticas para protegê-las.

#### *Vandalismo e danos não intencionais às árvores*

É impossível policiar constantemente todo o parque. É possível, no entanto, aumentar a conscientização da comunidade sobre a saúde da árvore e com isso aumentar o respeito das pessoas para com a vegetação do parque. No Campo de Santana é urgente ação de educação ensinando sobre os danos da urina humana nas árvores.

Educar os visitantes e crianças de escolas locais sobre as árvores do parque pode reduzir o vandalismo. Danos acidentais causados à árvore são principalmente uma questão de educação. A maioria das pessoas não percebe que algumas práticas podem, eventualmente, levar a condições de risco e mortalidade de árvores.

Programas de sensibilização do público sobre as árvores do parque, enfatizando sua importância histórica e os benefícios que elas proporcionam, podem influenciar o comportamento do visitante.

### **Plantios**

O plantio de árvores em um parque desenvolvido pode impactar significativamente a paisagem do parque para os próximos anos. Muitas vezes decisões de plantio, incluindo a seleção de espécies e sua localização, são feitas sem planejamento e sem uma estratégia de longo prazo. Uma variedade de agentes pode participar em momentos diferentes no processo decisório que irão moldar a paisagem.

Há uma clara necessidade de planejamento global da paisagem para orientar as práticas de arboricultura dos nossos valiosos e arborizados parques históricos. Tais planos vão minimizar a degradação - não intencional mas gradual - de uma paisagem projetada ao longo do tempo, bem como maximizar o potencial dos benefícios associados. O desafio para um gestor de parque é plantar

árvores novas e de substituição suficientes a cada ano para manter o delicado equilíbrio entre o desenho projetado e a cobertura do dossel sem afetar negativamente a qualquer um. Sem um plano claro para orientar os plantios, o parque pode ganhar árvores, mas esse equilíbrio não será atingido.

Um plano não só deveria especificar o que (espécie) e onde (local), mas quando (período de tempo) e por que (objetivos subjacentes). Pode-se perseguir um processo colaborativo de desenvolvimento de um plano, envolvendo técnicos, o administrador do parque, e a comunidade usuária, visando resolver os conflitos entre o projeto histórico, as preferências da comunidade (tanto de técnicos como usuários) e as questões de uso atuais.

### *Planejamento da paisagem histórica*

Todos os parques têm uma paisagem original. Quanto mais tempo um parque foi criado, mais provavelmente acumulou alterações no projeto, algumas mais admiradas do que outras, algumas historicamente mais importantes, e algumas em conflito com outras. O Campo de Santana, inaugurado em 1880, sofreu impactos importantes desde a sua criação. Como tal, é uma paisagem cultural importante, e as estratégias de plantio e de gestão devem ser sensíveis a esta história, bem como com as necessidades atuais do parque.

*O Historic Landscape Initiative do National Park Service (NPS) oferece uma grande quantidade de orientações para o planejamento da paisagem cultural. Esta disciplina relativamente nova é instruída pelo conceito de que "administração sensata protege o caráter e/ou o espírito de um lugar ao reconhecer a história como mudança contínua." Sob este modelo, o processo de planejamento inclui uma extensa pesquisa e construção de consenso para determinar o equilíbrio adequado de quatro opções de tratamento: preservação, reabilitação, restauração e reconstrução. Estas decisões vão além do plantio, manutenção de impacto e interpretação da paisagem, mas seria o primeiro passo para desenvolver um plano de plantio. A abordagem de planejamento de paisagem cultural do Serviço Nacional de Parques é provavelmente a única que vai resolver projetos e desejos conflitantes para mover os tomadores de decisão em direção a um plano de plantio pró-ativo. Esta abordagem é fortemente recomendada.<sup>75</sup>*

As seções seguintes são recomendações específicas que devem instruir o processo de planejamento da paisagem e orientar os plantios intermediários:

#### *Diversidade e seleção de espécies:*

Uma diretriz comum para a manutenção da diversidade de espécies em ambientes urbanos é a regra 10-20-30. Isto é, nenhuma espécie deve contar com mais de 10 por cento das árvores em um parque, nenhum gênero mais do que 20 por cento, e não mais de 30 por

cento de uma mesma família. Como já vimos, essa recomendação não é seguida no Campo de Santana. E o que é pior: a espécie, gênero e família mais abundante é a que se apresenta comprometida. A morte das figueiras está alterando significativamente a paisagem local. Considerações a esse respeito deverão ser enfrentadas por especialistas e orientar os projetos de plantio futuros (ver Mapa F, ANEXO 1)).

Diferentes espécies oferecem diferentes amenidades a um parque. Algumas crescem muito e proporcionam ótima sombra, outras têm uma floração significativa ou atraem pássaros. Ao decidirem aumentar a diversidade de espécies no parque, as novas propostas de plantio devem levar em conta uma série de variáveis. Entre elas devem ser incluídas as seguintes:

- Características ambientais do local

Durante o processo de seleção de espécies deveria ser da mais alta prioridade para garantir melhores chances de sobrevivência: análise do clima, qualidade do ar, tipos e química do solo, o regime de drenagem, níveis de compactação e inclinação do solo. Uma vez que as características ambientais do local e as limitações são consideradas, há uma gama de espécies para escolher. Neste ponto, as outras variáveis entram em jogo.

---

<sup>75</sup> DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. New York: City of New York Parks & Recreation, 2004. p. 29

- **Características biológicas**  
A vegetação circundante, copa das árvores, e os vetores presentes e/ou potenciais para danos causados por insetos ou doença devem ser considerados. Embora não possamos antecipar cada surto de pragas e colonização invasiva que o futuro trará, evitando espécies sensíveis ou fracas promoveremos a longevidade da vegetação urbana.
- **Uso de espécies nativas ou exóticas**  
Considerações do que havia no local antes da intervenção de gestores pode ser útil em alguns casos. Espécies nativas podem ter em algumas paisagens mais sucesso do que as exóticas. No entanto, há uma série de espécies não-nativas que têm uma história longa de uso em plantios nas áreas urbanas. O uso de espécies exóticas invasoras deve ser evitado.
- **A utilização de espécies históricas**  
Espécies que foram incluídas no plano original de plantio e/ou subsequentes devem ser investigadas e consideradas. Reintroduzir algumas das espécies que estiveram historicamente presentes ajudaria a diversificar a paisagem. Documentos como fotos, antigos levantamentos e folheto da

década de 1980 (Mapa D, ANEXO 1) podem dar informações importantes.

- **Contribuição da comunidade**  
É importante considerar os valores dos usuários do parque e gestores no processo decisório. Maior colaboração e diálogo muitas vezes podem resultar em um maior consenso para um determinado conjunto de ações, resultando numa chance melhor de sobrevivência da paisagem. Os locais, tipos de árvores (floração, se é perene ou caducifólia, etc), e metas ambientais urbanas devem ser discutidos neste processo.
- **Características projetadas e construídas**  
O tamanho final de árvores maduras devem ser considerados quando da escolha das espécies plantadas perto de edificações, monumentos, bem como visadas existentes ou potenciais. As árvores podem impactar esses recursos construídos, tanto positiva como negativamente, por meio de sombreamento, por queda de flores ou frutos e enquadrando ou obstruindo pontos de vista.

*Densidade de caule:*

Determinar quantas árvores plantar em um parque urbano não é uma ciência exata. Enquanto uma meta de gestão importante é o de

maximizar a cobertura de copas, muitos outros fatores devem ser levados em conta:

- Onde estamos agora?

É importante compreender as características específicas da população arbórea atual, a fim de planejar o futuro. Se a população é jovem e bem variada, o plantio pode não ser uma prioridade – esse não é o caso do Campo de Santana. As árvores estão em um ponto em que a cobertura de dossel já diminuiu consideravelmente. A perda de árvores maduras conduz a uma perda significativa de cobertura de dossel requerendo uma substituição superior a 1:1, a fim de manter ou melhorar as condições atuais.

- Como gestores e usuários querem que o parque se pareça no futuro?

Ou seja, qual é a densidade de caule e a cobertura do dossel ideal para o parque? Alguns visitantes gostariam de mais vistas abertas e, talvez, uma densidade inferior de troncos, enquanto outros podem se contentar com a quantidade de áreas sombreadas e abertas no parque. Independentemente do eventual consenso, as condições atuais não são estáticas. A medida que o tempo passa, árvores morrerão. Se as árvores novas são adicionadas ao parque apenas quando as

velhas morrem, a densidade de caule não vai mudar, mas a perda de árvores de grande porte vai levar a uma cobertura foliar significativamente menor. Se o consenso é para manter a cobertura, as árvores devem ser plantadas em antecipação da perda da copa, aumentando assim a densidade do caule, mas mantendo o atual nível de dossel. O processo de planejamento da paisagem deve incluir o estabelecimento de cobertura do dossel e as metas de densidade de caule. Os gestores devem advogar para maximizar a cobertura de copa (como um bem comum), além de priorizar a qualidade estética da arborização urbana - um benefício visual direto mais provável de ser escolhido afirmativamente pelo participante no processo de planejamento.

- Quantas árvores maduras morrem em média por ano?

Taxas de mortalidade anuais de árvores não são computadas. Na área da escola, por exemplo, as árvores mortas foram retiradas pela Comlurb e não aparecem nos relatórios e contagens da FPJ. A NYCParks não tem um número confiável de mortalidade de árvores para o parque, mas acompanha a remoção de árvores mortas ou doentes nas ruas. Essa taxa média é de que 1,5% da população total de árvores são removidas a cada ano. Lá é estimada uma taxa de mortalidade inferior para árvores maduras no parque,

já que elas sofrem muito menos estresse que as árvores das ruas. No Campo de Santana a mortalidade de figueiras vai determinar taxas distintas para essa e para as outras espécies do parque.

- Qual é a taxa de sobrevivência das árvores recém-plantadas? A distribuição das árvores nas florestas, com muitas árvores jovens e menos árvores mais velhas, reflete a necessidade da presença da nova geração disponível para substituir as árvores mais antigas à medida que estas envelhecem e morrem naturalmente. Afinal, elas sofrem pressões populacionais significativas e maior concorrência. Em um parque urbano fatores como espaço, dinheiro, segurança, estética, limitam o número de árvores plantadas. É impraticável plantar maior número de árvores contando com futuras perdas, mas também não é realista esperar que toda a árvore que seja plantada sobreviva até se tornar uma árvore adulta. A NYCParks não tem uma taxa média de sobrevivência para as árvores recém-plantadas, e utiliza a taxa de mortalidade de árvores nas ruas. A mortalidade média de árvores nas ruas de 2,5 anos após o plantio é de 11,4%. Mais uma vez, podemos esperar que este número seja menor no ambiente menos estressante do parque. No Campo de Santana a taxa de mortalidade não é monitorada.

- Qual infra-estrutura está disponível para cuidar de árvores recém-plantadas?

Mesmo que os gestores possam identificar um número ideal de árvores para plantar por ano, o pensamento deve ser de quantos funcionários e voluntários são necessários para mantê-las adequadamente. Plantar menos árvores bem cuidadas pode ser uma melhor utilização dos recursos do que plantar muitas árvores que não podem ser mantidas. Levando em conta todos os fatores acima e assumindo uma meta de manter a densidade atual de caule, os gestores de Fort Greene Park concluíram que 10 árvores devem ser plantadas a cada ano.

Essa decisão deve levar em conta se haverá perda da cobertura, e se ela é temporária. Se através do processo de planejamento da paisagem, verifica-se que a quantidade de perda é inaceitável, então locais adicionais para o plantio devem ser encontrados e/ou espécies precisam ser alteradas.

Os gestores devem continuar a monitorar as taxas de mortalidade, uma vez que ela influencia a recomendação de plantio. Usando a abordagem de gestão por zonas, o plantio anual deve ocorrer principalmente nas zonas de foco para cada ano. Exceções devem ser feitas para perdas de árvores em locais significativos e de grande visibilidade, onde as

árvores devem ser rapidamente plantadas, independentemente do foco do ano em curso.

### *Plantio em Locais Específicos*

Há algumas áreas do parque que necessitam de atenção específica.

Abaixo algumas delas identificadas por essa pesquisa:

- Aléia central – a morte de muitas árvores no principal passeio do parque causou perda significativa do dossel no trecho mais utilizado por transeuntes.
- Ilhas – maior cuidado com o manejo da arborização dessas áreas isoladas. Há muito plantio espontâneo.
- Escola Campos Sales – as várias figueiras mortas no pátio utilizado pelas crianças para recreação vão demandar atenção na nova especificação do plantio.

### **Alcance**

Não temos uma contagem do número de usuários nem dos passantes pelo parque, mas a sua localização - entre a Central do Brasil e a área comercial conhecida como SAARA - faz pressupor que seja um número elevado. Há muitas oportunidades de envolver a comunidade na gestão das árvores do Campo de Santana. O parque está cheio de grandes e belas árvores, nativas e exóticas. Pessoas que gostam do parque também irão gostar de saber sobre suas árvores excepcionais. É importante construir uma conexão entre os

usuários e as árvores do parque. Através de uma série de projetos - desde aumentar o potencial de consciência passiva (sinalização) até o recrutamento de voluntários para o cuidado da árvore - o gestor pode chamar a atenção para as árvores do parque.

Seguem possíveis iniciativas de envolvimento do público:

- Chegar aos grupos existentes: alguns grupos comunitários são muito ativos dentro do Campo de Santana, principalmente as “gateiras” – cuidadoras voluntárias dos gatos, e os “esportistas” – que correm ou fazem caminhadas no parque. Certamente eles estão interessados em projetos relacionados com a saúde da arborização. Os administradores do parque devem fazer um esforço para chegar até eles e atraí-los.
- Oferecer um fórum para a participação da comunidade nas decisões de projeto: realizar seminários para ouvir o público em decisões de plantio e design do parque.
- Usar sinalização para a educação e sensibilização: aumentar e melhorar a sinalização do parque e do seu entorno, seja com identificação de espécies de árvores, meios para visitas auto-guiadas, informações sobre a proteção da árvore, e outros assuntos úteis e informativos.

- Criar um folheto: desenvolver uma brochura para o Campo de Santana destacando que as árvores mais significativas do parque, juntamente com sua história natural e cultural.
- Incentivar o voluntariado: promover programas para jovens e crianças no parque, como a criação de oficinas regulares para treinamento de voluntários e a “adoção” de árvores recém-plantadas por estudantes.
- Vincular questões florestais urbanas a outras atividades recreativas: estabelecer um grupo de observação de pássaros, por exemplo, que possam construir caixas-ninho e enfatizar o valor de árvores frutíferas para pássaros migratórios.

## Educação

*Em Forte Greene Park a administradora gasta uma boa parte de seu tempo trabalhando com grupos de escolas para sensibilizar sobre as inúmeras ofertas naturais do parque - a cada semana ela se reúne com alunos do Ensino Médio da Escola Brooklyn Tech para discutir questões ambientais, muitas vezes trazendo palestrantes convidados e trabalha regularmente com o Programa de Adolescentes Autistas em projetos de serviços comunitários, além de encontros com muitos outros grupos escolares - que vão desde a pré-escola ao ensino médio. Compartilhando esse plano de gestão (incluindo os mapas coloridos) amplia os esforços*

*educacionais, mostrando aos alunos como a ciência instrui a gestão da arborização do parque, bem como promove o sentimento de orgulho do parque. O conhecimento obtido a partir deste plano deve também ser integrado em exposições permanentes no Centro de Visitantes.*<sup>76</sup>

O trabalho com estudantes, sem distinção de nível, reforça os laços do parque com as escolas locais. Os alunos mais velhos podem usar o conjunto de dados para projetos mais quantitativos, como por exemplo, análises estatísticas que poderiam ser utilizadas pela FPJ. Além disso, projetos de educação ambiental seriam altamente benéficos para o parque. Estagiários de escolas secundárias locais e faculdades poderiam ser recrutados e garantir crédito para seu curso ou apoio trabalho-estudo, realizando trabalhos de interesse para a melhor gestão do parque.

## Pesquisa

Existem muitas oportunidades para a pesquisa sobre o Campo de Santana. Algumas propostas estão informadas neste inventário, nas seções anteriores. Abaixo mais algumas sugestões, que podem e devem ser ampliadas com assuntos de interesse dos técnicos e gestores envolvidos:

- Inventário arbóreo

---

<sup>76</sup> DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. New York: City of New York Parks & Recreation, 2004. p.34

O caráter abrangente do plano de gestão é destinado a servir como base para a futura recolha de dados. Cada árvore no parque deverá estar espacialmente localizada e compor um banco de dados digital de informações. Dados com a profundidade proposta por esse plano não são comuns para as árvores do parque e por isso é importante que seja mantida regularmente atualizada. As árvores no parque devem ser re-inventariadas a cada 10 anos - em poucas décadas o Campo de Santana pode servir como um modelo, bem como um local para análise de longo prazo das árvores urbanas.

- Mortandade de figueiras

Apesar de pesquisa sobre esse assunto já estar em andamento, não se sabe se será definitiva ou demandará desdobramentos e pesquisas complementares. Já que a mortandade ocorre em outros lugares da cidade, extrapolaria os limites do parque e seria de interesse para toda a municipalidade.

- Solos

O parque poderá beneficiar bastante a partir de um mapa detalhado de solos, incluindo camadas de solo, taxas de drenagem, pH, e as quantidades de material orgânico, etc. O solo poderia até ser testado para metais pesados e outros poluentes.

Criar um mapa de solos seria um excelente projeto ou estágio para estudante de pós-graduação interessado nos solos urbanos.

- História da arborização

Há necessidade de aprofundar as questões apontadas por essa pesquisa sobre as árvores do Campo de Santana. Um estudante sob orientação poderia tentar determinar quais árvores foram plantadas em que período. Seria interessante identificar as árvores plantadas por Glaziou no século XIX que ainda estejam no parque e identificá-las. Essas árvores devem ser protegidas.

- Modelagem do Seqüestro de Carbono

O modelo de computador UFORE foi desenvolvido pelo Serviço Florestal dos EUA para quantificar os benefícios das árvores urbanas sobre o meio ambiente. Com a coleta de alguns dados a mais, um aluno ou grupo de alunos poderia calcular os benefícios físicos em termos de redução da poluição do ar e seqüestro de carbono da arborização do Campo de Santana para a comunidade envolvente.

- História da Fundação Parques e Jardins (FPJ)

Essa que é a mais antiga instituição pública do Rio de Janeiro (quem sabe do país) com as mesmas atribuições desde o império, precisa ter sua história conhecida e registrada. A

decadência e o encolhimento da instituição promovida pelo Poder Executivo Municipal nos últimos anos é altamente contraditória no momento em que o Rio de Janeiro é elevado à patrimônio da humanidade na categoria Paisagem Cultural.

### **Gestão da Informação**

Este plano de pesquisa e de gestão é um ponto de partida para gestão ativa continuada dos recursos florestais do parque. O cuidado em documentar mudanças na estrutura da arborização (morte, plantio, remoções, poda, incidentes de vandalismo, etc) vai permitir que o gestor do parque avalie o sucesso dos programas implementados ao longo do tempo.

Para ajudar esse trabalho, técnicos do município e o administrador do parque devem estar familiarizados com GIS. Mapas em papel não são a melhor maneira de atualizar os dados do inventário das árvores, e assim gestores de arborização devem, no mínimo, ser capazes de utilizar o programa ArcGIS. Seu programa mais básico, o ArcPad, foi concebido para ser executado em um assistente digital pessoal (PDA ou *palmtop*), embora também possa ser executado em um PC normal.

O investimento em equipamento e treinamento compensa grandemente, pois fornece ao gestor da arborização a atualização

com informações mais precisas. É imprescindível que essas informações sejam registradas e mantidas atualizadas para servirem de referência para o futuro.

Este plano serve como o primeiro passo para produzir uma história abrangente da arborização do Campo de Santana. Esta história não só irá melhorar a gestão do próprio parque, mas poderá a vir instruir a gestão de outros parques históricos do Rio de Janeiro.

Concluindo esse capítulo, pode-se dizer que o Campo de Santana é um dos parques mais significativos da história do paisagismo brasileiro e contém um recurso florestal importante não só para o Centro, mas para toda a cidade. Suas árvores fornecem inúmeros benefícios através de seu dossel, como sombra e beleza.

A população de árvores, no entanto, é envelhecida e necessita de manutenção mais intensiva. Cuidados ainda maiores demandam os indivíduos da espécie *Ficus microcarpa*. Ao mesmo tempo, há diversas gerações diferentes de árvores que crescem atualmente. O legado do desenho histórico significativo exige uma abordagem sensível a todas as decisões de gestão do parque.

As muitas recomendações descritas nesta pesquisa podem ser resumidas em alguns pontos:

**Plano de Gestão da Paisagem:**

É da mais alta prioridade que a FPJ desenvolva um plano de gestão da paisagem para o Campo de Santana levando em conta sua importante história cultural e paisagística. É preciso resolver os problemas de longa data do parque.

O processo aqui apresentado poderá ser enriquecido com recomendações desenvolvidas por instituições como a americana National Park Service ou a inglesa The Garden History Society que se ocupam da paisagem cultural, sem esquecer a importante contribuição do IPHAN com o seu Manual dos Jardins Históricos (Delphim, 2000).

Uma vez que um plano de gestão da paisagem seja desenvolvido, os gestores podem se concentrar em plantar ou manejar a arborização de uma zona por ano.

**Rotação de zonas:**

O plano de sete zonas/sete anos para Fort Greene Park garante que cada parte do parque seja sistematicamente monitorada e mantida a cada ano. No Campo de Santana pode-se recorrer a essa técnica de gerenciamento sistemático para monitorar melhor áreas menores do parque e garantir uma melhor gestão.

**Manutenção da arborização**

As árvores do Campo de Santana devem ser inventariadas e avaliadas imediatamente.

Deve-se pensar na manutenção da arborização a partir dessa avaliação, removendo imediatamente as árvores mortas que possam representar risco aos usuários e criando uma rotina de inspeção regular por técnicos treinados.

**Alcance comunitário**

É preciso começar a envolver a comunidade local nas decisões tomadas em relação às árvores do Campo de Santana. Esta recomendação não é simplesmente para ser justo com as pessoas que mais usam o parque, é procurar avançar na construção de um consenso. Esse envolvimento irá aumentar a visibilidade das árvores para o usuário do parque e é também uma chave na criação de um sentido de responsabilidade.

O Plano de Manejo da Arborização tem o potencial de ser um recurso valioso, não apenas para o Campo de Santana, mas para outros parques históricos sob tutela da FPJ. O plano deve, principalmente, permitir que os recursos existentes sejam distribuídos de forma mais eficiente, criando um impacto maior e

mais positivo sobre a arborização. Além disso, se os dados forem atualizados regularmente, as informações do parque irão informar toda a cidade das decisões de gestão do parque. Pode, inclusive, servir como uma excelente ferramenta de captação de recursos para programas no parque e no seu entorno.

Embora um plano contenha algumas prescrições e muitas sugestões, deve ser utilizado principalmente como uma ferramenta e não como uma receita, para a gestão florestal. Afinal, “florestas, urbanas ou rurais, são sistemas dinâmicos que estão frequentemente sujeitas a eventos aleatórios e devem ser gerenciadas como tal”.<sup>77</sup>

Pretende-se que este plano sirva como um recurso para administradores do parque na tomada de decisões de manejo florestal. Um plano de gestão da arborização urbana se destina a orientar as operações ao longo de um período de tempo previamente definido. Um bom período a ser considerado é de 10 anos. Após este prazo, uma revisão das estratégias se torna necessária para permitir a mudança de questões e valores de manejo florestal. Embora muitas das sugestões neste plano se estendam para além deste

limite de dez anos, é importante que a abordagem e os dados aqui apresentados sejam revisto e atualizado periodicamente.

---

<sup>77</sup> DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. New York: City of New York Parks & Recreation, 2004. p. 36

## **CAPÍTULO 5: DIRETRIZES A SEREM ALCANÇADAS**

### **Estratégias de ação para elaboração de Plano de Gestão**

No Capítulo 2 desta pesquisa foram apresentados o histórico da área e sua relação com a evolução urbana da Cidade do Rio de Janeiro.

No capítulo seguinte fizemos os diagnósticos específicos para 10 importantes itens relacionados à manutenção do Campo de Santana: vegetação, monumentos, infraestrutura, edificações, segurança, fauna, pessoal, resíduos sólidos, usos e atividades e estrutura de gestão atual. No Capítulo 4 apresentamos as considerações preliminares para a elaboração da Declaração de Significância daquele jardim histórico além do inventário e das metas a serem perseguidas para elaboração do Plano de Gestão da Arborização.

A partir desses dados levantados pela pesquisa, procuramos nesse capítulo determinar possíveis ações que darão os subsídios necessários para a elaboração de um Plano de Gestão para o parque. Para tal voltamos àqueles 10 itens, com proposições específicas para cada tema.

Um ponto comum a todos é a proposta de criação de grupos de trabalho. Sejam vários, um para cada assunto, ou um grande que trate de todos os temas, o importante é ampliar a discussão. Não é mais possível que um dirigente ou técnico tome sozinho decisões a

respeito de questões tão complexas e que envolvem tantos aspectos distintos. Deve-se buscar a transparência na tomada de decisões e a explicitação dos argumentos para cada ação, que são parâmetros para decisões consistentes.

É natural que um engenheiro florestal pense nas questões fitossanitárias enquanto um arquiteto paisagista se preocupe mais com questões estéticas. A troca de experiências em grupos de trabalho multidisciplinares levarão a resultados melhores. A gestão de paisagens históricas projetadas envolve fazer escolhas<sup>78</sup>. Uma equipe com membros de várias formações, e sustentadas pelo conhecimento profundo do local, vai poder definir essas escolhas com menor possibilidade de erros.

Técnicos de outras Secretarias Municipais envolvidos na manutenção do parque, também deverão ser ouvidos. Sendo o parque tombado à nível estadual e nacional, é necessário que técnicos do INEPAC e do IPHAN participem e opinem para garantir a viabilidade da execução das propostas advindas desse(s) grupo(s) de trabalho.

---

<sup>78</sup> The Garden History Society. Planning Conservation Advice Note 14- Management plans. p.4. Disponível em [www.gardenhistorysociety.org](http://www.gardenhistorysociety.org). Acessado em 09/03/2012

## 5.1 Vegetação

Grupo de trabalho de paisagismo:

- elaboração e definição sobre a planta-base a ser adotada. Encaminhamento deste documento ao INEPAC e IPHAN para arquivamento e futuras ações de fiscalização;
- elaboração do plano de gestão da arborização;
- estímulo à pesquisa;
- ações de educação ambiental;
- definição das espécies a serem produzidas no horto da FPJ e sistematização da produção de mudas para reposição.

Elaborar o Plano de Gestão da Arborização, como descrito no Capítulo 4, e definir as ações necessárias para sua efetiva implantação.

É fundamental que seja elaborada uma planta-base do Campo de Santana. Para isso é necessário um levantamento topográfico, o registro e avaliação de todas as árvores existentes, como principal instrumento do Plano de Gestão da Arborização.

É imperioso que se produza um documento-base que oriente os plantios e possa ser encaminhado aos órgãos de proteção. A partir desse registro, todas as ações que se pretenda efetivar podem ser

avaliadas com maior embasamento. Não se pretende com isso “engessar” o plantio existente como o que deve ser mantido *ad aeternum*. Paisagens projetadas não permanecem estáticas, e devem se adaptar se quiserem sobreviver. Registrar essas mudanças para as futuras gerações é o que deve perseguir, até para uma eventual revisão futura.

Definir as ações necessárias não é suficiente. É preciso definir sua ordem de importância e determinar a priorização das ações. Com planejamento os custos de implantação são reduzidos.

A pesquisa deve ser estimulada, para todos os níveis de escolaridade. Envolver as universidades em questões relativas ao cuidado da arborização urbana deveria ser freqüente. A criação de um Centro de Visitantes ou de área para exposições estimularia e levaria conhecimento a muitas pessoas. Assim como ações de educação ambiental voltadas aos estudantes do ensino fundamental e médio.

O Plano de Gestão da Arborização vai definir espécies a serem produzidas em horto da FPJ, que deverá cuidar para o fornecimento de mudas de qualidade ao parque.

## 5.2 Monumentos

Grupo de trabalho de monumentos:

- avaliação do estado dos diversos monumentos;
- avaliação do risco de danos permanentes e a priorização dos serviços necessários (recuperação, limpeza, etc).  
Elaboração de documento para orientar futuras ações;
- vistoria nos lagos e seu sistema de comportas.

Elaborar documento com a avaliação criteriosa do estado atual dos monumentos do Campo de Santana, inclusive com a priorização dos serviços necessários levando-se em conta o risco de danos permanentes a que alguns deles estão expostos.

Estabelecer a rotina necessária de manutenção desses elementos é fundamental, com a periodicidade dos serviços ordinários estabelecida. Ações emergenciais poderão ser necessárias e deverão estar previstas no orçamento anual, levando-se em conta a experiência no trato dos monumentos desse jardim.

Alguns pontos precisam ser enfrentados, como a abertura da gruta à visitação pública. A avaliação da Georio relativa ao risco de desabamento deve ser divulgada e novos estudos quanto à galeria

de águas pluviais existentes devem ser requisitados à Rioáguas<sup>79</sup>. Dirimidas as dúvidas quanto às questões estruturais, aspectos pontuais deverão ser pensados: os horários de visitação, as questões relativas à segurança, reparos no lago, funcionamento da cascata, a retirada do “portão” colocado sobre a ponte de acesso e sua recuperação.

## 5.3. Infraestrutura

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- avaliação e priorização dos serviços necessários .
- elaboração de documento com metas para orientar futuras ações.
- zona *wire-less*, de acesso grátis à internet.

Entre os diversos elementos da infraestrutura existente que merecem avaliação criteriosa podemos listar as seguintes demandas que já foram identificadas como necessárias:

- novos projetos de sinalização e iluminação;
- reparos nas redes de esgoto e de águas pluviais;
- revisão do mobiliário urbano, com novo projeto de implantação e
- diminuição ou eliminação da área de estacionamento.

---

<sup>79</sup> Fundação Instituto das Águas do Município do Rio de Janeiro, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Obras que tem como objetivo planejar, gerenciar obras e projetos de drenagem.

A remoção do asfalto dos caminhos, parcial ou integralmente, é um assunto há muito discutido entre os técnicos. Foram elaborados vários projetos que sempre esbarravam na imperiosa necessidade de utilização de material de revestimento que fosse liso e aplicado sem juntas. O aparecimento no mercado de novos revestimentos drenantes produzido a partir de resina misturada a materiais inertes, permitirá o revestimento dos passeios sinuosos com aspecto semelhante ao ensaibramento original, e pode ser uma opção a ser avaliada.

O fechamento do portão sul, em frente ao Quartel Geral do Corpo de Bombeiros, precisa ser revisto urgentemente. A utilização desse acesso permitirá que as crianças entrem na Escola Municipal Campos Sales utilizando o portão interno ao parque, garantindo maior segurança às crianças. A maior utilização daquela área do parque trará, conseqüentemente, maior vigilância daquela área.

O acesso universal deverá ser garantido, com colocação de rampa no portão da Av. Presidente Vargas.

A proposta do ano 2000 de implantação do chamado “Café Glaziou” poderá ser reavaliada, assim como a utilização de parte do banheiro sul como Centro de Visitantes. O número de turistas que visitam o parque é grande, e tende a aumentar com os próximos eventos na

cidade. Ambas as iniciativas poderiam gerar recursos a serem aplicados na manutenção do parque.

A criação de uma zona de livre acesso à internet (*free wire-less zone*) seria um atrativo a mais para a permanência dos usuários no parque.

#### **5.4 Edificações**

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- levar proposta à Secretaria Municipal de Urbanismo, ao INEPAC e IPHAN para que relatórios de impacto sejam exigidos para grandes construções do entorno.
- acessibilidade universal nas edificações de uso público no Campo de Santana.
- reforma dos banheiros públicos
- reforma da “Vila Miséria”

Obras no entorno dos jardins históricos podem causar importantes impactos sobre a área. Alterações como o rebaixamento do lençol freático ou o aumento das áreas sombreadas precisam ser evitadas. A legislação de tombamento prevê uma área de entorno ao monumento que precisa ser igualmente preservada, mas no caso de um patrimônio natural, como um jardim, pode não bastar.

Pode-se pensar em envolver os órgãos de preservação (INEPAC e IPHAN) para que seja solicitada a elaboração de Relatório de Impacto para a liberação do licenciamento de construções de grande porte nesta área da cidade, visando resguardar a arborização do parque.

Nos próximos anos teremos que analisar qual o impacto que a construção de duas torres na Rua dos Inválidos trará sobre o Campo de Santana. Para a construção de seus 6 andares de subsolo houve rebaixamento no lençol freático, e é imprevisível a consequência desse fato sobre as árvores do parque.

Com relação às edificações internas ao parque, deve-se garantir o acesso universal tanto aos banheiros públicos como à sede da FPJ. A construção de rampas e banheiros para portadores de necessidades especiais não pode mais ser postergado.

A implantação do projeto conhecido como “Café Glaziou” precisa ser reavaliada em vários aspectos, tanto do ponto de vista arquitetônico como jurídico. A idéia de utilizar os dois banheiros existentes para a construção de um café e de um centro de visitantes, sem a ampliação da área construída agora tem que ser submetida ao IPHAN para aprovação.

Os projetos existentes para reforma das edificações conhecidas como “Vila Miséria” precisam ser revistos. Os usos destinados àquele lugar precisam ser regulamentados. A FPJ deverá procurar em outras áreas da cidade local para depósitos de materiais tais como a estrutura do presépio. Não se justifica a guarda dentro de um jardim histórico da importância do Campo de Santana.

### **5.5 Segurança**

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- estudar proposta de convênio com órgãos de segurança pública
- regulamentação da ronda permanente da GM.
- abertura dos 4 portões diariamente para aumentar o fluxo de pessoas circulando em todo o parque.
- reavaliar horário de funcionamento em diferentes estações do ano e para eventos especiais.

A segurança dos usuários é um fator fundamental para a utilização plena do parque. É muito importante que a população possa usufruir daquela área, aproveitando ao máximo o que o Campo de Santana pode oferecer sem ficar restrita à algumas áreas mais “seguras”. Garantir acessibilidade a todas as áreas do parque garante a vitalidade daquele espaço.

Sabemos que a segurança pública é assunto a ser tratado na esfera estadual, e que a Guarda Municipal tem atribuições limitadas. Mas não se justifica que um parque de 15 hectares, gradeado, na área central da cidade e ainda abrigando uma instituição pública no seu interior, tenha tantos problemas de segurança. Deve-se pensar em convênios com órgãos de segurança pública para coibir o uso do parque por traficantes e usuários de drogas. Na esfera municipal, é importante aumentar o efetivo de Guardas Municipais, substituindo nas funções de vigilância os antigos funcionários da FPJ. É inconcebível que o recém-inaugurado Parque de Madureira Rio+20 possa contar com “um mínimo de 90 guardas/ativos por dia, divididos em dois turnos e distribuídos estrategicamente pelo Parque, garantindo a vigilância e segurança de todos os setores e equipamentos do parque, as portarias e postos de vigilância”<sup>80</sup> e o Campo de Santana não disponha de 10 por cento desse contingente.

A utilização da GM nas portarias, tal como é feito no Parque de Madureira Rio+20, permitiria a abertura imediata do portão sul.

Alguns entrevistados sugeriram a abertura diária do parque por um período maior, principalmente durante o horário de verão, quando escurece mais tarde. Assim poderia ser incrementada a utilização do parque pela população moradora nos arredores, que voltou a crescer

---

<sup>80</sup> Regulamento de Uso e Gestão do Parque Madureira Rio+20. Cap. V, Art. 13. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro nº 85 de 20/07/2012

nos últimos anos. Aumentar o número de pessoas no Campo de Santana e possibilitar a utilização integral de toda a área do parque é melhorar suas condições de segurança.

## 5.6 Fauna

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- plano para continuar com a remoção de gatos para o gatil.
- implantação de medidas para desestimular o abandono de animais no parque.
- estímulo à pesquisa e ações de educação ambiental.

Em junho de 2012 foi inaugurado o Gatil São Francisco de Assis no Parque Noronha Santos, local que passou a brigar os gatos abandonados no Campo de Santana. Depois de avaliar o impacto dessa medida no parque deve-se pensar em estabelecer um plano para manter as remoções. É preciso aumentar as ações para coibir o abandono de animais no local.

As espécies silvestres encontradas no Campo de Santana ainda necessitam de mais estudo, principalmente as aves migratórias. Seria interessante o estímulo à pesquisa da fauna encontrada no parque e sua relação com a flora. As espécies invasoras precisam ser monitoradas para controle. Pode-se estimular que escolas e

universidades pesquisem assuntos de interesse relacionados à manutenção desse jardim histórico.

A atração que os pequenos animais exercem sobre o público usuário, principalmente as crianças, deve ser explorado para ações de educação ambiental.

### **5.7 Pessoal**

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- avaliação do número de funcionários e suas qualificações
- instituir programa de ação em conjunto entre os diversos órgãos envolvidos na gestão
- avaliação dos contratos de manutenção terceirizados
- avaliar a criação do cargo de gestor dos parques históricos
- pressão para aumento da verba destinada à manutenção do parque histórico
- criação do Conselho Gestor dos Parques Históricos do Município
- estudar como referência conselhos gestores de parques no Brasil e em outros países.
- pensar meios de atrair a sociedade civil organizada

Poderá ser estudado o número de cargos e a implantação de novo organograma da instituição, com a criação da função de gestor do parque ou jardineiro-chefe, como em tempos antigos.

Alguns itens do contrato de conservação do Campo de Santana com as empresas terceirizadas poderão ser realizadas por pessoal próprio da FPJ, diminuindo o valor gasto e garantindo a melhor execução dos serviços.

Deverá ser oficializada as atribuições de cada Secretaria Municipal no que concerne à manutenção do parque. Todas as atividades necessárias para tal, desde as ações diárias até as bianuais ou quinquenais, deverão ter suas de rotinas detalhadas e determinadas: quem faz o que, e quando.

A criação de um Conselho Gestor, somente para o Campo de Santana, ou para o conjunto dos parques municipais históricos, deve ser estudada. Vários exemplos bem sucedidos no país e no mundo poderão referenciar o escopo do Conselho. O importante é incluir a sociedade civil nesse processo. O cidadão, quer individualmente, quer reunido em associações diversas, merece ser ouvido e pode contribuir com a manutenção do parque. Um exemplo é a participação de voluntários em diversas funções em parques pelo mundo.

## 5.8. Resíduos sólidos

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- promover estudos para a implantação de área para compostagem
- controlar o trânsito de caminhões de coleta, diminuindo sua frequência e percurso pelo parque
- estudo para a área de parada de caminhões existente junto à “Vila Miséria”.

O descarte e o não aproveitamento de folhas secas é um desperdício que não devemos ignorar - matéria orgânica desprezada quando poderia estar contribuindo para o enriquecimento do solo, já tão desgastado, do Campo de Santana. Pode ser pensada a destinação de uma área para compostagem de material orgânico no parque. Em parques históricos americanos é comum a instalação de pequenas estruturas de compostagem “camufladas” em áreas com plantio de ornamentais, que ficam pouco perceptíveis <sup>81</sup>. Outra sugestão é recolher o lixo orgânico e levar para uma área próxima na área central (como por exemplo o Parque Noronha Santos na Av. Pres. Vargas). Nesse caso pode-se ampliar o recolhimento de lixo orgânico

---

<sup>81</sup> A Plan for Sustainable Practices within NYC Parks *in* [http://www.nycgovparks.org/sub\\_about/sustainable\\_parks/Sustainable\\_Parks\\_Plan.pdf](http://www.nycgovparks.org/sub_about/sustainable_parks/Sustainable_Parks_Plan.pdf). p.21-26. Acessado em 07 jun. 2012

de outros parques e praças desta área da cidade – Passeio Público, Quinta da Boa Vista, Praça Paris, etc.

A área junto à “Vila Miséria” precisa de reforma, como dito anteriormente. O antigo recuo para acumulação de lixo poderia voltar a ser utilizado, diminuindo a frequência do recolhimento do lixo e o trânsito de caminhões pelo parque. Esse trânsito precisa ser regulamentando, deixando de acontecer por toda a área do Campo de Santana a qualquer hora do dia.

## 5.9 Usos e atividades

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- avaliar a capacidade de carga do jardim
- criar mecanismos para a normatização da aprovação de eventos dentro do Campo de Santana
- avaliação dos impactos causados pelos eventos
- criar mecanismos para que os responsáveis pelo evento se responsabilizem por danos
- atuação do conselho gestor para restringir decisões do poder executivo que se julgarem prejudiciais ao jardim histórico.

A utilização do parque é fundamental para sua manutenção. Ele existe para ser vivido. A utilização para eventos extarordinários pode

ser uma oportunidade de chamar para o parque um público diverso do habitual.

A capacidade de carga de um jardim histórico precisa ser bem avaliada, e deve ser o fator determinante para a permissão ou não de algum evento no parque. Por vezes fica difícil essa avaliação de antemão – como saber quantas pessoas virão ao evento? Por esse motivo é necessário que fique registrado sistematicamente a avaliação dos eventos já realizados.

É preciso definir os mecanismos de definam a responsabilidade dos promotores e que garantam que danos causados serão reparados.

As contrapartidas exigidas aos realizadores dos eventos precisam ser normatizadas e ter critérios claros.

O Conselho Gestor deve ser capaz de restringir o poder do chefe do Executivo, que tem a última palavra na aprovação de eventos nos jardins históricos do Rio. Pode-se para isso utilizar a pressão de pesquisadores e da população em geral, envolvendo as pessoas com a gestão democrática da cidade.

### **5.10 Estrutura de gestão atual**

Ações para estudo do grupo de trabalho:

- reavaliação da minuta de decreto existente com base nessa proposta de plano de gestão. Encaminhar a minuta de decreto ao Secretário de Meio Ambiente para apreciação política e jurídica.
- aprofundar a discussão sobre o agrupamento dos parques históricos para serem administrados em conjunto.
- detalhar a instituição dos órgãos gestores desses parques, em conjunto ou separados.
- reunião de saberes de todos os grupos de trabalho para a implantação e fiscalização das ações propostas
- implantação do órgão gestor do Campo de Santana e do conselho deliberativo conforme determinação do decreto.
- estabelecer diretrizes e metas para os jardins históricos da cidade.

Minuta de decreto elaborada pela Diretoria de Planejamento e Projetos da FPJ propõe a criação de Órgãos Gestores para os Parques Municipais Urbanos. Na proposta apresentada os parques poderão estar agrupados em conjunto, de acordo com suas especificidades, e terão seu quadro funcional dimensionado de acordo com o tamanho e particularidades de cada um. Da forma como está proposto, Órgão Gestor Executivo é a instância responsável pela administração e implantação das políticas de planejamento, manejo e operação. Essa minuta pode ser o ponto de

partida para a elaboração de programas de manejo comuns aos Parques Históricos Municipais Urbanos do Rio de Janeiro: Quinta da Boa Vista, Passeio Público, Campo de Santana e Parque do Flamengo. Maiores esforços devem ser empreendidos para a publicação desse decreto e sua efetiva implantação.

No Município de São Paulo a partir de 2003 foram instituídos os Conselhos Gestores dos Parques Municipais<sup>82</sup>. Cada Conselho é composto por no mínimo dezoito membros, sendo metade de representantes da sociedade civil (6 representantes dos usuários eleitos pelos usuários e 3 representantes de outros movimentos, instituições ou entidades sociedade civil organizada) e a outra metade do Poder Executivo (2 representantes dos trabalhadores e servidores e 7 indicados entre servidores de diversas Secretarias Municipais, Subprefeitura, Guarda Civil Metropolitana, etc.). As reuniões dos Conselhos Gestores são ampla e previamente divulgadas, com participação livre a todos os interessados, que terão direito a voz.

O envolvimento da comunidade é um fator chave na conservação de áreas verdes, e cria entre os usuários um sentido de

---

<sup>82</sup> Através da Lei nº 13.539, de 20 de março de 2003, regulamentada pelo Decreto Nº 43.685, de 28 de agosto de 2003. Ver em Anexo 2.4

responsabilidade com aquela área. Pode-se ter como exemplo a iniciativa paulista e chamar a sociedade, sejam reunidos através de associações ou individualmente, a participar da gestão do parque.

Outro ponto fundamental é o registro das decisões e alterações propostas. Um programa de boa gestão deve existir além dos indivíduos que o aplicam.

*As árvores geralmente vivem muito mais tempo que os seres humanos e certamente mais do que a média da carreira útil humana. Como resultado, os gestores devem considerar as consequências a longo prazo de sua gestão de dados, e devem registrar as mudanças da arborização com o entendimento de que as informações podem ser úteis décadas a frente.*<sup>83</sup>

Em se tratando de jardins históricos esse compromisso aumenta para além das árvores. É fundamental que todas as decisões fiquem registradas e disponíveis para a sociedade.

O estabelecimento de metas que orientem as operações no Campo de Santana deverá ser perseguido. Um plano que deva ser cumprido ao longo de um período de dez anos. Após este prazo, uma revisão das estratégias será necessária para permitir a mudança de questões e valores de manejo florestal.

---

<sup>83</sup> DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan**. New York: City of New York Parks & Recreation, 2004

## **CONCLUSÃO**

*A preservação deve ser pensada como a antítese do desperdício*

*José Leme Galvão Junior*

Este trabalho pretendeu trazer à tona discussão a respeito da conservação de parques históricos e a importância no trato da vegetação nesses espaços.

Tomando o Campo de Santana como objeto de estudo, essa pesquisa procurou conhecer sua história e relacioná-la com a evolução urbana da Cidade do Rio de Janeiro.

De limite da cidade e lugar dos excluídos, o Campo de Santana passa a ser considerado centro de poder no período imperial. No final do século XIX ganha um projeto moderno vinculado com o ideário europeu do parque público “civilizatório”. Atravessa o período da Primeira República como um dos parques mais bonitos da cidade, reconhecido nos primeiros meses de funcionamento do órgão de preservação pelo tombamento federal. O que não impede sua mutilação na República Nova com a implantação de um projeto de expansão da malha vária após seu destombamento em 1943. Apesar de passar 25 anos sem qualquer proteção legal, consegue se manter íntegro apesar das inúmeras tentativas de ocupação pelo mais

variados programas, até ser novamente protegido pelo antigo Estado da Guanabara em 1968.

O Campo de Santana chega ao século XXI novamente protegido pelo IPHAN e tendo sua importância no paisagismo brasileiro reconhecida. Sendo o patrimônio natural equiparado ao patrimônio histórico e artístico nacional pelo Decreto-lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, os jardins históricos são passíveis de tombamento visando conservar e proteger a feição notável que possuem.

No caso específico do Campo de Santana, além de seu desenho concebido por Auguste Glazou, o jardim e sua vegetação compõem o atributo que o notabiliza entre os parques brasileiros.

Tendo reconhecido a arborização como um dos elementos mais significativos daquele parque histórico, esta pesquisa procurou traçar as diretrizes para um Plano de Gestão da Arborização. As árvores são elementos vivos que estão em constante crescimento, amadurecimento e degenerescência, ou seja, em alteração constante. Acrescente-se a isso que no Campo de Santana a arborização é o elemento que se encontra em maior risco, com a mortandade ainda não explicada das figueiras da espécie *Ficus microcarpa*. Diferentemente de elementos arquitetônicos, algumas

árvores não são substituíveis – quase sempre é impossível encontrar e repor uma árvore de igual dimensão e valor seja paisagístico ou ecológico.

Foram abordados outros aspectos relativos à arborização que vieram à tona com o cadastro da arborização realizados pela pesquisa. A prevalência da população de uma única espécie já seria motivo de preocupação para os gestores de qualquer jardim. Quando essa espécie apresenta uma mortandade expressiva, como é o caso das figueiras do Campo de Santana, a questão assume uma dimensão ainda mais crítica. A falta de planejamento se torna evidente quando analisamos as reposições realizadas, com mudas de pequeno porte substituindo exemplares frondosos desaparecidos. O aumento do número das espécies plantadas no parque e a falta de levantamentos precisos da vegetação tornam evidente a necessidade de uma ação mais efetiva por parte da Municipalidade, gestora deste parque público, para a preservação do “espírito do lugar” tão prolapado.

Partindo dos diagnósticos específicos para 10 importantes itens relacionados à manutenção do Campo de Santana, essa pesquisa procurou levantar sobre os mesmos itens as ações que seriam necessárias para subsidiar a elaboração de um Plano de Gestão para o parque. As proposições indicadas partem sempre do princípio

que as decisões devem ser tomadas por grupos multidisciplinares, e nunca por um administrador em exercício. A revisão dos planos deve ser prevista, e as ações avaliadas constantemente. Os erros devem ser estudados e compreendidos como parte do processo. Daí a importância fundamental dos registros e da divulgação das ações.

A atualização permanente de dados coletados permite a avaliação necessária das ações e o embasamento para propostas de mudanças, muitas vezes necessárias. Disponibilizar informações ao público vai ajudar a atrair atenção para o parque. Não só da parte de pesquisadores, mas também da comunidade em geral. Devemos pensar em vários níveis de abordagem para atender a diferentes faixas etárias, sociais e educacionais.

Um Plano de Gestão está relacionado com planejamento, é uma ferramenta que nos permite pensar no futuro, guiando o desenvolvimento das paisagens desenhadas. Deve ser entendido como um conjunto de ações e não uma receita pronta ou norma. Sendo um conceito flexível, deve prever monitoramento permanente, revisão e retroalimentação das ações, conforme dito anteriormente.

As árvores vivem mais que os homens. Não é à toa que dizem devemos deixar árvores, livros e filhos. São eles que darão continuidade a nossa existência e garantirão nossa “permanência”

para a posteridade. Mesmo sentido tem o tombamento de bens históricos – queremos deixar para as gerações futuras um pouco do nosso mundo e do que vivemos. Herança generosa de gerações passadas que nos legaram esse belo parque, temos o dever de preservá-lo para os que nos seguirão.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Mauricio de Almeida (org.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

\_\_\_\_\_. **A cidade, a montanha e a floresta** in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

AMADOR, Elmo da Silva. **Baía de Guanabara: um balanço histórico** in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

ANDREATTA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no Século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

ANGELIS, Bruno Luiz Domingos De; ANGELIS NETO, Generoso De. Jardins históricos: introduzindo a questão. **Paisagem ambiente**, São Paulo, n. 19, 2004. Disponível em [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-60982004000200003](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982004000200003) &lng = pt&nrm=iso>. Acesso em 23 nov. 2011.

BERNARDES, Lysia M. C. **Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro até o início do século XX** in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BICALHO, Fernanda. **A cidade e o império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRANDÃO, Ana Maria de P. M. **As alterações climáticas na área metropolitana do Rio de Janeiro: uma provável influência do crescimento urbano** in ABREU, Maurício de Almeida (ORG.). **Natureza e sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

CABRAL, A. do Valle. **Guia do viajante no Rio de Janeiro**. G. Leuzinger & Filhos / B.L. Garnier / H. Laemert & Cia. 1884 *apud* PERROTTA (2001)

Carta de los Jardines Históricos – Carta de Florencia (1981) in ICOMOS. **Journal Scientifique, Jardins et sites historiques**. Madri: ICOMOS, 1993

Carta de Nairobi (1976) in CURY, Isabelle (ORG.). **Cartas patrimoniais**. Edições do Patrimônio, 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

Carta dos Jardins Históricos Brasileiros, dita Carta de Juiz de Fora. I Encontro Nacional de Gestores de Jardins Históricos, Juiz de Fora, 2010. (mimeo)

CASTRO, Sônia Rabello de. **O estado na preservação de bens culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CLEMENTI, Alberto. **Revisioni di Paesaggio**. Roma: Meltemi Editore, 2002

COSTA, Lucia Maria Sá Antunes. **Popular values for urban parks: a case study of the changing meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro.** PhD Thesis, University College London, 1993.

CURY, Isabelle (ORG.). **Cartas patrimoniais.** Edições do Patrimônio, 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DAHLIN, Kyla; Central Forestry & Horticulture; New York City Department of Parks & Recreation. **Fort Greene Park Urban Forest Management Plan.** New York: City of New York Parks & Recreation, 2004. Disponível em [http://www.nycgovparks.org/sub\\_your\\_park/trees\\_greenstreets/fortgreene-urban-info/ftgreeneurbanfo.pdf](http://www.nycgovparks.org/sub_your_park/trees_greenstreets/fortgreene-urban-info/ftgreeneurbanfo.pdf) Acesso em 07 jun. 2012

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em jardins históricos: manual.** Brasília: IPHAN, 2005.

DOURADO, Guilherme O. Mazza. **Belle époque dos jardins: da França ao Brasil do século XIX e início do XX.** Tese de Doutorado Escola de Engenharia de São Carlos/USP, 2009. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/referencia.htm>. Acesso em 10 set. 2012

\_\_\_\_\_. **Um paisagista no século dos jardins in HETZ, Bia & NEGREIROS, Silvia (orgs.). Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Manati, 2011.

DUARTE, Cristovão Fernandes. Preservar o passado olhando para o futuro. **Mundo Urbano.** Disponível em <http://cristovao1.wordpress.com/2010/08/25/preservar-o-passado-olhando-para-o-futuro/> Acesso em 01 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Sustentabilidade e apropriação dos espaços históricos revitalizados. **Mundo Urbano.** Disponível em <http://cristovao1.wordpress.com/2011/04/16/sustentabilidade-e->

[apropriacao-dos-espacos-historicos-revitalizados/](#). Acesso em 01 dez. 2011

FERNANDES, Annelise C. Fraga. **Um Rio de florestas: uma reflexão sobre o sentido da criação dos parques na cidade do Rio de Janeiro.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 47, p. 141-161, janeiro-junho de 2011. CPDOC/FGV. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/3271/2240>. Acesso em 30 abr. 2012.

FERREIRA, Félix. **Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos.** B.L. Garnier, 1873 *apud* PERROTTA (2001)

FIGUEIREDO, Ana Valéria de. **Tempos de memória, espaços de vida: fotos de professoras do início do século XX na cidade do Rio de Janeiro.** Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, 2006. Uberlândia, MG. Disponível em <http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/562AnaValeriaFigueiredoCosta.pdf>. Acesso em 15 ago. 2012

GALVÃO JUNIOR, José Leme. **Autenticidade e integridade do patrimônio cultural.** Disponível em [http://www.icomos.org.br/pdfs/Autenticidade\\_JLGJ\\_270111textosonecajaneiro\\_2011.pdf](http://www.icomos.org.br/pdfs/Autenticidade_JLGJ_270111textosonecajaneiro_2011.pdf). Acesso em 25 mai. 2012

HAZAN, Valéria Magiano. **A configuração urbana da área de entorno do Campo de Santana.** Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

HETZEL, Bia & NEGREIROS, Silvia (orgs.). **Glaziou e as raízes do paisagismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Manati, 2011.

ICOMOS. **Journal Scientifique, Jardins et sites historiques.** Madri: ICOMOS, 1993

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2001

**Leituras paisagísticas: teoria e práxis nº 1.** Grupo de Pesquisa História do Paisagismo. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2006.

**Leituras paisagísticas: teoria e práxis Glaziou nº 2.** Grupo de Pesquisa História do Paisagismo. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2007.

MAUROIS, André & MANZON, Jean. **Rio de Janeiro.** Levallois-Perret, Seine: Éditions Fernand Nathan, 1951.

NORONHA SANTOS, Francisco Agenor de. **O Parque da República, antigo da Aclamação.** Rio de Janeiro, Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 8, 1944. Disponível em <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3184>. Acesso em 17 mar. 2012

PERROTTA, Isabella. **Desenhando um paraíso tropical: a construção do Rio de Janeiro como um destino turístico.** Tese de doutorado em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, 2011. Disponível em [http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8997/CPDOC2011%20Isabella\\_Perrotta\\_CPDOC.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8997/CPDOC2011%20Isabella_Perrotta_CPDOC.pdf?sequence=1). Acesso em 30 abr. 2012

RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias (Coord.), Secretaria Municipal de Urbanismo / Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. **Planos Urbanos - Rio de Janeiro - o século XIX.** Rio de Janeiro: SMU-IPP, 2009.

REZENDE, Vera F. e FURTADO, Fernanda. **Discursos e imagens acerca de intervenções urbanas no Rio de Janeiro (1920-1940): a questão da valorização fundiária em planos e projetos urbanos.** Risco 8. 2008 Disponível em [http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista\\_risco/Risco8-pdf/02\\_art07\\_risco8.pdf](http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco8-pdf/02_art07_risco8.pdf). Acesso em 10 set. 2012

**Rio de Janeiro: Imagens da aviação naval, 1916-1923 / textos de Luiz Fernando Vianna.** Rio de Janeiro: Argumento Editora, 2001

SANTAMOUR JR., Frank S. **Trees for urban planting: diversity, uniformity, and common sense.** U.S. National Arboretum, Agricultural Research Service, U.S. Department of Agriculture. Washington, D.C., 1990. Disponível em <http://www.ces.ncsu.edu/fletcher/programs/nursery/metria/metria07/m79.pdf>. Acesso em 22 set. 2012

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1995. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/referencia.htm>. Acesso em 10 set. 2012

SISSON, Rachel. **Espaço e poder: os três centros do Rio de Janeiro e a chegada da Corte Portuguesa.** Rio de Janeiro: Arco, 2008.

TERRA, Carlos G. (coord). **Arborização: ensaios historiográficos.** Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2004

\_\_\_\_\_. **Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado.** 2ª ed. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

TRINDADE, Jeanne Almeida da. **Campo de Santana: um patrimônio cultural carioca.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

## **SITES CONSULTADOS:**

<http://bibliotecadigital.fgv.br>

<http://cristovao1.wordpress.com>

<http://doweb.rio.rj.gov.br/>

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/referencia.htm>

<http://www.cityoflondon.gov.uk/>

<http://www.curitiba.pr.gov.br>

<http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/eixo8.htm>

<http://www.gardenhistorysociety.org/>

<http://www.gardenhistorysociety.org/conservation/conservation-publications/>

[http://www.iau.usp.br/revista\\_risco/](http://www.iau.usp.br/revista_risco/)

<http://www.icomos.org.br>

<http://www.iphan.gov.br>

<http://www.nycgovparks.org>

<http://www.royalparks.org.uk/docs/>

<http://www.royalparks.org.uk/regulations.cfm>

<http://www0.rio.rj.gov.br/fpj/>

[www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/](http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/)

[www.gatosabandonadosdocampodesantana.blogspot.com,](http://www.gatosabandonadosdocampodesantana.blogspot.com)

[www.gatosdocampodesantana.blogspot.com.](http://www.gatosdocampodesantana.blogspot.com)

[www.gatosdocampodesantana.kit.net,](http://www.gatosdocampodesantana.kit.net)

[www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php)

CLAUDIA BRACK DUARTE

**PLANO DE GESTÃO PARA O CAMPO DE SANTANA:  
subsídios e considerações**

**ANEXOS**

## **ANEXO 1**

Mapa A – A Cidade do Rio de Janeiro e a região Central

Mapa B – O Campo de Santana na Cidade

Mapa C – Áreas da Cidade onde ocorre morte de figueiras

Mapa D – *Folder* antigo Departamento de Parques e Jardins, c. 1980

Mapa E – Registro tamanho das árvores (DAP)

Mapa F – Árvores notáveis e que apresentam problemas

Mapa G – Dossel em 1975

Mapa H – Dossel em 2009

Mapa I – Dossel em 2012

Mapa J – Problemas gerais do Campo de Santana

Anexo 1.1 – Planta de cadastro da arborização 1988-1991

Anexo 1.2 – Planta do cadastro da arborização 2006-2012

## MAPAS A e B

### LEGENDA:

MAPA A – Município do Rio de Janeiro, com o bairro Centro destacado.

MAPA B – Bairro Centro, com o campo de Santana em destaque.

Fonte: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos

in [http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index\\_bairro.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm)



MAPA A



MAPA B

## MAPA C

LOCAIS DA CIDADE ONDE AS FIGUEIRAS DA ESPÉCIE  
*Ficus microcarpa* ESTÃO MORRENDO:

- CAMPO DE SANTANA
- PASSEIO PÚBLICO
- AV. PAULA SOUSA
- PRAIA DE BOTAFOGO



MAPA D



LEGENDA:

- Indivíduos desaparecidos (23 árvores diversas)
- Indivíduos replantados (05 árvores diversas + 49 figueiras)

Campo de Santana – Principais espécies arbóreas, folheto antiga Diretoria de Parques e Jardins (sem data, anterior a 1989).  
Fonte: Arquivo Técnico da FPPJ

# MAPA E



DIÂMETRO DO TRONCO  
NA ALTURA DO PEITO (DAP)

- DAP 1 - menor que 0,30m
- DAP 2 - entre 0,30 e 0,60m
- DAP 3 - entre 0,60 e 0,90m
- DAP 4 - entre 0,90 e 1,20m
- DAP 5 - maior que 1,20m

CAMPO DE SANTANA  
ESCALA 1:1800

# MAPA F



-  ÁRVORE NOTÁVEL
-  ÁRVORE CONDIÇÃO PRECÁRIA
-  ÁRVORE NOTÁVEL EM CONDIÇÃO PRECÁRIA

CAMPO DE SANTANA  
ESCALA 1:1800

MAPA G



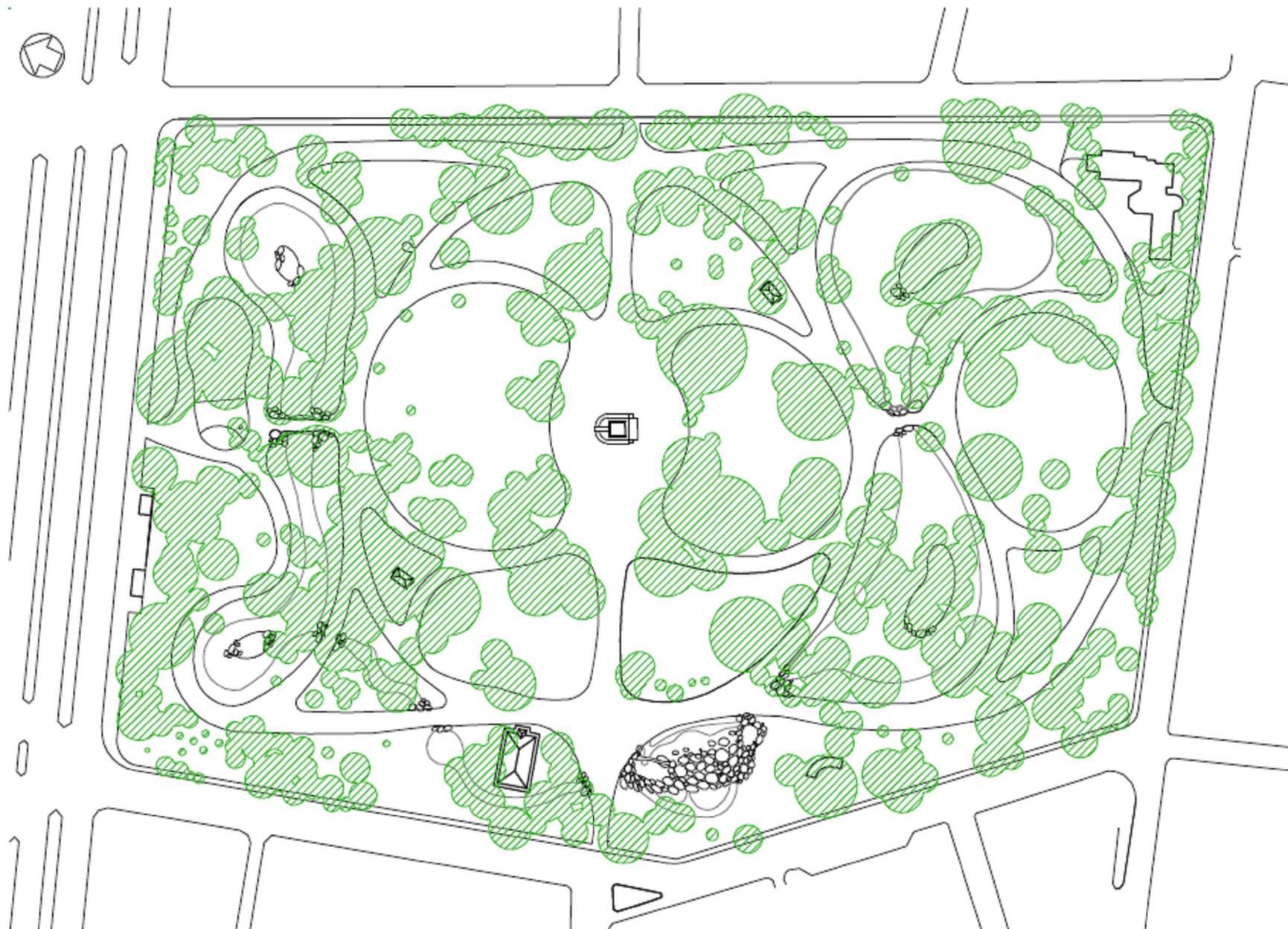
ÁREA DO DOSEL EM 1975 ESTIMADA SOBRE ORTOFOTO:  
ÁREA DE 79.875,00 m<sup>2</sup> OU 62,22% DA ÁREA DO PARQUE

MAPA H



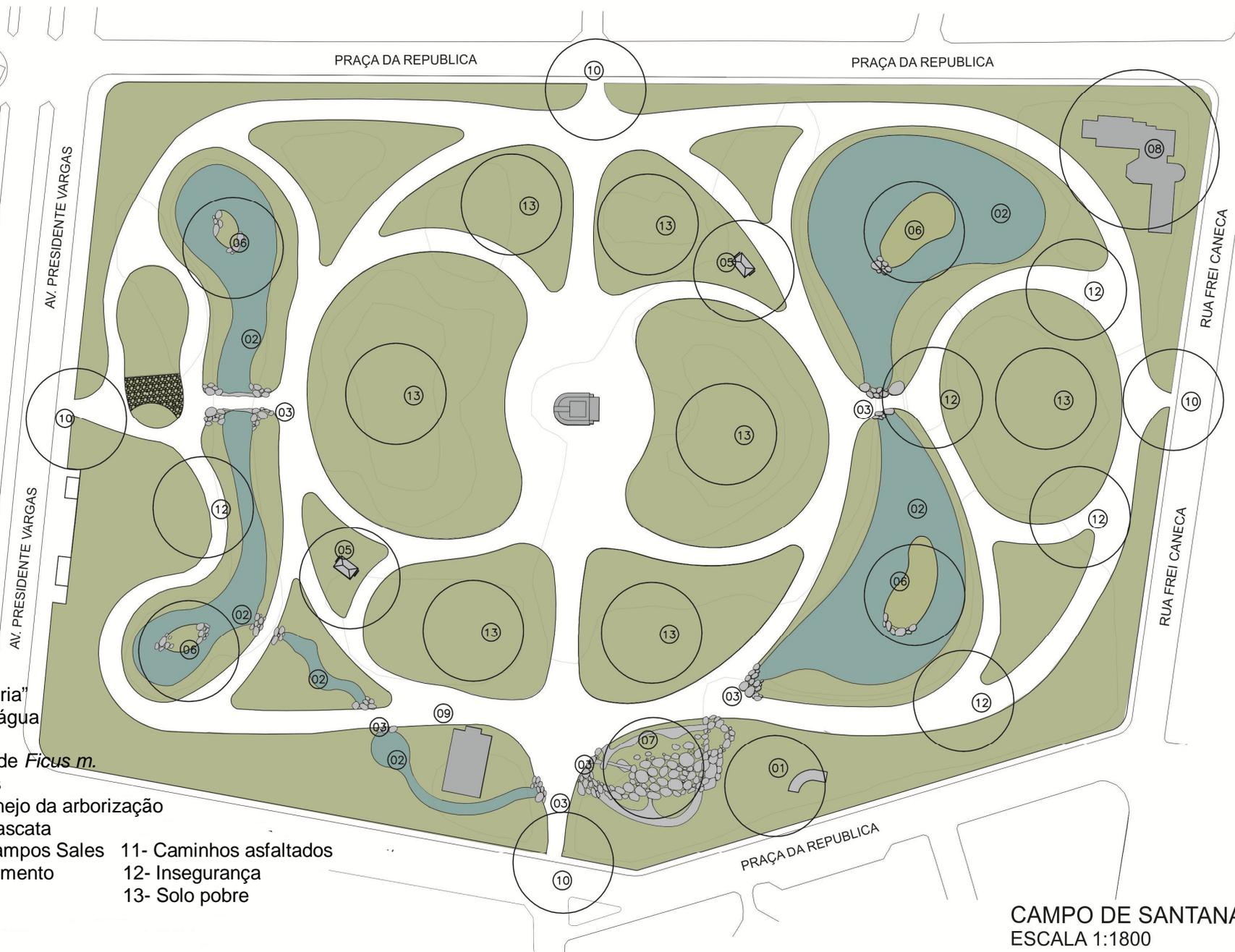
ÁREA DO DOSEL EM 2009 ESTIMADA SOBRE ORTOFOTO:  
ÁREA DE 78.910,00 m<sup>2</sup> OU 61,48% DA ÁREA DO PARQUE

MAPA I



ÁREA DO DOSSEL EM 2011 ESTIMADA SOBRE ORTOFOTO:  
ÁREA DE 62.140,00 m<sup>2</sup> OU 48,41% DA ÁREA DO PARQUE

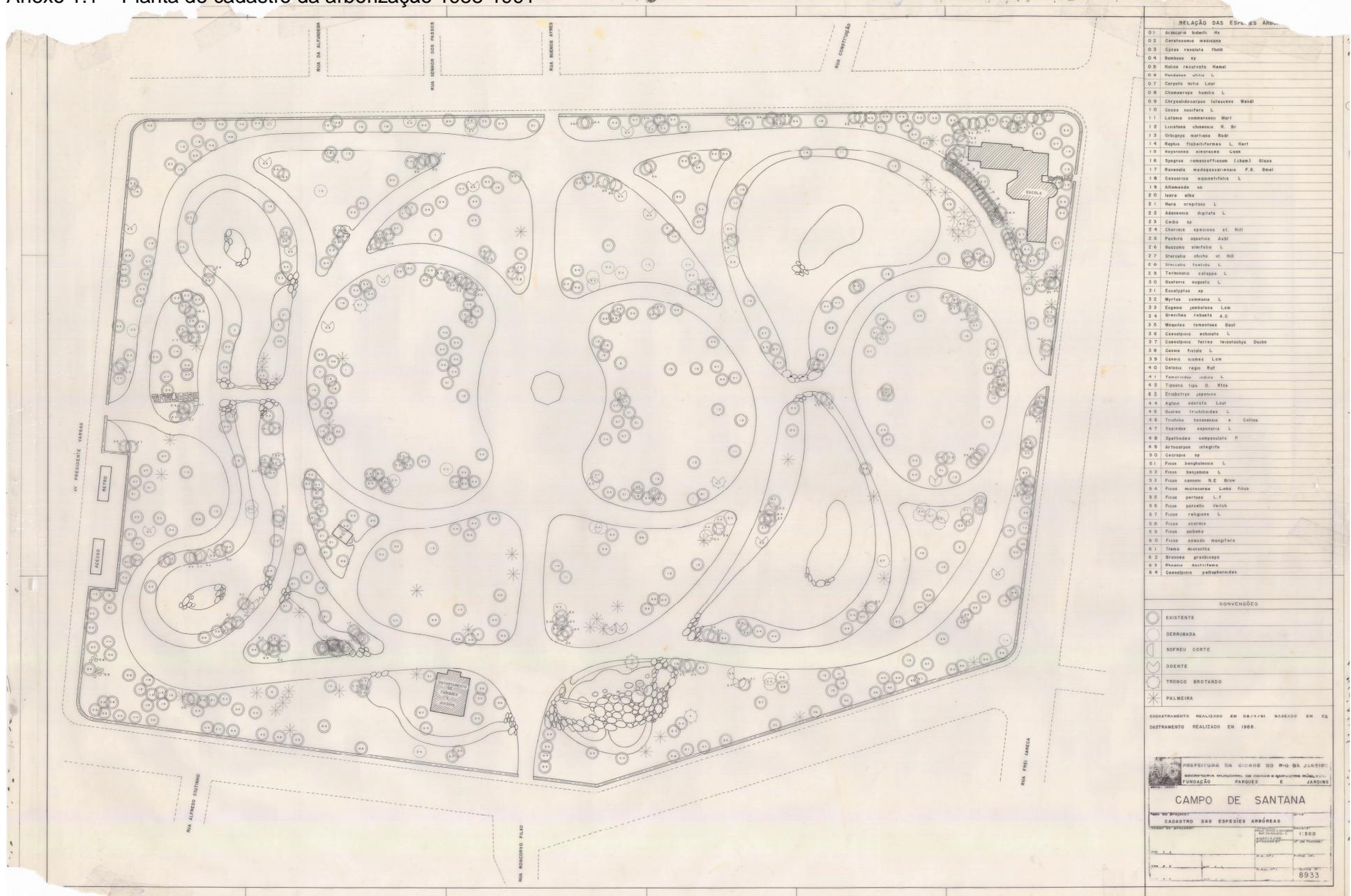
MAPA J



- 01- "Vila Miséria"
- 02- Cursos d'água
- 03- Rocalhas
- 04- Mortandade *Ficus m.*
- 05- Sanitários
- 06- Ilhas: manejo da arborização
- 07- Gruta e cascata
- 08- Escola Campos Sales
- 09- Estacionamento
- 10- Acessos
- 11- Caminhos asfaltados
- 12- Insegurança
- 13- Solo pobre

CAMPO DE SANTANA  
 ESCALA 1:1800

Anexo 1.1 – Planta de cadastro da arborização 1988-1991



RELAÇÃO DAS ESP. AS ANOS

- 01 Aracaria bentii M.
- 02 Caratzeana mexicana
- 03 Cocos roselera Hub
- 04 Bambusa sp
- 05 Mimoso recurrens Hamel
- 06 Paineira urtica L.
- 07 Caryota mitis Lour
- 08 Chamerops humilis L.
- 09 Chrysalidocarpus lutescens Wedd
- 10 Glicis tozifera L.
- 11 Letsea comersoni Mart
- 12 Livistona chinensis H. Br.
- 13 Oligoneis maritima Boer
- 14 Palms fibuliferas L. Hart
- 15 Roystonea oleracea Cosq
- 16 Syagrea romanzoffiana (Cham) Gleason
- 17 Ravennia madagascariensis P.G. Omer
- 18 Casuarina equisetifolia L.
- 19 Albomunda sp
- 20 Isere elba
- 21 Nere crapitosa L.
- 22 Adiantum digitata L.
- 23 Calyx sp
- 24 Chloris spicosa st. Hill
- 25 Paspalum aquaticum Aubl
- 26 Guizonia stemfolia L.
- 27 Stenochloa chalybeata Hill
- 28 Stenochloa foveolata L.
- 29 Termopsis catappa L.
- 30 Guatavia saguata L.
- 31 Eucalyptus sp
- 32 Myrica tomentosa L.
- 33 Eugenia jambolana Lam
- 34 Grenellia rebaeta A.C.
- 35 Macipira tomentosa Boer
- 36 Cassipouira tomentosa L.
- 37 Cassipouira ferruginea lasiocalyx Duck
- 38 Cassia fistula L.
- 39 Cassia sinesia Lam
- 40 Dalmanis japonica Raf
- 41 Tamarix indica L.
- 42 Tiponeia sp. O. Ktze
- 43 Eriobotrya japonica
- 44 Agave schareri Lour
- 45 Agave trichandra L.
- 46 Trichia hirsutissima e Collins
- 47 Sapindus saponaria L.
- 48 Spathodea campanulata P.
- 49 Microcarpa integrifolia
- 50 Cereus sp
- 51 Ficus bengalensis L.
- 52 Ficus benjamina L.
- 53 Ficus cinnamomifolia N.E. Brown
- 54 Ficus macleodii Lamour. & Hems
- 55 Ficus pertusa L.f.
- 56 Ficus parvifolia Vahl
- 57 Ficus religiosa L.
- 58 Ficus virens
- 59 Ficus gibbata
- 60 Ficus pseudo mangifera
- 61 Trapa microcarpa
- 62 Bromelia grandiflora
- 63 Phoenix dactyloctenax
- 64 Cassipouira pathophoroides

CONVENÇÕES

	EXISTENTE
	DERRUBADA
	SOFREU CORTE
	DOENTE
	TRONCO BROTANDO
	PALMEIRA

CADASTRAMENTO REALIZADO EM 08/7/91 BASEADO EM CADASTRAMENTO REALIZADO EM 1988.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE OBRAS E SERVIÇOS URBANOS  
FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS

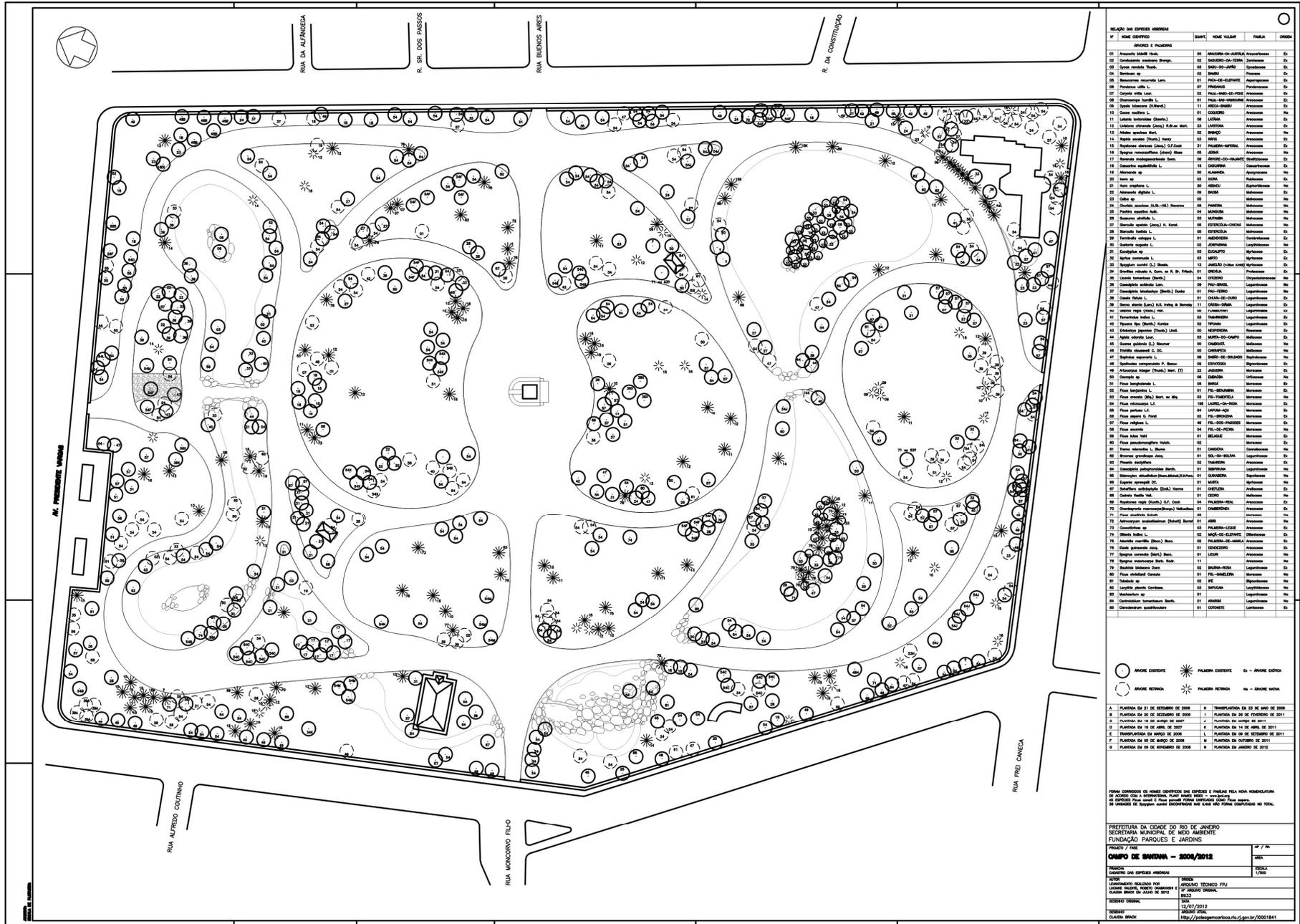
**CAMPO DE SANTANA**

CADASTRO DAS ESPÉCIES ARBÓREAS

1990

8933

Anexo 1.2 – Planta do cadastro da arborização 2006-2012



ESPÉCIE	QUANT.	ESPÉCIE	QUANT.	ESPÉCIE	QUANT.
01	01	02	02	03	03
04	04	05	05	06	06
07	07	08	08	09	09
10	10	11	11	12	12
13	13	14	14	15	15
16	16	17	17	18	18
19	19	20	20	21	21
22	22	23	23	24	24
25	25	26	26	27	27
28	28	29	29	30	30
31	31	32	32	33	33
34	34	35	35	36	36
37	37	38	38	39	39
40	40	41	41	42	42
43	43	44	44	45	45
46	46	47	47	48	48
49	49	50	50	51	51
52	52	53	53	54	54
55	55	56	56	57	57
58	58	59	59	60	60
61	61	62	62	63	63
64	64	65	65	66	66
67	67	68	68	69	69
70	70	71	71	72	72
73	73	74	74	75	75
76	76	77	77	78	78
79	79	80	80	81	81
82	82	83	83	84	84
85	85	86	86	87	87
88	88	89	89	90	90
91	91	92	92	93	93
94	94	95	95	96	96
97	97	98	98	99	99
100	100	101	101	102	102

100% COMPOSIÇÃO DE NOMES CIENTÍFICOS DAS ESPÉCIES E PLANTAS PELA NOMECLATURA  
 DE ACORDO COM A NORMATIVA PELA NOME NBR-13063-1992  
 03 INSCRIÇÃO PARA O CADASTRO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS  
 04 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2012  
 05 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2011  
 06 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2010  
 07 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2009  
 08 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2008  
 09 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2007  
 10 INSCRIÇÃO DE ÁRVORES E PLANTAS EM ÁREAS PÚBLICAS EM 2006

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
 SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE  
 FUNDAÇÃO PARQUES E JARDINS

PROJETO DE: **AMPLIAÇÃO DO CADASTRO DA ARBORIZAÇÃO 2006-2012**  
 ESCALA: 1:500  
 DATA: 12/07/2012  
 LOCAL: PARQUE ZUMBI  
 URL: <http://portal.mec.gov.br/2000/04>

## **ANEXO 2**

Anexo 2.1 – Cronologia Campo de Santana 1870/2012

Anexo 2.2 – Entrevistas 2012

Anexo 2.3 – Entrevistas FPJ 1999

Anexo 2.4 - Lei nº 13.539 de 20 de março de 2003 e Decreto Nº 43.685 de 28 de agosto de 2003 – criação Conselho Gestor dos Parques do Município de São Paulo

Anexo 2.5 – Parecer do Arq. Carlos Fernando Delphim no Processo nº 1388 - T - 97 de tombamento do Campo de Santana pelo IPHAN

## ANEXO 2.1

Apresentamos uma cronologia sintética dos projetos executados ou não, bem como fatos históricos que nos pareceram imprescindíveis para a compreensão da trajetória do Campo de Santana, desde a implantação do projeto de Glaziou até os dias de hoje:

1870 – projeto de monumento à D. Pedro II, que declina da homenagem e doa o dinheiro das subscrições para construção de escolas primárias.

1873 – projeto de monumento à vitória na guerra do Paraguai de autoria de Francisco Caminhoá, não foi construído por ser muito dispendioso.

1881 – festa em homenagem ao tricentenário de Camões.

1888 – celebração da assinatura da Lei Áurea.

1889 – em 15 de novembro é proclamada a República dentro do parque.

1890 – passa a chamar-se Parque da Praça da República.

1902/1906 – ocorrem festas beneficentes anuais no Campo, com competição de arranjos florais, as chamadas “Batalha das Flores”.

1906/1909 – Durante a administração do Prefeito Francisco Marcelino de Souza são construídas a Escola Campos Sales (primeiro jardim de infância da cidade) e a sede da Inspectoria de Mattas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca.

Década 1900 – construção das quatro guaritas, colocação das estátuas Primavera e Outono, e posteriormente das estátuas Verão e Inverno. Colocação da escultura Pescador Napolitano, das quatro fontes Stela e do chafariz Sereia.

1913 - lançamento da pedra fundamental de estátua eqüestre em homenagem ao Mal. Deodoro (não executado).

1918 – projeto de Heitor de Melo para construção da Sede do Senado (não executado).

1926/1930– projeto de transformação do parque em “uma espécie de Luna Park” (não executado) na administração do Prefeito Antonio Prado Júnior.

1934 – alteração da denominação para Parque Júlio Furtado.

1936 – solicitado permissão para tráfego de automóveis (negada).

1938 - retirada dos gradis, com manutenção dos portões. Tombamento pelo SPHAN em 25 de março.

1943 – cancelamento do tombamento em 8 de janeiro.

1945 – o monumento a Benjamin Constant (Décio Vilares, 1926) que estava originalmente em frente do Palácio do Exército e que foi removido por conta da abertura da Av. Pres. Vargas, é transferido para o centro do parque.

1948 - projeto de construção de catedral metropolitana no Campo de Santana (não executado).

1956 - asfaltamento dos caminhos em saibro originais, com colocação de tentos na delimitação dos canteiros vegetados.

Década 1960 – reforma do prédio do Departamento de Parques que dobra sua área edificada e ganha um terceiro andar. Introdução de vegetação de forração em áreas sombreadas para substituição da grama original.

1965 – Reconhecido pela Lei nº 575 como Parque do Campo de Santana, tendo suas ruas adjacentes denominadas Praça da República.

1966 – o diretor do Departamento de Trânsito da Guanabara, general Hildebrando Goes Cardoso, sugere a utilização do parque para estacionamento de veículos. Tem início o processo de tombamento pelo Estado da Guanabara, concluído em 1968.

1967 - colocação de novas grades no Campo de Santana na gestão Renato Primavera Marinho no DPJ.

1968 - tombamento pela Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara (atual INEPAC).

Década de 1980 – morrem as primeiras figueiras.

1983 – Integra a Zona especial do corredor Cultural instituída pelo Decreto Municipal nº 4.141.

1994 – ampliação da edificação sede da Fundação Parques e Jardins.

1997 – inicia-se o processo para novo tombamento pelo IPHAN.

2000 – projeto “Café Glaziou” de implantação de café no parque. Não aparecem interessados na licitação pública para sua construção e exploração.

2011 – projeto da FPJ de construção de gatil no Parque Noronha Santos para a transferência dos gatos abandonados no Campo de Santana.

2012 – tombamento provisório pelo IPHAN, em 1º de agosto.

## ANEXO 2.2

Transcrição das entrevistas realizadas pela pesquisadora. Em negrito as colocações e perguntas formuladas. Estão grifadas as informações necessárias para o entendimento das questões e que foram introduzidas aqui pela entrevistadora. Por CS entenda-se Campo de Santana.

ENTREVISTA ANDREA REGO – Arquiteta DPL/FPJ  
28 de março de 2012

### **Estávamos falando da necessidade de pensar não só a gestão do parque em si, intramuros, mas também de pensar no lado de fora...**

Uma coisa é a gestão interna do CS, uma coisa que deve ser empreendida por nós....mas o estado dele hoje reflete muito os problemas da área externa a ele – que está muito mal cuidada, que está precisando de revitalização, tanto arquitetônica como em termos de eventos....Tem a questão do reconhecimento da cidade (*da importância do CS*), do centro que se esvazia durante o fim de semana, o CS acaba ficando isolado, sem essa relação com o entorno. Tem que ser trabalhado em certo aspecto, técnico, a questão da reinserção, se fala muito da requalificação, dentro da estrutura urbana, do reconhecimento dele como grande parque...isso não vai acontecer se não houver uma requalificação do entorno também, para haver uma reintegração dessa área da cidade que está desintegrada. Falei pra você da tese da Andréa Borde, não sei se fala especificamente dessa área do CS, mas ela deve tocar nesse assunto, pois ela fala da Av. Pres. Vargas e dessas falhas, desses vazios urbanos e como isso afeta todo esse entorno aqui, além de dividir. A gente tem um outro lado lá! A cidade tem que escorrer para lá, essa requalificação tinha que chegar para o outro lado da Av. Pres. Vargas, pra dar uma unidade de alguma maneira.

Acho que a revitalização do CS não acontece porque ele não está “conversando” com a cidade....

### **Temos que pensar numa maneira integrada....**

Temos que pensar nos aspectos turísticos, eventos, na divulgação... Aquela velha história: o Corredor Cultural que foi feito ali na Rua da Carioca, podia ser feito ali (*área da Central do Brasil*) e para cá também. É preciso pensar na utilização do CS no final de semana. É quando o Centro se esvazia, e aqui nós temos uma vantagem, temos moradia aqui perto. Isso tem que ser usado em favor do CS. Além da moradia, tem escolas, o comércio da Rua Frei Caneca...Tem-se que pensar em atrair mais pessoas para cá, mais moradias, mais comércio. Quando eu pensava em tirar a escola (*Campos Sales*) daqui, não era nada contra a escola - acho que deve ter mais escolas aqui no entorno, é bom para o CS – mas acho também que a gente precisava ter uma sede melhorzinha, mais espaço para criar um museu de memória da paisagem. De repente o museu poderia ser aqui (*na Sede*) e nós mudarmos para lá. Por que não? Mas acho legal ter escola, precisa ter gente!

### **O CS é um parque do século XIX. Como administrá-lo no século XXI? Mudaram os usos, as pessoas, o entorno, a vida cotidiana....**

O parque é como uma criança especial. É especial e ponto. A cidade tem que reconhecer que é uma herança que recebemos e temos que administrar. A gente herda os objetos, as edificações. O valor histórico nós é que determinamos, o CS tem valor e temos que cuidar. Vai precisar passar por uma requalificação, mas vai ser sempre um parque histórico, um ente que precisa de cuidados, sempre um parque de uma época diferente da que a gente vive e por isso mesmo reconhecido como importante. Como fazer? Administrando bem! Reconhecer e administrar. Pensamos hoje : ah! O parque do Flamengo se fosse hoje não seria feito. Ele tá lá, feito. É o retrato de uma época? É! É um retrato da época e acabou-se, tem que ser mantido. Achar recursos para fazer a manutenção porque tem que ser feito e ponto. Passa por um reconhecimento externo também. Se fizermos ele reconhecido, mais conhecido ou novamente conhecido, é mais fácil conseguir recursos. O maior

problema é que ele faça parte da cidade, continuando a ser o que ele é, igualzinho uma criança especial...

O Rio de Janeiro em matéria de parques históricos é a cidade mais importante do Brasil. Saber montar uma estrutura que possa ser replicada em outras cidades do país e da América Latina. A gente tem que ser exemplo. Nesse sentido a gente está meio defasado. Tem legislação, tem tombamento, mas está faltando uma sintonia fina que reconheça tudo isso e que está muito distante ainda. Nós que trabalhamos com isso temos que fazer, e pressionar de baixo para cima. Tem que ser mais objetivo, e trabalhar em vários níveis – camadas. Aí saí!

CARLOS FERNANDO DE MOURA DELPHIM – Arquiteto IPHAN  
02 de maio de 2012 - Entrevista por e-mail

### **1- Quais são as principais qualidades do Campo de Santana?**

Seus mais valiosos atributos são o valor histórico; paisagístico (um jardim de gosto inglês, projeto de Glaziou); ambiental (pela permeabilidade do solo em um meio urbano quase totalmente impermeabilizado pelas inúmeras edificações e asfaltamento de ruas, pelas funções de aeração, insolação, evapotranspiração, pela vegetação, todos esses fatores contribuem para a correção de problemas microclimáticos no centro da cidade e manutenção de uma boa qualidade ambiental urbana), por permitir um uso público importante para a vida na cidade, (como o Rio se comportaria sem este jardim?); por sua função cívica não apenas como área verde mas também como espaço vazio; por apoiar a vida não apenas vegetal como também animal, oferecendo um lugar de pouso, alimentação e abrigo para aves, sobretudo aquáticas; por interligar e integrar diferentes trechos urbanos, cada qual com uma característica diferente e, conseqüentemente, favorecendo a integração de diferentes classes sociais; por abrigar elementos ornamentais que se referem às formas da natureza como grutas, lagos e rochas e esculturas, que servem para aproximar o homem

urbano de uma condição perdida mas contudo essencial; por permitir que a população ali se congregue em festas, movimentos cívicos e celebrações.

### **2- Acha importante a preservação desse jardim histórico? Por que?**

Por tudo isto sua preservação é importantíssima, sobretudo como jardim histórico e como elemento de equilíbrio do clima urbano.

### **3- E os principais problemas?**

Falta um certo charme em seu manejo, parece tecnicamente correto, sob o ponto de vista dos cuidados com a flora e a fauna, mas um jardim exige mais do que isto; há usos clandestinos mas isto existe em qualquer jardim ou praça e mesmo nas ruas. Desde que não ameacem a segurança podem até ter a vantagem de impedir uma sobrecarga de outros usos mais danosos a seu espaço físico; existe uma qualidade indesejável de gatos predadores dos passarinhos, comendo-os e também seus ovos e filhotes, além de sujarem os gramados e de exigirem horrorosos comedouros; por servir de passagem, seu bucolismo pode ser quebrado mas talvez, se não fosse assim, pudesse ser pior pois o grande número de passantes desestimula bandidos; parece existir aí um certo clima de gente se oferecendo sexualmente e talvez também para o comércio ou consumo de drogas mas isto ocorre dappertutto.

### **4- Você teria sugestões para resolver esses problemas? De que maneira as ações de preservação/manutenção podem melhorar?**

Poderia haver uma programação de uso público; uma manutenção conjunta com trabalhos de conservação, restauração e plantios segundo as normas que regem os jardins históricos. Poderia ter equipamentos como uma charmosa casa de chá em vez de ser a sede de Parques e Jardins, poderia ter mais flores, é só árvores e gramados.

## **5- Qual seria o papel do Campo hoje? Como vê a preservação de um parque do século XIX nessa nossa cidade contemporânea?**

Hoje e sempre deve ser preservado como qualquer bem tombado: sem que sejam propostos usos novos e impactantes, segundo as normas de preservação que bens culturais e naturais; deverá ser protegido também o espírito do lugar (ver a Carta de Quebec ou Carta do Espírito dos Lugares do ICOMOS no Google) pois ali ainda se respira um Rio anacrônico.

## **6- Como compararia o Campo com outros parques do Rio?**

Compará-lo com o Passeio Público é comparar uma catedral com uma capelinha, cada qual pode atingir o mesmo fim segundo diferentes escalas. O Passeio tem uma escala mais humana, o Campo de Santana, mais urbana. Nunca passeio a pé no Aterro do Flamengo, gosto de vê-lo ao passar de carro (aliás melhor ainda se você estiver de ônibus, tem frescões que vão por ali) – sua escala é mais automobilística - mas adoro ir no Campo de Santana. Não só pelo parque mas por tudo que o circunda, casa e bairros antigos, o Corpo de Bombeiros, o Saara, ai que saudade me dá do Rio falar estes nomes (miragens tão próximas, pronunciar-lhes os nomes era tocá-las... disse Carlos Drummond de Andrade). O Parque Lage tem algo de sinistro, uma aura ruim e o Jardim Botânico ficou sendo mais um retrato na parede com aquele povaréu andando com andar de quem pratica o esporte andar-a-pé e carros circulando por toda a parte. Quando acompanhei o consultor do ICOMOS que veio dar o parecer sobre o Rio Paisagem Cultural como Patrimônio Mundial pela Unesco, recusei-me a andar naqueles horrorosos carrinhos elétricos. Se até reis e rainhas, presidentes do mundo inteiro e Einstein ali percorreram a pé, por que este privilégio? Quer andar de carro, anda nas ruas ou no Aterro, nunca no Jardim Botânico, salvo se houver uma deficiência física que justifique.

ENTREVISTA CECÍLIA PENTAGNA – Eng. Florestal DPP/FPJ  
28 de março de 2012

## **Quais as qualidades do Campo de Santana?**

O mais importante é que é um parque consolidado e que é belíssimo e que está numa área totalmente conturbada, que é muito quente, muito agitada. O CS é uma ilha de beleza e tranqüilidade no meio dessa maluquice.

## **E os problemas?**

Milhões. O primeiro é ser mal conservado, mal fiscalizado. Pela importância dele, não só pela sua localização, mas por ser um parque histórico, estar nesse lugar especial e ser tão necessário nesse lugar. Ele atende todo mundo que frequenta, as pessoas que circulam e todo o entorno.

Um exemplo de benefício direto é que quando chove muito, ele acumula água. É importantíssimo para diminuir a quantidade de água nas ruas, nas áreas impermeáveis.

## **Você é uma das primeiras pessoas que não falou da segurança como principal problema...**

Talvez não me afete tanto porque eu trabalho aqui há muitos anos, eu me sinto em casa. Então eu me sinto segura, eu conheço todos os vigilantes, mas acho que essa questão piorou sim nos últimos anos. Aqui eu nunca tive medo, mas agora – a partir de três anos atrás – até eu já tenho medo, porque o CS anda super mal frequentado. Acho que tinha que ser priorizado a gestão e a conservação além de um programa de uso para mudar isso.

## **Conversando com a professora da escola, ela comparava o CS à Quinta, principalmente com os eventos que acontecem por lá. O CS se prestaria a esses eventos?**

Acho que sim. Poderia ter uma programação esportiva, acho que tem a ver, porque a gente vê muita gente caminhando, correndo aqui pela manhã, esse tipo de usuário. Assim como uma programação

cultural de bom nível e permanente. Acho que seria interessantíssimo.

**E nesse caso, haveria necessidade de ampliar o horário de visita?**

Acho que não. Aqui é meio restrito ao horário comercial. Até os moradores, como a cidade esvazia e por ser um pouco perigosa, não usariam o parque além desse horário, não. Acho bom do jeito que está. Mas precisaria fazer mais entrevistas....essa é uma opinião pessoal. Mas era questão de se perguntar: será que atividades noturnas iriam atrair os moradores dessa região? Não faço a menor idéia. Para mim essa região é muito deserta à noite, mas teria que perguntar aos moradores. Tem muito morador por perto que viria.

**O que você acha da preservação do CS?**

É importantíssimo. Pela importância dele...

**E o fato dele ser um jardim do século XIX...**

Acho que até pelo contraste é interessante. No meio dessa confusão, dessa modernidade você tem um jardim do século retrasado, do final do século retrasado, de uma beleza extraordinária, completamente implantado e você pode usufruir disso hoje. É um jardim mais contemplativo, não oferece tantas atividades como nesses parques de agora, mas que você pode curtir uma coisa diferente, você sai do burburinho, do caos....

**E propostas de melhoria?**

Acho que aqui deveria ter a organização de voluntariado. Porque tem muita gente que gosta de participar e contribuir, como por exemplo cuidando dos gatos que é um problema enorme. Tem voluntários trabalhando em vários parques no mundo. E eu acho que a gente poderia aproveitar essas pessoas, que querem fazer isso, mas de forma organizada. Buscar quem conhece esse assunto de trabalhar com voluntários, otimizar essa força que já existe, mas que é meio caótica e que às vezes atrapalha, mas que pode ser bem aproveitada.

Outra coisa é que deveria ter uma equipe própria, permanente, para manutenção. Cuidar da parte física, da vegetação, da conservação daquilo que é construído. Só assim ele realmente vai se manter...

**Como você vê a partição de tarefas entre várias Secretarias (Seconserva cuidando dos monumentos, a Comlurb varrendo, a FPJ plantando...)?**

Eu acho péssimo essa descentralização porque as coisas acontecem em tempos diferentes, que às vezes não atende realmente a manutenção que o parque exige. Para atender a população e estar sempre arrumado, limpo. E também a gente não consegue fazer as coisas no tempo certo, na frequência necessária.

Acho péssimo. Acho que tinha que ter uma gestão interna, com uma equipe mínima, permanente. Para acolher as pessoas e os equipamentos necessários, pelo menos para ele ser auto-sustentável em muitos aspectos.

A própria gestão do parque, pelo fato dele ser histórico tem uma coisa a mais que precisa ser pensada. Seria muito importante ter um conselho gestor com gente de vários níveis. Até do IPHAN, apesar do parque ser tombado pelo INEPAC acho que o IPHAN poderia participar também. Não consigo achar que esses órgãos de preservação atrapalham.... pelo contrário, acho que eles colaboram com a gestão.

Sabe o que eu penso também com relação aos voluntários? Que isso poderia ser estendido também para outros serviços, de gente que realmente quer colaborar trabalhando pela manutenção do parque. Eu acho que o pessoal da terceira idade, e outras pessoas, se isso funcionar direitinho é uma força de trabalho maravilhosa. As pessoas se envolvem, e dá certo, a gente sabe que dá. Mas tem que organizar, botar em prática. Seria uma forma da sociedade participar, se envolver... Eu visitei um parque em Miami, era um parque maravilhoso e ele trabalhava com um sistema de voluntariado permanentemente. As pessoas davam algumas horas do seu dia, inclusive dirigindo pequenos tratores, fazendo pequenos serviços.

Pessoas de classe média e alta. Eles lá tem esse sistema. Eu vejo aqui que as gateiras querem fazer isso. Você devia conversar com elas. E esse povo todo que mora aqui em volta, gente da terceira idade, poderia trabalhar uma ou duas horas, trabalhar numa compostagem, ou naquilo que a pessoa quer. Gente que gosta de jardinagem e não tem quintal, que mora em apartamento...

### **Pensar em outras possibilidades além dos gatos...**

Exatamente, fazer um cadastro, um registro dos voluntários, quem é apto para fazer o que... Tem gente que sabe e que aposentou, conhece o assunto, ou pode ser treinado....

### **Vou mandar uma lista pra você avaliar a prioridade dos serviços. Às vezes os recursos são poucos e o gestor usa para um serviço que não é o mais importante...**

Mas isso é porque não passa por uma decisão técnica. Se fosse uma decisão técnica eu tenho certeza que seria priorizado para as coisas mais necessárias. Mas nem sempre é assim. Na gestão passada foram colocadas luzes coloridas de gosto duvidoso e também montes de câmeras para filmar o CS. E a gente precisando de milhões de coisas! De segurança, de recuperar a vegetação de cobertura, o gramado, as árvores..... precisando melhorar a qualidade do solo, ninguém pensa nisso, nem sabe que existe. Agora, como não existe mais os jardineiros nas praças como antigamente, então esses serviços de conservação são muito mais voltados para a limpeza e para a conservação dos equipamentos, das instalações construídas. Ninguém pensa na vegetação na melhoria da qualidade do solo. O engenheiro florestal, o agrônomo, o biólogo, o trabalho deles é esse, melhorar a qualidade da vegetação, do solo, do plantio da cobertura de solo, os plantios anuais e bianuais, a árvore que precisa de tratamentos culturais, isso a gente não faz em parque nenhum. Estamos esquecendo que isso existe. Antigamente, você pode ver até nos projetos do Azevedo Neto, que ele sabia fazer um jardim. Tinha um detalhamento dos canteiros, do solo, de tudo que ia colocar... é fundamental. Bem ou mal isso se sustenta. Não é o ideal. As construções se não tiverem conservação

vão ficar destruídas, mas o solo está sempre lá, quem não conhece melhor o assunto, não tem a percepção de que aquele solo está esgotado não vai nem reparar.

*(falando sobre os serviços necessários no CS)* Adubação, calagem, dependendo da análise do solo, ver a compactação desse solo, aerar o solo, melhorar e renovar o gramado, o plantio das forrações, o desenho das forrações que agora com a morte das figueiras tem que ser revisto....a regeneração natural que acontece, e ninguém toma conhecimento. Principalmente num jardim histórico, você tem que interferir, não pode deixar árvores crescerem aleatoriamente. Tendo um jardineiro de olho todos os dias, fica mais fácil.

ENTREVISTA CRISTINA MONTEIRO – Arquiteta, técnica INEPAC  
04 de maio de 2012

### **Quais são as principais qualidades do Campo de Santana?**

Cultural, ambiental, paisagística, eu acho que são as principais qualidades. E a histórica, claro!

### **E os principais problemas, quais seriam?**

A gestão. A manutenção daquele patrimônio.

### **As pessoas falam muito dos problemas de segurança...**

É a gestão. Aquela questão dos gatos que se coloca lá. Você não tem um policiamento para as pessoas poderem usufruir daquele espaço, como cidadãos. Eu teria vontade de ir para lá. Eu ia lá de vez em quando, quando eu cheguei no Rio. Eu trabalhava ali perto. Então eu acho que isso seria o desejável, nesse e em qualquer outro parque. O fato da FPJ ter a sede lá eu acho que contribui positivamente. E ter um inventário. Eu acho que para ter um plano de gestão você tem que ter um inventário. Para ter um plano de gestão, ou um plano diretor, você deveria saber exatamente o que era o projeto original, saber o que você pode adequar ou não numa revitalização.

**Não existe o projeto original. O levantamento da década de 1980 é que é utilizado...**

Mas você pode estabelecer uns parâmetros. Isso é projeto do Glaziou, a gente mantém. Esse a gente sabe que é, esse não... Pode-se fazer um estudo, gerando um plano, e depois os projetos de intervenção que forem necessários. De um modo geral ele está mantido, com suas características. Tem aquela questão do estacionamento que volta e meia dizem que está se ampliando muito, mas de um modo geral é um dos parques que....

Mas o uso dele.....

**Pois é. Ele é um parque do século XIX, com sua função civilizatória, como disse o Roberto, quando o lazer era muito diferente do que é hoje....**

Mas as pessoas procuram os parques. Eu vejo ali no Recanto do Trovador, que teve uma parte revitalizada, as pessoas vão para lá para caminhar, correr, as crianças andam de bicicleta. E ali no Centro tem uma população que mora. Numa cidade que tem essa malha urbana toda, você ter esses espaços é fantástico. Você teria que ter muito mais, fazer os tais corredores, aquela história toda. Mas ali tem aquela importância. Você tem um parque público, naquela área central, que é tombado pelo seu valor cultural, histórico, o valor dele ter um reconhecimento por parte do estado... e ambiental, você tem uma área verde. Ambiental do ponto de vista estrito, mas ambiental também do ponto de vista das pessoas usufruírem visualmente.

**Você acha então que mesmo sendo um parque do século XIX, ele tem um valor ainda hoje...**

Claro, um parque nunca está datado! Você veja os parques na Europa e nos Estados Unidos também.

**Quando você pensa nos problemas do CS você teria alguma sugestão para resolvê-los?**

Além do estacionamento, a pavimentação. Além da permeabilidade, você melhora a questão ambiental. Porque você chega lá e tem menos calor.... e paisagisticamente também.

Tem também o fato do parque ter perdido uma área para a escola. Não sei se reverter isso seria uma coisa viável. Dá alguma vitalidade também, não é?

Mas aquele lado (*por dentro do parque*) é gradeado. Você compartimenta mais visualmente. Se fosse sem grade seria melhor. Não a grade do perímetro, mas a grade em torno da escola. Mas já é uma área consolidada. Não vejo mal naquilo. É um parque tão grande. Um outro problema, que não se concretizou, foi o metrô querer construir uma estação ali na frente. Porque já deu um recuo, para a escada do metrô. Mas a estação não foi construída, ainda bem. Não sei se eles vão voltar à carga um dia. O abrigo de ônibus não cria um conflito visual. O metrô é uma cobertura grande, com vidro e não sei o quê, grades.

Eu tinha um sonho, se pudesse, ampliar o parque e resgatar o perímetro inicial, mas isso é impossível.

**Registrar isso no chão?**

Não, pensei em fazer um mergulhão. Mas não dá, por conta do metrô. Se tivesse um mergulhão ali, e voltasse a área original.... Mas não pelo CS só, mas por uma área que você integrasse a Central (EFCB). Se você saísse da estação dentro de um parque! Eu sou apaixonada por parques, por áreas verdes. Mas é impossível, você não tem altura ali por causa do metrô. Se alguém tivesse vontade política de fazer isso, não conseguiria viabilizar porque não tem altura ali em baixo. Agora, registrar eu não sei. Como seria?

**Eu nunca tinha pensado nisso. Eu dava essa área como perdida. Você é que está me dando idéias...**

Mas eu acho o CS uma coisa fantástica! Visualmente lindo.

**O CS foi tombado pelo IPHAN em 1938 e foi destombado em 1943 para a abertura da Av. Pres. Vargas. Se passaram 30 anos até ele ser tombado novamente pelo INEPAC.**

Estava consolidado. Você nem precisava da regulamentação. Isso é fantástico.

**Você acha que ele deveria ser retombado pelo IPHAN ou você acha que o INEPAC dá conta do recado?**

Eu não teria porque opinar. Eu acho que o INEPAC tem que dar conta. Se o Estado reconheceu o valor patrimonial, cultural deste bem, o INEPAC tem que dar conta. Se não der, não está correto. Agora, o reconhecimento do parque como um bem federal, de importância para a nação, eu acho interessante. Tiveram fatos ali que extrapolam a história do Estado do Rio. Fatos políticos da época do império, então tem todo um contexto histórico de relevância para o Brasil, então eu acho que sim. Agora de dar conta, eu acho que o INEPAC tem que dar conta, sim.

**Você acha que tendo a sede da FPJ lá dentro, você acha que o INEPAC é menos preocupado com o que acontece por lá?**

Não, você tem a parceria. O INEPAC é absolutamente preocupado. Agora temos muitos bens a cuidar. Somos poucos para cuidar de muitos bens, como acontece em diversos órgãos. Você já tem pessoas ali que são parceiros. Qualquer coisa, eles entram em contato. E o CS está em situação provavelmente melhor que outros bens que precisam um socorro mais imediato. Mas isso de uma forma pragmática, pois o INEPAC tem que estar preocupado com todos os bens. Mas ali nós temos parceiros, pessoas comprometidas com aquele bem, então facilita.

**A minha idéia de fazer um Plano de Gestão é, em função das mudanças políticas que ocorrem, termos diretrizes para serem seguidas pelos gestores. E chamar a sociedade civil para participar, seja através da participação num Conselho, ou com uma associação de amigos como o Roberto sugeriu.**

Só para o CS?

**Não sei. Talvez para os parques históricos...**

O que poderia ser? Para revitalizar o uso mais freqüente, a segurança é o primeiro passo. Mas, além disso, poderia ter algum equipamento. Há algum tempo atrás tinha uma proposta de construir lá um anexo da biblioteca. Mas se frustrou isso. Mas isso seria compatível, interessante? Você vai alterar o bem original. Agora um café, sempre traz vitalidade, não é? Veja lá no Jardim Botânico.

**Tem até o projeto do Café Glaziou, que seria construído no banheiro existente.**

Você não construiria nada a mais. E o café sempre dá uma vitalidade. Eu adoro café. Mas agora, construir abrigo de gato, eu acho um equívoco. Tem umas coisas temporárias lá, mas enquanto o IPHAN permitiu no Passeio Público, no CS o INEPAC sempre vetou. Agora, as cotias estão incorporadas ali. São uma festa para os olhos, todo mundo se encanta com as cotias.

Tem que ter uma vitalidade o bem, mas tem valores estruturais que não se mexem. Por isso um Plano de Gestão é importante. Você faz o levantamento do estado dele e parte daí.

**Como você compararia o CS com outros parques do Rio?**

Cada um tem o seu valor.

**É, quando eu falo de fazer um Plano de Gestão para os parques históricos do Rio, quais os parques históricos você alencaria?**

Primeiramente todos os que são tombados. Esse trio principalmente: o Passeio, o CS e a Quinta. Colocaria os nossos, tombados pelo Estado, naturalmente. Resgatar as características originais de todos eles, na medida do possível e do que os estudos avaliarem, que são os dois: Recanto do Trovador e Ari Barroso. Sem dúvida nenhuma, eles têm uma importância muito grande. Ah, tem mais um, o Parque da Cidade, que é tombado também.

Esses três (*tombados pelos INEPAC*) eu colocaria no mesmo patamar. Um é mais grandioso (o CS). Outro, o Recanto do Trovador estava na concepção do bairro, a idéia de uma área verde. E tombou-se há muito tempo. E você não teve nenhuma intervenção ali dentro por conta disso. Ele pode ter se deteriorado, mas.... E no caso

do Pq. Ari Barroso tem uma urbanística ali. Parece que eram áreas de chácaras, veio a estrada de ferro, veio a Dutra, e tudo foi parcelado. Como lá era uma parte em aclave, ficaram áreas maiores. E foram desapropriadas, tanto a área do parque quanto o Hospital Getúlio Vargas ali do lado. E foi desapropriado para criar um parque, numa iniciativa pioneira. Levar as áreas verdes para os subúrbios. Obviamente isso deveria estar em toda a cidade, mas não tem sido assim. Passou da Quinta é um desertão, com muito concreto, não tem árvores e nem áreas verdes. E nem qualidade de vida, porque a qualidade de vida aumenta enormemente com essas áreas. Mesmo que a pessoa não vá lá, só dela passar e poder respirar melhor.... Mas lá o Estado construiu um belo projeto, da FPJ, e reconheceu o valor cultural. Isso é uma coisa com um valor imenso, eu acho. Eu não sou nem do Rio, mas vejo isso como uma coisa fantástica. Agora, paisagisticamente e em grandiosidade, o CS tem um valor maior, mas cada um deles cumpre uma função. Agora, você perguntou sobre o tombamento federal. Eu acho que seria de extrema importância. Não pode deixar de ter o reconhecimento do valor cultural pela União. Você não acha? Eu não falo nem para proteger, não quer dizer que o Estado saia, mas ele tem um valor. Porque parte da história do Brasil é contada ali.

ENTREVISTA DAVID BESERRA LESSA – Presidente da FPJ  
12 de abril de 2012

**O CS tem muitas qualidades. Começo a falar das qualidades do CS para identificar o que é importante manter neste jardim. Para você quais são as principais qualidades desse jardim?**

O jardim é importante para a cidade. A história dele tem a ver totalmente com a cidade, que cresceu em torno dele. Estamos tentando fazer um trabalho de manter o projeto original do Glaziou, fazendo a reposição das árvores que morrem (as árvores estão morrendo) tentando respeitar o projeto paisagístico repondo as mesmas espécies do projeto original. De vez em quando a gente

esbarra com algum arquiteto ou engenheiro querendo mudar porque aquela espécie não é a mais adequada para o local. Mas não dá pra gente pensar assim e desfazer um projeto que tem tantos anos de existência. Tentamos identificar os problemas fitossanitários em algumas árvores, os *Ficus* principalmente, e enquanto nós não identificarmos que é um problema das árvores daqui, você vai ver que as novas árvores que estão sendo plantadas são mudas de sementes e não de alporque, para que as mudas não venham já doentes, então estamos fazendo a reposição. E no contrato de manutenção que a gente tem, tentando manter todas as áreas ajardinadas com as suas características originais. Acho que o maior problema na conservação de um jardim histórico, e propriamente na manutenção do CS, são as modificações que já aconteceram nele ao longo do tempo. Por exemplo, esse piso de asfalto que para mim é totalmente inadequado, muito quente, não era o piso original. No ano passado a gente trabalhou com a possibilidade de voltar com o piso ensaibrado. Só que como o CS - deveria mas não é - um parque de contemplação, não é um parque de lazer, ele virou um lugar das pessoas cortarem caminho entre o Hospital Souza Aguiar e o Saara, ou entre o Metrô e Av. Presidente Vargas e o Saara, ao fazer uma mudança tão impactante de trocar o piso, de um piso impermeável que as pessoas andam sem sujar os pés por outro piso, gente tem o impacto da população contra. Então não dá para você pensar somente na história do parque e esquecer do uso que ele tem. Diferentemente do que a FPJ vem fazendo no Passeio Público, onde se manteve todas as características originais, inclusive o piso ensaibrado. O contrato de manutenção refaz o saibro onde ele danifica, e mantém o piso do jeito que ele era, ensaibrado. Até porque há dez anos teve uma reforma grande. Já no CS não dá para você resgatar a característica inicial do projeto nas áreas de caminhadas. Mas nas áreas do paisagismo propriamente, área gramada e com vegetação, a gente tem tentado manter as características dele. A gente tem alguns problemas causados pelos decretos e transferências de responsabilidade. Num decreto de 1993, o prefeito César Maia dá atribuição de varrição e corte de grama unicamente à Comlurb. Quando a gente tenta inclui nos

nossos contratos de conservação o corte de grama e a varrição, a gente é interpelado pela Controladoria, que tem um decreto que diz que isso é serviço específico da Comlurb. Eu já tentei convencer o prefeito que nos parques isso não deveria ser exclusividade da Comlurb, isso deveria ser deixado em aberto, a FPJ poderia fazer e a Comlurb também – quem tiver mais condição faz, se não você fica impedindo legalmente por conta do decreto. Eu entendo que nas ruas e áreas públicas o decreto é correto, mas dentro de praças e parques não necessariamente, quem tivesse possibilidade poderia fazer. Então os nossos contratos estão muito restritos a arbustiva, vegetação de forração, mas não posso botar o corte da grama. Você tem a limpeza da borda dos canteiros, mas não tem a varrição. Então quando eu coloco a varrição eu sou interpelado, mas a minha varrição não é das ruas, é daquilo que eu corto e tenho que varrer, se não a sujeira fica. Então são problemas operacionais que a gente acaba tendo para manter o CS. Outra coisa é limpeza de lago, que era feito pela Gerência de Monumentos e Chafarizes que era da FPJ. Com a criação da Seconserva, essa gerência passa para a Seconserva e aí para conseguir que os portões sejam restaurados, o gradil seja restaurado e a própria limpeza dos lagos sejam feitos.....A gente não tem estrutura e os contratos não conseguem fazer. O lago menor em volta da sede fizemos há três anos atrás: tiramos os peixes, esvaziamos o lago, tiramos o limo e o lodo do fundo, realimentamos com água, voltamos com os peixes. Os outros dois lagos, que eu me lembro, nos últimos 7/10 anos não foi feito isso. E aí eu venho insistindo com o pessoal da Seconserva para fazer a programação, já que eles fizeram nos lagos do MAM, da praça N. Sra. da Paz. São dois lagos muito grandes, precisa toda uma operação de pegar uma rede, tirar os peixes, passar para o outro lago, etc. Depois fazer a mesma operação no outro lago, então é uma operação complicada e que demora muito tempo. Um parque de quase 150 mil m<sup>2</sup>, com uma quantidade de gente circulando aqui durante o dia é complicado. Então a gente insiste como técnicos e funcionários da prefeitura em recuperar o parque histórico, o paisagismo histórico, sem sermos vencidos pelas adversidades.

### **Você acha que difere muito a conservação de um parque histórico de outra área verde qualquer?**

Em termos de execução de serviços, é a mesma coisa. A preocupação aqui é não modificar as características do parque, que é histórico. Em outro que não tem essa memória, essa importância de ser um parque histórico, você pode até ousar e substituir alguma coisa que não esteja dando certo.

### **Você acha que é difícil que é manter um parque desenhado no século XIX nessa nossa cidade contemporânea?**

Deixa eu tentar separar essa análise dos três parques históricos, a Quinta, o Passeio e o CS. São três parques completamente diferentes apesar de serem da mesma época e do mesmo projetista. Vou começar pelo mais fácil, o Passeio. Ele conseguiu se manter com sua característica original. Ele tem um único portão principal de acesso – tem um auxiliar que foi aberto depois porque o caminhão munck da Riolut não entra pelo portão principal – mas a vegetação está mantida, preservada. A gente fez um trabalho ano passado lá – a Comlurb uma parte e a FPJ outra – de podar as árvores e retirar as árvores mortas, destocar. A gente usou uma técnica nova, de destoca com triturador que não precisa escavar e abrir aquela cratera. Então a gente mantém a manutenção daquelas características, porque a frequência do parque é mínima. Poucas pessoas na hora do almoço, algumas para namorar ou ler um livro. Só entra quem quer contemplar o parque, aí é mais fácil manter o jardim com as suas características originais.

No CS, como eu já disse antes, pela movimentação que existe aqui dentro, as pessoas não vem para cá para desfrutar do que o parque tem. Só no fim-de-semana que ele tem uma característica mais de lazer. E ele tem alguns impedimentos, que é a presença de população de rua, de prostitutas, a ocorrência de pequenos furtos, e isso a população acaba convivendo mas com receio. Então a frequência acaba sendo menor do que poderia ser. Ele não em oferta de serviço nenhuma – você não pode andar de bicicleta, você não pode vender e ambulantes não podem entrar. Então ele tem uma característica que não é de contemplação, é de passagem, de cortar

caminho. E quem vem aqui prá dentro, principalmente durante a semana, vem para obter alguma vantagem, ou pequenos furtos, procurar clientes ou usar drogas escondidos nessa grande área verde. E a gente gerindo um espaço deste estando aqui dentro. Então a gente sente na pele o que acontece aqui todos os dias. Fica mais difícil manter as características porque as pessoas preservam muito pouco. Como a atratividade que elas tem aqui não é desfrutar das belezas que o parque .... A gente pode falar que 50% vem se beneficiar do que pode obter de vantagem, a outra metade ainda vem contemplar alguma coisa. Então fica muito mais difícil manter os monumentos, manter as condições da área gramada sem você ver alguém dormindo na grama, ou indo para dentro da vegetação. Tem um terceiro problema que é a presença dos animais domésticos junto com os silvestres, que é um grande problema do CS. Apesar de que no Passeio também acontecer, era em quantidade menor. Tem lá as casinhas de gatos e os protetores. Aqui a quantidade absurda de animais domésticos competindo com os animais silvestres tradicionais do CS. Esse problema a gente está tentando resolver com a construção do gatil aqui perto, no Pq. Noronha Santos, para a onde a gente pretende castrar e transferir os gatos. Não acredito que 100% dos gatos vá caber lá, mas uma maioria vai. Aqui eles acabam com os filhotes das cotias, um animal pega comida do outro, tem briga da cotia com o gato, às vezes você vê o gato – que tem instinto de caça – passar com o filhote de cotia na boca.... Essas coisas que a gente tenta combater com a quantidade de pessoas que circulam aqui dentro.

O terceiro parque tem uma característica completamente diferente dos outros dois. Que é um parque que tem as prestações de serviço – pedalinho, triciclo, poder andar de bicicleta, você em prestadores de serviços autorizados pela prefeitura, pela Secretaria de Fazenda, que em uma licença, fora o comércio de comida. Eles tem uma licença precária, não é uma licença definitiva, tem um modelo de quiosque que foi padronizado. Quem frequenta o parque para o lazer, convive com essas possibilidades e tem a interface da população que vai para desfrutar com quem vai para brincar ou andar de pedalinho, bicicleta. Tem um agravante que são os

eventos. Ele tem uma quantidade de eventos que acontecem lá muito acima do que eu acho que devia ser. Então a gente acaba tendo problemas provocados por um contingente enorme de pessoas que vão para os shows e eventos que acontecem lá dentro.

### **Você acha que aqui no CS caberia pontos de alimentação, ou ambulantes, ou alguma outra atividade como acontece na Quinta?**

O que a gente tem conversado com o Inepac e o Patrimônio na Secretaria de Fazenda é a possibilidade de ter uma coisa organizada, tanto no Passeio Público como aqui, que o pessoal da DPP chama de Café Glaziou. Seria um quiosque bem simples, com a operação terceirizada, onde as pessoas pudessem tomar um café, pudesse bater um papo nos bancos em volta, na hora do almoço. Eu acho que no Passeio Público funcione bem melhor do que aqui. Aqui, pelo tipo de população que está presente, talvez o comerciante que arrendar isso fique com um problemão na mão depois que ele entrar. Aqui primeiro tem que dar uma organizada, uma limpa nesse tipo de pessoa, que não deveria estar aqui – deveria estar se tratando, ou na cadeia – pra gente poder pensar nisso. Mas existe o projeto que a gente não aboliu, como uma coisa impossível de acontecer. Tem todo um convencimento ao Inepac, pelo fato do parque ser tombado, e à Secretaria de Fazenda, no setor de Patrimônio, porque você teria que licitar para uma permissão de uso ou abrir a concessão do espaço para qualquer comerciante deste ramo que quisesse arrendar o espaço aqui. Isso precisa ser melhor avaliado. No CS eu tenho minhas dúvidas se daria certo, mas no Passeio Público daria super certo, pelo tipo de pessoa que vai desfrutar do espaço. Lá vai muita gente na hora do almoço, então um Café Glaziou talvez desse muito certo lá. Na Quinta a gente tem experiências de vários tipos com o comércio de comidas que tem lá dentro. Desde um restaurante até os quiosques padrão que tem lá dentro. Eu não costumo ir lá à noite, mas tenho informações do que acontece lá de noite. Os comerciantes estão sempre tentando expandir com aquelas lonas horrorosas, porque quando chove tem que ter um lugar para quem frequenta o espaço dele. Aí começa a quebrar o padrão dos

quiosques, quem faz o puxadinho com lona, que fica muito ruim. Eu acho que o que dá certo lá e que as crianças usam muito e gostam é o serviço de pedalinho do lago e de triciclos e bicicleta. Funcionam bem. Os eventos é que ..... Eu acho que deveria ter uma programação anual onde os eventos tradicionais estivessem já no calendário, e os esporádicos fossem muito bem avaliados. Então o “Sorriso Maroto” quer lançar um DVD, marca-se na Quinta. Isso pro parque é muito ruim, atrai um contingente muito grande de pessoas. É diferente das festas tradicionais que tem lá, o São João da Quinta e outros que acontecem. Mas a gente não tem poder para vetar um evento que é tratado na Secretaria de Turismo ou na Riotur, com o gabinete do prefeito autorizando. Lá tem um decreto, lá, no Aterro do Flamengo e na praia de Copacabana, que o poder discricionário de autorizar é somente do prefeito. A gente dá somente o “nada a opor”. A palavra final é do prefeito. Se há interesse do chefe do Executivo em fazer o evento, acontece mesmo se a gente ache que não é apropriado. Então os três parques têm características diferentes e dificuldades distintas para manter esses jardins históricos.

### **E a violência? Esses episódios com população de rua que estão sendo divulgados na mídia....**

Eu acho que aqui no CS a situação é pior. Porque na Quinta você tem a Guarda Municipal presente, no Passeio você tem a Guarda Municipal presente... Na Quinta, mesmo sendo bem maior do que o CS você tem uma estrutura da GM, desde os portões até o carrinho elétrico para circular, então eu não tenho notícia, durante a semana ou mesmo nos finais de semana da presença desse tipo de população tem aqui. Já aqui não tem nenhum guarda municipal. Tenho em torno de 7 funcionários entre os terceirizados e os da casa que tem a função de porteiro, não de segurança. Eles abrem o portão, fecham o portão nos horários de abrir e fechar, eles circulam pra ver alguma coisa que está acontecendo e não deveria estar acontecendo e que a gente possa combater sem risco de vida dessa pessoa que vai interpelar. O que a gente vem gritando desde o ano passado e que agora a mídia está mostrando, vai dar uma mobilizada tanto na polícia quanto na GM pra gente tomar de volta o

que é da população. Por que senão a cracolândia vai aumentar, a prostituição vai aumentar a ponto da população fugir.

### **Eu vi há alguns meses atrás a Polícia Montada aqui no CS...**

Não funciona. A Polícia Montada só serve para sujar o parque. Primeiro que eles têm uma velocidade pequena quando tem que correr atrás de alguém e nesse tipo de piso pode ter um acidente com o cavalo. Eles ficam naquele trotezinho do cavalo que eles mal conseguem alcançar alguém que corra. Eles vêm sempre quando o parque está fechando. Então como é que a gente usa? A gente pede pra eles ajudarem pra não ficar ninguém dentro do parque. Se o segurança identifica que alguém se escondeu e não saiu, quem vai interpela ele é a Polícia Montada. Mas a sujeira que os cavalos fazem e a hora que eles chegam, tem que reavaliar – e eu estou combinando com o Coronel do Batalhão se tem alguma eficácia. Talvez eles venham para cá porque eles tenham outra atividade aqui pelo centro. Mas que eles ajudam na segurança do parque, não. Eles chegam quando o parque está fechando...

### **Você acha que deveria haver rondas mais intensivas da PM ou da GM?**

Acho que tem que ter uma ação conjugada. Agora, a GM deveria estar mais presente como já estive no passado. Era um contingente de 10 homens pelo que eu avalei. Um dos banheiros desativados era a sede da GM, pra trocar de roupa e usar o banheiro. E funcionava bem, porque eles davam o apoio aos nossos funcionários e eles faziam o papel, que eles podem fazer que é interpelar alguém que está fora das posturas municipais. Nosso porteiro ou vigilante ele praticamente só toma conta da sede e ele fecha e abre o portão. Ele não tem a função da GM tem de interpelar alguém que está deitado no gramado, ou deitado no banco ou tomando banho no lago. Esse não é o papel do funcionário, é o papel da GM. E eu já conversei com o Inspetor da Guarda que eles precisam ser treinados para isso. Tem a Guarda de Defesa Ambiental. Eles precisam ser treinado porque senão eles vão estar habituados a isso, vão ver e não vão fazer nada. Isso você vai vencer pela insistência. A gente já instalou

os divisores de banco metálicos para diminuir a incidência de gente dormindo nos bancos. Já é uma primeira ação. E se o guarda todo dia chegar e ficar em cima, de tanto insistir o cara aprende que não é para deitar no banco. Então é um trabalho de persistência para você não perder.

### **O fato de estar no CS um grupo mais agressivo, de traficantes e ladrões...**

Aí só a polícia! De novo a ação conjugada: o nosso funcionário e a GM vão cuidar do patrimônio, da sede, dos portões – abrir e fechar. A FPJ já teve setecentos e muitos funcionários. Hoje tem 374. O contingente de vigias e guardas para as DOC's e para a sede – não vou nem falar dos parques – é cada vez menor. A FPJ é a instituição mais antiga da prefeitura, então a maioria ou já está em casa ou está em processo de aposentadoria. E a gente vem substituindo com os vigilantes terceirizados. Que faz um papel. A GM faz um papel acima desses, que são as posturas dentro do parque, os pequenos delitos que eles podem abordar e chamar a polícia, com a ligação via rádio muito rápida com a polícia, e a terceira opção que é a polícia. Aí eu divido em duas, a polícia de investigação que é a Polícia Civil – se tem quadrilha formada e se você tem uma cracolândia é ação para a Polícia Civil, e a Polícia Militar no combate das ações mais de crimes que acontecem na hora, para prender alguém que roubou. Eles fazem uma ronda, mas esse pessoal que frequenta o CS espera o carro da polícia sair. Se você não agir com inteligência, com estratégia, monitorar o que acontece, ir as pessoas certas, você vai ficar enxugando gelo. Você passa, faz uma ronda. Você sai, eles agem. Aí a gente liga para o 190 para a PM voltar, mas quando eles voltam já não faz mais o que quer fazer. Essa guarda terceirizada é desarmada, justamente para substituir os nossos funcionários que estão se aposentando.

### **Minha última pergunta: de que maneira as ações feitas para a manutenção do CS podem melhorar?**

A gente em 2010 conseguiu quase duplicar o valor que tinha no orçamento para esse serviço. Era um valor irrisório. Se você pegar

um gráfico do que a gente tem tido de manutenção de 2009 pra cá ele é completamente crescente. Então não posso nem reclamar de falta de recurso. É claro que para mais coisas sempre o recurso é necessário, mas para o básico que a gente tem que fazer a gente tem feito. Temos um contrato que cuida de toda a parte de jardinagem, recomposição de jardim, borda de canteiro onde a Comlurb danifica, limpeza dos ralos, tirar as grelhas dos ralos e limpar as folhas que caem para a drenagem funcionar... então isso tudo, na nossa manutenção do dia-a-dia a gente faz. Isto está sendo suficiente, conjugado com o trabalho da Comlurb de varrição das vias e o corte de grama que até o início do ano passado estava “triste”. A grama chegou a quase um metro de altura, e aí a gente fez uma articulação mostrando que o decreto me proibia de contratar, falei com o prefeito e com a Angela, presidente da Comlurb. Falei que o corte de grama tem que estar na rotina da Comlurb como está a cidade toda. Não é esperar eu ligar. Vocês sabem de quanto em quanto tempo tem que vir cortar a grama, no verão e no restante das estações. Então é manter isso como uma rotina. Isso tem acontecido. Se você rodar você vai ver que a grama está bem cortada, as áreas de jardim estão bem cuidadas, está varrido, a não ser naquelas épocas de incidência maior de queda de folhas, porque aí tem que ser todo dia a varrição. O CS está bem cuidado. O que afasta muito as pessoas é a qualidade dos frequentadores, os pequenos furtos, o uso de drogas, isso afasta muito as pessoas. E isso tem que ser combatida pela Polícia Militar, juntamente com a Guarda Municipal e a Polícia Civil. Eu espero que a matéria que o Jornal Nacional fez e que os jornais estão fazendo sirva para dar uma despertada na direção da GM e na própria polícia que tem que agir com inteligência. Eu falei pra você em *off*, vou repetir agora que está gravando, ontem teve o pessoal da polícia reservada, da P2, tiveram aqui à paisana. Conversaram qual era o objetivo: estavam avaliando e monitorando como acontece a venda de drogas. Eu trouxe eles aqui pra sede pra olhar estrategicamente o ponto que a gente que está aqui nota, o ponto onde acontece a venda de drogas. Eles vieram ontem, vão voltar amanhã, e estão monitorando. Vão trazer uma filmadora, câmera fotográfica. Porque aí eles vão agir na

pessoa certa. Se você age na hora que está acontecendo sem saber quem é o cabeça, quem está vendendo, você enxuga gelo. Com um trabalho de inteligência eles estão mapeando a coisa, vendo como ela funciona, pra depois fazer o cerco e, sabendo quem são os cabeças, abafar. Esse tipo de ação, com inteligência, quem está mal intencionado vai ver que alguém está pensando e alguém está abafando. Aí vai ter que procurar outro lugar onde ele possa usar a droga com mais tranquilidade ou vender com mais facilidade. Mas tem que ser uma ação pensada, não pode ser uma ação de operação rotineira, porque senão você só vai enxugar gelo. Ficou de um jeito..... Isso não é uma coisa só do parque, está no centro da cidade. Pequenos furtos, roubo de celulares, roubo de cordão. Então o parque não poderia ser uma ilha de perfeição numa área central da cidade onde isso acontece com uma facilidade e uma frequência muito grande. Então a gente está sofrendo o que o centro da cidade sofre. Ano passado tiveram umas matérias negativas e eu coloquei isso na matéria: você acha que o CS pode ser um local só para frequência de quem gosta, onde você pode fazer tudo e não ter ação dos pequenos roubos e drogas? Se tem em volta do CS, como não vai ter aqui dentro? Se aqui é até mais fácil de ter, com mais área verde e esconderijo. Uma coisa que eu não falei e queria fechar falando é uma coisa que estamos tentando fazer mas que depende também de uma série de ações, se você tem uma utilidade inadequada você acaba perdendo, é a recuperação da gruta. Uma coisa histórica dentro do parque, a gente fez uma limpeza grande nela ano passado. Ela estava coberta por aquela trepadeira. Nosso pessoal de manejo de vegetação junto com o pessoal da Comlurb deu uma geral. Dentro da gruta a Comlurb veio com o equipamento de proteção individual, lavamos, limpamos. Mas se o parque está com esse tipo de população frequentando, o pessoal volta a fazer suas necessidades lá dentro, volta a se esconder lá dentro. Então fazer uma recuperação da cascata, das utilidades que a gruta tinha, é uma coisa que está no nosso planejamento, mas para quando o parque melhorar sua frequência. Daí você investe sabendo que não vai perder o investimento. Mas ela faz parte do jardim histórico, você tem que recuperar. Aquela informação do passado que a gruta

estava recalçando, a gente já conversou com a GeoRio que veio aqui e fez um laudo, uma avaliação, e não deu nada. Não tem risco de ruir, nada disso. Então já pode se planejar a recuperação dela, da cascata, da visita que ela tinha. A situação é tão precária de gente buscando a possibilidade de conseguir droga, que todos os dias a Secretaria de Assistência Social está presente, mais de uma vez ao dia. Eles estão passando agora aí fora com uma van, abordam a população, levam quem aparentemente está drogado ou mendigando. Levam, mas eles não podem reter no abrigo. Então é o trabalho de todo o dia, fazer sem cansar. E a situação de pequenos furtos pra conseguir dinheiro pra financiar e usar na compra de drogas – a gente pegou nessa semana um cara tentando tirar a grade da entrada da gruta. A gruta fica com o lago em volta e a entrada é feita pelas passarelas. Em cada passarela tem uma grade. O cara estava levando a grade, provavelmente para vender no ferrolho para fazer dinheiro pra droga. O que a gente tem que fazer, eu estou fazendo e acho que todos nós temos que fazer, nós que estamos na sede dentro do parque é combater exaustivamente pra não perder para eles. Não podemos perder pra esse pessoal. Se não, teremos que sair com a nossa sede aqui de dentro porque não vai ter segurança para nossos funcionários. E se não tiver para os nossos funcionários, para a população então... Então a gente já agendou com o comandante do Batalhão, falei da operação que a Polícia Civil está fazendo, pra gente ter uma conversa pra melhorar a ação da guarda montada e da ronda que eles fazem, pensada, não adianta fazer na rotina. Hoje mesmo estou insistindo com o inspetor (GM) para voltar o efetivo com pelo menos 10 homens prá cá, revezando, para a gente ter o mínimo de combater essas ações.

ENTREVISTA ADRIANA PEREIRA, Diretora da Escola Municipal Campos Sales (depoimento informal, não gravado)

Foi aluna da escola, depois professora, e hoje é diretora. Não permitiu a gravação da entrevista, só com autorização da coordenadora da 1ª CRE.

Como professora sempre levou os alunos para atividades no CS. Nunca teve problemas relacionados à segurança, enquanto levava seus alunos para desenhar, ver os animais, etc. Já teve sinais de que pessoas passaram a noite na escola (no pátio interno) ou casos de arrombamento e roubos, mas foram poucos e há muito tempo. Relata um esfaqueamento, mas na Av. Pres. Vargas, e não no Campo de Santana.

Tem alunos de 3 a 5 anos, em turmas no 1º turno (7:15h às 12h), 2º turno (12:45h às 17:15h) e período integral (7:30h às 16:30/17h). Anuncia que ainda há vagas em cartaz no portão da escola.

Estima que 80% do seu alunado seja morador das redondezas. Enfatiza que nem todos moram em habitações formais, havendo também moradores de invasões e de habitações coletivas (cortiços). Outras escolas da região: Tiradentes, CIEP José Paredes Varela, Celestino da Silva e Rivadávia Corrêa (Ginásio Experimental Carioca). A diretora enfatiza a necessidade de autorização por parte da 1ª CRE para maiores esclarecimentos.

Lamenta o portão da R. Visc. do Rio Branco (“portão dos Bombeiros”) estar fechado, pois antes a entrada e saída dos estudantes se dava pelo portão dos fundos da escola que dá para dentro do CS, hoje utilizado somente para entrada de carga, merenda, serviços, etc., pela facilidade de entrada de veículos pelas alamedas do parque. Com o fechamento do portão do CS é obrigada a utilizar o portão da escola que abre para a R. Visc. do Rio Branco, já que muitos pais chegam pela R. Frei Caneca. Pela largura estreita da calçada numa rua de grande movimento, teme por algum acidente com seus alunos, fato que nunca ocorreu.

Já promoveu plantio de árvores no pátio da escola por ocasião do Dia da Árvore. Assim como no CS, várias árvores da espécie *Ficus microcarpa* foram recentemente cortadas pela Comlurb no pátio externo, pois punham em risco os alunos.

Tem audiência marcada com o presidente da FPJ no próximo mês para solicitar a reposição de brinquedos do pátio que estão em mau estado de conservação e, depois do trabalho de destoca a ser executado na área, precisarão ser removidos. Nota-se um total apartamento da escola com relação à FPJ. São entidades

independentes. Apesar dessa percepção, na minha primeira visita a diretora estava recebendo o gestor do CS, Evandro, mas não soube me explicar exatamente o caráter da visita. Aparentemente era um contato inicial e sobre a possibilidade de visitas guiadas pelo parque para os alunos da escola.

Apesar da dificuldade em assumir problemas de segurança relativos à ocupação por população de rua de áreas do CS, cita a preocupação com estrangeiros que, desavisados, andam por ali ostentando máquinas fotográficas. Não tinha visto as pixações no banheiro público do CS, próximo ao portão dos fundos da escola.

Na saída, acompanhada por funcionária, recolhemos depoimento mais queixoso. A funcionária contou que, moradora das proximidades, costumava vir caminhar no CS, prática que deixou de fazer por conta da ocupação da área por “desocupados”. Disse que as aulas de ginástica que aconteciam no parque não acontecem mais. Comparou o CS à Quinta da Boa Vista, segundo ela, um parque vivo, muito usado pela população. Citou exemplos como o trânsito de ambulantes que vendem de bolas e outros brinquedos e os eventos que dão vida à Quinta. Lembrou de pequenas exposições de animais peçonhentos, feita provavelmente pelo RioZoo e que atraiu muita gente. Acha que poderia haver pequenos shows no CS, como os que acontecem na QBV em escala maior. Lamentou o estado de conservação do CS, que entende ser um parque lindíssimo e que merecia ser mais bem cuidado.

ENTREVISTA FLÁVIO TELLES– Eng. Florestal DARB/FPJ (Diretor de Arborização da FPJ)  
04 de abril de 2012

### **Já se tem o diagnóstico sobre a patologia das figueiras do CS?**

Definitivo, não. A UFRRJ pediu mais tempo, para que eles possam fazer novos testes para efetivamente descobrir se é um dos fungos identificados. Foi identificado um fungo que vem matando as *Ficus microcarpa*, não só aqui mas na cidade. Como a primeira parte do estudo não conseguiu verificar se o fungo mataria os indivíduos

jovens, eles pediram mais tempo pra fazer a pesquisa num tempo mais fresco. Uma das condicionantes é que estava muito quente e poderia ser que o fungo não se expressasse tanto na época mais quente e sim na época mais fresca. Eu inclusive questioneei os pesquisadores porque podia ser que esses indivíduos que foram doados para eles fazerem os testes já fossem resistentes. Por que? Eu e o Roberto achamos que, como ao longo do tempo as figueiras foram introduzidas nos mais diferentes lugares e tradicionalmente elas eram produzidas por reprodução assexuada, então você estava replicando os mesmos indivíduos antigos. Quando você faz isso, a base genética diminui. Hoje, mesmo com a base genética sendo menor, já existe o polinizador. Que está fazendo com que a gente tenha mudas de cruzamentos. Isso, mesmo que a base genética seja pequena, dá condições de novas combinações, e com isso essas mudas novas já serem mais resistentes ou não tão tolerantes ao fungo. Eu até brinquei com os pesquisadores falando que eles podem ter ficado tristes, mas eu fiquei contente. Porque eu continuo replantando as figueiras dentro do CS, estou replantando indivíduos produzidos por semente. Então se não deu em nada, eu quero que também na próxima vez também não dê em nada. E quando vocês fizerem o teste em indivíduos produzidos por alporque talvez o fungo apareça. Então eles vão fazer os testes numa época do ano diferente e também em indivíduos produzidos por alporque.

#### **Em que outras áreas da cidade as figueiras estão morrendo?**

Passeio Público, naquela rua perto do Maracanã, Paula Brito, na rua que vai em direção ao bondinho do Pão de Açúcar morreram ali também, no Largo da Glória. Então a doença está por aí. A maioria dessas que estão doentes são árvores bem antigas. Como em todos os seres vivos, já pode ser um indício de senescência normal e aí vem uma doença oportunista. Acontece com a gente e acontece com os vegetais. Em segundo lugar, na maioria desses vegetais tem alguma injúria, o que também facilita. É aquela história, você tem um machucado, não cuida.... A maioria das árvores não é cuidada. O pessoal adora urinar em árvore, tirar pedaço, bater em árvore a achar que isso não dá problema nenhum. Quando a gente rodou

com outro pesquisador há um tempo atrás, ele falou: - olha só, todas essas árvores tem injúria. Tanto aqui dentro do CS, como no Passeio, como no Largo da Glória. Ele foi nesses três lugares. Então.....

#### **Entre as propostas para um Plano de Gestão uma seria a substituição das árvores mortas....**

A gente tem substituído desde 2006, quando eu voltei pra cá. A gente tem uma mutamba que foi plantada em 2006 e já está com 5 metros de altura. O último levantamento que a gente está levando em consideração foi o que o Zamith fez em 1986. Como a gente até hoje não tem idéia se tudo que o Zamith levantou estava no projeto original, então pode ser que a gente esteja repetindo erros, mas a gente tem tentado replantar tudo que estava nesse levantamento.

#### **Você não acha que a FPJ deveria ter um horto com as espécies mais significativas e mais difíceis de serem encontradas no mercado....**

A proposta nossa, em se criando o horto – porque área tem, lá na Colônia Juliano Moreira - seria ter um horto só para árvores. Deixando o horto de Vargem Pequena mais para a produção de ornamentais e a parte de Jacarepaguá, ou voltar a ser uma escola de jardinagem ou ser só uma amostragem, para as pessoas irem visitar. A idéia nossa é produzir mudas de árvores que ninguém tem e essas espécies que a gente tem que repor, também nos nossos parques históricos. De repente coletar sementes... A gente tem feito um pouco isso, por exemplo as corifas. Quase ninguém tem muda de corifa, mas o Almir produziu. Mas vai levar um tempo.

#### **Pensando na sua área de atuação – a arborização, quais seriam as propostas para um Plano de Gestão do CS?**

Seria a implantação no Horto da Colônia Juliano Moreira onde a gente pudesse produzir tudo que a gente tem dificuldade de achar, além das coisas que ninguém produz. Com isso a gente sairia da mão dos credenciados e dos produtores e ainda poderia gerar

resultados e que mostraria para os caras que vale a pena produzir determinadas mudas.

**Com relação a outras atividades de conservação, o trato do solo é uma outra questão a ser contemplada no Plano de Gestão.**

Precisa e a gente não faz. A gente precisaria ter uma adubação sistematizada. Essas árvores, ao longo do tempo só estão tirando nutrientes do solo. E não está sendo colocado nenhum nutriente. Há muito tempo que eu não vejo nenhum adubo ser colocado nesse terreno. Você tem só saída, numa hora o solo fica pobre! Porque se as folhas fossem decompostas e entrassem como ciclagem, mas não, elas são varridas, assim como a apara da grama.

**Se nós tivéssemos que fazer a análise desse solo para ver as necessidades...**

A gente chegou a fazer, mas não cobramos. Tenho até que perguntar para o credenciado. A gente coletou amostras do solo aqui do CS e até hoje essas amostras não voltaram.

**Essas análises precisam ser feitas com que periodicidade?**

Talvez de 4 em 4 anos, ou 5 em 5 anos. E eventualmente fazer uma correção. Eu me lembro que no final da década de 1980 foi feita uma calagem. Foi logo quando morreram as primeiras figueiras aqui dentro. E o Pedro Azevedo, que agora está lá na SMAC, levou material e deu que era fungo de solo. A recomendação na época era deixar o solo aberto para arejar e depois fazer calagem. E isso eu acho que foi feito. Uma calagem na década de 80. Mas depois disso, nunca mais. A gente até poderia ver uns contatos ao longo do tempo, pra checar isso. Mas isso é uma coisa importante, entrar com os nutrientes que o solo esteja precisando.

**E você acha que a compostagem seria interessante? Eu acho que já tivemos aqui....**

Já teve, sim. Mas isso também era uma coisa preocupante. A gente tem que lembrar que a compostagem demanda tempo. Se ela fosse imediata, mas não é. E se você lembrar que aqui em volta temos

muitas unidades hospitalares, você pode gerar algum problema para essas unidades hospitalares.

**Você então não aconselharia que essa compostagem fosse feita aqui no CS?**

Não. Talvez se fosse fazer, poderíamos fazer ela enterrada, mas não aberta como era.

**Talvez aqui no CS, com suas características, não fosse realmente uma boa idéia. Na Quinta, talvez...**

É, lá tem mais área. Ou no Parque Machado de Assis que é aqui perto. Se a gente tivesse uma lógica de reciclarmos os nossos nutrientes, e não jogar fora, seria importante. Aqui é um parque que tem muita sujeira agregada no nosso lixo, não dá nem para deixar as folhas, pois elas escondem a sujeira que as pessoas jogam, então é importante varrer e limpar, mas é um recurso que se perde. Seria importante picar tudo, botar para fermentar e voltar. Nós não precisaríamos nem colocar coisas novas. Fizemos um pouco isso quando tiramos as figueiras com o destocador. Tudo que foi moído foi nos canteiros, ficou. Em alguns lugares entrou matéria orgânica nova, das próprias árvores que foram destocadas. O destocador faz isso, ao destocar ele vai moendo toda a madeira. Nós não deixamos ela ficar os 90 dias que seria o ideal, mas como muitas delas já estavam apodrecidas, esse tempo pode ser menor.

**E os animais, tem alguma interferência na conservação da vegetação?**

As cotias se utilizam das lesões para fazer as tocas. Quando caiu a grevilia há dois anos atrás tinha várias tocas e elas comem matéria morta e matéria verde também. Por isso todas as nossas mudas tem uma proteção porque elas tendem a afiar os dentes na madeira mais tenra. Então tem isso, mas eu não vejo as cotias como um problema, já que elas estão há tanto tempo aqui dentro. Mas os gatos, por conta da quantidade e por eles usarem as árvores para se espreguiçar, você vê muitas árvores lanhadas por gatos. Depois que o gatil ficar pronto, esse problema vai diminuir. É impressionante, se

a gente for lembrar ao longo do tempo, a coisa piora com o aumento da quantidade de gatos aqui dentro.

**Pensando na conservação de um parque histórico tombado, seria importante ter uma planta-base. Já falei com a Luciane que posso passar para o CAD as informações que ela foi anotando numa cópia.**

Mas será que não tem a planta do Glaziou nem na França?

**Não, a planta deveria estar aqui... Mas imaginando que a gente produza uma planta ideal, baseada em documentos antigos, você acha difícil a conservação de um jardim histórico?**

A gente tendo a informação, é fácil...

**É preciso ter cuidado também com a geração espontânea. Ali perto do banheiro tem um grupo de assacus que nasceu e ninguém removeu. Como fazer esse manejo?**

Teria que ter um gestor. Que fosse, não uma pessoa só da administração, mas um gestor como nos parques naturais tem. É uma pessoa que está lá todos os dias, que está rodando, que aciona as pessoas, seria importante. Essa pessoa que tivesse esse olhar, que conhecesse o parque, que tivesse noção não só dos problemas mas das coisas belas.....

Retomar a sinalização. Vamos sinalizar, identificar algumas árvores, fazer um circuito com identificação das árvores, promover o conhecimento do que o parque tem. As pessoas que viessem visitar tivessem um guia que mostrasse as esculturas, as árvores, mostrassem as características dessas árvores, tinha que ter, o CS merece isso. Porque está no Centro, está cheio de gente que só circula, está só de passagem, e podia aproveitar mais.

Pensamos em trazer uma feira de livros aqui pra dentro, pra ver se movimentava mais. Porque eu não tenho dúvidas, quando o ambiente é bem usado essas populações periféricas não se estabelecem. Porque elas gostam de estar na clandestinidade. Quando tem muito movimento elas já ficam se sentindo meio perturbadas.

**A segurança é um grande problema aqui....**

É sim. Apesar de ainda existir, a prostituição tem diminuído, porque as pessoas não param tanto. Não tem mais aquelas senhoras que estavam aqui há tanto tempo. Tem muita gente nova.... Tem que ficar atento

**Você acha que é um parque que merece ser preservado?**

Com certeza. Tem uma coleção das mais diferentes de figueiras, apesar de ter muita microcarpa, tem também muitas figueiras diferentes. Tem uns grupos interessantes de pau-brasil que a gente não vê tão fácil na cidade, e que era uma característica que o Glaziou usava. Tem no Passeio, tem na Quinta, talvez não tivesse a quantidade que a gente tem hoje aqui dentro mas é importante. Ele fazia essa referência. Os do Passeio são muito antigos e bem grandes. Eu acho que as pessoas que não conhecem tem que ter a oportunidade de conhecer. Se você não conhece você não cuida. Isso cada vez está mais claro. Já ouviram falar do pau-brasil, mas não conhecem. Ficam espantadas quando vêem que dá flor. Tem essas coisas que você poderia agregar valor e com isso melhorar a população que frequenta o parque.

**O grande problema para a conservação é a falta de orçamento. O prefeito decide quando e quanto dar para o órgão, sem um critério conhecido.**

Tirou da gente alguns serviços....

**Da onde a gente poderia tirar recursos para a conservação dos parques importantes da cidade?**

Uma opção é o Fundo de Conservação Ambiental. Afinal de contas o Fundo é para a conservação e melhoria das áreas verdes da cidade. Como esse parque histórico que tem uma enorme área verde, uma relativamente pequena área de caminhada e os lagos - tudo o que é importante para a cidade!

ENTREVISTA GISELE SANTUCCI – Arquiteta DCO/FPJ (fiscal contrato conservação do CS)  
04 de abril de 2012

### **O que é o contrato de Conservação do CS?**

O contrato é praticamente uma coisa básica para atendimento de conservação e manutenção de áreas verdes, praças e parques. Consiste na manutenção de canteiros, incluindo aparo de bordo e retirada de invasoras, a parte da limpeza de lagos, o replantio eventual, replantio de áreas degradadas que estejam precisando de uma reposição maior de espécies ornamentais. Inclusive agora nós estamos tendo muito replantio de áreas extensas por conta da remoção das figueiras. Estamos repondo vegetação, retirando o que era para área de sombra e estava plantado debaixo das árvores, trocando para vegetação resistente ao sol, margaridão ou grama. Então está tendo uma necessidade maior agora na parte de plantio. Nós temos uma equipe aqui no CS com 2 jardineiros, 5 serventes e 1 encarregado, que fazem toda parte também de coleta de lixo humano, com a eventual ajuda da Comlurb. A Comlurb está responsável pelo corte de grama, que nós não fazemos mais. A equipe das DOC's acabam de vez em quando dando um apoio aqui prá gente quando a Comlurb não vinha. Muita dificuldade e a gente lutando. Tentando fazer essa manutenção com aparo da grama para não ficar aquela coisa horrorosa. Com muita dificuldade. Agora a Comlurb deslançou e está conseguindo fazer um corte de grama mensal. Começou a precisar, eles estão vindo.

### **É preciso você pedir ou eles tem uma rotina?**

Não preciso pedir mais. Demorou para entrar na rotina da Comlurb, mas agora sem pedir eles estão vindo. Outro dia mesmo a turma estava aí, já cortando a grama das bacias. Mas no início a gente vivia ligando pra Comlurb buscando esse apoio, porque as DOC's estão com essa dificuldade, sem material, sem ferramentas, sem máquinas, sem roçadeiras, sem as Tobatas... tudo sucateado. Quando a gente começava o serviço, quebrava a roçadeira, a Tobata. Agora o David comprou duas Tobatas e algumas roçadeiras

para espalhar pelas DOC's. Mas ainda não está naquele atendimento. Falta de pessoal, mesmo. Todo mundo indo embora, se aposentando, as DOC's não estão mais com as equipes pra manter as praças, não tem como se deslocar. Então tá difícil. Pra cá até que a turma vem, um pessoal da Quinta e um pessoal do Parque do Flamengo.

### **Depois que a atual administração criou a Seconserva, que faz uma parte da manutenção relativa aos monumentos, a Comlurb faz a varredura e o corte de grama, a FPJ a manutenção do Campo....**

No nosso contrato não existe varredura dos gramados nem nos caminhos asfaltados, mas a gente acaba fazendo.... porque nós pagamos os serventes e os jardineiros para fazerem o que nós necessitamos dentro desse espaço em que eles estão trabalhando. A varredura acaba sendo feita, porque é muito lixo humano... aqui em volta do gradil é terrível.... Eles acabam fazendo isso tudo logo no início da manhã, mas ao longo do dia, só 5 pessoas para fazerem outras coisas de manutenção de canteiro e mobiliário....

### **Mobiliário também?**

Troca de ripas e pintura nos bancos e nos postes, e muita reposição de cordão de concreto também, que estão sempre com falhas, quebrados.

### **Para você a divisão de tarefas de conservação entre esses vários órgãos, melhorou ou piorou a conservação do CS?**

Piorou. A gente poderia.... o que foi dado de estrutura e recursos para outros órgãos poderia ter sido dado para a FPJ e a gente conseguiria mostrar que tem condição de cuidar e fazer. Ou até aumentar o efetivo, não sei... a Comlurb poderia contribuir com pessoal para aumentar o efetivo das DOC's, não tirar caminhão e maquinário das DOC's e esvaziar totalmente a instituição. A gente não faz mais o que sabe fazer: a manutenção das áreas verdes, a poda. Estamos no sufoco com a equipezinha do Paulo Linhares tentando se manter viva, fazer a poda que a gente sabe que o

peçoal está preparado para isto. E a Comlurb vem fazer aquelas podas horrorosas e fazendo a manutenção de jardins que é.....(*cara de desânimo!*)

### **E a manutenção dos banheiros públicos?**

Isso está com a gente, mas é atribuição de Aroldo, que fica com a parte administrativa. Às vezes eu dou uma “bola” quando precisa, eu peço ajuda à Seconserva pra fazer o desentupimento de esgoto, jogar o Vacol perto do banheiro pra gente ter um paliativo. E agora nós vamos pintar a outra edificação que está toda pichada. Vamos fazer pela FPJ mesmo. Mas um apoiozinho a Seconserva dá... O monumento também foi pichado e a Vera Dias já limpou, mas não ficou muito bom não. Eles só podem usar água e sabão neutro. Pra tirar aquela tinta que foi usada, é uma coisa difícil. De repente ao longo do tempo, sempre vindo fazer e refazer, pode ser que suma...

### **Como você vê a importância da manutenção desse parque histórico?**

Eu acho isso aqui um cartão postal do Rio, um pulmão que nós temos na selva de pedra do Centro. O CS é passagem pra todo o tipo de gente aqui dentro. Eu acho que isso aqui não poderia nunca ficar sem manutenção e sem um planejamento, uma programação. Tem esse caso da queda das árvores, tem que fazer um estudo com mais tempo. Nós estamos aqui com aquele contrato visando o replantio de espécies ornamentais. Aí ficamos nós no singônio, no margaridão, grama. Mas de repente pode ser feito uma pesquisa para saber o que se pode fazer para dar uma melhorada aqui nessas espécies. Ficamos sempre no básico, sem poder fazer um estudo maior sobre o Glaziou, o que ele plantou, se a gente pode substituir por outra coisa, o que pode ser feito. A gente sempre pergunta para o Ronaldo – podemos botar um lírio aqui, uma maranta ali? Mas acho que poderia ter uma equipe mesmo para gerir essa parte toda de projeto.

### **Você se lembra de quando a FPJ tinha jardineiros-chefe responsáveis por determinadas áreas verdes da cidade?**

Eu não me lembro. Mas as pessoas foram se aposentando, morrendo e não houve uma renovação, concurso, nada.

### **E a tercerização da conservação?**

A gente corre o risco de uma empresa vir pra cá e não ter a menor condição de fazer o serviço. Entraves burocráticos, além da demora entre uma licitação e outra. Eu acho que a gente deveria sempre investir no pessoal da casa, até para que eles passem para outras equipes o que eles sabem. Se houvesse concurso seria excelente. Daqui a pouco a gente não vai ter nenhuma referência aqui, nenhuma memória viva dos funcionários. Já pensou quando o Ronaldo se aposentar? E o pessoal da poda, da manutenção, todo mundo indo embora, daqui a pouco a gente vai acabar. A FPJ vai acabar, né?

### **Você vê muita diferença na manutenção de um jardim histórico do século XIX de áreas mais contemporâneas?**

É quase a mesma coisa. É só você entender a história daquele jardim, como ele foi criado, e tentar manter suas características com boa manutenção

Os serviços que temos que fazer numa área comum, temos que fazer num jardim histórico.

### **Como você compararia o CS com outros parques da cidade?**

É como eu estava te falando, a localização do CS é muito importante. É um pulmão verde. E é local de freqüência e passagem de muitas pessoas. Nunca deveríamos ter nada fora do lugar. É um cartão de visita. O que acontece aqui, repercute. Se está feio todo mundo fala – a prefeitura não cuida dos seus parques. Vem logo as matérias de jornal, falando da segurança, da manutenção.

### **Qual é o principal problema do CS para você?**

É a segurança. Já arrancaram todos os fios das câmeras de segurança. Não está mais funcionando....também não sei como elas estavam funcionando! Toda hora jornalistas vem aqui, não sei se por

alguma denúncia, mas principalmente para ver as condições de segurança. Assaltos...

### **Esse problema deve até interferir na manutenção, não é?**

Com certeza. Já roubaram nossos funcionários. Roubaram a bomba no nosso depósito, roubaram cabos - já ficamos sem luz, roubaram ferramentas num fim de semana. Dias de semana são os transeuntes sofrendo. É um parque central, visado, onde tem movimento de pessoas circulando pra lá e pra cá.

### **E o policiamento?**

A polícia vem de vez em quando, pega um ou outro, mas eles voltam no mesmo dia. Eles guardam facas nos canteiros de singônios para usar nos assaltos. O funcionário acha e nem mexe. Os bandidos ficam de longe olhando, vendo o que cada um está fazendo. Se algum dos funcionários pega, podem ser ameaçados aqui dentro. Esfaquearam uma pessoa aqui dentro, porque não quis passar seus pertences. Complicado. Às vezes deixamos de fazer coisas lá pelo lado dos Bombeiros com medo de algum problema. A Arleide não fica sozinha lá. Tem sempre que ter alguém com ela.

### **O CS tem um gestor agora, o Evandro.....**

Ele cuida da parte da segurança e faz a ronda com o carrinho elétrico. Ele não é bem gestor do parque, ele cuida da segurança. Quando tem problema ele me aciona – tá vazando esgoto do banheiro, - roubaram fio, - estourou encanamento da Cedae aqui em frente...

Ele me pede, pois por conta da Secor eu tenho facilidade de acionar todas as concessionárias. E a Seconserva também. Eu tinha um contato mais próximo com o Almir, que era daqui do Centro, mas agora não é mais ele. Mas a Seconserva ajuda por exemplo com a retro para tirar a areia do presépio, transferir a areia lá pra dentro, já pedimos o caminhão....

### **E a retirada do lixo?**

É feita com o carrinho de mão grande que a gente tem.

### **E o lixo orgânico, é feita compostagem aqui?**

Não. Já teve. Hoje a gente guarda um pouco de terra e uma parte da areia do presépio. Uma parte vai embora, porque às vezes está contaminada com urina de gato, mas fica alguma coisa já que todo ano o presépio é montado. A compostagem a gente já teve aqui e era um trabalho bom se voltasse. Na Quinta eu já quis fazer também, lá do lado da DOC, a gente tinha uma área boa pra fazer...

### **O lixo então a Comlurb leva....**

Todo dia a Comlurb manda o caminhão pra fazer a remoção do lixo. Praticamente todo dia, mais no fim da tarde.

### **E o fato do portão dos Bombeiros estar fechado?**

É pra dificultar...o cara rouba aqui no meio do Campo e tem 4 saídas pra escolher. Assim é menos um portão para eles fugirem. E nos outros portões tem vigilantes – mal, mas tem.... quando faltar, acabou!

ENTREVISTA JEANNE TRINDADE – Arquiteta RioZoo/ex-Diretora de Planejamento da FPJ – entrevista por e-mail  
02 de maio de 2012

### **Quais são as principais qualidades do Campo de Santana?**

O Campo de Santana tem uma importância fundamental para a cidade por se tratar da maior área verde antropizada do centro e funcionar como amenizador dos problemas ambientais locais, a partir da permeabilidade de seu solo, sequestro de carbono, diminuição da temperatura, dos ruídos, abrigo de fauna, etc. Além disso, possui forte significado simbólico para alguns habitantes da cidade, especialmente, aqueles que frequentam ou moram perto do centro. Do ponto de vista histórico, representa um marco no paisagismo brasileiro e serve como representação de um momento específico no que diz respeito as técnicas utilizadas e a relação do homem com os elementos naturais e os espaços públicos de socialização no final do século XIX.

**Acha importante a preservação desse jardim histórico? Por que?**

Sem dúvida. Além das questões ambientais, os aspectos relacionados a identidade local e a memória afetiva da população podem criar laços de pertencimento das pessoas com suas cidades e a partir desse sentimento, envolvê-las na busca de soluções dos problemas comuns dos agrupamentos urbanos.

**E os principais problemas?**

A falta de uso do espaço pela população em geral e os problemas de conservação.

**Você teria sugestões para resolver esses problemas? De que maneira as ações de preservação/manutenção podem melhorar?**

Acho necessário promover atividades no interior do parque que possam atrair as pessoas, sem a possibilidade de descaracterizá-lo. Um espaço bem cuidado influencia a forma que cada usuário utiliza o local. As ações de manutenção geram uma postura menos predatória dos frequentadores. Para isso, são necessárias equipes de limpeza, vigilância, jardinagem e arborização, construção civil e, quando necessário, restauradores.

**Qual seria o papel do Campo hoje? Como vê a preservação de um parque do século XIX nessa nossa cidade contemporânea?**

Os parques públicos são, em geral, espaços democráticos e de socialização. Prioritariamente este seria o papel do Campo de Santana hoje, acrescido das questões relacionadas a identidade carioca e memória afetiva local. Do ponto de vista histórico, acho importante ressaltar que esse espaço foi durante algum tempo utilizado como depósito de lixo da cidade e, por decisão de seus governantes, transformou-se em parque público. A preservação de um parque do século XIX na nossa cidade contemporânea só poderá existir se houver uma revalorização do local, isto é, se a sociedade atual identificar um novo valor para esse espaço e, a partir desse novo valor buscar sua revitalização. Isso significa dar nova vitalidade

através da atração e permanência de usuários, sem danificar as características fundamentais que lhe conferem singularidade.

**Como compararia o Campo com outros parques do Rio?**

O Campo de Santana, junto com o Passeio Público e a Quinta da Boa Vista, forma o trio de obras de Auguste Glaziou na cidade que materializou o pensamento romântico, aliado as questões higienistas e de salubridade presente na segunda metade do século XIX. Junto com o Passeio Público também incentivou o uso de espaços públicos ajardinados pela população carioca, desde que fossem seguidas determinadas regras de comportamento. Conclusão: também funcionavam com espaço para educar as classes menos abastadas de acordo com os hábitos da aristocracia local.

ENTREVISTA JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS - Jornalista  
21 de março de 2012

**Você conhece o Campo de Santana?**

Conheço e gosto muito. Eu sou do subúrbio, e a gente não vinha muito ao centro da cidade. A minha história com o CS começa com as minhas filhas. Eu tenho duas filhas, de 32 e 30 anos hoje, e a gente ia muito ao CS. Fazíamos um programa que era almoçar naquele restaurante A Lisboeta e atravessávamos e ficávamos muito tempo no CS. A gente dava um saco de pipoca para cada uma, elas ficavam brincando com as cotias e nós ficávamos passeando por lá. Isso foi há 30 anos, o parque já não era um exemplo de cuidado não... mas a gente andava, normalmente aos domingos ou sábados, com certa liberdade e à vontade. Nós ficávamos lá muito tempo, era divertido, tenho muitas fotos desse período e elas lembram bastante dessa época. Minha relação com o CS é também minha relação de repórter. Fiz algumas matérias sobre o CS e a gente continua escrevendo notas na coluna sobre o CS, e realmente as últimas notícias não são boas, sempre alguma reclamação, alguém que roubou uma luminária que tinha ali na entrada ou um pedaço do pórtico, coisas desse tipo. E eu andei dando notas falando do horário do Campo. Ele fecha muito cedo, com aquelas questões de

segurança, então no horário de verão, com o por-do-sol às 8 horas da noite, aquilo fecha às 5, que na verdade é 4, então é um absurdo total. Era uma temporada para ele ficar mais aberto e você (o gestor) tem que “se virar nos 30”, colocar mais segurança, redesenhar os bancos para os mendigos não durmam, bote um cara para dizer: eil Sai daí... mas você cidadão não pode ser penalizado por uma situação da cidade.

**Você entende que o parque tem uma importância, uma significância especial?**

Total. Ainda mais que o parque está cravado no centro da cidade numa zona muito árida. Ele é lindo, tem aquelas árvores, o projeto do (como é mesmo o nome do projetista? Isso, Glaziou) Quantos anos ele tem? Então tem quase 150 anos...Eu acho bonito demais, gostaria de ir mais ao CS, ver o rio que naquele tempo tinha peixinhos, não sei se ainda tem, e garças. E tinha aquele folclore que os cisnes do Itamaraty voavam até o CS em busca de alimentos, de peixinhos..... Eu sempre trabalhei muito perto do CS. Trabalho n'O Globo, pertíssimo, trabalhei no Diário de Notícias séculos atrás, que era aqui na Rua do Riachuelo. Trabalhei também no Jornal do Brasil, que era ali no comecinho da Av. Brasil e a vida de repórter te deixa com muitos momentos ociosos, entre um acontecimento e outro, então o CS tinha que ser um lugar pra você marcar encontros, esperar debaixo das árvores, ler jornal....

**As pessoas têm menos tempo para esse tipo de coisa? Ou estão mais preocupadas com a segurança? Eu estou tentando identificar....**

São muitas coisas, é aquele negócio do ovo e da galinha. Como começou? Mas o carioca não tem o hábito de freqüentar as suas praças e seus parques. É mais um desses espaços públicos que estão tomados pela marginalidade. Assaltantes, prostituição, mendigos, uma série de problemas e a população se acostumou a não ter aquela área prá ela, então no CS as pessoas passam muito ali para pegar o trem na Central, é uma área de passagem, mas não

é uma área de deleite, e tinha que ser, uma área para você ficar lendo tranquilamente o jornal num banco....

**Mas como reverter essa situação?**

Pois é, ninguém pensa no CS como uma área de lazer, descanso, pra namorar..... Poesia numa cidade tão árida, num trecho tão cimentado, tão cheio de asfalto, deveria ser um lugar para você entrar e respirar.

**Um oásis no centro da cidade que acaba não sendo utilizado pela maioria da população...**

Exato, deveria ser como uma praia da cidade....

**Você pensa que é só o problema de segurança justifica isso?**

Olha, é um parque abandonado. Não vou lá há algum tempo, mas de fora me parece um parque sem cuidado. Tem uma parte que serve de estacionamento, e certamente na origem ele não tinha aquelas grades todas, essas grades também são intimidadoras...

**Ele até teve grades no início, mas depois foram retiradas em 1938 e o parque ficou sem grades até 1968. Sempre houve preocupação com a segurança....**

É uma área complicada porque as pessoas não moram ali como moravam antigamente. Não tem ocupação de moradores, só de gente que está ali de passagem, no comércio.

O Arquivo começou a fazer exposições, mas não tem uma ocupação. Você ainda tem umas gafieiras por ali. Eu acho que isso deveria fazer parte dessa nova fase da cidade, a valorização dessa poesia que restou da cidade.

O CS é um lugar da cidade onde a poesia resistiu, aquelas árvores monumentais.... O desafio agora da cidade é tirar as grades que ela colocou durante esse tempo todo com medo que tudo fosse invadido... a Praça Tiradentes sem grades....

**E a Praça Saens Pena sem grades, dizem que está maravilhosa, estou curiosa para passar lá...**

Poderia ser uma próxima etapa tirar as grades do CS, mas isso envolve um outro trabalho, trabalho de conservação, de cuidado, de zelo e de entendimento do que é aquilo.

### **A população dá valor ao CS?**

Eu acho que ela pode ser informada, educada. Ninguém sabe o que é um parque. Qual a função de um parque? Se você perguntar às novas gerações, ninguém entrou ali. Aquilo ali pode ser um parque inglês, uma versão carioca, tropical, de um parque inglês, onde as pessoas andam, sentam, conversam, comem alguma coisa.....

### **Aqui já ouvi reclamações a respeito da proibição de sentar na grama. Na Inglaterra as pessoas tomam sol deitadas na grama, e que aqui tem muitas regras e cerceamento.**

Hoje eu não sentaria naquela grama não, devido a risco....mas se a grama fosse direita, cuidada... Eu não sei se existe esse impedimento, eu acho que não.....mas você não pode talvez caminhar, realmente não é um parque pra você pisar na grama. Deveria ter novas regras para ocupar o parque.

### **Você tem alguma sugestão, alguma coisa que poderia haver naquele espaço para ajudar na revitalização ?**

Um café agrega uma qualidade de manter o sujeito ali. Toma um café, come uma coisa rápida, como tem em Paris, acho que o Touleries, que tem café...mas isso implica num outro trabalho, não pode ficar jogando lixo no chão.

O Rio tem uma população que joga lixo na rua, não tem consciência, mas isso é um problema de educação. O serviço público que dá o parque direito, sem mendigo disputando um banco com você, acho que a população retribui cuidando, praticando o parque, que é um esporte que o carioca não pratica, praticar a praça, ir lá e sentar. Eu moro perto da Praça N. Sra. da Paz e é uma praça com uma porção de babás, bonita mas está meio jogada. Esses espaços de lazer, a coisa pública não está prestando atenção porque a cidade está muito traumatizada e precisa de outros socorros. Então um parque, uma praça é meio deixada de lado, pra quando a gente resolver o

problema da violência, o problema do trânsito, várias coisas que o serviço público vai deixando de lado para cuidar mais adiante. Estamos falando de cuidar de árvores, de pessoas sentadas curtindo mais o lazer, então a cidade tem outras premências então você nunca resolve a poesia. É como diz o Veríssimo: poesia numa hora dessas? O pau tá quebrando e o CS acho que é um grande exemplo de poesia verde da cidade.

### **Obrigada**

ENTREVISTA LUCIANE VALENTE - Arquiteta DARB/FPJ

28 de março de 2012

### **Quais são as qualidades que você reconhece no Campo de Santana?**

Muitas! Qualidade cultural, pela história, pelo projeto de paisagismo, pelo fato de amenizar a temperatura, de dar conforto térmico com sombra, com beleza.

### **É um parque do século XIX. Como adaptá-lo aos novos tempos?**

Hoje o parque é um local de passagem, a frequência ficou diferente. As pessoas até contemplam, mas é diferente porque a frequência ficou perigosa. Elas param menos, utilizam mais para cortar caminho de um lado para o outro. Quando o portão está fechado as pessoas reclamam que tem que dar a volta. Agora parar para ficar....muitas das pessoas que admiram o parque não ficam, porque tem o risco de ser assaltado, tem pouca segurança. De vez em quando têm policiamento, aí melhora, mas é uma coisa pontual. Eles vêm quando tem muita reclamação de assalto, dão uma geral mas depois somem. Não te dão uma garantia de segurança para você sentar. E depois tem a questão de limpeza: nesses bancos dormem mendigos, um monte de moradores de rua sem higiene, doentes que saem do hospital e ficam por aqui...

### **Você acha que a segurança então é o maior problema?**

Com certeza! Tem gente que fala que depois das três não entra aqui. Depois das três.... De manhã, no horário que as pessoas estão

chegando para o trabalho não tem problema. Na hora do almoço também não. Mas nesse intervalo, realmente fica mais vazio, não tem essa circulação nem a vigilância que os passantes exercem... Não é que evitem os assaltos, mas inibem.

### **Qual é a solução?**

Antes de você pensar em qualquer coisa para atrair público, você tem que pensar na segurança. Aqui tem a fama de ser um local inseguro e é mesmo, a gente sabe...eu já fui assaltada, milhões de pessoas já foram assaltadas, não aqui dentro, mas aí fora na Av. Pres. Vargas. É o entorno.

### **E a comparação do CS com outros parques?**

Como importância histórica eu comparo ao Passeio, à Quinta e ao Parque do Flamengo, apesar de ser de outra época. A frequência é muito diferente. Na Quinta, por exemplo tem muita atividade, criança brincando, gente passeando, caminhando. Aqui no CS tem muita gente que de manhã usa para correr também. O Aterro tem milhões de atividades, mas também tem trechos mais inseguros. Quando vou fazer vistoria vamos em grupo, ninguém vai sozinho. Isso é um problema da cidade toda! Aqui o primeiro problema é esse. E a solução seria ter um policiamento constante. Não adianta vir de vez em quando. Você soube da francesa que estava fotografando e roubaram a máquina dela e ainda jogaram ela no lago? (....)

### **E a questão das árvores, você que é da DARB... Você tem alguma proposta com relação ao horto?**

O horto atualmente só produz ornamental, não produz muda arbórea. Eu acho fundamental a prefeitura da cidade, ou a SMAC ou a FPJ – que tem hortos – produzirem mudas para reposição. A SMAC tem horto na Colônia Juliano Moreira e acho que na Fazenda Modelo também. Os hortos da FPJ são na Taquara, em Vargem Grande, no Bosque da Barra, mas só para mudas ornamentais. O que a gente tem de muda arbórea é o que recebe de doação dos processos de habite-se, que muitas vezes os credenciados vão lá e trocam por

uma muda maior, uma muda de maior porte por cinco menores, por exemplo, só pra gente não perder.

### **Mas essas são mudas que são produzidas comercialmente. E reposição das figueiras microcarpa?**

Não produzimos mudas exóticas, mas eu acho que como temos os parques históricos que precisam ser mantidos para as futuras gerações, nós deveríamos produzir. Esse é um caso especial, de produzir para replante. No Parque do Flamengo também temos esse problema. Estamos fazendo o replantio, mas tem um monte de espécies que não se encontra! Toda hora vamos lá no escritório para discutir e decidir – trocar pelo que? Não tem como, não se encontra em lugar nenhum....

Se a gente fizesse um trabalho e decidisse: tais espécies têm que ser produzidas para reposição, ia ser muito melhor.

### **E a doença que está matando as figueiras? Chegaram a alguma conclusão?**

Ainda não. Mas fale com o Flávio que ele vai poder te falar melhor... Essas microcarpas últimas que nós plantamos são menores do que normalmente nós plantamos, com 2 metros e 2 cm de DAP, porque o Flávio quis plantar mudas de semente, por conta da doença. Não queria que fossem de alporque. Quis ter certeza da origem. Mas existem mudas produzidas por viveiros que são maiores, nós é que preferimos essas numa tentativa de garantir uma muda de qualidade.

Tem uma lista que eu fiz em 2006 quando eu era fiscal do contrato de manutenção do CS. Tem muito tempo e isso tudo já foi resolvido, mas é interessante ver os problemas apontados. Por exemplo:

- 1- depósito de vasos no CS (vindos de diversos lugares para serem levados para o Horto da Taquara)
- 2- reposição de pelo-de-urso nos canteiro frontais à Sede (os gatos e patos deitam e matam a cobertura)
- 3- definição de área de alimentação dos animais
- 4- remoção de troncos em toda a área do CS
- 5- replantio de 69 árvores, entre figueiras e outras árvores

- 6- retirada de folhas secas
- 7- colocação de pedrisco perto do lago, onde há pisoteio
- 8- cano em PVC branco sob a ponte
- 9- recolhimento de sobrenadante no lago
- 10- demolir as casas de bombas que estão no CS
- 11- recomposição de tentos de concreto

### **Você acha importante a preservação do CS?**

Importantíssimo! Por tudo que eu já respondi na primeira pergunta....

ENTREVISTA ROBERTO ANDERSON – Arquiteto, técnico INEPAC  
02 de maio de 2012

### **Quais são as principais qualidades do Campo de Santana?**

Eu acho que primeiro, historicamente, é um milagre ele ter sido deixado vazio. Porque a cidade era super densa, com aqueles lotes pequenos e de repente, a expansão da cidade pula o CS, que tinha um uso. Aquele espaço vazio tinha uma função importante na cidade, seja lavar roupa, seja deixar os cavalos, etc. A Cidade Nova começa depois do CS. Isso já é bacana. Eu acho que com a Cidade Nova acontecendo, porque até hoje ela não aconteceu ainda, mas com ela crescendo.... A gente tem visto muita notícia – até outro dia saiu uma notícia bem propagandística mostrando que a Cidade Nova está crescendo, etc - o CS é fundamental, é a única área verde daquele corredor que vai do início da Tijuca à área central. Ele é vital em termos de área verde. Agora o problema é conseguir romper um pouco esse estigma. No fim de semana é um público muito diferente. Moradores.... Às vezes eu levava meu filho lá, porque tinha os animais, o pavão, realmente era diferente. Mas durante a semana – um público assustador.... Isso realmente é a grande dificuldade, mas em termos de localização estratégica ele é fantástico.

Sempre as pessoas comentam sobre o público que frequenta o CS, agora piorado com a presença dos usuários de drogas. Você acha que essa ocupação é o principal problema do CS?

A questão é como tratar isso. Não justifica muito que isso permaneça ali. Do outro lado já destruíram aquela praça (*Praça Procópio Ferreira*) para colocar uma inspetoria da GM. Então se a GM inevitavelmente já está ocupando uma praça ali ao lado como se concebe que a situação esteja daquele jeito? Não é uma coisa muito difícil de resolver. Ter algum policiamento ali dentro resolveria tranquilamente isso. Às vezes a gente olha esses problemas, e como eles tem uma permanência, um agravamento, parece que ele é inerente a aquela área. Mas o lugar que o CS está inserido, ele não deveria ter essa vocação. Não me parece. Porque a Cidade Nova tem moradores, a estação de trem tem muita gente circulando e que poderia eventualmente usar o parque numa boa. O potencial dele permanece. É um potencial enorme. Essa coisa transitória é facilmente resolvida desde que o poder público tenha uma atitude a respeito. Antes você falou na instalação de um café. A dificuldade é buscar um público que ele não tem, que é um público classe média, que sente para tomar café, isso não é o público daquela área. Essa vocação é difícil contrariar.

### **Será que precisa atrair esse novo público? Também é uma questão....**

Pois é, o problema é como lidar.... Um parque como o CS pode continuar cumprindo essa função - boa parte dos parques foi criada com essa função civilizatória - como se comportar num espaço público, como as famílias podem conviver fora do espaço apertado das suas casas... Ele pode perfeitamente tentar recuperar isso, essa vocação, de ser um espaço essencialmente de classe média baixa, trabalhadores passando.... Como o CS pode ter essa função, entre aspas, civilizatória dentro deste contexto do século XXI.

### **Você acha que ele ainda mantém esse caráter de parque do século XIX?**

Não, mas acho que ele poderia buscar. Por ele estar inserido numa área tão movimentada, com esse povo todo passando e de classe média baixa, pode ser que no fim de semana ele cumpra a função de um Central Park, de um parque de lazer. Durante a semana, o

diálogo com esse público, essa nova classe C que estão falando, que cada vez mais poderá se sofisticar, querer coisas melhores, etc. ... como dialogar com esse público é o grande desafio que eu acho. Perceber onde ele está inserido.

**Você acha que o INEPAC fiscaliza o que ocorre no CS? Ou por ser um parque municipal, com a sede da FPJ lá dentro, o INEPAC é menos rigoroso?**

Faz um pouco de sentido isso. O fato de saber que lá é a sede da FPJ levaria a pensar que alguém está olhando. Mas a questão não é se o INEPAC fiscaliza esse ou aquele parque. Porque o INEPAC não tem estrutura. Cada vez mais esse é a grande desafio da área do patrimônio hoje. Cada vez mais ele está se tornando um grande DED ou DLF (*divisão de licenciamento de obras*). Recebe pedidos, chegam processos, demandas do Ministério Público e ele atende essas demandas. Cada vez mais ele atende ao balcão. Cada vez menos se discute o patrimônio em si. Ficam atendendo à demanda imediata. E não há, não só para esse parque como para outros parques e para outros bens arquitetônicos, não há uma rotina de fiscalização. Eventualmente o INEPAC tem para a Rua da Carioca um arquiteto específico, para Laranjeiras tem outro, mas não existe a rotina de estar pensando qual seria o projeto futuro para os bens, não existe essa rotina. Para o CS muito menos. Agora isso, particularmente, a primeira coisa que teria que ser repensada é aquele gigantesco estacionamento da FPJ dentro do CS. Aquilo é completamente contraditório com a função do CS. Contraditório até na questão ambiental, se está se tratando de uma unidade de conservação como é que você vai incentivar que os funcionários venham de carro, estacionem lá dentro? Aquele asfalto naquelas vias todas, muito equivocado. Mas o INEPAC é aquilo que eu te falei: surge uma emergência, alguém quer fazer um pavilhão lá dentro, ele é consultado e vai dar um parecer. Mas não está no horizonte de pensamento.

**Você acha que o CS merecia ser tombado, ou melhor, retombado pelo IPHAN?**

Ah ele foi tombado pelo IPHAN anteriormente?

Foi tombado em 1938, logo depois da criação do IPHAN. E foi destombado para a abertura da Av. Pres. Vargas em 1941. E o engraçado é que mesmo depois de cancelado o tombamento, o IPHAN era consultado sobre obras dentro do CS, como a construção da catedral, abertura das vias para trânsito, etc. E sempre o Dr. Rodrigo dizia que não, mesmo não tendo mais ingerência...

É porque ficou esse hiato, entre o destombamento e o tombamento pelo INEPAC. Não havia nenhum órgão de tombamento....

Mas eu acho que merecia ser tombado pelo IPHAN, pela importância do parque. E o IPHAN toma como parâmetro o bem ter uma importância nacional. E o paisagismo do Glaziou e esse modelo do CS é fundamental dentro da história do paisagismo no Brasil. Eu acho que com certeza tem que ser tombado. É um parque íntegro.

Uma coisa que eu sinto falta, não só no CS mas em vários parques do Brasil, é não ter a figura da sociedade civil, uma associação de amigos do parque.

**Um Conselho?**

Não necessariamente um conselho. Se for um Plano de Gestão teria que ter um Conselho.... mas o que eu acho interessante é, como você vê em Nova Iorque no Central Park, e em vários outros parques, tem um grupo de amigos do parque que levanta recursos, que fiscaliza o poder público. Quando o parque está mal cuidado, a sociedade vai em cima.

**No CS a único grupo que faz pressão é a das gateiras...**

É péssimo, porque eles não estão preocupados com o CS, estão preocupados com os gatos. Tinha que ter um grupo de pressão preocupado com o CS. Eu acho que seria válido até a própria administração pública incentivar a criação de uma coisa assim, de um organismo da sociedade que se interessasse pelo parque. Hoje em dia tem só o pessoal dos gatos.

Outra coisa que eu penso é na questão dos portões fechados. Só sobrar o cruzamento num sentido é um tremendo equívoco. Já

gerava um pouco a definição de uma área pouco vigiada. Era muito claro: uma área de prostituição feminina na área central e a prostituição masculina naquela área que não tinha passagem. Eles ficavam muito à vontade. Desde antes do crack eles já tinham uma postura mais agressiva.

**Com o fechamento do portão dos Bombeiros a escola deixou de fazer a entrada e saída das crianças por dentro do CS. Ficou mais perigoso por conta do número de crianças e da calçada apertada da Rua Visc. Rio Branco...**

Fora que o fato das mães de manhã e à tarde irem buscar os filhos geravam um movimento, geravam famílias circulando, o que é fundamental. Você me disse que era por falta de funcionários para ficar no portão, mas por que precisa desse funcionário? Não pode ficar solto, circulando pelo parque? É uma coisa a se pensar, o vigilante ficar sentado na guarita...

**É um parque que precisa ser preservado...**

Sem dúvida. Mas tem que se romper essa coisa de sempre ser o poder público e o parque. A sociedade civil tinha que entrar nessa história. Ou incentivada, via convite, ou via associação de moradores. Eles vão trazer sangue novo, novas idéias, recursos que eles podem levantar, podem investir. É tradição, todos os parques têm isso, investimento que vem dos amigos do parque e que ajudam o poder público a manter. Aqui tinha que ter isso também. Sair disso, ser só o poder público o que pensa e que mantém.

**Como você compararia o CS com outros parques do Rio?**

Olha, o CS tem essa coisa de, pela grade estar lá – e de uma forma muito legítima – não é contestada e você sabe que por detrás da grade tem as cotias e os pavões, eu sinto que ele tem essa coisa de ser um recinto fechado. Você entra, você vai ao CS, dentro do CS ele é um mundo com suas esculturas, seus lagos, a gruta, é um mini universo que é diferente de outros. Quando você fecha a Praça N. Sra. da Paz, ela é fechada, mas tanto faz. Ela não é um mundinho. No CS eu vejo como um pequeno mundo. Tem as quatro entradas,

tem o porte das árvores, muito grandes, aquelas baixadas, você se desliga do espaço externo. Isso poucos parques tem aqui no Rio. A Quinta tem também. Acho isso muito interessante no CS, essa coisa de você sair do urbano e entrar efetivamente em um outro espaço. Mudar tanto. Isso é muito legal.

**E as ações de manutenção no CS? Com sua experiência no INEPAC, que sugestões você daria sobre a manutenção do parque?**

Eu estive conversando com os gestores da FPJ e uma coisa que me chamou a atenção é que em geral todos os parques da FPJ tratam o lixo orgânico como lixo. Não há nenhum reaproveitamento dos restos de poda, folhas. Isso é uma coisa que tinha que ser repensada. Não só no CS, mas para todos. Na época até me falaram que tinham um projeto para a compra de uma ceifadora que iria triturar as folhas para compostagem. Uma coisa interessante em termos de gestão é mudar e se adaptar a uma nova mentalidade que surgiu, que é olhar a questão ambiental sob outro aspecto. E o parque poder gerar seu próprio adubo. Me foi dito que na Quinta ao grama era adubada todo ano...

**Não sei não....**

Eu vi no CS umas atividades no fim de semana com os bombeiros, que montavam uma parede de escalada. Isso era uma coisa bem legal que poderia ser retomada.

ENTREVISTAS RONALDO BENEVELLO – Arquiteto e paisagista,  
Gerente de Projetos da DPL/FPJ  
22 de março de 2012 – entrevista por e-mail

**1 - Quais são as principais qualidades do Campo de Santana?**

1.1 - A primeira qualidade é, sem dúvida, a sua beleza estética enquanto parque integralmente criado pelas mãos do homem. O relevo, a vegetação e seus adornos formam um conjunto possuidor

de uma harmonia especial que vem a corresponder ao que existia de bom em sua época de feitura. Era moda fazer assim dessa maneira, na Europa. Essa estética por esse motivo já veio pronta, importada com todas as suas qualidades já comprovadas. É belo, forte, eleva o espírito daqueles que possuem os olhares mais duros, insensíveis. Essa estética pode ser desvendada ou analisada, conforme se percorre suas alamedas e isso é um exercício muito gratificante.

1.2 - A segunda importância creio, é o que ele significa para a cidade. A unidade verde, o ponto de abrandamento do feroz urbano, o contraste que estabelece, em todos os aspectos, com o entorno que não parou de se submeter aos anseios de progresso do homem. A referência do povo, o meio de passagem dos usuários dos trens.

1.3 - A terceira é a no que se transformou, por tudo isso, num ambiente de preservação permanente. Legado reconhecido por todos, (pouco respeitado) mas de fato e de direito patrimônio da cidade.

## **2 - E os problemas?**

2.1 - O Campo não tem problemas, por si só se equilibra e se resolve. Evidentemente que o zelo que exige é inerente a qualquer fruto da criação humana. O que não carece de trato é o inóspito, as selvas, os ermos do planeta. Fora disso, não há. Os problemas que associamos ao Campo, principalmente nos últimos anos, decorrem da origem de seus frequentadores que deixaram de fazer uso em suas travessias ou permanência de lazer para estadia perene. Desocupados escoraçados de outros pontos onde se revelaram indesejáveis e que tiveram no Campo a sua conveniente acolhida . Resvalam de sua conduta retornam freqüentemente à praticas de crimes e contravenções .

2.2 - A manutenção que é levada a efeito pela Municipalidade. Não a que remexe os canteiros mas as que provocam alterações básicas em sua estrutura original: o relaxado consentimento de gerações

espontâneas e desenvolvimento de espécies estranhas ao parque, as gracinhas com as raízes das figueiras que por explorarem princípios absurdamente óbvios podem deformar o desenho original, a gataria, as recuperações de seus elementos decorativos e o abastecimento e comportas de água dos lagos .

## **3 - Você tem alguma sugestão para resolver alguns desses problemas?**

3.1 - Criação, por Decreto, de um Conselho Gestor com destinação orçamentária para cuidar de sua manutenção e promoções que se julgasse conveniente levar a efeito. Lógico, ele deveria fazer parte de um conjunto de áreas verdes regidas por esse Conselho. Só o Campo não reuniria forças para tanto .

## **4 - Você acha importante a preservação desse parque para a cidade?**

4.1 - Até já comentei anteriormente. Claro.

ENTREVISTA RONALDO BENEVELLO  
28 de março de 2012

O cara comum não está sujeito – não está condicionado a conhecimento nenhum. Ninguém olha e diz: - é um jardim do século XIX. Ele chega aqui e acha que é bonito porque é verde, tem árvore. Tá cheio de gente por aí sentada. E não vem mais porque não conhecem. Ele nem pensa que é do século XIX. É verde e é bonito.

## **Qual o uso que a população poderia fazer desse parque histórico?**

A gente tem que definir esse uso? Não sei se todo mundo quer isso. As pessoas que vem aqui e que não podem ficar em outras praças é porque lá você tem fazer alguma coisa ou não tem lugar para você ficar sem fazer nada! Aqui não tem que fazer nada. As pessoas sentam aqui para não fazer nada. De fato. Eu não conseguiria, mas

tem gente que fica sentada aí vendo outras pessoas passarem. É uma atividade: não fazer nada! Eu não sei se eles estão aí por obrigação, por falta de opção. Tem a Praça da Cruz Vermelha que tem uso intensivo, tem mesinhas, mas não tem graça, o cara não quer estar lá. Aqui fica mais silencioso, é mais verde, é outra coisa. E é bonito, todo mundo gosta do que é bonito. Nem tudo do que é útil, mas do que é bonito, com certeza! Todo mundo escolhe a camisa, o sapato, ninguém compra por correspondência – qualquer camisa, sem nem ver. Mesmo que tenha vindo de Paris quando ele veste, ele chega na frente do espelho e se olha – e aí fica alegre ou fica triste, não tem outra opção.

O CS é um espaço diferente. Muitas pessoas chegam aqui e ficam encantadas, dizem: - que coisa bonita, eu não conhecia...

### **E comparando o CS com outros parques...**

Dos três parques históricos do Glaziou, o CS é o mais bem resolvido deles todos. O Passeio é um pouco menor, prejudica um pouco pois ele não te isola. Você anda um pouquinho e já está na beirada dele, com toda a influência do entorno. O CS é maior. A Quinta já era uma outra coisa antes. No projeto do CS ele fez o que quis, rebaixou o meio, levantou as alamedas. Na Quinta não, ele já tinha imposições do terreno, ele ficou meio preso. Aqui ele conseguiu o efeito do desenho. É quase uma simetria. Na Quinta não tem, ficou mais soltona mesmo, talvez ela se perca um pouco.

### **A Quinta era uma residência imperial. Aqui era um parque público, criado do zero... Além do que na Quinta houve uma perda muito grande de área com a abertura de vias.... O CS ficou mais íntegro.**

Perdeu a frente, mas não perdeu esse efeito. Ele fez exatamente o que se fazia lá fora, principalmente na França, que eram os caminhos, fazendo as curvas, entrelaçando, fazendo os nós, os laços... Na Quinta não deu e no Passeio só deu prá fazer a oval no meio e pouco mais. E deu certo, coube. Vamos combinar que pra fazer tem que ter um mínimo de tamanho, né? Não dá pra fazer o que você quer em tudo que é lugar. Foi o que aconteceu.

Depoimento de Ronaldo no filme “PRESIDENTE VARGAS – Biografia de uma Avenida” de Sérgio Bloch (10:14 / 12:24)

A idéia de fazer daqui um parque sempre houve. Desde o princípio do século XIX. Mas ele se consolidou de fato por volta de 1872 que foi quando o projeto do Glaziou foi aprovado. Glaziou a convite do imperador D. Pedro II trabalhou na Quinta.

O que se fez aqui com certeza era muito parecido com o que acontecia na França naquele momento.

O lance do claro/escuro, vazio/cheio é fundamental para a estética deste parque. Então você faz um fechamento aqui e ali (*mostrando a vegetação de porte grande*), em determinados pontos, e faz uns nós. Aqui está escuro, ali está claro, depois escuro novamente, então essa perspectiva vai se propagando de forma muito agradável. É muito interessante esse efeito que ele conseguiu.

Esse aqui é uma planta em papel linho, de 1902, que mostra ainda o CS na sua integralidade (*mostrando uma planta*). Você tem aqui as duas ruas que foram abertas, que são a Visc. de Itaúna e a Senador Euzébio, que se juntaram aqui do lado do Saara à rua General Câmara e rua de São Pedro. Então essa faixa aqui foi a área que foi tirada do CS para ser aberta a av. Pres. Vargas.

Caetano Veloso disse o seguinte: o CS é o lugar mais democrático do país.

Num rápido passeio você vê que o parque é freqüentado pelas mais variadas figuras da nossa sociedade.

Chegam pessoas aqui para nos visitar, de 40, 50 anos e se surpreendem. Porque geograficamente todo mundo sabe onde é o CS, a Central do Brasil, é localizado: na avenida Pres. Vargas. Mas entrar e sentir o clima do Campo, poucas pessoas.

## ANEXO 2.3

Em entrevistas a 102 pessoas de diversas áreas da cidade, aquela autora levantou as seguintes informações.<sup>84</sup>

O que mais chamou sua atenção?

Vegetação	44	40%
Cutias	30	27%
Animais	12	11%
Gruta, lago, ponte	12	11%
Outros	12	11%

Qual a importância desse parque para a cidade?

Ecologia/natureza	76	68%
Lazer	20	18%
História	10	9%
Beleza	4	4%

Tranqüilidade 2 2%

Durante o mês de abril daquele ano foram entrevistadas 296 pessoas entre os freqüentadores do parque e dentre os resultados, destaco os seguintes:

### 2.1 Usos dos freqüentadores

Passagem:	211	70%
Lazer:	85	28%
Pesquisa	7	2%

### 3.1 Conservação das alamedas

Muito bom:	31	10%
Bom:	182	61%
Regular	59	20%
Ruim:	25	8%

### 3.2 Limpeza dos canteiros

Muito bom:	36	12%
Bom:	180	61%
Regular	55	19%
Ruim:	25	8%

### 3.5 Número de banheiros

Muito bom:	5	2%
Bom:	59	27%
Regular	61	28%
Ruim:	91	42%

### 3.6 Conservação dos banheiros

Muito bom:	3	2%
Bom:	45	29%
Regular	48	31%
Ruim:	59	38%

<sup>84</sup> TRINDADE, Jeanne Almeida da. **Campo de Santana: um patrimônio cultural carioca**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 140/150.

## **ANEXO 2.4**

LEI Nº 13.539, DE 20 DE MARÇO DE 2003

(Projeto de Lei nº 568/99, do Vereador Carlos Neder - PT)

Dispõe sobre a criação dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais.

MARTA SUPLICY, Prefeita do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 25 de fevereiro de 2003, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica criado, no âmbito de cada parque municipal, com caráter permanente e deliberativo, Conselho Gestor, com a finalidade de participar do planejamento, gerenciamento e fiscalização de suas atividades.

Parágrafo único - Os Conselhos Gestores dos Parques Municipais contarão com os recursos orçamentários necessários ao pleno desenvolvimento de suas atribuições.

Art. 2º - Os Conselhos Gestores dos Parques Municipais terão composição tripartite e serão constituídos, em cada parque municipal, por, no mínimo, 18 (dezoito) membros e respectivos suplentes, assim distribuídos:

I - 09 (nove) representantes da sociedade civil, sendo:

a) 06 (seis) representantes dos usuários, escolhidos pelos próprios usuários, pela respectiva Associação de Usuários, ou por movimentos representativos dos distritos de abrangência do parque;

b) 03 (três) representantes de outros movimentos, instituições ou entidades da sociedade civil organizada, escolhidos pelos fóruns representativos da sociedade civil organizada;

II - 02 (dois) representantes dos trabalhadores e servidores do respectivo parque municipal, escolhidos por meio de eleição entre seus pares;

III - 07 (sete) representantes do Poder Executivo, sendo:

a) o administrador do parque;

b) 01 (um) indicado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente;

c) 01 (um) indicado pela Subprefeitura correspondente à área de abrangência do parque;

d) 01 (um) indicado pela Secretaria Municipal da Cultura;

e) 01 (um) indicado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação;

f) 01 (um) indicado pela Secretaria Municipal da Saúde;

g) 01 (um) membro da Guarda Civil Metropolitana, indicado pela Secretaria Municipal de Segurança Urbana.

§ 1º - Sem prejuízo da participação do representante do Poder Executivo referido no inciso III, alínea "b", deste artigo, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente poderá indicar 01 (um) representante do Centro de Educação Ambiental para o Conselho Gestor do parque em que este serviço estiver em atividade regular e devidamente instalado.

§ 2º - Sem prejuízo da participação do representante do Poder Executivo referido no inciso III, alínea "d", deste artigo, nos parques municipais tombados pelo Patrimônio Histórico, a Secretaria Municipal da Cultura poderá indicar 01 (um) representante do Departamento do Patrimônio Histórico para o Conselho Gestor do parque.

§ 3º - Em vista da complexidade da administração de parques de grande porte, fica facultada a ampliação da representação de membros de seus Conselhos Gestores, a critério do Poder Executivo.

§ 4º - Nos Conselhos Gestores dos Parques Municipais em que houver aumento da representação do Poder Executivo, por qualquer uma das hipóteses acima elencadas, deverá ser ampliada, em igual número, a representação dos usuários dos parques, escolhidos na forma da alínea "a" do inciso I do "caput" deste artigo, de forma a manter-se a paridade entre a representação da sociedade civil com relação aos demais segmentos.

Art. 3º - A indicação de representação dos membros do Conselho Gestor dar-se-á com plena autonomia e ampla divulgação no conjunto de cada um dos segmentos.

Parágrafo único - O mandato dos integrantes do Conselho Gestor será de 02 (dois) anos, permitida uma recondução.

Art. 4º - As reuniões dos Conselhos Gestores serão ampla e previamente divulgadas, com participação livre a todos os interessados, que terão direito a voz.

Parágrafo único - As deliberações e os comunicados de interesse do Conselho Gestor deverão ser afixados nas entradas e no interior do parque, em locais de fácil acesso e visualização a todos os usuários e interessados.

Art. 5º - As funções dos membros dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais não serão remuneradas, sendo suas atividades consideradas de relevante interesse público.

Art. 6º - Os Conselhos Gestores já instituídos terão o prazo de 01 (um) ano para se adequarem à presente lei.

Art. 7º - Os Conselhos Gestores reunir-se-ão, ordinariamente, uma vez a cada mês, podendo as reuniões ser convocadas extraordinariamente por solicitação de, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) de seus membros ou da Administração do parque.

Art. 8º - São atribuições dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais, respeitadas as atribuições do Poder Público:

I - participar da elaboração e aprovar o planejamento das atividades desenvolvidas pelos parques municipais;

II - propor medidas visando à organização e à manutenção dos parques municipais, à melhoria do sistema de atendimento aos usuários, à defesa dos direitos dos trabalhadores e à consolidação de seu papel como centro de lazer e recreação e como unidade de conservação e educação ambiental;

III - analisar e opinar sobre pedidos de autorização de uso dos espaços dos parques municipais, inclusive para realização de shows e eventos;

IV - fiscalizar e opinar sobre o funcionamento dos parques municipais;

V - examinar propostas, denúncias e queixas, encaminhadas por qualquer pessoa ou entidade, e a elas responder;

VI - articular as populações do entorno do parque, para promover o debate e elaborar propostas sobre as questões ambientais locais;

VII - elaborar e aprovar o seu Regimento Interno e normas de funcionamento;

VIII - acompanhar o Orçamento Participativo.

Art. 9º - As disposições desta lei aplicam-se ao CEMUCAM - Centro Municipal de Campismo, respeitadas suas especificidades.

Art. 10 - As despesas decorrentes da presente lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 11 - O Poder Executivo regulamentará a presente lei no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar da data de sua publicação.

Art. 12 - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO,  
aos 20 de março de 2003, 450º da fundação de São Paulo.  
MARTA SUPLICY, PREFEITA

DECRETO Nº 43.685, DE 28 DE AGOSTO DE 2003

Regulamenta a Lei nº 13.539, de 20 de março de 2003, que dispõe sobre a criação dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais.

MARTA SUPLICY, Prefeita do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei,

**D E C R E T A:**

Art. 1º. A Lei nº 13.539, de 20 de março de 2003, que dispõe sobre a criação dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais, fica regulamentada nos termos deste decreto.

## SEÇÃO I DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 2º. São atribuições dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais, respeitadas aquelas do Poder Público:

I - participar da elaboração ou atualização, conforme o caso, e da aprovação do Regulamento de Uso dos respectivos parques, assim como participar da elaboração e aprovar o planejamento das atividades neles desenvolvidas, preservando as normas e restrições de uso estabelecidas nos respectivos Planos de Manejo das unidades e as normas estabelecidas pelo órgão responsável por cada uma;

II - propor medidas visando à organização e à manutenção dos respectivos parques, à melhoria do sistema de atendimento aos usuários, à consolidação do seu papel como centro de lazer e recreação, como unidade de conservação e educação ambiental e como um dos instrumentos de defesa dos direitos dos trabalhadores, preservando, sempre, o direito de acesso e de uso universal dos parques pela população;

III - analisar e opinar sobre os pedidos de autorização de uso dos espaços dos respectivos parques, inclusive para a realização de shows e eventos;

IV - fiscalizar e opinar sobre o funcionamento dos respectivos parques;

V - examinar propostas, denúncias e queixas, referentes aos respectivos parques, encaminhadas por qualquer pessoa ou entidade, e a elas responder;

VI - incentivar e participar da articulação das comunidades do entorno dos respectivos parques, visando desdobrar o papel de referência de boa qualidade ambiental destes espaços públicos, mediante debates, propostas e ações para a resolução dos problemas ambientais das suas áreas de influência, fazendo avançar um plano de desenvolvimento sustentável, e contribuindo, inclusive, para a implementação de políticas públicas, como nos seguintes casos:

a) elaboração participativa e democrática da Agenda 21 das comunidades locais;

b) organização das comunidades locais para que definam, previamente, suas propostas e participem das Plenárias do Plano Diretor e das Audiências Públicas sobre temas de seu interesse;

c) fornecimento de informações e colaboração para a formação de opiniões das comunidades locais sobre as políticas públicas e sobre as leis em tramitação, no âmbito parlamentar, que digam respeito ao meio ambiente, à qualidade de vida da população e à sua participação nas deliberações do Poder Público;

VII - elaborar, aprovar e atualizar seu Regimento Interno e suas normas de funcionamento, observadas as diretrizes da política da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente;

VIII - acompanhar as Assembléias do Orçamento Participativo do distrito da respectiva Subprefeitura;

IX - elaborar e publicar relatório anual sobre o funcionamento do parque e sobre o seu próprio funcionamento, visando solucionar dificuldades, reforçar acertos e contribuir para o planejamento do próximo período.

## SEÇÃO II DA COMPOSIÇÃO E DO MANDATO

Art. 3º. Os Conselhos Gestores dos Parques Municipais terão composição tripartite e serão constituídos, em cada parque

municipal, por, no mínimo, 18 (dezoito) membros e respectivos suplentes, assim distribuídos:

I - 9 (nove) representantes da sociedade civil, sendo:

a) 6 (seis) representantes dos usuários, eleitos, individualmente, pelos próprios usuários, pela respectiva Associação de Usuários, ou por movimentos representativos dos distritos de abrangência do parque;

b) 3 (três) representantes de outros movimentos, instituições ou entidades representativos da sociedade civil organizada, interessados neste tipo de participação em 1 (um) ou mais parques, eleitos, individualmente, pelo colegiado formado por 1 (um) representante de cada um desses organismos e convocado para esse fim;

II - 2 (dois) representantes dos trabalhadores e servidores dos respectivos parques, eleitos, individualmente, pelos seus pares;

III - 7 (sete) representantes do Poder Executivo, sendo:

a) o Administrador do parque;

b) 1 (um) indicado pela Subprefeitura correspondente à área do parque;

c) 1 (um) indicado pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente;

d) 1 (um) indicado pela Secretaria Municipal de Cultura;

e) 1 (um) indicado pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação;

f) 1 (um) indicado pela Secretaria Municipal da Saúde;

g) 1 (um) membro da Guarda Civil Metropolitana, indicado pela Secretaria Municipal de Segurança Urbana.

§ 1º. Sem prejuízo da participação do representante do Executivo referido na alínea "c" do inciso III do "caput" deste artigo, a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente poderá indicar 1 (um) representante do Centro de Educação Ambiental para o Conselho Gestor do parque em que este serviço estiver em atividade regular e devidamente instalado.

§ 2º. Sem prejuízo da participação do representante do Executivo referido na alínea "d" do inciso III do "caput" deste artigo, nos parques municipais tombados em razão de seu valor histórico, a

Secretaria Municipal de Cultura poderá indicar 1 (um) representante do Departamento do Patrimônio Histórico para o Conselho Gestor do parque.

§ 3º. Conforme a complexidade da administração dos parques de grande porte, fica facultada a ampliação da representação de membros de seus Conselhos Gestores, a critério do órgão do Executivo responsável pelo parque assim classificado.

§ 4º. Na hipótese de não preenchimento das vagas previstas na alínea "b" do inciso I do "caput" deste artigo, deverão ser acrescidas, às vagas previstas na alínea "a" do mesmo inciso, tantas quantas forem suficientes para o estabelecimento da paridade com os representantes do Poder Público.

§ 5º. Nos Conselhos Gestores dos Parques Municipais em que houver aumento da representação do Executivo, por qualquer uma das hipóteses referidas nos §§ 1º, 2º e 3º deste artigo, deverá ser ampliada, em igual número, a representação dos usuários dos parques, escolhidos na forma da alínea "a" do inciso I do "caput" deste artigo, mantendo-se a paridade entre a representação da sociedade civil e os demais segmentos.

Art. 4º. O mandato dos integrantes dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais será de 2 (dois) anos, permitida uma única recondução.

Art. 5º. As funções dos membros dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais não serão remuneradas, sendo, porém, consideradas de relevante interesse público.

### SEÇÃO III DAS REUNIÕES E DELIBERAÇÕES

Art. 6º. As reuniões dos Conselhos Gestores serão ampla e previamente divulgadas, permitindo-se a presença de todos os interessados.

§ 1º. Aqueles que não integrarem os Conselhos Gestores terão, apenas, o direito à voz.

§ 2º. As reuniões ordinárias serão mensais, podendo ser convocadas extraordinariamente por solicitação do Administrador do parque ou por, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) de seus membros.

§ 3º. As deliberações e os comunicados de interesse dos Conselhos Gestores deverão ser divulgados, sempre que possível, na mídia local e em espaços amplamente freqüentados da região, além de afixados nas entradas e no interior dos parques, em locais de fácil acesso e visualização por todos os usuários e interessados.

§ 4º. O quórum mínimo para deliberação de qualquer matéria de competência dos Conselhos Gestores dos Parques Municipais será de metade mais 1 (um) dos votos, presente a maioria simples de seus integrantes.

#### SEÇÃO IV DA ORGANIZAÇÃO E DA SUPERVISÃO

Art. 7º. Os Conselhos Gestores dos Parques Municipais, órgãos de caráter permanente e deliberativo, serão organizados e acompanhados por intermédio do representante indicado pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente.

Art. 8º. O processo visando à eleição dos representantes da sociedade civil, na forma designada no inciso I do artigo 3º deste decreto, será coordenado pelo Gabinete da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, com auxílio das Subprefeituras correspondentes à localização dos parques.

Art. 9º. Caberá, ainda, à Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente:

I - regulamentar o processo eleitoral, mencionado no artigo 8º deste decreto por ato próprio;

II - divulgar os prazos, datas e resultados do processo eleitoral a todos os segmentos da sociedade civil, referidos nas alíneas "a" e "b" do inciso I do artigo 3º deste decreto.

#### SEÇÃO V DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 10. Os recursos humanos e materiais necessários para o funcionamento dos Conselhos Gestores serão disponibilizados pelo órgão responsável pela conservação e manutenção dos respectivos parques.

Art. 11. Aplicam-se ao Centro Municipal de Campismo - CEMUCAM, localizado no Município de Cotia, respeitadas as suas especificidades, as disposições deste decreto.

Parágrafo único. A Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente contará com o apoio da Subprefeitura do Butantã e das Secretarias relacionadas no inciso III do "caput" do artigo 3º deste decreto para o processo de implantação do Conselho Gestor do CEMUCAM.

Art. 12. As disposições contidas neste decreto deverão ser implementadas no prazo de 1 (um) ano contado da data de sua publicação.

Parágrafo único. Os Grupos Pró-Conselhos Gestores existentes, no mesmo prazo, deverão se adequar à presente regulamentação.

Art. 13. Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO,  
aos 28 de agosto de 2003, 450º da fundação de São Paulo.  
MARTA SUPLICY, PREFEITA

## **ANEXO 2.5**

Parecer Carlos Fernando de Moura Delphim, constante do processo nº 1388-T-97, folhas 150 a 157. Os grifos são do autor.

### **Introdução**

O Parecer 25/04/Ditec/6ª SR/Iphan, da arquiteta Joyce Carolina Pena, emite parecer favorável a um novo tombamento do Campo de Santana pelo Iphan, indicando a inscrição no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico sob a titulação "Trecho Remanescente do Campo de Santana".

O Parecer foi acolhido pela então Responsável pela Área de Proteção/Ditec da 6ª SR/Iphan, hoje Gerente de Proteção do Depam, arquiteta Jurema Kopke Arnaut que recomenda também a inclusão no Livro de Tombo Histórico e no Livro de Tombo de Belas Artes.

A Sra. Chefe da Divisão Técnica da 6.8 SR/Iphan, arquiteta Maria Cristina B. de Figueiredo solicitou minha manifestação sobre esse processo.

### **Considerações**

A adoção do inconveniente artifício do "destombamento" do Campo de Santana para que pudesse ocorrer a supressão de uma faixa periférica do parque histórico com a finalidade de implantação da Avenida Presidente Vargas, resultou na redução da área dos jardins projetados por Glaziou, no ponto em que esses jardins confrontam com essa avenida. No entanto, embora lamentável para a obra paisagística, a perda sofrida não afetou o bem de forma tão grave quanto se pode rezear. A revogação da legislação protetora repercute de forma mais danosa sobre a austeridade do instituto do tombamento, proteção legal que deveria imperar sobre decisões de alterações urbanísticas, do que sobre o próprio sítio.

Se essa alteração tivesse ocorrido em tempos recentes, um especialista de paisagem poderia ter sido consultado sobre o

impacto da Avenida Presidente Vargas sobre o Campo de Santana e o destombamento, não teria sido recomendado. Uma simples redelimitação do perímetro do Campo de Santana reduzindo em menos de um quinto da área tombada, teria dispensado a drástica e autoritária solução do "destombamento", atendendo, de forma simétrica e sem qualquer incompatibilidade, aos compromissos públicos de preservação do parque e de criação de uma nova via urbana.

Todo empreendimento de porte semelhante à instalação de uma grande via pública, implica em impactos sociais e econômicos geralmente positivos e em impactos culturais e ambientais negativos. Alguns motivos justificam porque o dano ao Campo de Santana, embora lamentável, pôde ser amenizado:

- no caso do Campo de Santana, supõe-se que os benefícios sociais e econômicos, embora a rigor indesejáveis, não geraram malefícios culturais e ambientais tão graves que pudessem inviabilizar a preservação do bem;
- não foram afetadas as áreas nucleares onde se concentram os mais expressivos elementos ornamentais empregados por Glaziou como as grutas e rocalhas, mas apenas uma faixa periférica;
- por se tratar de um jardim paisagístico, a ordem formal não é o elemento mais importante. Como os plantios prevalecem sobre o desenho, a alteração não se faz sentir de forma tão evidente e o impacto adverso é mais quantitativo do que qualitativo. Caso se tratasse de um jardim formal, com desenho e elementos geométricos, a supressão teria interferido de forma muito mais sensível;
- O novo contorno do jardim junto à área suprimida foi feito com grande habilidade, seguindo a predominância de linhas curvas e, portanto, mais facilmente adaptáveis às novas situações do que

ocorreria com formas geométricas e mais rígidas. Isto impediu a descaracterização do bem;

- a forma como foi feita a reorganização espacial para definição da nova divisa logrou preservar, para o observador situado dentro do parque, a idéia do contorno original, sem ter sido transmitida a idéia de supressão de área. Para quem olha em direção da Central do Brasil, a perda não é tão clara e imediatamente perceptível. De forma virtual, manteve-se a percepção do lago e dos canteiros sem cicatrizes e sinais da amputação. Isto não ocorreria se o lago ou os canteiros tivessem ficado em distância muito próxima da nova divisa.

- a extensão da área suprimida representa apenas 18% da área total do parque. Caso a supressão tivesse afetado mais da metade da área original, a perda teria sido muito mais expressiva;

### **Conceitos**

Além das justificativas históricas e artísticas definidas pela arquiteta Joyce Carolina Pena para um novo tombamento do Campo de Santana, devem ser considerados dois importantes conceitos adotados pela Unesco para a avaliação da pertinência ou não para inclusão de novos bens na relação de Patrimônio Mundial. Esses conceitos são a **integridade** e a **autenticidade** do bem.

Segundo o *Manual de Intervenções em Jardins Históricos* que acaba de ser publicado pelo Iphan, "os valores *intrínsecos* de um bem cultural se referem ao bem do ponto de vista físico, o que inclui material, conservação, desenho, localização e entorno. Qualquer legado do passado sofre transformações ou deterioração tanto por consequência do desgaste natural quanto pelo uso. A soma das diferentes modificações acaba por se converter em parte do caráter histórico e do material essencial ao bem cultural. O material essencial representa o valor *intrínseco* do bem e é o suporte dos testemunhos históricos e dos valores culturais associados, do passado e do presente."

.....

*"A meta da preservação é salvaguardar a qualidade e os significados do bem, proteger o material essencial e assegurar sua integridade e autenticidade para as gerações futuras."*

.....  
*"Considerando-se os sítios históricos como sistemas harmoniosos, a integridade depende do grau de equilíbrio que os elementos que o compõem mantêm entre si. O conjunto de elementos que configuram um sítio histórico forma uma unidade básica. A partir dessa compreensão, pode-se descrever cada elemento, cada parte, tendo por base a intenção original. A integridade se refere ao quanto o bem é completo e ao quanto preserva do equilíbrio entre os diversos elementos componentes. Suas qualidades intrínsecas estão relacionadas à qualidade dos materiais, a sua construção, desenho e localização. Um bem é passível de ser eventual ou intencionalmente modificado em partes ou no todo. Pode ser descaracterizado, degradar-se ao longo do tempo, deteriorar-se, ter sua dimensão original reduzida, perder a qualidade do conjunto ou mesmo ser destruído. Por sofrer amputações ou acréscimos, é possível que venha a transformar-se em outra unidade. Muitas vezes inevitáveis, as transformações fazem parte da estratigrafia histórica e todas intervenções propostas para um jardim histórico irão basear-se nessa nova unidade potencial e empreender-se dentro dos novos limites".*

*"A autenticidade é um aspecto fundamental na avaliação dos bens culturais no que diz respeito ao grau de originalidade dos diferentes elementos de um mesmo sistema. A autenticidade de um bem cultural depende de quanto seus materiais são originais ou genuínos, levando-se em conta quando e como foi construído, considerando-se o envelhecimento e mudanças que o afetaram ao longo do tempo. A maioria dos bens históricos é alterada pela ação da .g, natureza e pelo modo como são utilizados, sendo as mudanças consideradas como parte da estratificação histórica do bem.*

*A autenticidade deve refletir as fases importantes de evolução de um bem. Deve considerar o sítio, a implantação e utilização ao longo de*

*diferentes momentos de sua história, abrangendo três momentos. O processo de criação do objeto, o período entre a fase de criação e o presente e a forma atual de percepção consciente do monumento. Único em relação ao tempo histórico, o bem cultural é um recurso não renovável*'.

### **Conclusão**

- a amputação da parcela de 18% da área do Campo de Santana não privou o conjunto de suas qualidades estéticas mais importantes;
- a intervenção não afetou áreas nucleares mas somente uma faixa periférica;
- os conceitos de integridade e autenticidade não foram afetados de modo a invalidar os valores maiores do Campo de Santana;
- a ausência do Campo de Santana entre os poucos exemplos de jardins que integram a relação do patrimônio histórico e artístico nacional em muito empobreceria o patrimônio nacional e a história da paisagem e dos jardins brasileiros;
- a perda sofrida não inviabiliza a proteção do que restou do Campo de Santana pelo tombamento nacional;
- manifesto-me vivamente favorável ao tombamento, pelo Iphan, dos remanescentes do parque;
- a inscrição do bem não deve ser feita apenas no Livro de Tombo \ Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico mas também no Livros de Tombo Histórico e no livro de Tombos de Belas Artes;
- a titulação do processo não deveria ser modificada para "Trecho Remanescente do Campo de Santana". A dimensão

da parcela suprimida não é tão significativa que justifique considerar os 82% de área restante como mero trecho remanescente. Caso tivesse havido uma perda de mais da metade da área, seria justificável a nova denominação. Sendo a área suprimida inferior a 20%, é dispensável alterar a titulação do processo que, quando muito, pode referir-se ao novo perímetro do Campo de Santana.

### **A proteção efetiva do Campo de Santana**

Este parecer refere-se ao tombamento como sendo a forma mais pertinente para a proteção legal do Campo de Santana. Todavia, outras considerações deverão ser

Algumas observações devem ser consideradas no que diz respeito às intervenções correntes de um jardim histórico. O Manual de Intervenções em Jardins Históricos considera o planejamento como uma das formas mais eficazes para a preservação de sítios históricos. As condições para intervenções, atividades e usos passíveis de serem exercidos em um jardim histórico devem ser objeto de um sério trabalho de planejamento. Planos diretores devem conter programas bem definidos, de modo a assegurar maior eficiência e clareza à gestão do sítio, o que leva a resultados mais coerentes e econômicos.

O planejamento deve partir de uma identificação precisa de todo o sítio e de seu entorno e tratar de fatores que variam de sítio para sítio, conforme as peculiaridades. É importante dispor-se de informações gerais sobre meios de transporte, fatores biofísicos como topografia, drenagem, lençóis aquíferos, clima, solos, vegetação, fauna e de características de usos e dos visitantes, vias de acesso, meios de transporte, atividades de recreio e turismo, valores culturais.

O manejo de um sítio natural requer seu *zoneamento*. Mesmo em um sítio de pequenas proporções, podem ser estabelecidas diferentes categorias de zonas, cada qual com diferentes normas de manejo e

utilização. É imprescindível que o uso público leve em conta a *capacidade de carga* do sítio, isto é, os níveis limites de sua capacidade de suportar, sem impactos negativos, a visitação e as atividades públicas, assegurando formas de uso não predatório, sustentável e equilibrado do sítio.

Devem ser elaborados programas de:

- manejo do meio ambiente, subdividido em ações de investigação, recuperação de áreas degradadas e repovoamento florístico e faunístico;
- manejo de recursos e monitoramento ambiental;
- uso público, subdividido em ações de interpretação, educação, recreação e lazer, turismo e divulgação;
- proteção, subdividido em ações de proteção legal e efetiva, de restauração, de vigilância;
- administração de recursos humanos e materiais.

O desenvolvimento de um sítio natural histórico exige ainda a elaboração de diversos projetos complementares, como projeto de adaptação, atualização e desenho da paisagem, iluminação, drenagem, de programação visual, circulação.

No Campo de Santana existe atualmente uma área altamente degradada pela instalação de uma lixeira que inviabiliza qualquer tentativa de se convencer o público de uma séria intenção de preservação do jardim histórico. Juntamente com a proliferação de gatos e o desmazelo como são colocados os alimentos para as cotias tem-se antes a impressão de um aterro sanitário do que de um bem cultural de tão expressivo valor.

Recentemente, em uma atitude completamente antagônica aos conceitos de educação pública e à preservação do patrimônio

cultural brasileiro, a Prefeitura do Rio de Janeiro, ao invés de defender e valorizar o frágil bem tombado, conferiu ao Campo de Santana a indigna finalidade de instalação de hospitais de campanha. Áreas reconhecidas pelo excepcional valor cultural têm agora de cumprir finalidades resultantes da falta de seriedade municipal em tratar a questão da saúde. Malgrado o protesto dos paisagistas brasileiros, tendas de lona foram implantadas sobre os caminhos e canteiros do bem tombado, gerando, além dos inconvenientes visuais, impactos resultantes do uso excessivo por parte de novos frequentadores sem qualquer compromisso com as nobres finalidades do jardim histórico.

Em parceria com técnicos do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura do Rio de Janeiro, o Iphan deverá elaborar um sério e rigoroso trabalho de planejamento para o Campo de Santana, definindo normas a serem adotadas nas ações de preservação, conservação e manutenção a serem empreendidas no sítio tombado.

Há uma compreensão equivocada de praças e parques que considera apenas áreas ajardinadas. O Campo de Santana não se limita ao perímetro definido pelas grades mas inclui as edificações que o circundam. Posteriormente ao tombamento deverá ser definido o entorno do bem, e elaborado um projeto de requalificação urbana, melhorando as condições da vizinhança do Campo de Santana onde ainda existem, em meio a intervenções mais recentes e de péssima qualidade, exemplares íntegros de arquitetura de época. Juntamente com a Prefeitura, o Iphan deverá criar condições para os prédios circundantes, definindo normas municipais, semelhantes às do Corredor Cultural, sobretudo para a instalação de placas comerciais, substituindo e disciplinando a berrante parafernália ora existente.

Este é o Parecer.

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2005

(dia de Santana, padroeira do Campo de Santana)

[assina Carlos Fernando de Moura Delphim]